Teófilo Braga

TEÓFILO BRAGA

Teófilo Braga nasceu em Ponta Delgada a 24 de Fevereiro de 1843. Historiador e poeta, pensador e político, a sua individualidade é a mais alta individualidade mental portuguesa do século XIX. Discípulo da Filosofia Positiva, membro do Comité Positivo Ocidental, Teófilo é o documento vivo do valor dessa Filosofia, da benemerência que só ela é capaz de produzir, da resignação serena e humana que só ela é capaz de criar, e da coerência sistemática que só nela se encontra. Poeta, tem a *Visão dos Tempos*, poema, pela concepção e pelo alcance filosófico, superior à tentativa de Hugo, *A Lenda dos Séculos*. Os sonetos de amor esparsos por êsses quatro longos volumes, alguns trechos como a *Sphinge*, *Quadras do Iago*, são mesmo, na fórma, belezas. Sociólogo, tem, como obra especialista, o *Sistema de Sociologia* que é pouco conhecido porque o público português prefere a sociologia patanqueira. Historiador, tem a *História da Universidade*, obra monumental que só por si marcaria um homem, e a patriótica *História da Literatura* que só tem paridade, pelo seu alcance nacional, nas *Lusíadas*. Político, tem os seus opúsculos, as suas conferências, os seus discursos. E em milhares e milhares de páginas que nos deixa, não há uma página de retórica. Figura assombrosa, num país de palradores.

Livros Grátis

http://www.livrosgratis.com.br

Milhares de livros grátis para download.

TEÓFILO BRAGA

História popular de Portugal ... no prélo

Visão dos Tempos

Epopeia da Humanidade (Edição integral) 4 vol. br. 2$40, enc. ... ... 3$20
Rodas de Ouro na Literatura (1858 a 1908). Versões poliglotas da Visão dos Tempos, br. $60, enc. ... $80

Alma portuguesa

Rapsódias da grande Epopeia dum pequeno Povo

Viriato, Narrativa epo-histórica, 1 v. br. $60, enc. $80
Frei Gil de Santarém (Fausto português), 1 vol. br. $60, enc. $80
Os Bôzes de Inglaterra (Poema), 1 vol. br. $50, enc. $70
Gomes Freire (drama histórico), 1 vol. br. $60, enc. $80
D. Inês de Castro ... ... no prélo

História da Literatura portuguesa

Introdução e Teoria da História da Literatura portuguesa, 1 vol. br. $70, enc. $90
Bernardim Ribeiro e o Bucolismo, 1 vol. br. $70, enc. $90
Gil Vicente e as origens do Teatro nacional. 1 vol. br. $80, enc. ... 1$00
Escola de Gil Vicente e o desenvolvimento do Teatro nacional, 1 vol. br. $80, enc. ... ... 1$00
Sá de Miranda e a Escola italiana, 1 vol. br. $70, enc. $90
Camões — Vida e Epoca, 1 grosso vol. br. 1$20, enc. ... ... 1$45
— *Obra* (*Bibliografia camoniana*), 1 vol. br. 1$20, enc. ... ... 1$45
Camões e o Sentimento nacional, 1 vol. br. $60, enc. $80
A Arcádia lusitana, 1 v. br. 1$00, enc. 1$25
Filinto e os Dissidentes da Arcádia, 1 vol. br. 1$20, enc. ... ... 1$45

Homero Pires
Bahia 16/12/922

OBRAS

COMPLETAS

IV

POESIA

ADVERTENCIA

A edição integral da **Visão dos Tempos** comprehende nos seus quatro volumes todas as obras poeticas publicadas pelo auctor desde 1864 a 1894, taes como *Bacchante* (1.ª ed. da *Visão*), *Tempestades sonoras*, *Ondina do Lago*, *Torrentes*, *Miragens seculares*, livros que já de ha muito se achavam esgotados; e contém mais cento e vinte e sete poemas e poemetos ineditos, material que excede o d'esses cinco volumes agora incorporados sob o titulo de *Obras poeticas completas*.

Os editores.

OBRAS POETICAS COMPLETAS

VISÃO DOS TEMPOS

EPOPÊA DA HUMANIDADE

POR

THEOPHILO BRAGA

EDIÇÃO INTEGRAL

TOMO IV

CYCLO DA LIBERDADE

LIVRARIA ACADEMICA

PORTO
LIVRARIA INTERNACIONAL DE ERNESTO CHARDRON
Casa editora
Successores, LELLO & IRMÃO
1895

Todos os direitos reservados

CANTO UNDECIMO

DISSOLUÇÃO DO REGIMEN CATHOLICO-FEUDAL

ELENCO PHILOSOPHICO

DO

CANTO UNDECIMO

A Edade moderna da Civilisação humana caracterisa-se por uma profunda e prolongada revolução, que se patentéa nos factos historicos a começar no seculo XII, chegando no seu periodo mais agudo á explosão temporal do fim do seculo XVIII. Essa revolução apresenta um caracter social, emquanto ás luctas das classes servas elevando-se ao proletariado, das communas fundando as garantias civis, queda do Feudalismo e Cavalleria, dictadura monarchica apoiando-se nos exercitos permanentes, absolutismo dynastico provocando as revoluções politicas dos Paizes Baixos, da Inglaterra, da America e da França; e apresenta um aspecto mental emquanto á emancipação da Consciencia pelas heresias, pela renovação pedagogica das Universidades, pelo renascimento da arte e das sciencias da Grecia, pelas novas syntheses bacconiana e cartesiana, pelo negativismo dos Encyclopedistas e dos litteratos, que sem comprehenderem a missão pacificadora do sentimento se empenharam como espiritos insurrectos n'esta corrente de dissolução do regimen catholico-feudal. Eis a grande crise da Civilisação occidental; na sua passagem desalentou os mais pujantes espiritos, como Miguel Angelo, Sadoleto, e os associados do Oratorio do Amor, que esperaram dentro da Egreja uma iniciativa de reforma; e depois da reacção do Concilio de Trento produziu a tristeza desesperada de Tasso, o isolamento de Cervantes e de Milton. No meio d'esta instabilidade de uma edade que se extingue, outros espiritos reagem contra a incerteza pela gargalhada, como Erasmo, Gil Vicente, Rabelais, Aretino. A vida activa das descobertas maritimas e a posse do planeta vieram dar ao homem o poder de resistencia para se libertar das velhas chimeras anthropocentricas e geocentricas que constituiram a Synthese ficticia.

AS DUAS VERDADES

O conflicto que ao findar a Edade media se dá entre a Theologia e a Philosophia, entre o tradicionalismo dos Dogmas e as descobertas do Livre-Exame, da Verdade *revelada* contra a Verdade *demonstrada*, continua-se pela dissolução do Poder espiritual da Egreja e esboço espontaneo do novo poder espiritual da Sciencia.

I

Auroras do Occidente

I. SUPPLICIO DO TEMPLARIO

Quadro da extincção da poderosa Ordem religioso-militar, quando o poder papal se submette ao serviço da realeza temporal pela abdicação da ambição theocratica em Avinhão. Os jurisconsultos apparecem como instrumento da dictadura monarchica. A Prisão do Templo, em que se extingue a raça dos Capetos, relaciona os extremos d'esta crise através de cinco seculos.

II. VATICINIO DE DANTE

O Poeta concebendo a Monarchia como o ideal da unidade temporal creada pelo Imperio, reconhece que a Justiça e a Paz, vehemente aspiração da sua alma, serão a base definitiva da ordem social na Humanidade. Elle estava desterrado de Florença, e volvendo os olhos para França, como presentindo ali o esforço para esse porvir da Liberdade, Egualdade e Fraternidade, escreve: «A paz universal, eis aqui a perfeição, o fim ultimo para o qual o genero humano se dirige, cumprindo a sua lei.» (*Monarch.*, liv. I, cap. VI e XII.)

III. DELIRIO DE PETRARCHA

Determinação do ideal humano da Arte moderna, tomando o Amor, esse thema poetico espontaneo dos Provençaes, como a base affectiva da concordia humana: Petrarcha por uma intuição genial dá ao sentimento a missão conciliadora, no meio da lucta mental e social em que se acha envolvido.

IV. ULTIMA RATIO REGUM

Pela descoberta da Polvora e emprego da Artilheria, começa o imperio da força material, sendo o Feudalismo supplantado pela Dictadura monarchica, e a Cavalleria extincta por se achar impotente e sem destino.

Ariosto, o poeta da galanteria cavalheiresca, exprimiu o sentimento de pesar pela ruina da edade heroica. Sob a reminiscencia do *Sino* de Schiller, symbolisamos no Canhão toda uma edade que desapparece diante da brutalidade da força.

V. O MAR TENEBROSO

Poemeto sobre a posse da Terra pelo homem moderno, libertando-se da chimera geocentrica. Tem por argumento a queda de Constantinopla, e invasão dos Turcos na Europa, deslocando-se a antiga navegação do Mediterraneo para o Atlantico. A lucta estabelece-se contra as forças da Natureza. Pela descoberta do caminho da India esboça-se a concordia pela primeira vez entre o Occidente e o Oriente; e pela circumducção do globo por Magalhães, estabelece-se uma nova concepção do universo. Portugal influe na marcha da Humanidade por estes feitos, que são o elemento sobre que se funda a Epopêa pacifica, iniciada por um pequeno povo.

VI. SAVONAROLA

Quando renascia a Antiguidade classica, insurgia-se o espirito christão, procurando desviar as almas para o mysticismo. Ao passo que Lourenço de Medicis preside ás festas do Carnaval de Florença, Savonarola pede ao povo para que lance á fogueira todas as joias e obras de arte que possuir. E' a dupluidade da epoca da Renascença. Savonarola pretende continuar a Edade media em uma Republica de Christo, mas a firma religiosa sacerdotal, ou o Catholicismo, melhor organisada para a lucta que a Egreja sustenta contra o espirito moderno individualista, ataca o mystico tribuno e queima-o como heretico.

VII. PHRASE DE MIGUEL ANGELO

O idealismo platonico que vem de Petrarcha e inspira os lyricos da Renascença, é representado no amor do incomparavel artista pela formosa e pura Victoria Colonna; um beijo dado e outro sempre desejado, identificam-se na mesma emoção de soffrimento.

VIII. A ESTATUA

Mostra-se como a Arte faz a concordia affectiva das crenças, em quanto as Religiões são implacaveis entre si, levando a intransigencia até ás carnificinas. Sob as abobadas de S. Pedro de Roma levanta-se Moysés na figura imponente do Legislador, e cá fóra nas praças é cannibal o antagonismo entre o credo monotheico christão e o monotheismo judaico.

IX. O QUEIMADEIRO

Carnificinas religiosas provocadas pelo casuismo theologico contra os Judeus e contra os hereticos, explicadas pela lei evolutiva dos velhos Deuses, destruidos pelos Deuses novos, apontada na *ameaça de Prometheu*.

X. O ECLIPSE DA RASÃO

Na grande crise da Civilisação occidental, accentua-se no seculo XVI especialmente a crise *mental*, em que os Humanistas suggerem o espirito critico, que actua nas questões theologicas da Reforma, e na actividade scientifica da Renascença. Loyola pretende pôr um dique á corrente do pensamento e funda a Companhia de Jesus com um fim pedagogico, para minar a influencia dos Humanistas, e pelos exercicios espirituaes apoderar-se das consciencias.

II

A Epopêa do Riso

I. RISUM TENEATIS

O genio occidental emancipa-se dos terrores tradicionaes do passado pelo riso. Contrapõe-se ao fatalismo tragico do Oriente expresso pela *Epopêa da Lagrima*, esta emoção de revolta e de actividade dos povos da Europa, que os grandes espiritos, como Erasmo, Gil Vicente, Rabelais e Cervantes, generalisaram na Arte, como elementos da *Epopêa do Riso*. O destino do genio satyrico acha-se assim caracterisado por Comte: «Ainda que o officio critico repugna á verdadeira poesia, desde o seu começo no seculo XIV, a Arte moderna tomou uma parte cada vez mais activa na demolição geral do regimen antigo.» (*Polit. posit.*, I, 278.) Compovia-o pelo processo erudito J. J. Ampère: «Este desenvolvimento satyrico é um grande facto historico, porque n'esta porção tão rica, tão ardente da Litteratura da Edade media, é isso o começo da ruina e do fim da Edade media.» (*Melang.*, I, 288.) O estado dos espiritos nas epocas de transição caracterisa-se pela manifestação do genio comico, com que reagem quer a favor do passado, como Aristophanes nas suas violentas comedias, ou contra o passado que se impõe ao presente, como os immortaes vultos da Renascença.

II. PATHELIN TRAGICO

Luiz XI vendo representar a farça de *Pathelin*, congratula-se com La Sale, porque ali o rude aldeão Agnelet logra com astucia o commerciante rico e o advogado. Mas o poeta La Sale avisa o rei de que é possivel que

um dia Agnelet leve tambem o proprio Rei ao tribunal revolucionario. Representa-se aqui o seculo XV, «transição da Cavalleria para a Politica, da poesia para a realidade, com que Luiz XI figura na historia.» (Ampère. *Melanges*, t. 110.)

III. O RISO DE ERASMO

Depois que a Edade media se deixou dominar pela *Loucura da Cruz*, prégada por S. Paulo, Erasmo serve-se da fórma pittoresca e allegorica do *Elogio da Loucura*, com que satyrisa a Theologia e a Philosophia eschollastica, com que espiritualmente preponderavam a Egreja e as Universidades pedantescas.

IV. O RISO DE RABELAIS

O poder dos Symbolos sobre o espirito humano é como um fetichismo hypocrita, e só póde ser destruido evidenciando a vacuidade do sentido que se adapta a todas as circumstancias. Rabelais exerceu esta saudavel reacção negativa ridicularisando os Symbolos. Comprehendeu-o admiravelmente Philarète Chasles: «Rabelais na sua epoca viu o extranho effeito do pensamento religioso, que, á força de penetrar a sociedade acabava de a dissolver. A alma divinisada pelo Christianismo tinha tudo invadido. O espiritualismo eliminava a materia. O Symbolo, a idealisação imperavam absolutas: por causa de um Symbolo o Occidente lançava-se contra o Oriente. Elle dominava a Poesia, que reduzira ao estado de phantasma, multiplicando as personificações allegoricas, banindo dos sêres vivos a carne e o sangue humano. Rabelais armou-se de um Symbolo para fazer a guerra aos Symbolos.» (Ap. *Hist. des Oeuvres de Balzac*, p. 173.)

V. O RISO DE ARETINO

É a revelação de uma nova força social—a Opinião publica, que os Reis e os Papas procuravam corromper, sendo por esse motivo cynicamente explorados por Aretino.

VI. O RISO DE CERVANTES

Depois da ultima batalha da Civilisação occidental, no triumpho de Lepanto, a cultura e intervenção da força militar por falta de um destino social tornou-se ridicula. A força cavalheiresca movida pela Egreja contra os Turcos é *Quixote*, o da triste figura, ou qualquer symbolo do altruismo; e o Papa, coroado em Roma e preoccupando-se do seu engrandecimento temporal é o gordo *Sancho* reconfortado na sua Barataria. O comico está nos contrastes.

III

Tentanda via est

I. A SAGRAÇÃO DA EPOPÉA

No meio dos seus desastres pessoaes, Camões tem a revelação da consciencia, de que o Poema em que idealisa a acção pacifica do homem moderno, é uma das Vozes com que a Humanidade exprime o seu proprio destino.

II. VATICINIO DO ADAMASTOR

No regresso de Camões á Patria, ao passar pelo Cabo das Tormentas, tem o poeta a visão das grandes catastrophes que levam Portugal á ruina. E' então que o Poeta reconhece que a missão historica d'esse pequeno povo será inolvidavel na marcha da Humanidade.

III. O POEMA DE CAMÕES

Philippe II entra em Lisboa, é acclamado pela nobreza e clero, mas no meio das vozes do povo reconhece que lhe falta uma sanecção para tornar segura a sua nova soberania. O invasor pergunta por Camões. O poeta já estava morto. Então o despota exclama: — E' passageira a minha conquista: pois sendo incorruptivel o ideal do Poeta, os *Lusiadas* conservarão immorredouro o sentimento de Patria.

IV. A BATALHA DE LEPANTO

Terminado o cyclo das guerras defensivas, quando a Europa colligada susta para sempre a invasão das raças amarellas, a gloria militar não inspira mais a idealisação epica, provocando apenas as parodias grotescas.

V. DESALENTO DE TASSO

O poeta italiano tendo idealisado os sublimes esforços dos Barões leudaes para conquistarem o Sepulchro de Christo, reconhece que a civilisação da Europa seguira outro caminho, indo á descoberta do seu berço oriental, realisando a circumdacção do globo, tomando posse do planeta, e dando á sua actividade o concurso pacifico da navegação e do commercio, da industria e do trabalho livre da burguezia. E comparando o seu ideal com o de Camões, d'esse *bon Luigi*, define a causa do seu desalento, que se aggrava ao vêr na censura religiosa á *Gierusalemme*, a hypocrisia jesuitica substituindo na egreja o sentimento mystico.

VI. A CONFISSÃO DE CALDERON

O genio que levou á mais surprehendente idealisação artistica os dogmas theologicos do Catholicismo, não é comprehendido pela propria Egreja, em que prepondera, no seu tempo o Jesuita, caracterisado pela incapacidade affectiva para as creações artisticas, e obedecendo á divisa *Ad majorem Dei gloriam*, alardea a negação dos sentimentos de Familia, Patria e Humanidade.

VII. O BRAVO DE UIRAÇABA

Representa-se a phase das grandes missões catholicas provocadas pelas descobertas da America e da India. O encontro do homem selvagem revela á consciencia moderna o passado humano em contradicção com a lenda theologica de um Paraiso. O Jesuita sustentando na Egreja a acção politica, continúa nas suas missões longiquas a ambição de se organisar em estado theocratico ainda mesmo longe da Europa.

AS DUAS VERDADES

Spiritus intus alit

I

AURORAS DO OCCIDENTE

I

SUPPLICIO DO TEMPLARIO

Perante o alto conselho
Dos Cardeaes, o Grão-Mestre dos Templarios,
Jacques Molay, robusto embora velho,
Fallou-lhes, como a bando de sicarios:

«O Lobo e a Aguia entendem-se no crime,
N'este jogo de astucia e iniquidade
Vence o que a garra imprime
Com mais ferocidade!

Clemente, o eleito pelo Rei de França,
Papa Clemente, o quinto,
Chamou-me, bem presinto,
Das fronteiras de lá da Palestina,
E á traição entrega-me á vingança
Do Rei Philippe, que me assassina!

Foi o preço da tiara;
Eis de Angely a clausula secreta!
Qual o crime do Templo? Sustentara,
Da Fé como o athleta,
Crente, firme e sereno,
Sempre em respeito o exercito agareno!

Qual o crime do Templo? E' a riqueza,
O poder, o perstigio religioso!
Vê um rival na Ordem a Realeza,
Já para o seu thesouro lança a preza,
E em tanta ruina o espolio,
N'um ignobil delirio ganancioso,
Lhe fortifica o solio!

Pobre Papa! Podendo, soberano,
Dominar pelo universal imperio,
Submette-se a terrestre e vil tyranno;
Deploravel exemplo!
O proprio crime fere-o
Ao assignar a queda hoje do Templo.
O futuro dirá quem tem razão,
Se eu, ou o prisioneiro de Avinhão.»

Os Cardeaes, da colera em transporte,
Levantaram-se! a colera não pensa;
E do Grão-Mestre ali votam a morte.
Elle, ouvindo a sentença:

«Se eu tratasse com simples Cavalleiros
Em valorosa liça,
Seria outra a justiça!
Mas Doutores... argutos trapaceiros,

São da letra da Lei vendidos Mestres,
De habil pharisaismo;
Servindo as Monarchias vãs, terrestres,
Fazem dos thronos um polytheismo.»

Na praça de Paris ergue o Preboste
Uma enorme fogueira!
O Grão-Mestre é amarrado ao póste,
Tem o pescoço n'uma gargalheira.
D'entre a turba, que muda se conserva
Vendo a execução fera, peremptoria,
Olhar profundo observa
Este crime da Historia!

Era Dante, o Poeta desterrado
Da patria, de Florença!
E n'aquelle momento
Em que se leu á multidão n'um brado
A iniqua sentença,
O Grão-Mestre profere o emprazamento
Recorrendo ao divino julgamento:

«Do horror das chammas em que aqui me abrazo,
No fogo da Justiça em que me inflammo,
Impavido, não tremo!
D'aqui o Rei e o Papa ambos emprazo,
A darem contas chamo
Ante o Juiz supremo.»

Do tremebundo appello
Debalde procurou Philippe o Bello
Distracções para o seu terror medonho!

Dos menestreis cantares não o embalam,
Da consciencia os remorsos não se calam,
Teve o Rei este sonho:

=Desconhecido Cavalleiro passa
Alta noite na praça,
Onde estão seis cabeças de Templarios!
E revolvendo os restos cinerarios,
Perguntou na escuridão que espanta:
—Quem o Templo levanta?—
E os ecos solitarios
Por cada bocca repetindo vêm:
Ninguem! Ninguem! Ninguem!=

(Foi na Prisão do Templo,
Pela Historia o contemplo,
Que a raça dos Capetos
Por seus crimes abjectos
Teve o castigo, e exemplo.)

Quando a morte do Rei a soube o Papa
N'esse prazo prefixo,
Adoece de susto, e cae no leito,
Tendo apertado ao peito
Eburneo Crucifixo!
Brada em delirio:—Quem a Espada empunha
Entre os homens, por Deus brandindo-a bem?
A Consciencia, inflexivel testemunha,
Respondeu-lhe: «Ninguem!»

O poder temporal
Do Papa a ruina alcança
Pela eterna vingança,
Ao baquear em França
O throno imperial.

II

VATICINIO DE DANTE

I

Banido para sempre de Florença,
Sem lar, sem patria ter, patria querida,
Vergado ao peso de tristeza immensa;

O Poeta se assentou na rocha erguida
Junto ao golfo de Spezzia, onde o mar bate
Revolto, imagem d'esta anciada vida.

Sentara-se alquebrado; e em vão dilate
Pelo horisonte o olhar a quanto alcança,
Tudo incerto, como a hora do resgate!

Ameaçado de morte, e sem esperança,
Comendo o pão de extranhos, peregrino,
Affronta a indifferença que mais cança;

Dante soltou a voz de intimo hymno:
«Viver em paz, gosar a liberdade,
Homem! eis a condição do teu destino!

O Poder Temporal da magestade
A independencia do homem agrilhôa,
Sob a rêde de leis de iniquidade;

Mas a revolta quando irrompe e atrôa
Quebra as algemas, rasga as leis, e insana
Lança por terra a obra má e a boa.

Conflagração de arbitrios, d'onde emana
A ruina, a vingança, o retrocesso,
Fluxo e refluxo da existencia humana.

Viver livre e em paz! Ordem, progresso
Jámais os concilia a Monarchia,
Que n'isto assenta do Poder o excesso.»

Em mudez sepulchral Dante cahia.

II

Cahia a tarde; e á luz cambiante e froixa
Junto ao golfo de Spezzia, em pé subsiste
Fitando o mar o Poeta sobre a rocha:

«Por ventura um Poder melhor existe!
Já que ao homem lhe falta a liberdade,
Falle de Paz á Humanidade triste.

De tudo quanto aspira a Humanidade
A Paz... que maior bem ella deseja?
Paz na terra! eis a voz da divindade.

Que me assegure a paz alfim a Egreja!
Esse Poder espiritual, supremo,
Rival da Monarchia embora seja...»

Ergueu-se o Poeta; a tarde ia no extremo,
Como animado d'esse pensamento,
Que era da vida ao naufrago inda um remo,

Vira ao longe entre as fragas um Convento,
Santa Croce del Corvo, branquejando;
Caminhou para lá com passo lento.

Pareceu-lhe um saudoso azylo brando,
O abrigo do pórtico procura,
No limiar sentou-se meditando.

Ao vêr aquella pallida figura,
De olhar lucido e fundo, ao forasteiro
Frei Hilario, o Prior, diz com doçura:

—Que vindes procurar n'este mosteiro?
«A Paz! (responde o Poeta angustiado)
Não a Paz ao meu mal, fardo ligeiro;

A Paz, dos bens da terra o mais prezado,
A Paz pela Justiça conseguida,
Justiça, que a Alma do homem tem fundado.

A paz universal, eis n'esta lida
O sonho, a aspiração, o ideal, o norte:
Paz e Verdade,—a synthese da vida.»

Assim fallara o naufrago da sorte,
O Prior taes palavras não entende;
Elle, sem que da estupidez se importe,

Ao bondoso Prior a mão estende,
Entregando-lhe o Livro dos seus cantos
Para dal-o a um amigo que o defende;
Partiu, deixando os áditos tão santos.

III

Proseguiu no caminho meditando:
«Já não respeita a liberdade humana
O Imperio na orgia do seu mando!

A Egreja, a prostituta infrene, insana,
Reduz as bençãos santas a dinheiro,
Absolve o crime, e intriga ardente, ufana.

Como pregar a paz, Papa guerreiro?
Quando vende esta Italia avassalada
Ao Rei que mais lhe dá, sendo estrangeiro.

Perdido entre esta enorme derrocada
Da Egreja e do Imperio, os dois Poderes
Que para o bem do homem valem nada,

Para onde voltar-me?»
Lento, avança,
Transpõe os Alpes no rigor do inverno,
Como a buscar o seu refugio em França:

«É lá que se hade erguer pregão eterno,
Reivindicação firme da Justiça,
Cantico alegre do amor fraterno.

Oh França! abres ao mundo a nova liça!
E pela affirmação da Liberdade,
Pelo trabalho e paz, que me infeitiça,
Realisa o seu destino a Humanidade.»

III

DELIRIO DE PETRARCHA

Viu-a no templo, recatada e bella!
E no segredo da alma idolatrada
Com que delirio a adora! Era casada.
O impossivel entre o Poeta e ella.

E como quem contempla ao longe a estrella
Que transparece em negridão cerrada;
Ou que escuta o som da agua da levada,
Correndo livre, e sem poder bebel-a...

Cantou Petrarcha o insólito impossivel,
Cada olhar descuidado, cada gésto,
Graça, donaire, o pórte indefinivel;

E quando, emfim, um doce riso honesto
Parecia elevál-o a inaccessivel
Pincaro ideal,—truncou a morte o resto.

Sêde eterna de amor! Laura está morta;
Ah, não se extingue a lucida entidade
Nos extasis, nos sonhos, na saudade,
Na visão subjectiva da alma absorta.

Para dar corpo ao vago ideal, supporta
Petrarcha a dôr, do espirito a orfandade,
Confundido na escura realidade
Como um cego que vae de porta em porta.

Errante, e sem destino ter na vida,
Gemendo pelos montes, sem que n'essa
Solidão ache alivio a taes desgostos,

Com elle morto foram dar: pendida
No Livro dos seus versos a cabeça,
Sobre o nome de Laura os labios postos.

IV

ULTIMA RATIO REGUM

Calor forte se espalha,
Da abraseada fornalha
Sae vivido clarão;
O bronze estúa quente,
Para fundir candente
Um enorme canhão.

Está préstes o molde, o receptaculo
Em que se vasa a lava ou o metal,
Gente muita, a nobreza principal,
Vem observar o magico espectaculo.

Cavalleiros e damas, toda a côrte
Á maravilha de tal obra assiste;
Mas cada rosto tem expressão triste,
Como se as almas presentissem morte.

O Mestre da officina
A obra que imagina
Alegre explica então,
Como instantaneamente
Vae o bronze candente
Moldar-se no canhão:

—Mandou o Rei fundir a grande peça
Que aos inimigos seus não mais dê treguas;
Pois que as pesadas balas que arremessa
Vão cahir á distancia de dez leguas!

Em estilhaços toda a rocha salta,
E como o vento arroja as maravalhas,
Desabam as muralhas,
A cada tiro cae uma torre alta!

Vomitando metralhas
O revoltado povo ante si varra;
E invencivel constrange
Dos cavalleiros a ardida phalange
Veloz roçando-a a destructora garra!

Do que o raio mais forte, ao menos tanto,
Será o tiro, que derruba tudo!
Ao seu estrondo e espanto
O peito mais audaz fica hirto e mudo.

O bronze eil-o candente,
Que escorre lentamente
No molde do canhão;
O Bispo, de ordem regia,
Veiu, de mitra egregia,
Lançar-lhe a bendição:

—Affugentava o sino as tempestades
Nos coruchéos da antiga Cathedral;
Mas, outras qualidades
Vae ter o seu metal...

Dando aos vivos confortos,
E pranteado os mortos,
Lançava ao vento o lugubre signal!
Convocava em defeza aos seus direitos
Os que aos Barões feudaes eram sugeitos,
Na lucta communal!

E o sino, que de sons enche os espaços
Como cantico aos céos mavioso e vago,
Foi sem piedade feito em mil pedaços,
E lançado á caldeira!
Hoje canhão, vomitará o estrago,
A morte, a oppressão na terra inteira.—

Correu pela caleira
O bronze, de maneira
Que eis fundido o canhão!
O que haverá que tolde
O metal, e no molde
Lhe altere a perfeição?

Passado este momento de incerteza,
Um Cavalleiro chega-se ali perto,
Como a tanto se atreve!
Contempla a obra, e com sorriso aberto,
Mas repassado de intima tristeza,
Exclama em phrase breve:

—Para que serve a espada de fino aço
Brandida por um destemido braço
Pela Justiça, pelo ideal humano?
Por certo, de hoje em dia,
A coragem, o brio, a galhardia
São apagados pelo bronzeo cano.

Assestado o canhão,
Que supprime a bravura e heroes afasta,
Para a victoria uma só cousa basta:
Que o descarregue inconsciente mão.—

Lento o bronze arrefece;
Uma Dama apparece
E contempla o canhão:
Com olhos rasos de agua,
Disse cheia de magua,
Em susto e admiração:

—Já da galanteria os devaneios,
Da valentia esplendidos torneios,
Que faziam do homem um heróe,
De hoje em diante acabaram...
Tempo foi
Que o ideal da Mulher tanto infundia
Intrepidez energica e Poesia!
Compete-lhe outra sina,
Chorar sobre a ruina
Que o canhão temeroso longe espalha,
Quando varra seus filhos a metralha.

Presto, o molde se quebra;
O proprio Rei celebra
O giganteo canhão!
Jurisconsulto velho,
Do aulico conselho,
Dá sua opinião:

—Quando buscava o Rei com incerteza
Fazer plena justiça
Entre o povo e a nobreza,
Abriu da Lei uma impessoal liça;
Pelo Direito é que se conseguia
A social harmonia.

Ao contemplar a reluzente peça,
Quem ha que não conheça
Que o imperio da Força hoje começa?
Confiando n'aquella força bruta
O arbitrio do Rei
O oraculo da Lei
No seu capricho nunca mais escuta.—

Volveu-lhe o Rei contente:
«O canhão reluzente
É a ultima razão
Com que eu aplaco o povo,
Quando um ideal novo
Traz na imaginação.»

Tambem n'aquelle instante viera o Poeta
A maravilha vêr, obra completa!
Oh sublime Ariosto,
Só tu soubeste lêr em cada rosto
A tristeza, a saudade,
Final lampejo de uma extincta Edade:

—Vêde! na Lyra da Humanidade
Uma corda quebrou-se n'este dia,
Aquella que cantava a valentia,
A consciencia da propria dignidade!
Nunca as estrophes épicas, divinas
Cantarão cannibaes carnificinas,
Porque ao bestial orgulho que devasta
Pyramides de mortos só lhe basta.

V

O MAR TENEBROSO

CANTO I

O sonho dos Osmanlis

No rico alcaçar, quando tudo dormia
Por noite adiantada, Mahomet segundo
Chama o Grão-Visir com um brado iracundo:
Khalil, aterrado, de prompto acudia.
Na sua presença o espanto encobria;
Mas, diz-lhe o Sultão com um rispido aspeito:
«Não vês como está revolvido esse leito?
«Persegue-me um sonho de noite e de dia.

«Não posso dormir! Segue-me um pensamento
«Egual a remorso que a paz da alma exul';
«Só tenho um desejo:—Tomar Stambul,
«Sobre essa conquista ter meu throno assento.
«De dia e de noite sonho em tal evento;
«Do meu vasto imperio será capital!»
E ideando a futura batalha campal,
De Stambul os planos mostrava-lhe attento:

Universidade de Brasília
BIBLIOTECA

«Fazei com astucia que vão espiões,
«Agora, hoje mesmo, o mais tarde ámanhã,
«Com todo o segredo fallar a Orban,
«O hungaro, o bom fundidor de canhões.
«Do Imperador os ministros vilões,
«Bem sei, não lhe pagam devidos salarios;
«O ouro que levam os meus emissarios
«Melhor lá lhe explique minhas intenções.»

Orban, do Arsenal, dentro em poucos dias
Fugiu; eil-o ás ordens está do Sultão:
«Quero eu que me fundas um grande canhão!
«Começa o trabalho; tens grossas quantias.»
—Stambul nunca viu d'estas artilherias.—
Canhão gigantesco, maior do que sete,
Orban traça, molda, e o bronze derrete,
Funde obra estupenda de altas ousadias.

—Em pó tornará de Stambul as muralhas
Um só tiro dado por este canhão!—
Orban carregou-o pela propria mão,
Seguro da obra perfeita, sem falhas.
Dispára-o sem medo. Voaram metralhas,
Tremeu Andrinople, a cidade, um instante,
A dez léguas se ouve o ribombo distante,
A bala faz ruinas de trinta batalhas!

Diante d'aquelle terrifico effeito,
Alegre Mahomet na indomavel pujança
A Constantinopla um exercito lança,
Duzentos mil homens! N'um fito direito
Caminha na frente, levando no peito
Do altivo poder as brilhantes insignias,
A Massa de ferro, a que nas luctas igneas
Perdeu Bejazet por derrota desfeito.

Derviches o seguem n'um longo cortejo
Qual fila de monges soturnos completa;
Com Aschemeddin, que se dá por propheta,
Que ás tropas exalta o furioso desejo
Do sangue e da morte, da gloria o ensejo!
O canhão avança, por juntas cincoenta
De bois, que o pucham, indo em marcha lenta
Galgando as montanhas, o valle e o brejo.

Mahomet apparece, de abril na alvorada,
Diante dos muros de Constantinopla!
Ao ár em doesto arrojou a manopla;
A tenda de seda ficou assentada
Diante da Porta que é denominada
Na voz Caligaria; e em linha ante os muros
Até duas leguas, soldados seguros
Aguardam as ordens para a escalada.

Orban anda ancioso por vêr os effeitos
Da obra! Assentou o gigante canhão
Diante da Porta que diz Sam Romão;
Defendem-na os rijos e bons parapeitos.
Faz a pontaria com calculo e geitos...
Rebenta o canhão, prompto, em estilhaços
Destróe tudo em roda, e o corpo em pedaços
De Orban jaz, do ár caem craneos desfeitos.

Coragem maior ao Sultão dão revezes,
Dos rijos janizaros marcha na frente;
Mas vendo Khalil, no instante presente
Chegarem galeras, baixeis genovezes
Que o Papa em soccorro mandava por vezes,
Lembrou fazer pazes com o Imperador!
Accode o Derviche bradando:—Senhor,
Do voto esquecei-vos proferido ha mezes?

N'aquella grandiosa e imponente visita
Com pompa triumphal, n'uma alegre manhã,
Abriste o Mirab que guarda o Coran,
De Brusse na esplendida e rica Mesquita;
Leste ahi sentença terrivel escripta,
Que desde Moysés ao Propheta nos vem:
Japhet põe o pé no pescoço de Sem,
E a raça de Cham torna escrava e maldita.

Mas n'esse momento jurou Mahomet
Aquella sentença fatal pôl-a em erro,
De novo brandir essa Massa de ferro
Cahida das mãos do Sultão Bejazet!
E o filho do bravo Amurath eis promette
Tornar realidade este sonho feliz:
«Os crentes do Islam talcarão a cerviz
«Á raça dos cães que provêm de Japhet.»

Possues da poesia o magnifico afago,
Conheces a historia por leitura immensa;
Bem sabes quanto essa temivel sentença
Se tem realisado: Caiu já Carthago,
E Jerusalem soffreu o estrago,
Do fero Romano implacavel ruina!
Mas a Africa toda, com a Palestina
De Allah só conhecem agora o orago.

Ainda o Crescente campêa em Hespanha!
Mandae tocar já o estridente anafil;
A féra ataquemos no proprio covil,
Não falta coragem, nem odio, nem sanha.
Se o cêrco se rompe a desgraça é tamanha!
É tua a victoria sobre a Europa inteira,
Se tu ao assalto vás na dianteira
Stambul cáe por certo ante a audacia estranha.—

Mahomet mandou proceder á escalada,
Os corpos dos mortos atulham os fossos,
Janizaros trépam por sobre os destroços
Ás altas ameias entre a derrocada.
A população parecia pasmada,
Só cinco mil homens a patria defendem,
Os mais pelas praças e atrios contendem
Se o corpo de Christo é na hostia sagrada!

Jurou Mahomet com palavras aziagas
Da rica Stambul—que nos fossos pereça
Se acaso a victoria hoje o não favoreça.
Chamou a conselho os Visires e Agas:
«Caiam sobre mim maldições e mil pragas,
«Se eu em cinco dias não acabo a guerra!
«Que Stambul se ataque por mar e por terra,
«Serão triumphantes as nossas adagas.

«Riquezas, e joias com todo o dinheiro
«Serão dos soldados! para mim reservo
«O solo e as casas; quanto ao mais observo
«Que, excepto o incendio, o saque é inteiro.»
Azabs, janizaros, ergueram berreiro,
Derviches em loucas, freneticas dansas,
Falla Aschemeddin em bemaventuranças
Para os que morrerem de um golpe certeiro

Em Constantinopla esse jubilo ecôa,
Do atroz desbarato tremendo ameaça!
Quão mal imagina a multidão que passa
Que a ultima hora de Byzancio sôa.
De Constantinopla ao Setemtrião«vôa
Fugaz meteoro de luz deslumbrante,
A voz dos Derviches n'esse mesmo instante
Ao crente Osmanli a victoria apregôa.

Em Constantinopla um agouro era crido:
Quando a Cercoporta se abrisse, daria
Passagem á horda de infieis n'esse dia!
Aviso funesto tão breve esquecido.
Para uma sortida sem ser prevenido
O Turco, eis a Porta de prompto se abre;
Ninguem no regresso a cerrou; e o sabre
De Islam por ella entra sem ser impedido.

Retrôa do assalto medonho rebate,
O Imperador despe o manto em tal passo,
A tunica azul e o cinturão de aço,
E arroja-se incognito ao mortal combate.
Jogava o Sultão no terrifico embate
Tambem a corôa do imperio seu, vasto;
No alvor da manhã rompe o assalto nefasto,
E antes de uma hora Stambul já se abate.

Tumulto instantaneo, maior que metralhas,
Partiu da cidade! A espalhada linha
De infantes, que o cêrco apertado mantinha,
Dos Turcos, em frente das longas muralhas,
Pela Cercoporta, como em rotas malhas,
Veloz irrompeu, tremebunda, violenta;
A carnificina começa sedenta,
A orgia do saque, o horror das batalhas.

Para o Templo excelso de Santa Sophia
Caminha o Sultão jubiloso de gloria;
A Allah vae votal-a em signal da victoria
Da rica metropole que apetecia!
E quando orgulhoso ao zimborio subia,
Para o Occidente voltou logo a fronte,
Fitando o ignoto, azulado horisonte,
Lançou com desdem a sangrenta ironia:

«Puz termo a sentença de ultraje medonho,
«Do Livro a tremenda sentença desminto!
«Calcando a cerviz de Japhet, eu bem sinto,
«Que sobre o pescoço meus pés hoje ponho.
«Da raça de Sem já me não envergonho,
«Eu sou o supremo Senhor de dous mundos,
«Exerço o Imperio em dous mares profundos,
«Só eu realisei dos Osmanlis o sonho.»

CANTO II

O occaso do Occidente

De sabios, de humanistas rodeado
Da sua Bibliotheca entre os primores,
Nicolão quinto, papa, descuidado
De Sam Fabiano nos vergeis de flores,
As conversas escuta com agrado
Sobre as obras dos gregos escriptores;
Poggio, Manetti com Decembrio falla,
Philelpho, Aurispa, mais Loureaço Valla.

Jorge de Trebizonda discutia
Com Theodoro de Gaza as traducções
De Platão, de Aristoteles; ouvia
O papa as luminosas opiniões
Acerca de Polybio; e na ironia
No tiroteio de atticos farpões
Que jogam entre si os litteratos,
Os grammaticos são menos cordatos.

Fallou o bom do Papa, em ár risonho,
Aquelles escolhidos circumstantes:
«Para mim ha um só dourado sonho,
Pensamento de todos os instantes;
Dos meios, dos poderes que eu disponho,
Mais do que a tiara, eu quizera antes
Dar vertidos em san latinidade
Dar a Biblia e Homero á humanidade.

Qual de vós me acompanha n'esta empreza?
Manetti! eu bem sei o que te impede
De traduzir a Biblia... com franqueza
De ir contra Sam Jeronymo procede.
Tens da livre consciencia a inteireza.
Ah, se ella especial perdão te pede,
Se ás vezes contrariares a Vulgata,
Minha benção o escrupulo desata.

Tu, Philelpho! já sabes o que eu quero;
És capaz de em hexámetros verteres
Os dois Poemas immortaes de Homero.
Para uma tal obra emprehenderes,
Casa e jardim em Roma tens: e espero
Rodear-te de todos os lazeres;
E além de tudo, mil sequins te entrego
Pelo verso final do Poema grego.»

Jorge de Trebizonda, alegre exclama:
—Oh Santo Padre! que missão divina,
Tornar completa, em quem o bello ama,
A união da Egreja, a grega e a latina!
De Florença o Concilio se a proclama,
Um grande ideal a realisal-a ensina,
De duas almas synthese suprema
Na traducção do homerico Poema!—

Mas quando o Papa esta allusão escuta
Ao Scisma do Oriente, pela fronte
Passa um véo de tristeza e o enluta:
«A estas horas acha-se defronte
Já de Constantinopla a força bruta
De Mahomet segundo! E no horisonte
Vejo a abysmar-se em vórtice eminente
A Civilisação do Occidente!...

Na Cidade, onde ha trinta mil pessoas
Apenas cinco mil ás armas correm!
As outras, como alheias, más ou boas
Acceitam as noticias quaes occorrem;
A fé, a dignidade, o odio apagou-as,
E escuta-se entre os gritos dos que morrem:
—Antes sob o Turbante de Mahomet,
Que do nuncio Isidoro hoje o barrete!—

Eu só trabalho pela causa justa;
Ao vêr Chypre do Turco conquistada,
Ao rei de França escrevo; e elle, á custa
Da fé christianissima jurada,
Respondeu-me:—Que o Turco não o assusta,
Que a França está de forças esgotada
Por trinta annos de guerras e revezes,
Vendo inda ha pouco expulsos os Inglezes.

Respondeu-me Inglaterra em desatino,
Pérfida entre as potencias orgulhosas:
Que de Byzancio os muros e o destino
Não valiam as guerras das Duas Rosas.
A Hespanha diz:—Do reino granadino
A conquista dá palmas mais gloriosas.
Da Allemanha as corôas são lembradas
Das traições de Comnene nas Cruzadas!

Apenas me ajudaram com galeras
Genova e Veneza! A estas horas
Qual a sorte da guerra? Já imperas
Barbarie? a tuas mãos assoladoras
Apaga-se o esplendor das nobres éras,
Da consciencia as lucidas auroras:
E a Civilisação do Occidente,
Com desdem das Potencias, cáe, tremente.»

Quando estava a palestra n'esta altura
O Cardeal Isidoro entra na sala;
Fugira da matança atroz e escura,
Da queda e saque de Byzancio falla.
Com espanto o escutam! a amargura
Inconsolavel suas almas rala,
E o Cardeal a narrativa fecha
Quando com armas acudiu á brecha!

Contou como a cidade foi tomada,
E a bella cathedral Santa Sophia
Em Mesquita de prompto transformada
Pelo Sultão votada n'esse dia,
Tendo-a mandado evacuar á espada,
E o sacrificio santo interrompia!
Parece que um mortal sudario frio
Cobre tudo! e que a luz do sol sumiu!

O Papa fica succumbido um instante,
Voltou a si com animo; e exclama:
«O dinheiro de Pedro inda é bastante
Para atear de uma Cruzada a chamma!
Constantinopla está sob o turbante...
Mas, que dôr por mim todo se derrama!
Que desgraça! que ruina e fatal córte!
Eu bem sinto que é isto a minha morte.»

CANTO III

O Cartel do Infante

Do Mestrado de Christo ás terras, longe
Dos ruidos da côrte se retira
O inclyto Infante Dom Henrique. Soffre
Em silencio os pezares, o remorso
Pela morte do Duque de Coimbra.
Desventuroso irmão, que uma palavra
Sua, a tempo, salvára contra a intriga
Da treda imputação — que conspirava
Còntra a corôa do sobrinho e genro!

Quando o alquebrado espirito procura
Desannuviar, tristeza mais profunda
Accomette-o! Mandara-lhe um Legado
O terceiro Calixto Papa: exora
A cooperação do heroico Infante
Para a grande, urgentissima Cruzada
Contra o implacavel Mahomet segundo,
Que subjugada tem Constantinopla!
N'uma sentida Carta lhe escrevia
O que n'um grito aos reis da Europa disse:

«Uma enchente de Barbaros avança
Sobre a Europa, e ao pélago profundo
Da servidão e estupidez nos lança!

Vem commandada por Mahomet segundo:
Em Byzancio, na capital do Imperio
Assentou o seu throno! Golpe fundo.

Ao papa Nicolão quinto a dôr fere-o,
Por encontrar da Europa os Reis na inercia,
Não vendo o alcance de um perigo sério;

Maior do que o de outr'ora, quando a Persia
Exercitos innumeros despeja
Para extinguir a liberdade e a Grecia.

Hoje a catastrophe é maior! A Egreja
A's Nações cultas, e que são herdeiras
Da Grecia e Roma, chama-as á peleja.

Emquanto os Reis não erguem as bandeiras
Para a Cruzada unanime, espontanea,
Vem o Turco tomando as dianteiras;

Conquista a Bosnia e logo a Karamania,
Da Criméa de subito se apossa,
Otranto cáe á acção forte, instantanea.

A Armada de Veneza já destroça;
Póe á ilha de Rhodes duro assedio,
De escravos cuida que a fileira engrossa

Com Cavalleiros de Sam João!... Remedio
Reclama a affronta que a bruteza excede;
A Christandade ao monstro o triumpho vêde-o.

Os Osmanlis da Europa fazem séde,
E as veleiras galeras temerosas
No Mar Mediterraneo quem impede?...

Não póde lêr o Infante as dolorosas
Palavras d'esta Encyclica do Papa,
A convidar os Principes da Europa
Para a Cruzada santa, humana e justa!
A vista grossas lagrimas toldaram,
E do Legado resoluto inquire:

—Os Soberanos que resposta deram?
Que prometteram para a nobre empreza?
Vêm á Cruzada do glorioso heroismo?

Volve o Legado com dolente falla:

«Oh! vergonha é dizel-o! A Christandade
Por um abjecto egoismo desunida,
Cada potencia busca as allianças
Com Mahomet segundo, cujo imperio
Crescendo em poderio, reconhecem!
Vede como o Senado de Veneza
Contra Genova pede ao Turco apoio.
E Fernando o Catholico! com elle
Tambem os Reis de Napoles, da Hungria,
Da Polonia, o Grão-Duque de Florença
Mancham a historia, anciosos disputando
As boas graças do Sultão, que chama
Luctas de Cães e Porcos os conflictos
Que os Reis da Europa entre si têm!

O Infante

No desespero que o estrangula, exclama:

—Perante a corrupção e a ruina
De uma epoca vil, nada mais resta
Além da dignidade do individuo!
Conte o homem de bem comsigo, apenas
Quando os Estados, miseros, se vergam
Ante os ginetes de Mahomet segundo,
Quem lucta? A sós a individual bravura:
Admiro Scanderberg e Hunyade!
Pois bem; visto que os Reis hoje se excusam
A' Cruzada, eu, sósinho, irei bater-me
Com Mahomet segundo frente a frente,
Em duello de irrevogavel morte!—

Aos fidalgos de sua Casa chama,
Aos Cavalleiros do Mestrado:

—Amigos!
Quem d'entre vós quer ir perder a vida
Pela fé, a Constantinopla marche,
E entregue o meu Cartel de desafio
A Mahomet segundo.—

Promptamente
Dois bravos cavalleiros avançaram,
Freires de Christo. O Infante Dom Henrique
Manda vir a dourada escrivaninha,
Dita em solemne pausa merencorio:

—A Mahomet segundo, o irrisorio
Sultão filho de escrava, que alguem véde
Que mais da Europa calque o territorio!

Ao assassino do irmão Amhed,
Da princeza de Sinope nascido,
E herdeiro de Amurath, contas lhe pede

Principe do Occidente, destemido,
Por assentar seu throno aonde esteve
Do Imperio romano o solio erguido.

Por que contra a Europa o vil se atreve,
Substituindo a Cruz pelo Crescente
Sobre Santa Sophia! A' liça, breve!

Christão e Cavalleiro do Occidente,
Contra ti da justiça a força emprego-a
Para um combate singular, fremente,

A todo o transe, sem te dar mais trégoa
A não ser a da morte!—

O escrevente
Do Cartel prompto dois traslados tira.
Cada um dos Cavalleiros tendo feito
Dos bens terrenos doação, e as almas
Preparado de espiritual soccorro,
Deliberados partem. Um, por terra,
Outro, por mar, seguiram á ventura,
Como quem vae manter um Passo honroso!

CANTO IV

A Visão de Sagres

O Mar Mediterraneo estava em preza
Das galeras dos Turcos, vis corsarios!
Perante a indifferença dos monarchas
Pelas conquistas rapidas, crescentes
Com que Mahomet vae occupando a Europa,
O Infante Dom Henrique os olhos lança
A' vastidão do atlantico Oceano,
Cujo horisonte infindo é um mysterio,
Mar tenebroso, e nunca navegado,
Que os nautas com terror de si repelle!

Durante um anno o Infante inclyto aguarda
A volta de qualquer dos Cavalleiros,
Com a resposta ao destemido repto!
Era esperança vã. Mahomet segundo
Entregue á embriaguez, torpe e devasso
Depois de incruentissimas batalhas,

Como corresponder ao digno appello
Do Grão Mestre de Christo? Heroicos tempos
Das luctas de Ricardo e Saladino
São idos para sempre; esse desprezo
Do Sultão por cavalheirescos passos
Mostra ao Infante da pessoal bravura
Finda a edade: a Civilisação pede
Outra arena mais larga de combate.

Contemplando o sereno Mar immenso,
Um problema na mente volve agora.
E dizia comsigo:
—Eu, dia é noite, penso
Como sustar a enchente assoladora
Do tremendo e invencivel inimigo?

A Civilisação do Occidente
Salvar, qual fez a Grecia em Salamina?—
Que emprezas imagina!
Que sonho audaz e crente!
Revolvendo os Annaes da Antiguidade,
Brada:—Oh grande lição da Humanidade.

Com ser pequena a Grecia em territorio,
Da Persia o enorme exercito derrota
Em combate naval!
Inicie Portugal
Contra o Oriente a guerra; no equóreo
Abrindo para a Asia a extranha róta.

Das canibaes e infames hordas turcas
Do assalto a Europa inteira se liberta,
Quando em nossas urcas
Formos com róta certa;
Ferindo-as no Oriente e no seu berço
Dos Portuguezes pelo braço adverso!—

Contemplando do Oceano a profundeza,
E do horisonte a linha ampla, infinita,
Vê rugirem procellas com braveza;
Concentrado medita,
Se a Gente portugueza
Dará realidade á ousada empreza!

Quando a imaginação se lhe apavora,
Eis que o Mar Tenebroso se illumina
Com o clarão de boreal aurora:
O futuro, n'essa hora,
Nitido discrimina,
Ao brilho da ideal phosphorecencia
Do mar, ou do fulgor da intelligencia:

—Foi de Osmanlis o sonho audaz de gloria
Tomar Constantinopla! Poz-lhe assedio
Amurath; mas já perto da victoria,
Não teve outro remedio,
Por salvar a Anatolia n'um momento,
Forçado erguer, deixar o acampamento.

Tambem Mahomet segundo em tanta insania
Veiu pôr cêrco á capital do Oriente!
De Ibrahim, principe da Karamania,
A revolta, forçou-o de repente
A transpôr o Hellesponto, e em prompta rázzia
Ir acudir aos seus Estados da Asia.

O segredo da salvação da Europa
Está patente n'estes dois successos!
Dos portuguezes galeões a pôpa
Quando ao Mar Tenebroso abra os recessos,
E da Asia o maritimo caminho,
São os Turcos feridos no seu ninho.

Já para sempre a Europa se liberta
Da raça bruta que, hoje, a infesta e tala!
Ao peito heroico é nova liça aberta,
Ninguem ao luzo no impeto o eguala;
E a Portugal a aurora o illumina
Dos dias triumphaes de Salamina!—

N'este alto pensamento se arrebata:
Activa o Infante intrepidas emprezas
Das Navegações grandes portuguezas;
Das intimas tristezas se resgata,
N'essa visão do infinito equóreo
De Sagres no remoto promontorio:

Oh! não foi, não, essa visão chimerica,
E' lucida a miragem:
Seguindo incerta róta
Atravessa uma destemida fróta
O Tenebroso Mar, e toca a margem
De um ignorado Continente—a America!

Lá para onde, oh sol, froixo declinas
Outros baixeis vogando representas,
Transpuzeram o Cabo das Tormentas.
Vão implantar as portuguezas Quinas
Em um outro hemispherio!
E' da Asia o novo imperio.

Do Atlantico ao Pacifico Oceano
Um Portuguez, primeiro,
Atravessa por não cuidado esteiro,
Faz a circumducção da Terra ufano!
Do planeta tomou posse á vontade
O homem! E' triumphante a Humanidade.

Oh Visão! realidade surprehendente,
Dos Portuguezes na Asia a valentia
Faz recuar dos Osmanlis a gente
Que a Europa desmembrada comprimia;
Dos dois mundos — o Oriente e o Occidente
Nasce a consciencia da intima harmonia,
Inspirando a Epopéa portugueza
Na lucta e imperio sobre a Natureza.

VI

SAVONAROLA

I

Quem sabe o que era um monge? foragido,
Ermo e triste na paz da estreita cella,
No pedestal da cruz tendo pendido
O rosto macilento de quem vêla!
Quantas vezes na dôr do seu gemido
Se abriu o céo, e a musica singela
Do côro angelical pôz doce calma,
Vindo repercutir dentro em sua alma!

II

Ao longe vendo a eterna patria, ancioso,
Como Moysés a terra promettida:
Sulamite com mais fervor, do Esposo
Não espera da volta a hora querida,
Como elle espera o instante venturoso
Do regresso do exilio e da partida.
Do austero monge foi a terra leito,
E sepulchro da angustia o debil peito.

III

Vira n'alma florir meiga saudade
Do amor primeiro, alegre edade de ouro;
Lembrando aquelle amor da mocidade,
Viu cinzas no logar do seu thesouro.
Buscou a paz do claustro, a soledade,
E o claustro ouviu do filho o intimo chôro!
Viu na gloria do mundo uma mentira,
O seu pincel de artista ao olvido atira.

IV

Como ao naufrago dá descanço o porto,
Ao filho atribulado em tanta ruina
O recinto do claustro almo conforto
Lhe deu na sua paz santa e divina.
Envolto no burel, o monge absorto
Que tintas sobre a téla hoje combina!
Que véo phantastico o pincel desdobra!
Contempla melancholico a sua obra.

V

Do Apostolo era o vulto! Assim o viu
N'um extasis, suspenso, irradiante,
Na penumbra do cárcere sombrio,
Tendo a auréola em volta do semblante.
Tudo exprime o pincel do artista pio
N'aquelle olhar immovel, deslumbrante!
Que mysterios na téla não exprime!
Ah como d'este quadro a vista o opprime!

VI

E retocando as sombras, pára, escuta
Os sinos do mosteiro em dobre triste:
«Feliz irmão, que vencedor na lucta
A' celeste morada hoje subiste.
Meu Deus! se é a sentença impia e corrupta
Com que Roma fulmina o velho Antiste!...»
Cáe-lhe o pincel. Corre a abraçar o amigo,
Que em breve desce á paz do frio jazigo.

VII

Apostolo é a pomba que annuncia
A paz, trazendo o ramo de oliveira!
Apostolo é o grito de alegria,
Apostolo é a sombra da palmeira!
Apostolo é o sol que traz o dia,
E o dia a liberdade á tribu inteira;
Apostolo é o obreiro do futuro,
Martyr calado no flagicio escuro.

VIII

Savonaróla ergueu-se! Viu n'essa hora
Que o povo ia a seguil-o em seu delirio,
Como Israel tambem seguira outr'ora,
A' noite, no deserto o ignoto cirio.
Viu fulgir no futuro a eterna aurora,
Faltava-lhe a corôa do martyrio...
E Roma estremeceu! do Christo a esposa
Dá-lhe a palma, abre a via-dolorosa!

IX

Sobre a fronte, na tétrica masmorra,
Resplandecia a auréola do justo!
Enlevado em beatifica modorra,
Antevendo o supplicio, não com susto,
Prostrado junto á cruz, á turba: «Morra!»
No confuso tumulto ouvia a custo:
E a visão começava no momento
Em que a Deos remontava o pensamento:

X

«Oh Christo! solitario te contemplo,
Meditando em tua intima agonia.
Vendo a guerra de irmãos, unico exemplo,
E o quadro torpe da nefanda orgia!
Quando ao universo abrias um só templo,
Uma só lei de amor, que tudo unia,
Ouviste o insulto, ouviste o escarneo acerbo
D'aquelles a quem davas o teu Verbo!

XI

E viste que o pudor era um insulto,
Em vez da prece achaste o rir obsceno;
Em vez da crença o embuste, meio occulto
De propinar á turba mais veneno!
Viste nas áras levantado um vulto,
Deus do crime, e caindo ao teu aceno,
Ergueste os olhos do sudario impuro
Para além do horisonte do futuro.

XII

Ao vêr que o brilho futil dos diademas
Offuscava aos humildes o direito,
Vendo o povo beijar os seus algemas,
Sentiste, oh Christo, confranger-se o peito!
Mas que jubilo ao vêr n'horas extremas
Que o sacrificio do homem era acceito!
Viste erguer-se uma raça dura e forte,
Beijar tua cruz—os Barbaros do Norte!

XIII

Sentindo, oppresso, em ti força bastante
Para ir dizer na frente dos tyrannos:
—Todos sômos irmãos!—gritaste: A'vante!
Rasgando o véo do embuste e dos enganos,
Sacudindo o ergástulo aviltante;
E da púrpura rôta dos sob'ranos
Fôste escorrer as lagrimas do povo,
Que esperava debalde o dia novo!

XIV

Deixaste divagar o pensamento,
Insondavel, immenso! o atroz sarcasmo
Fortalecia mais o teu intento,
Redobrava-te o esforço, o enthuziasmo.
Oh! por certo aterrou-te o soffrimento:
Sentiste, oh Christo, um doloroso espasmo,
Prevendo quinze seculos correrem
Sem a nova palavra comprehenderem.

XV

Por isso foi teu calix mais amargo,
E mais túrbidas foram suas fezes!
Por isso sobre a Cruz, no frio lethargo,
Anteviste do Apostolo os revezes!
Assim ao pé da Cruz meu peito alargo,
E sinto forças quando penso ás vezes,
Co'a palavra e teu Verbo como norma,
Supplantar a mentira!... Eil-a a Reforma.

XVI

Tu és oh Cruz, a pagina dispersa
Do livro da harmonia aberto ao povo;
Tu és das gerações a voz diversa,
Que eleva do trabalho um canto novo!
És batel que soccorre a náo submersa,
És da arvore da vida outro renôvo;
Representas o abraço da alliança,
Estrella do Oriente, amor, esp'rança!

XVII

Oh Cruz, és como a fonte do deserto,
Ai solicita Agar, materno seio!
A cythara maviosa do concerto
Do amor fraterno, que do céo nos veiu;
Escada de Jacob, eden aberto...
E dizendo, parou, sem força, em meio,
No pedestal da Cruz poisando a fronte,
Abrindo aos olhos de alma outro horisonte.

XVIII

Noite escura! a borrasca solta um grito,
Trovões ribombam n'um concerto horrendo:
Responde o mar ás vozes do infinito!
E a mente do homem, no mysterio lendo,
Com ella ergue um colloquio no conflicto,
O mysterio d'esta hora interrompendo.
Foi augusta a palavra! O vento briga
Nos coruchéos da cathedral antiga!

XIX

O relampago fulge e vence a treva!
Miguel com Satanaz em luctas anda;
Vago o silencio escuta: «Ha quem se atreva?»
Diz Lucifer; mas Deus o archanjo manda
Que co'a espada de fogo no ar escreva:
«Paz na terra!» Diffunde-se luz branda;
Na terra paz e gloria nas alturas,
Filho, esperam-te as gerações futuras.

XX

Filho, desce! Contrista-te a agonia?
E o Filho abraça a Cruz e se faz homem;
E quando a humanidade parecia
Os restos do naufragio que se somem,
Os sete séllos mãos da tyrannia
Rompe, e quebra os grilhões que a consomem,
Gritando-lhe:—Ahasvero, de ora ávante
Seja marco o futuro: adiante, adiante!

XXI

O Apostolo ergueu-se, olhou em roda,
Havia um santo horror, mas firme o guarda
Na masmorra velando a noite toda,
Ao vêr erguer-se o Monge se acovarda!
Ecco longiquo de nocturna bôda
Lá fóra o vento imita; e a alabarda,
Que estivera encostada na parede,
Caiu, mal disse o martyr: «Tenho sêde!

XXII

Ermo na dôr, medito e desespéro,
A duvida me cerca, punge e afflige!
Alma, que geme no martyrio fero,
Ao porvir nebuloso o olhar dirige!
Sôrvo o calix, meu Deus, eu creio e espero,
Dáe-me forças do transe na vertige'!»
E o guarda traz ao Monge o cópo de agua;
Ao vêl-a immunda qual não foi a magoa!

XXIII

«Busquei trato de amigos; procurando
Das turbas distracção entre o tumulto,
Odios, crimes, má fé vou encontrando!
É maior minha magoa se a occulto,
Não a percebe o vulgo! Oh não sei quando
Não verei em cada homem triste insulto...»
E erguendo a fronte de sombrio aspecto,
Sorriu-se ao vêr entrar Fra-Benedetto.

XXIV

—Amigo! hoje n'este antro te procuro,
Quando esqueces do peito intimas chagas,
E cuidas nas do povo e seu futuro!
Como contra o baixel se vão as vagas,
O povo é assim; é onda em pégo escuro,
Prodigo filho que a teu seio affagas!
E que importa? a animar-te não resisto,
Vê no Evangelho o exemplo, adora o Christo.—.

XXV

«Fugindo aos homens a alma se me enluta,
Como a esp'rança, a meu lado tudo é morto,
Um livro simples unico me escuta!
Argumento com elle, e n'elle absorto,
Com elle a dôr o espirito commuta;
É o Livro de Job o meu conforto...
Pois que ninguem responde aos meus acenos,
Fra-Benedetto, um gole de agua ao menos!

XXVI

Baixel que incerto voga entre um cachôpo
E o horror da noite negra, eis minha vida!
É bella! vê da serra sobre o tôpo
Brilhar a lua agora distrahida!
A vida é boa, sim! d'esta agua um copo
No peito extingue a labareda erguida!»
Disse, e toma das mãos do amigo a taça,
Bebe, bebe, ao Senhor depois deu graça.

XXVII

«São palavras de um misero que geme
Sob o pêso de angustia incomportavel,
É celeuma de um nauta, que sem leme
Navega em rumo incerto e variavel!
Tu que não escarneces, chora e crê-me
No enigma de angustia indecifravel,
Depois verás se ha mal que o meu eguale
N'este de prantos acanhado valle.»

XXVIII

Surdos, lugubres sons do psalmo rude
Roucas bôccas hypocritas resaram;
Como entôam em volta do ataúde,
Na profundez da aboboda soaram;
Ao justo nada faz que a côr se mude
Na face, que as vigilias maceraram!
Range a porta do carcere no quicio,
E o cordeiro caminha ao sacrificio.

XXIX

Era ao nascer do sol. Desponta o dia
Esplendido; e que aroma o bosque exhala!
Só na morte do justo o céo vestia
O azul tão puro, com que ostenta a gala.
Quando o Monge do carcere saía,
Lançou o olhar ao fundo da senzalla;
Sentiu n'alma bem fundas saudades
Ao vêr entrar o sol por entre as grades:

XXX

«Ai, como o pobre Lazaro sedento,
Que vendo deslisar na dôr seus dias,
Sentado junto ás portas do opulento,
Escuta as gargalhadas das orgias;
Olhos ao céo, a Deus o pensamento
Elevo; afasta o calix que me envias,
Para o transe, Senhor, é prompta esta alma,
Fazei reverdecer a sua palma!»

XXXI

Além se estende a praça! Tumultua
A plebe para vêr este martyrio:
Desce o Apostolo, e o vulgo pela rua
Insulta o que adorou no môr delirio!
No póste a labareda já fluctua,
Põe o martyr os olhos no empyreo,
Dizendo: «Perdoae a tua loucura,
No fogo, assim, o espirito se apura!»

XXXII

Do povo, uns tem do horror o mudo aspecto,
Outros riem com risos sanguinarios!
Abre um nonno o sacrilego decreto,
Ordena o infame bando dos sicarios
Que o leia o monge pio Fra-Benedetto,
Ao som dos longos dobres funerarios!
Leu pavido a sentença, pára em meio,
Pende-lhe a fronte exhausta sobre o seio!

XXXIII

Como quem lança á chamma uma figueira
Por esteril, o bando enfurecido
Arroja Fra-Girólamo á fogueira!
Não se escutou um unico gemido.
Confrange-se de pasmo a turba inteira,
O estálido dos ossos é ouvido!
Disse o Monge: «Oh que fazes tu, Florença!»
Caiu, cobriu-se o céo de nevoa densa.

XXXIV

A columna do templo era quebrada,
Vestiu-se o céo de lucto ao vêr aquillo!
Nos córos da beatifica morada
Hade pura, alva chlamyde vestil-o!
Da vertigem violenta e prolongada,
Fra-Benedetto acorda, já tranquillo,
E nos labios dizia-lhe um sorriso:
«Comtigo hoje serei no paraiso.»

XXXV

Abysmado na dôr e carrancudo,
Por se lhe afigurar o golpe fero,
Vendo a imagem do amigo, oppresso e mudo
Entra na humilde cella o monge austero.
A cruz, a Biblia ao pé, silencio tudo,
Tudo provoca o pranto mais sincero;
E ao vêr do amigo a fronte, pretendia
Dar-lhe a expressão divina da agonia.

XXXVI

Sorriu! que riso aquelle! Dôr tamanha
Por lagrimas sem fim não se revela!
Doido, atira o pincel com que desenha
Ao rio que á falda corre da janella!
A vista desvairada força estranha
A fascina e não deixa erguer da téla!
Que vertigem! detem-no braço occulto,
Destaca-se no quadro mais o vulto.

XXXVII

O artista grego ao vêr a estatua fria
Tomar rubor lascivo, n'esse instante
Sentindo o alvo marfim em que esculpia
De tepido tornar-se palpitante,
Pavoroso terror não sentiria
Como o attonito monge ao vêr brilhante
Auréola de luz cercar-lhe a fronte,
Como o disco da lua no horisonte.

XXXVIII

Nas veias pára o sangue como o gêlo!
E sempre o mesmo olhar! A dôr se augmenta;
As palpebras cerrou para não vêl-o,
D'entre as sombras visiveis se lhe ostenta.
Nas ancias infernaes de um pezadêllo
Succumbe, e já da vista a luz se ausenta;
Um gélido suór na fronte escorre,
E o taciturno monge cáe e morre.

XXXIX

Quem sabe o que era um monge! Foragido,
Só e triste na paz da estreita cella,
Da sua cruz á sombra, arrependido,
Vendo o mundo nos ecos da procella!
Quantas vezes na dôr do seu gemido
Se abriu o céo, e a musica singela
Das cytharas angelicas no côro
Lhe confundia as vozes do seu choro!

VII

PHRASE DE MIGUEL ANGELO

Oh Dante! oh nova aurora de Poesia,
Duro juiz da inulta liberdade!
Quando entraste dos prantos na Cidade,
Perguntaste a Virgilio, ao doce guia:

«D'onde vem tal fragrancia e harmonia,
Vozes de amor de tanta suavidade,
Que se acclara á amplidão da escuridade,
Sobre o estertor da horrida agonia?»

Viste, pairando em nuvem opalina,
Voar Paolo e Francesca triste e amante;
Quizeste ouvir a dôr que os fulmina.

Interrogaste o Mestre n'esse instante;
Ella, explica no ardor que desatina:
La bocca mi bacciò tutto tremante.

Fria, dentro de um féretro estendida,
Eu vi passar tambem d'esta janella,
Ai, para sempre e nunca mais! aquella
Que fôra para mim ideal e vida.

Com Vittoria Colonna, não vencida
Vae-se da esperança a luz com ella!
Sem rumo e sem fanal d'entre a procella
Que eu fique nave misera perdida.

O espirito se abysma em vacuo immenso;
A solidão por vasta mais suffoca,
Do mal irremissivel me convenço:

Eu pergunto, que mão lethal me toca?
Vel-a morta passar... e scismo e penso:
Sem nunca ter beijado aquella bocca!

VIII

A ESTATUA

O grande Artista tinha terminado
A Estatua de Moysés,
Dando-lhe a magestade ideal, divina!
Com tristeza, cansado
Depuzera-lhe aos pés
Esse valente e audacioso escôpro,
Que ao blóco informe, ao vulto contornado,
Á fronte que domina
Levou da vida o sôpro!

Como que envolve o Instituidor das gentes
Nimbo sobre-humano!
Tem no ár soberano
Occulta força que subjuga os crentes.

Sobre a pedra ou o Bétylo, que adora
O homem primitivo
Em uma edade prisca,
O cinzel do Artista póde agora
D'aquelle consagrado Fogo vivo
Reaccender a animica faisca.

Ao Templo de Sam Pedro, excelso e vasto,
Do mundo Cathedral,
Foi transportada arrasto
A Estatua collossal.
Debaixo das abobadas gigantes
Que um povo em si contém como sepulto,
No alto pedestal
São agora mais firmes, dominantes
As linhas do seu vulto!

No Templo, d'onde o Papa ao orbe dita
Da Lei nova o imperio,
Em que a concordia aos povos aconselha
Pela palavra viva...
(Oh sublime mysterio
Da Synthese poetica, infinita!)
Mostra erguidas as taboas da Lei Velha
O vulto de Moysés,
Na mudez expressiva
Conciliando ali ambas as Fés!

Ninguem, ninguem comprehendera isto.
O sentimento humano em vagos nutos,
Ante os dois absolutos
Mostra a harmonia entre Iahveh e Christo.

Contradizem-se os Dogmas mutuamente;
Mas da Sciencia a verdade
Proclama em toda a parte
Que o Homem fez na primordial edade
Deuses e Religiões, sincero e crente;
Hoje a missão da Arte
Unifica-os na mesma Humanidade.

Miguel Angelo em sua fé profunda,
E no ardor da altiva inspiração,
Entre a Estatua e a Cathedral jucunda
Sente a contradicção:
No vulto que a inunda
De claridade astral sobre-humana,
E nas fogueiras cannibaes, devassas
Contra inermes judeus, que a Inquisição,
Com uma furia insana,
Atéa pelas praças!

Uma noite elle acorda, ao pesadello
Do terrivel e estranho antagonismo
Dos Dogmas, imprevisto!
A sós exclama: «Não existe abysmo,
Antinomia entre Iahveh e Christo:
A Estatua de Moysés,
Na Cathedral, o symbolo mais bello
Que ha no Catholicismo,
Torna-se mais eloquente cada vez!
Duas estrophes de um ideal poema
Na harmonia da synthese suprema.»

Na Cathedral entrou por horas mortas,
Quando o terror os animos abala,
O Artista eximio abre a seu grado as portas,
E chega ao pé da gigantesca imagem.
Com a audacia do genio a intima:
«Falla!»
A Estatua fallou n'essa linguagem
De imperceptiveis sons, que communica
Entre as almas o odio e a sympathia,
Que a verdade e poesia
Na mesma realidade identifica!

A Estatua fallou! A muda phrase
Quem traduzil-a por palavras pensa?
Com que viva clareza
A comprehendeu quasi
No seu fervor a activa Renascença,
Quando rehabilitou a Natureza!

A Estatua expressava, com surpreza:

—A mão do homem arrojou ao espaço
O Zimborio soberbo
Da Egreja de Sam Pedro!
Essa mesma mão foi
Que accentuou o traço,
Arrancando do marmor', bronze ou cedro
A estatua do Deus e do Heroe!

Quem dos Livros sagrados dita o Verbo?
E os threnos afflictos?
Da imprecação o brado mais acerbo,
Do sacrificio em praticas horrendas?
Quem sonha alegres Mythos?
Quem elabora as Lendas,
Uma vez Dogmas das Religiões?
Já mais tarde Epopêas das Nações?

Responde agora a Sciencia com verdade:
Religiões, Sociedade,
Leis, Industrias e Arte,
São as pégadas que por toda a parte
Guiam os homens para a Humanidade!—

A Estatua ficou muda.
Que solemne momento!
Miguel Angelo alcança o pensamento
Recondito... e estuda
Realisar pela Arte o accordo eterno
Que ha entre o Mundo antigo e o moderno:

«Quando estiver meu corpo inanimado
Sob a gélida lousa,
Quizera uma só cousa:
Oh, se eu d'ahi contemplo
A Cúpula assombrosa,
A obra com que Brunelleschi ousa
Dar um ideal humano ao grande Templo,
Então o meu espirito enlevado
Na harmonia infinita se repousa.»

IX

O QUEIMADEIRO

Ao Rei o frio Inquisidor dizia,
Olhos no céo, de pé:
«Está prompta a fornalha onde se queime
A herva esteril, má da heresia,
Por mais que vivaz teime
Lavrar no campo em que floresce a Fé.

Assignae o Decreto em que se ordene
Hoje, em nome de Deus,
O Decreto que as almas sãs desejam,
Para extinguir a impiedade infrene:
Que ao Queimadeiro sejam
Arrojados os pérfidos Judeus!»

Responde o Rei com reservada ideia:
—Como póde Jesus,
Annunciado por hebreus Prophetas,
Elle nascido em valles da Judeia,
Como virar as settas
O Filho contra o Pae do alto da Cruz?—

«Para salvar-nos, ordenou o Eterno,
(Devolve o Inquisidor)
Que o Filho morra pelo nosso crime;
Mas, resurgindo e libertando o Averno,
Oh mysterio sublime!
Christo supplanta a Jehovah, senhor.

Das Civilisações na longa historia
Revelam os Annaes:
Krónos depoz Uranos; Zeus a Krónos;
Sobre Zeus-Piter tem Jesus victoria;
Põem fóra dos thronos
Reis e Deuses—os Filhos a seus Paes.

O alto Mysterio em que eu penso e scismo
Em verdade o direi,
Deveis cumpril-o, com fervor completo
Destruindo o malvado Judaismo!»
O sangrento Decreto,
Convicto e mudo assigna então o Rei,

Compenetrado da absurda Ideia,
Como já fez Jesus,
O annunciado dos hebreus Prophetas,
Sol nascido nos valles da Judeia,
Que veiu pôr as mêtas
Ao poder de Jehovah, seu pae, da Cruz.

X

O ECLIPSE DA RASÃO

Dom Inigo, o galhardo cavalleiro
Jaz prostrado no leito da agonia,
Do golpe em Pampeluna recebido;
Mas quando erguer-se, exhausto, pretendia,
Conhece logo ao passo seu primeiro,
Que o garboso donzel ficou tolhido.
Aleijado, aborrido,
Recorda-se d'aquella
Vã côrte de Castella,
O antigo pagem do bom rei Fernando!
E agora côxo, estropiado, quando
Fôr visto pelas damas, que risadas
Lhe irão envenenando
Horas de encanto outr'ora ali passadas.

Ainda fraco pela febre, debil
N'um vágado, em deliquio então cahira
Contemplando da Virgem doce imagem;
Quando a onda sanguinea lhe subira
Ao cerebro outra vez, tremente, flébil
Como absorto na divinal miragem,
Elle sente a coragem
Renascer-lhe na vida;
E a esperança perdida

Transformar-se ante a visão que o incita,
Visão de gloria esplendida, infinita,
Em que o soldado trava outro combate
Contra a hoste precita,
Para alcançar do homem o resgate:

«Eu vejo a lucta infinda
De Satanaz contra Jesus! Eu tenho
Junto da Cruz ainda
O meu posto, e hoje venho
Na Ala santa alistar-me, com empenho.

Para Africa e Oriente
Já os Crentes do Islan vão repellidos,
Pelo Hespanhol ardente
Com violencia batidos,
Pelo Hungaro e Polaco destemidos.

De Moysés os sectarios
Do Santo Officio ardem nas fogueiras!
Mas nos combates varios
Contra a Egreja, altaneiras
Mais ondas vêm, peores que as primeiras.

Vem das brumas do Norte
Da Allemanha, da Hollanda e da Inglaterra
Essa corrente forte
Que o Livre-Exame encerra,
E do espirito a submissão desterra!

Sustarei essa vaga!
Como posso algemar o pensamento?
Se elle doido divaga,
Inquieto, turbulento,
Investigando a causa a cada evento?

Oh maravilha estranha!
O Sol parou de Jesué ao mando!
E a batalha ganha
O dia prolongando,
No triumpho a Jehovah glorificando.

O estupendo milagre
É bem que n'este seculo o repita,
Que o meu vigor consagre
Ao que a mente medita:
Páre o Sol da Rasão que nos agita!

O Sol não pára, dizem
As leis eternas da Astronomia;
Hoje melhor lei frizem:
Páre o Sol que nos guia,
A Rasão! que da Fé nos divorcia.

Sim, a Rasão humana
É esse novo Sol, que parar deve!
Assim, victoria insana
Hade ser ganha em breve;
Quem, pela Crença, a tudo não se atreve?

De ideias no conflicto,
Serei o novo Jesué na lucta!
Correrão ao meu grito
Do passado o que nuta,
E o incerto porvir que tudo escuta.

As gerações domino
Se assalto a Cidadella da Sciencia;
Se, pervertendo o Ensino,
E da Rasão na ausencia,
Submetto o mundo á Santa Obediencia!

E vencida a batalha,
No eclipse da Rasão, da sombra e luz,
Pelo mundo se espalha
A Loucura da Cruz,
Que eu, como Paulo, á Sciencia humana oppuz.»

Depois de ter pensado longos dias
No desvairado sonho de doente,
Dom Inigo, o estropiado cavalleiro,
Depois de peregrinar no Oriente,
De ter soffrido apupos, ironias;
Na Capella subterrea do mosteiro
De Montmartre, altaneiro
Obscuro grupo amigo
Ajuntou Dom Inigo,
E na mudez do gélido convento
Proferem absoluto juramento:
«Nenhum outro poder além do Papa!
Bons são os meios, quando o fim não 'scapa;
Grilhões ao Pensamento!»

II

CLARTÉ DE TOUT

ou

A EPOPÊA DO RISO

I

RISUM TENEATIS

Lançou a Asia sobre a Europa
Corrente vertiginosa
De exaltação religiosa,
Que de lagrimas a ensópa!

Por toda a parte se espalha
Longo, convulsivo choro,
Os Deuses prantêa em côro,
Envoltos na alva mortalha;

Deplora o joven Thammuz,
Osiris, Mithra lamenta,
Attys, Zagreus, e accrescenta
A Adonis, Baldur, Jesus!

N'uma tristeza profunda
A Humanidade cahira;
Com mais angustia delira
Quanto mais o pranto a inunda.

Da sepultura na borda,
Do tragico pezadello
Quem desata o funebre élo,
Que piedosa mão a acorda?

A luz da nova alvorada
É que a afasta da tumba,
Quando o seculo retumba
Livre e immensa gargalhada:

Riso que os embustes fere,
Que a alma liberta do pasmo;
Vem de Rabelais e Erasmo,
Prolonga-se até Voltaire.

Da morte de Christo o pranto
Cessou, e a grande tristeza;
Rehabilita a Natureza
D'aquelle Riso o encanto.

Como derruba a muralha
A tuba de Gedeão,
O Riso, — a revolução
Da alma os terrores espalha.

Quando o Povo romano
Estava já cansado
De vêr dilacerado
Cahir o Gladiador
A chafurdar em sangue,
Dava-se então ao Povo
Espectaculo novo,
Para forçal-o a rir:
Um condemnado á morte,
Escravo, a toda a pressa
Pelo Circo atravessa
Com um ovo na mão!
Passando entre as féras
Sem ter o ovo quebrado,
Ficava perdoado
Se chegasse ao altar.
O grande Povo ria
Da esperança e ludibrio
Do escravo no equilibrio
Incerto com terror.

•

Foi assim, no fragor
D'esse conflicto obnoxio
Do Imperio e Sacerdocio,
Da Europa sobre a arena!

A lucta não serena,
Não dão trégua as chimeras;
Entre as coroadas féras
Eis athletas espertos:

Espiritos libertos
Que ante as féras coroadas
Provocam gargalhadas
Que em si trazem revolta!

Quem um tal riso sólta
Faz livre a Consciencia;
E da intelligencia
Desvanece as miragens.

As sombrias visagens,
Terrores e enganos
Da Noite de Mil annos
Desfizeram-se ao cabo.

Quem esboçou do Diabo
A figura caprina?
E da embriaguez divina
Da Vinha do Senhor.

Rindo, quebra o torpor?
E da Realeza as luctas
Muda em lides astutas
Da Raposa e do Lobo?

A risada do bobo
Abala a antiga côrte,
Tambem subjuga o forte
Para arbitrios propenso!

É clarão do bom senso
Que os Poderes invade,
Ésto da liberdade
De uma alma que resiste!

Da Humanidade triste
No Drama doloroso
Cordax insultuoso,
Na ancia da justiça.

O Riso entrou na liça,
Sarcastico bafordo,
Em que se fez o accordo
Por tão estranhos modos,

Da vontade de todos
Contra o arbitrio de um só!
As Tiáras e os Sceptros,
Phantasticos espectros,
Com o riso vão-se em pó.

II

PATHELIN TRAGICO

Dialogo entre *Luiz XI* e o poeta *Antoine de La Sale*, depois de verem representada a *Farça de Maistre Pathelin*:

Luiz XI: Nunca, desde os bellos dias
Das mais francas alegrias
Do Castello de Genappe,
Sem que algum conto me escape
Da nossa jovial sucia,
Me ri, como hoje da astucia
De Agnelet, bronco zagal,
Logrando, lorpa e boçal,
O Advogado Pathelin!

La Sale: Rindo estaes, como o Delphim
N'aquella edade passada.

Luiz XI: Que Farça tão engraçada!
Melhor scena nunca vi
Pelos Irmãos Sans-Souci.

La Sale: Bem viemos por esta rua.
Luiz XI: Pareceu-me a Farça tua.
La Sale: Senhor, porquê?

Luiz XI: N'ella vejo
Lisonjeado o meu desejo:
Quando apparece logrado
O trapaceiro Advogado,
E o Negociante aldrabão
Pelo estupido Aldeão!
É assim que eu quero a França
N'uma mesma egual balança;
Um só pezo e medida,
Em um só costume unida...

La Sale: Mas falta ainda a Nobreza?
Luiz XI: Não hade ficar illeza;
Esse trabalho me resta.
Eu quero Farças como esta,
Que desviem as donzellas
Das phantasticas Novellas
Dos Cavalleiros andantes.
Hoje o mundo é dos tratantes,
Hoje o governo pertence
Ao que pela astucia vence.
Encanta-me o Aldeão rude
Quando o Advogado illude.
Oh, Agnelet tem por certo
Um largo caminho aberto,
No mundo um grande futuro.

La Sale: Isso mesmo conjecturo;
Na sua simplicidade,
Agnelet é na verdade

Puro Symbolo do Povo,
Symptoma de um Tempo novo,
Trépa por mais que se roje.
E assim como logra hoje
O ardiloso Advogado
Que traz por Leis enliçado
O Commerciante ladino,
Que não fará o mofino?
Tambem vestirá um dia
Da altiva Aristocracia
Os arminhos com grandeza
Apanhados á Realeza!

Luiz XI: Pois se tanto fôr preciso
No meu arbitrio e juizo
Para minar os Castellos,
E aos Nobres submettel-os
Á minha Lei!

La Sale: Eu acabo...
Mas do throno em menoscabo,
Por esse lorpa pasmado
O Rei hade ser levado
Á barra do Tribunal...

Luiz XI: De que juiz? Dize, qual?
La Sale: Mas, Senhor! eu não me atrevo
A dizer tudo... não devo.
Luiz XI: Falla! acaba a prophecia.
La Sale: Senhor! Agnelet, um dia,
Na sua audacia crescente,
Chamará o Rei tremente
Do seu Tribunal á barra:
Sem phrases lhe deita a garra,
E a cabeça lhe trunca!

Depois de um silencio reflexivo, e de um sorriso involuntario.

Luiz XI: Isso é impossivel! Nunca.
Basta que as astucias suas
Fiquem bem claras e nuas,
Patentes as esparrellas,
Que ninguem cahirá n'ellas.
Por isso, ordeno que a *Farça*
De Pathelin seja esparsa
Por esta arte da Imprensa,
Que aqui chegou de Mayença.

La Sale: Senhor, a fatalidade
Vos impelle sem detença
Para essa vindoura edade:
Trabalhaes para a Egualdade.

III

O RISO DE ERASMO

Holbein em vão procura sobre a tela
Esboçar verdadeiro
O retrato de Erasmo!
Cheio de enthuziasmo
Pelo sabio que espanta o mundo inteiro,
A figura ideal não póde obtel-a.

Cada hora, cada dia,
Mesmo a cada instante
Aquella excepcional physionomia
Pensativa, serena, fulgurante,
Na expressão varia!
Assim, physionomia como aquella,
Como hade Holbein fixal-a sobre a tela?

Descuidado, á janella
Encontrou o philosopho indeciso,
Olhando ao longe na extensão da rua!
Não ha linha mais bella
Que a d'esse vago riso
Que nos labios ardentes lhe fluctua!

E esse riso era
Como o clarão que extingue uma chimera,
Luz de nitida e viva transparencia,
Que através da incerteza da nova éra
Dirige a consciencia!
Do seculo na horrisona procella
Eil-o o phanal! Se o fixasse a tela!

Ali, a Erasmo, ao critico soberano
O pintor inquiria:
—Que espectaculo via?
E lhe inspirava um riso sobrehumano,
Inundando o semblante etherea luz.
«Eu via hoje no mundo
De Paulo dominar dogma profundo
Da *Loucura da Cruz!*

Na penumbra da Edade media eu via
Passar um bando illuminado ao longe
Do terror no transporte:
Reis e Papas, os Cardeaes, o Monge,
O rico, o fraco e o forte,
N'esta Dansa da Morte.

No meio dos festins e dos prazeres
Á Dansa arrebatados
Vão principes e esplendidas mulheres,
Mesmo na paz os bravos e os soldados!
N'uma ronda macabra que surprehende
Quem mais á vida com fervor se prende.

Contra este terror da sepultura
Que as almas tanto opprime,
Por desfastio ri-me,
Quando lhe oppuz a natural Loucura.
Quem da *Chuva de Maio*
Nunca a engraçada fabula ouviu?
Ella causa um estólido desmaio.
Tal chuva é da Loucura o elogio.

Com as aguas de Maio quem se molha
Aos outros homens como sandeus olha.
E passa triumphante
No geral desvario!
A Loucura, a rainha dominante
É por todos levada
Em solemne parada,
Com um barrete afunilado, esguio!

Vi passar essa estranha procissão
De Theologos e de Universidades
Com fôfa erudição
Discutindo as vazias Entidades.
Vi, seguindo-se os Papas e Conclaves
Com grandes insistencias
Sobre o Poder das Chaves;
Vendendo por dinheiro as Indulgencias,
Banqueteando-se á larga com as sobras
Que dos Santos lhes rendem boas obras.

Parece interminavel o cortejo;
Todos correm ás portas
E com espanto eu vejo
Na procissão entrarem Irmandades.
Seguindo as mesmas pistas,
Entrarem os Juristas
Querendo governar as sociedades
De um outro povo pelas Leis já mortas.

Feliz Loucura, como alegre lavras!
Com piedosa demencia,
Aos Dogmas sacrifica-se a existencia,
Por que immutaveis sejam as palavras.
E quanto mais me ria
D'esta hallucinação que mais se inflamma,
Subito o sangue humano se derrama,
Por questões vãs, banaes, de sacristia.

Fugi de tal insania á tempestade,
D'esta chuva de Maio
Do charco immenso saio;
Nas obras primas da Antiguidade
Encontro a natureza e a verdade,
Recuperando o juiso
Da Grecia com o magico sorriso.»

IV

O RISO DE RABELAIS

D'entre o terror, quando a fogueira brilha
Queimando os pensadores,
Medicos e Impressores,
E fogem os cultores
Das Lætras, que o Poder sombrio humilha:
Pobre Etienne Dolet,
Marot, Berquin, Servet,
Sólta então Rabelais
A gargalhada contra a atroz matilha:

«Vive de sonhos a Humanidade,
Com mil ficções se entretem e embala;
Abraça a nuvem pela realidade,
Na miragem da immortalidade
Muda em limiar do céo a escura vala.

Faz dos Symbolos todo o seu encanto
N'uma doce illusão que a seduz.
Que perstigio o da Cruz!
Que mortificações e amargo pranto,
Quanto sangue verteu por ella, quanto!

Os Symbolos, que a multidão admira
São estandartes para hostilidades!
Que seculos de ira,
De antagonismos, de rivalidades
Entre as duas phantasticas Cidades!

1

As duas Cidades

Com as tintas do iris se reveste
A Cidade celeste
Da vida beatifica, serena!
Com que desprezo a Theologia investe
Contra a Cidade mundanal, terrena!

No conflicto constante, a Egreja brada:
—Vivei na penitencia!
Detestae quanto á Natureza agrada;
Cambiae pela célica morada
Riquezas futeis, gozos da existencia.

Na Cidade terrestre é tudo immundo;
Voae, voae n'um extasis jucundo,
Damos a Graça, que vos magnifica...
Para nós, que nos fica
A não ser os despojos d'este mundo?—

Ás formas sepulchraes, mortificadas
Por jejuns, das esquálidas figuras
Que sanctifica a Egreja,
Contrapoz Rabelais musculaturas
Fortes, descommunaes, exageradas,
Pantagruel, Gargantua que boceja.

Assim, levanta o homem da apathia
Da embriaguez da Graça e da tristeza!
Com consciente ousadia
Põe-n'o em contacto com a Natureza.
Na sepulchral penumbra
Da maceração negra,
A seductora Circe, que o deslumbra,
Dá-lhe um vigor que o vivifica e alegra.

Avança o homem nos seus passos varios
Á India, America! Esses continentes
Têm philtros incendiarios,
Que dão sonhos, visões surprehendentes.
A phantasia e a rasão suscita
A miragem bonita,
Rompendo os élos da existencia amarga,
E a sociabilidade mais lhe alarga.

Têm esses philtros um poder mais vasto
Do que a Taça de Esdras teve outr'ora!
Nem é mais seductora
A Taça de Tristão do amor não casto.
O Santo Graal e o magico Dschem,
Oh, por certo não têm
A visão do futuro,
Esperança dulcifica e serena
Como estes philtros com que se envenena,
Hoje Eden mais seguro,
A Cidade terrena.

Philtros encantadores
Que nos inspiram riso e alegria:
A *Baunilha!* os lethargicos vapores
Afasta da aterrada phantasia!
Sonhos que suavisam os terrores
Dos abysmos da Fé:
Dos pezadelos da Edade media
Afugentam a acedia
O *Alcool*, o *Café*.
Dá-nos o *Assucar* combustão mais forte
N'esta lucta da vida contra a morte.

II

As duas Espadas

Emquanto humilde a multidão trabalha,
Eis luctando em indomito duello,
Peor do que o flagello
De grandiosa batalha,
Os dois Symbolos da Auctoridade:
O Sceptro com o Báculo,
Em odiento espectaculo
Embaraçando a marcha á Humanidade.

«Eu quero submetter o mundo todo
A uma só Fé! Pois d'aqui dimana
Por tão suave modo
A procurada e ideal concordia humana.»
A terra inteira que se prostre diante
Do Santissimo Rei da Ilha Sonnante.

—O mundo inteiro a mim jungir me apraz
De uma só Lei ao soberano imperio!
De um ao outro hemispherio
Implantará a Ordem e a Paz.—
Da Monarchia universal o sonho
Dos Reis loucos as mentes hallucina,
Um vórtice medonho
Arrasta os povos á carnificina.

Um vento de revolta intenso paira
Sobre o infando e obscuro retrocesso:
No Concilio, em Constança e Basilêa,
Proclama-se a ideia:
O Poder com que Roma se desvaira
Só reside dos crentes no congresso.
Dos Estados Geraes como um espectro
Irrompe outro terrivel vendaval,
Que aos Reis arranca a purpura e o sceptro,
Eil-a: A Soberania nacional.

Ensarilhe-se o Sceptro com o Báculo,
Eleve-se o utensilio do trabalho!
Em vez da Espada e do Hyssope, o malho,
Do ensino illumine-se o Cénaculo.
Eis da Paz e Verdade
O Imperio universal da Humanidade.
E já que o homem sem pensar e á tôa
Dos Symbolos entrega-se ao perstigio,
Em vez da Tiára augusta e da Corôa,
Vêde:—o Barrete phrygio!

III

As duas Verdades

O terrivel duello do passado
Continúa-se entre a Rasão e a Fé!
Levantam-se de um lado
Entelechias, Conceitos, Syllogismos;
Do outro os Dogmas fecham-se em abysmos
N'esse vacuo firmando-se de pé!

A Egreja conserva
Distinguos de reserva,
E fortifica-se em Opiniões!
Do outro lado as Universidades
Põem á frente Entidades,
Occultas Qualidades,
Com mil Quodlibéticas Questões!

Quem vencerá na intrépida estacada?
Pode ser que a Verdade revelada;
Ou talvez a Verdade demonstrada?
Como se alastra no ár a poeirada!

No tremendo baldão
D'esta lucta da Fé com a Rasão
De prolongada angustia e paroxismo,
Sôa uma voz então:
—Abaixo o Syllogismo!—

Aquelle grito austero
Quem o lançou? Luthero;
Rabelais o converte em gargalhada!
Com jubilo sincero,
Exclama: «A lucta cesse,
Ante a *Dive Bouteille*, que apparece
Da Verdade como ambula sagrada.

Ella suscita o encanto e a alegria,
Enthuziasmo, franqueza,
Ardente inspiração!
Rehabilita a santa Natureza,
E dá á phantasia
Dos Symbolos uma outra ideal visão.

Aristophanes! Quando a Grecia outr'ora
Deixou escuros Mythos e costumes,
Dando curso á corrente das ideias
Que a derrota da Persia suscitara,
Audaz, com o teu riso, sobre a scena,
Contra enthuziasmos de aspirações novas,
Mantiveste o perstigio do Passado.
Hoje, que uma era nova se define,
Libertando a Rasão e a Consciencia,
Fazendo amar a odiada Natureza,
O riso, o riso franco é que me ajuda
A acclarar os sombrios horisontes,
A activar do Passado a derrocada,
A desvendar a obra do Futuro!»

E aquellas gargalhadas
De Rabelais, no tempo repercutem,
E nas almas incutem
Vibrações prolongadas:
Solta-as Henri Etienne,
Pasquier, e Montaigne em arrancadas
De bom-senso perenne.
Têm da verdade o dom
Em Noël du Fail,
Beroald de Verville.
Cyrano e Scarron.

E n'esta ondulação clara, infinita,
Profunda, ideal, solemne
Ao bom de La Fontaine
Que verdades suscita,
Como pulsa em Pascal!
E affrontando o mal
Nos typos de Molière,
Toca a missão social
Nos labios de Voltaire.

V

O RISO DE ARETINO

Gosando o dia de hoje,
E o prazer que foge,
Vivia como um Doge,
Rodeado de pompa deslumbrante,
Em sumptuosidade oriental,
No seu palacio rico, diamantino,
Sobre o Grande-Canal,
Da Ponte do Rialto não distante,
O mordaz Aretino.

Ahi n'esse paraiso
Que desvaira o juiso,
Aos labios vem-lhe um riso ...
Que riso! um riso ironico que vibra,
Mas com que se equilibra
Entre as affrontas que lhe cospem crúas,
E ovações triumphaes que pelas ruas
Lhe dão os Reis, Imperadores, Papas,
E até os Satrápas!

«Dizem uns que fui frade,
Em vil mendicidade
E torpe vadiagem!
Que este que agora com primor escreve,
Foi moleiro, almocreve,
Criado de estalagem!

De saltimbanco teve a indignidade,
Forçado das galés,
E em tanto revés
Seu fado mão não finda;
Depois d'estes baldões,
Nas costas mostra ainda
Do azorrague os vergões!

Oh! que eu alegre veja
Correr os dias aprazíveis, lentos;
Que os vapores malignos da inveja
Não fazem decrescer meus rendimentos.

Com aparada penna,
E uma rêsma de papel em branco,
Fazendo prosa amena,
E elogios em verso,
O que foi saltimbanco
Ri-se hoje do universo.

Ao vêr-me o Papa apêa-se da mula,
Levanta-me do chão;
Sobre a face me oscula,
E faz-me Cavalleiro de Latrão
Por sua propria mão!

O grande Carlos Quinto,
Se o territorio á pressa
De Veneza atravessa,
(Bem sabem que não minto!)
Ao meu encontro vem,
Mesmo á sua direita
Assentado me tem!
E dá-me uma pensão
De duzentos ducados de receita
Sobre o proprio Ducado de Milão!

E Francisco Primeiro, quem não viu?
Por um só elogio
Fez-se meu tributario.
Mandou-me promptamente
Um grosso collar de ouro de presente,
E um parlamentario
Com missão espinhosa:
— Mais elogios, seja em verso ou prosa. —

Com uma leve penna
E uma rèsma de papel em branco,
Fazendo prosa ou verso,
O que foi saltimbanco
Ri-se hoje do universo.

Tambem ao Duque de Florença embriega
A phrase de Aretino;
E do Duque de Urbino
Nunca, nunca escacea
De aureos sequins a infallivel paga!
O Bispo de Nicéa
De velludo me envia umas chinellas,
Cravejadas de pedras as fivellas...

D'onde vem tal mysterio?
Os Principes sangrado em seu imperio
Têm os povos com immoraes tributos;
Temendo a Opinião, irresolutos,
São de um subdito agora, em modos varios,
Os fieis tributarios.

Com uma leve penna
E uma résma de papel em branco,
Fazendo prosa ou verso,
O que foi saltimbanco
Ri-se hoje do universo!

Os Reis atacam-se em violencia dura
Nos campos de batalha;
Ante a sua metralha
Varrem a humanidade que os atura.
Têem a força bruta,
E por ella nos thronos sustentados,
Alargam seus Estados,
Devastam territorios e cidades;
Fazem Lei absoluta
Dos arbitrios e das iniquidades
De estólidas vontades!

N'um delirio de goso,
Não sentem da miseria as agonias,
Do povo a vida amarga!
Dos que trabalham, sempre e sem repouso,
O thesouro que vem de economias
Malbaratam á larga!

Em tanta gloria, triumphal, ingente,
Os Reis hoje se insultam mutuamente:
Só um poder escapa-lhe da mão:
É a — Opinião!

Oh, quem não adivinha
O mysterio da omnipotencia minha?
Do Epigramma e do Encomio a phrase,
Qual lança com que invista,
Fez já com que me acclamassem quasi
O quinto Evangelista.

É bem que n'este mundo cousa exista
Mais poderosa do que a força bruta:
E apesar da abjecção
Da palavra em que louvo, em que motejo,
E da indignidade do que escuta,
Bem conheço, bem vejo
Esse novo poder — a Opinião.

Dogmas e thronos o indelevel sêllo,
Temem do poder novo! — Imperadores,
Reis e Papas, cuidando corrompel-o,
Vêm comprar-me os louvores
E através dos mais contrarios ventos,
Gotejam ouro Estados e Igreja;
Os vapores maliguos da inveja
Não conseguem baixar meus rendimentos.

Eu, com a leve penna
E uma rèsma de papel em branco,
Chamem-me saltimbanco,
Fazendo prosa e verso,
Rio-me do universo.»

VI

O RISO DE CERVANTES

Á luz froixa da pallida vigilia,
Solitario, pensando sob o pezo
Do esteril desalento,
Na mudez indigente da familia,
No tropel de esperanças vacillantes,
Da inspiração no fogo o olhar acceso,
Arrebatado em vivo pensamento
Trabalhava Cervantes.

Que busca a mente audaz? e que grandeza
Lhe desvenda a arrojada phantasia?
Que allivio sonha para a atroz pobreza?
Já vem alvorecendo a luz do dia;
E á luz mortiça e breve,
Com mais fervor, que nunca teve de antes,
Livido o rosto, fito o olhar, escreve
No seu livro Cervantes.

Ai, já cansada de esperal-o, e triste
Ergue-se a esposa; vem de manso, espreita
Na meia aberta porta;
De repente, elle, que ás visões assiste
Do mundo ideal das creações gigantes,
Com que risadas o silencio córta
Da noite! para o lado a penna deita,
A rir a sós Cervantes.

Riu-se, a bom rir! convulsa gargalhada,
Longo scherzzo de ignotas harmonias!
Observa tudo a esposa desolada;
Mas d'essas concentradas ironias
Percebera bem pouco;
E para si, em ancias cruciantes,
Diz: «Coitado, coitado! elle está louco,
Louco o pobre Cervantes.»

Como quem vence um natural impulso,
Nas mãos esconde a fronte, e a dor semelha;
Abafa o poeta a custo o rir convulso,
E diante de um Senhor Crucificado,
Proferindo palavras offegantes,
Contricto se ajoelha,
O rosto todo em lagrimas banhado,
Pesaroso Cervantes:

—Perdoae-me, Senhor, este desmancho,
Ralampago infernal de tal contraste
Que ora a mente me invade!
Ao vêr como o casmurro e gordo *Sancho*
Repleto de anexins sempre abundantes,
Ri de *Quixote*, então tu me lembraste
Na missão de salvar a humanidade...
Mas, perdôa a Cervantes!

Porque, trouxeste por ideal ao mundo
Salvar o homem do atro cativeiro,
Dando a vida por nós sobre o madeiro;
E esse Pedro, mais pratico e profundo
Larga-te aos sycophantes!
Toma á doutrina a parte utilitaria,
Vindo fundar em Roma a Barataria...
Mas... perdôa a Cervantes!—

Irrompiam-lhe as lagrimas ferventes
Dos olhos; os soluços
Abafaram-lhe o grito do bom-senso.
Aos pés do Christo prostra-se de bruços.
Eis com passos trementes,
Como se viesse á hora dos amantes,
Entra a esposa, e abraça-o: «Penso, eu penso
Que tens o fogo da Rasão, Cervantes!»

III

TENTANDA VIA EST

I

SAGRAÇÃO DA EPOPÊA

Quando Camões cumpria a desastrada sina,
E naufrago se viu no immenso mar da China,
A nado se salvou na foz do rio Mecon;
Trazia inda alagado o Poema, excelso dom
Onde as Navegações, triumphos e revezes
De um punhado de heroes, os fortes Portuguezes,
Que dispersos no orbe os une o amor sem quebra
Da Patria idolatrada, o Cantor concelebra.

Sentar-se o Poeta foi nas ruinas estupendas
De Angor, aonde chegou por ignoradas sendas,
Absorto na mudez da grande alma que sinta
Maravilhas da Civilisação extincta!
E mesmo indifferente á miseranda sina
Que o persegue, de Khmer ante a assombrosa ruina.

E em quanto respirava ali as brisas quentes
Que trazem lethal febre e prostram os valentes,
O Cantor retocava a Epopêa não vista.
Chegou-se a elle então Peregrino buddista,
Que attrahira a voz que na soidão declama.
E depois de escutar as estrophes, exclama:

«Ó Poeta! a India tem a Epopêa sublime
Do Ramâyana! o som de uma estrophe redime
O sudra; ao mais abjecto escravo fal-o homem.
Que este supremo dom os teus canticos tomem!

«Se a tua Patria fôr vendida, e mergulhada
Em cativeiro vil, do abysmo alevantada
Será por esse Canto, immenso, audaz e bravo;
Quem o sentir, sacode as algemas de escravo.

«E a Civilisação do remoto Occidente
Vendo hoje o homem vencer a Natureza ambiente,
Consagre esta Epopêa á pacifica edade,
O pregão triumphal que solta a Humanidade.»

Fosse halucinação ou intima consciencia.
Tal benção deu ao Poeta a nobre complacencia,
E do animo sereno a bondade insondavel.
Com que elle supportou, naufrago e miseravel,
As infectas prisões, os injustos castigos,
A fome, a solidão, ingratidões de amigos,
E contra a gloria sua o roubo e desacato.
E por fim o estertor do hospital n'um grabato.

II

VATICINIO DO ADAMASTOR

Uma noite de temporal desfeito,
Do Cabo das Tormentas já na altura,
Camões, que á patria volta, vê direito
Vir contra elle a esqualida figura
Do Adamastor! Do luzitano Peito
O sombrio destino, a sorte escura,
O tremendo gigante ali revela
Lamentoso nos eccos da procella:

— Camões! Bem sei que ahi levas comtigo
Pregão triumphal da tua Patria amada;
Salvou-o o destino do perigo
De engulil-o o Mecon na agua salgada,
Para que um dia fosse... aqui t'o digo,
Epitaphio da terra escravisada,
Para dar testemunho a um tempo novo
Da ruina infanda do atrevido Povo.

Não satisfeito ainda o horrendo Fado
Das provações crueis que a cada instante
Por toda a parte seguem a teu lado,
Como insultos da plebe a heroe ovante,
Duros revezes tem-te preparado
Com maligna insistencia, e flammejante
Verás, quando chegares a Lisboa,
Como sobre a cidade a Peste vôa!

Verás ruas desertas, e as praças
Da necrópole já cobertas de erva;
Em cada rosto estampam-se as desgraças;
Nas almas, que esperança se conserva?

Entre montões de mortos mudo passas,
Da alegria de outr'ora emfim observa
Inda mais triste que a visão funérea
De tua velha mãe tanta miseria!

Ao chegar a Lisboa, o rico emporio
De quanto tem de maravilha o Oriente,
O teu Livro de versos, furto inglorio,
Testemunha do teu amor ardente,
De outros poetas titulo irrisorio,
Ludibria aos vindouros torpemente,
Tornando as tuas emoções sentidas
Lustre vão de reputações mentidas.

Verás a independencia portugueza
Nos areaes ardentes sepultada
Da Africa adusta em insensata empreza;
D'entre as nações tua nação riscada!
Vendida ao invasor pela nobreza,
Que para a traição negra é colligada
Ao egoismo da lusitana Egreja,
E até o povo os proprios ferros beija.

Verás que n'este quadro não te illudo!
A visão da desgraça nunca engana,
Não se ergue em Portugal nenhum escudo
Ao cahir em provincia castelhana.—
Tudo Camões escuta attento e mudo;
Mas ao ouvir da Patria a ruina insana
Preste a tombar no lugubre triclinio,
Protesta contra o horrendo vaticinio:

«Eu não verei tamanha desventura!
Á Patria e a mim a mesma morte investe.»
Então do Adamastor a alta figura
Exclama com rancor:
—Interrompeste
Esta visão terrifica, futura,
Não saberás o que do porvir resta:
Fique-te o animo acorrentado agora
Ao desalento atroz que te devora.

Na impenetravel treva do destino,
Se allivio procurares algum dia,
Contra as angustias de um pungir ferino,
Contra a tua mortal melancholia,
Visita de Nathercia, o ideal divino,
A sepultura solitaria e fria,
Que ao fulgor do mallogrado affecto
Talvez tome a visão um outro aspecto.—

Cumprira-se o implacavel vaticinio!
Desolação e prantos
Vão por todos os cantos
De Portugal! O horrendo morticinio
Em Alcacer-kibir
Faz as almas mais fortes succumbir.

Vaga nas ruas desvairada a gente,
Erguendo na anciedade
As mãos aos céos attonita, mesquinha!
Camões, já cadaverico e doente,
Para o Pantheon de mais grandiosa edade,
Para o Mosteiro de Belem caminha.

Na gelida penumbra das arcadas
Se perde, e sobre a lagem que cobria
A sepultura de Nathercia ajoelha!
Vêm-lhe á lembrança as illusões passadas,
Episodios do amor de dia a dia,
Que um extasis semelha!

Na concentração intima absorvido
Da saudade do amor cedo perdido,
Como a fresca bonina,
Viu o Poeta, d'entre um nimbo occulto
Vago e indeciso a aproximar-se um vulto,
Pensosa Catherina.

Como vinha mansa e bella
Toda de branco vestida,
A fronte sua cingida
De immarcescivel capella,
A desditosa donzella!
Traz na face um livor lindo,
Nathercia, com dor sorrindo,
Parou junto do Poeta,
Que estranha emoção inquieta
Com o que está vendo e ouvindo:

«Bem sei que não me esqueceste,
Quando esses teus pensamentos
Por mares, naufragios, ventos
Te levaram, e perdeste
Um amor, amor como este!
Eram para mim as palmas,
Para ti doentias calmas,
Perseguições, tempestades!
Mataram-me as saudades
Que uniram as nossas almas.

Não perdi a esperança
D'aquelles sonhos felizes;
Tu ainda hoje bemdizes
Um amor que em ti não cansa;
Tens-me viva na lembrança!
Mesmo n'este frio leito
Sinto pulsar-me no peito
O amor que tornaste eterno,
Uma ancia, um enlevo terno
Nunca em vida satisfeito.

Para que recordar hoje
Esse passado inclemente?
Mais triste agora o presente
Quando a liberdade foge,
Quando a tyrannia arroje
As gargalheiras de escravo
A um Povo audaz e bravo!
Põe teus olhos no futuro,
Embora amargo e escuro,
Dou-te a provar doce favo:

Hade a Patria ser cativa,
Vendida pela nobreza;
Muda a lingua portugueza,
Quasi esquecida, reviva
Na tua Epopêa altiva!
Por que será esse Poema
O fóco sagrado, o emblema
Da Patria, que alto celebra;
Ao seu brado o Povo quebra
Do Castelhano o algema!»

Estas palavras dizendo
Aquella aéria figura
Esvae-se na sepultura,
Como se vae desfazendo
A nevoa, ao sol nascendo.
Voltou a si o Poeta
Da angustia que tanto o inquieta,
Vencido encara o destino;
Levanta á Patria o seu Hymno,
Como o Partha arroja a seta:

— Sempre se lança em um naufragio escuro
Ao mar a historia de asperos revezes,
A fim de ir dar a algum porto seguro:

Do abysmo onde os imperios tantas vezes
Baqueam, mando ás ribas do futuro
O Poema do que foram Portuguezes.

III

O POEMA DE CAMÕES

I

Espalham-se aos rumores de ameaças,
Com pompa marcial, tôrvos, crescentes
Como ondas em tropel — enchendo as praças
Do rei Philippe os esquadrões fremcntes;
E logo occupam tudo!
Portugal não oppõe um só escudo.
Os arcos triumphaes ornam as ruas,
Galhardetes, alfaias damasquinas...
Quando o leão de Castella as garras crúas
Assenta sobre as aviltadas Quinas.

As fortalezas salvam com estrondo!
Pelo ar os sinos com festivos dobres,
No templo — que espectaculo hediondo!
Dizem que o Rei, os padres e os nobres
Consagram a conquista!
Infamia nunca vista:
Calar com ruido a voz da consciencia,
Perante o altar santificando o jugo,
Vender da Patria o nome, a independencia,
Levando-a ao cêpo do feroz verdugo.

Vê Philippe a seus pés um povo escravo;
Não bastam, não, exclamações e palmas!
Quer possuir o que despreza o bravo,
Quer uma cousa — a servidão das almas!
N'isso encontra grandeza.
Ao passar, sáe-lhe em rojos a Nobreza;
E os padres, para quem o ataúde
É sempre uma esperança de cubiça,
Juram manter na fé do povo rude
Que o dominio estrangeiro é de justiça.

Conhece o Rei, no emtanto, que lhe falta
Essa cousa que a posse lhe cimente...
O Povo? Beija a espada que o assalta;
Os Poetas? Glorificam o Prudente,
N'um côro vil, abjecto!
Porém, para o dominio ser completo,
Jungindo á Hespanha esta nação vendida,
Não bastam bençãos do traiçoeiro monge,
Nem protestos da raça envilecida,
Quer Philippe ainda mais...
Elle vê longe.

II

O Rei chama o Ministro á puridade,
Manda lêr-lhe das cédulas a lista
Dos que venderam Patria e liberdade,
Dos que em traição mudaram a conquista.

Entre os grandes e bispos, magistrados,
Capitães e poetas, quanto ha nobre,
Um nome só, entre esses deshonrados,
O nome de Camões não se descobre!

De repente Philippe altivo ordena:
«Vão procurar Camões! Venha o Poeta!
Dar-lhe-hei victoria contra a sua pena,
E a mim torne a victoria mais completa.

O que a Sadi não deu o rei da Persia,
Por mim, tarde, a Camões prestado seja!
Vença o Cantor a doentia inercia,
Que em mim bem sinto de Alexandre a inveja.

Os que agora me acclamam com espanto
Comprehenderão um dia o assassinio!
Mas de Camões a gloria de um só canto
Fazia eterno, eterno o meu dominio.

Vão procurar Camões! A posse inteira
De Portugal n'esse animo reside;
Se a Historia não occulta a ignobil feira,
Que eu seja o heroe de um novo Poema! Ide.»

III

Chegam, horas depois, os mensageiros,
Voltam desalentados; nova triste!
Foram tarde, máo grado irem ligeiros:
Era morto Camões! Ah, não resiste
Sua alma ao vêr soldados estrangeiros
Na Patria, e o povo que aos festins assiste!...
O Poeta cheio de afflicção e de ira:
— *Patria! juntos morremos!* — Succumbira.

IV

Philippe escuta; ah, sente-se inimigo,
Do novo Estado julga a posse iniqua;
Vaticina o rumor vago perigo,
E exclama attento na visão longiqua:

«O que governa os Povos, bem percebe
Que as pompas festivaes, os juramentos
Da nobreza e acclamações da plebe
São do poder bem fracos fundamentos.

Dos esquadrões que vale a força dura?
Do sacerdote a benção que me exalta?
Ah, não ter corrompido essa alma pura...
Portugal não é meu! Camões me falta.

Morto é Camões; mas guarda-se a verdade
No Poema d'essa austera consciencia,
Onde a Patria respira a liberdade,
D'onde resurge a morta independencia.

Já não posso abafar, tornar mentida
Essa voz que resôa como ameaça,
Grito de imprecação que acorda á vida,
Alevantando a decahida raça.

Minaz, dentro do magico Poema
Ha do incendio futuro uma favilla;
Traz a explosão com que rebenta a algema,
Meu poder n'um só dia se anniquilla.

Hoje a meus pés, alegre, sob o jugo,
Sem conhecer sequer tanto desdouro,
Acclama Portugal o seu verdugo;
Mas eu presinto um seculo vindouro...

Nascida em ferros, e como elles dura
Se a gloria do passado alguem recorda,
Como Lazaro em funda sepultura,
Uma outra geração febril acorda!

Camões! Camões, heroe, cantor e bravo,
Envilecidos animos levanta;
Por que encerra o Poema onde os seus canta
A força que faz livre um povo escravo.

Cumpriu-se a voz da tradição. O Vate
Deu novo alento aos peitos lusitanos;
Não foi preciso um seculo! o resgate
Fez-se n'um dia, ao fim de sessenta annos.

IV

A BATALHA DE LEPANTO

Fora um dia Cervantes increpado
Por ter sem dó ridicularisado
A honra e o generoso pensamento
Em *Dom Quixote*, ideal do sentimento.

De Lepanto o heroico mutilado,
Vendo-se na miseria injuriado,
Volveu com dignidade, altivo, lento,
Repellindo o insultuoso intento:

—Assisti ao final combate dado,
Em que a Europa o futuro viu jogado,
Pela invasão do Turco violento,
Que tudo assola como um igneo vento.

Assim em Salamina, no passado,
Tendo as hordas da Persia derrotado,
Das trevas d'esse barbaro elemento
A Grecia torna o Occidente isento.

Lepanto a Salamina é egualado,
Por que o destino seu, mais elevado,
A guerra defensiva, n'um momento
Attingiu, dando á Paz seguro assento.

Desde esse dia em diante eis terminado
O imperio e força bruta do soldado!
O heroismo pessoal não acha alento,
Nem da Justiça o sangue é argumento.

O trabalho e a paz têm fecundado
A ordem, a riqueza em cada Estado,
E da bravura militar o augmento
Só vem a combater Moinhos de vento. —

V

DESALENTO DE TASSO

Triste, alquebrado, accolhe-se a Sorrento
Em doentia halucinação o Tasso,
Victima inerme de illusões que ideára!
Redobra o desalento
O crú desdem do Duque de Ferrara.
Nada o detem no desvairado passo,
Nada o consola, embora
Venha alental-o no mortal cansaço
O suavissimo affecto de Eleonora.

Já longe do solar de Affonso d'Este,
A quem dera em seu Canto immortal nome,
Contra as rajadas hibernaes investe!
Na febre que o consome,
Do mar contempla a horrifica procella;
E brada, ao vêr em lucta os elementos
Em furia aterradora:
«Harmonisam-se em ti meus pensamentos;
Mas a lembrança d'ella
Põe-me tranquillo! a doce Eleonora!

Ignota mão veiu quebrar-me a Lyra,
Falsear-me o Canto em que exaltei a Crença!
E tremenda, fatidica me atira
Com fria indifferença

Á prisão do hospital de alienados!
Chamam loucura a angustia de meus brados,
Demente o olhar que chora!
Falta-me a luz na solidão immensa,
Pobre de mim! Já morta Eleonora...

Camões! Camões, invejo o teu destino!
Bradaste á voz do Oceano em tempestade;
Chamam-me louco a mim, por caridade;
Acaso é o meu Poema um desatino?
Oh *bon Luigi!* e quanto mais profundo
Foste do que eu? Com éstro impaciente
Celebraste a visão de extranho mundo,
Esse encantado Oriente!
Cantaste a audacia, a força e a riqueza
Lá no Paiz da luz, onde se expande
Nome que fazes grande
Da tua amada Patria portugueza!

Eu, sem patria, cantei a esteril lucta
Em volta de um Sepulchro consagrado;
Que importa a posse da funerea gruta,
E a Lenda do passado?
Cantei o grão Sepulchro, a cujo fundo
N'um delirio de fé, com galhardia,
Cá da Europa se arroja um velho mundo
Que, pensando em salvar-se, succumbia.

Os christãos cavalleiros aos milhares
Na onda da Cruzada arrebatados,
Por naufragios e inhospitos palmares
Chegam á Palestina!
E de Christo os soldados
Ao gume dos alfanges sarracenos,
Cantando os hymnos de uma uncção divina
Avançam firmes, crédulos, serenos.

Mas, a par da sublime e alta empreza
Raiam de uma nova era os esplendores:
De Pisa e de Veneza
Seguem o mesmo esteiro os mercadores.
Em vez da crença, o lucro o peito instiga,
Não buscam do Sepulchro santo a senda;
Do Oceano tenebroso a lenda antiga
Do interesse o movel a desvenda.

Loucos Cruzados! Apagou-se a chamma
Que exaltara o valor; como eu, errastes!
Nos dois Heroes, o Godofredo e o Gama,
Que espantosos contrastes!
A edade era de industria, de interesse,
Do trabalho e da ordem chã, burgueza;
N'este afan mercantil a Europa esquece
A religiosa Empreza!

Reynaldo de Coucy corre a Solyma
Por merecer a mão de Gabriella;
No voto ousado que a paixão sublima,
Cae ferido; e da morte com a venda
Pediu, a pensar n'ella,
Que o coração lhe seja entregue um dia...
N'um banquete Gabriella recebia
Pela mão de Fayel a extrema prenda.

Foi como a bella de Vergy a Europa!
Os guerreiros da Fé, bem longe, esquece,
Dos bergantins á pôpa
Desfralda o pavilhão do interesse.
Cantei das duas Crenças o dilemma,
No Sepulchro vasio da divindade...
Oh, bem hajas, Camões! no teu poema
Ha a vida, a intuição da Humanidade.

Em trabalhos, em dor, em lucta immerso,
Luiz! cantaste o luso Peito ardente,
Que descubriu da Humanidade o berço,
A alliança do Oriente e Occidente!
Por premio o hospital deu-te a mortalha
Que do teu corpo entrega á valla o espolio!
Da gloria a aurêola é fumo de palha,
Tasso expira antes de ir ao Capitolio.»

VI

A CONFISSÃO DE CALDERON

Ajoelhado aos pés de um sêco Jesuita,
Calderon sentiu n'alma a algidez da morte
Ouvindo ao confessor intencional pergunta:

—Pois não te accusa, irmão, a consciencia nunca
De andares profanando os Dogmas sacrosantos
Perante a multidão, e em comedias nas praças?

«Padre! (lhe respondeu fervoroso o Poeta):
O rito é transitorio, a vida é acção perenne:
Eu busco a fonte viva e eterna da verdade.

Vêde, as Religiões falsêa-as a heresia,
Os Dogmas entre si vão-se contradictando;
Sómente a Arte, a Arte é immutavel, bella!

O que ha de verdadeiro e bom no Christianismo
É bello; a expressão do universal sentido
Só póde encontrar na Arte a suprema linguagem.

O Dogma por si só conduz á intolerancia,
Ao desespero e horror; a emoção do Bello
Essa infunde a concordia, a paz e a alegria.

Se o Christianismo foi que em sua essencia trouxe
O sentimento novo e ideal da Humanidade.
O Bello é encarnação da Verdade: eis a Arte!»

A estranha confissão do Poeta inspirado
Não póde comprehendel-a o Jesuita séco;
Como entender a vida o que se crê cadaver?

Ao tocar a Arca santa da Arte o Jesuita,
Que tinha morto em si o sentimento humano,
Secaram-se-lhe as mãos, como o castigo de Oza.

Flagrante accusação do embuste e da mentira
Com que simula a fé o falso sacerdote;
Finge-se a crença! o Bello, oh não! Bemdita a Arte.

VII

O BRAVO DE UIRAÇABA

(POEMA)

CANTO I

Tentação no deserto

1

Na clareira escondida da floresta,
Presa nos ramos das magnolias, pende
A somnolenta rêde entretecida
Do matiz variegado da plumagem
Do canindé vistoso. Quem repousa
Ali, na molle sesta? na frescura
De uma aprazivel, hospedeira sombra?

Em volta, jaz sentado com desleixo
Um rancho indigena, aguardando o instante
Que o maioral acorde. A rija tribu
Soube escolher o Bravo, o destemido
Pela certeza da ligeira flexa;
Chamaram-lhe o valente de Uiraçaba,
Pelo nome da aljava que o acompanha.
Elle era novo e sonhador; ouvia
Longe, bem longe os passos do inimigo,
Como a panthera farejava a preza;
Como o raio, espalhava repentino
Castigo irremissivel! Mas ás vezes
O granito mais duro estala, quando
Humilde gota de agua se congella.
Fôra assim o guerreiro. Elle era novo,
Não o saciava essa altivez do mando,
Nem a largueza de não vistas matas,
Nem os recontros do conguar gigante.
Elle anciava bem pouco, ou nada, tudo:
Tinha séde de amor...

II

Por entre as brenhas,
Rompia desvairado, ia seguindo
Sem saber para onde; muitas vezes
Cuidava estar ouvindo voz sentida
Chamal-o para si... Em vão buscava.
Os canticos das aves solitarias
Da americana plaga, segredando
Confidencias da alegre natureza,
Entreabriam-lhe a furto o incerto sonho.

III

No frenesim do amoroso instincto
Convoca o Bravo os anciãos da tribu,
Guardas da tradição e narradores
Dos gloriosos feitos, que se contam
Na vespera sedenta das batalhas.
Juntou-se o côro dos Moranduçáras,
O chefe assim fallou:

—Velhos sinceros,
Não mancha os vossos labios a mentira!
Tantas vezes hei visto a estrella morta
Perder-se no horisonte ao vir do dia,
Sem que o somno me alente das fadigas!
E Jurema, a propicia mãe dos sonhos,
Me seduz com apparições ridentes;
Embala-me com tantas harmonias;
Traz-me enleiado, desvairado, louco!
Eu não sei que me falta; e o que busco
Presinto que não seja d'este mundo!
Fallae, velhos sinceros, revelae-me
Se algum maligno Anhãga me combate?—

D'entre os Moranduçáras venerandos,
Dos que têm os thesouros do passado
Guardados na memoria, o mais antigo,
O prudente Abaeté lento responde:

«Guerreiro de Uiraçába! na floresta
Uma clareira occulta conhecemos;
As magnolias em flor lhe prestam sombra.
Mysteriosa mudez ali revôa,

Favoravel ás santas narrativas.
Oh vem comnosco! Ali nós te abriremos
O deposito augusto das edades
Onde o porvir obscuro se esclarece.»

IV

Á sombra das magnolias, brandamente
Baloiçado na rêde entretecida
Das plumagens do canindé vistoso,
O terror de Uiraçába dormitava.
O velho Abacté declara ao côro
Dos narradores da soberba tribu:

«Eil-o, repousa placido, tranquillo
Como uma aguia nos visos do fraguedo;
Deixemol-o dormir! A mãe risonha
Das visões mais queridas, mãe ditosa
Dos sonhos de ouro, a candida Jurema,
Lhe bafeje o semblante afogueado
Do agitado guerreiro. Semimorto
N'este instante parece; mas no peito
Violento irrompe um sentimento novo.
«— Amor, amor! sabemol-o nós todos
A quem a edade revelou a vida.»
Responde attento, a froixa voz, o côro.

V

Não foi tão leve o ruido das palavras
Que essa verdade eterna traduziam:
Subito acorda o Bravo de Uiraçába:

— Vozes surdas, sinistras, ominosas,
Como a voz do guariba ao vir da noite,
A visão fugitiva me interrompem!
«Oh Bravo! (o Abaeté responde a medo,)
Quando se ouve ao crepusculo o guariba,
Elle annuncia quasi sempre a morte!
— O indomito guerreiro de Uiraçába
Não sabe o que é temor! Mando que expliques
Quanto me diz esse guariba em sonhos. —

Como o cypreste se ergue sobre a campa,
D'entre os Moranduçáras se alevanta
O trémulo Abaeté:
«Canta o guariba...
Nas solidões das matas elle canta,
Como o padre christão quando psalmeia...
Bem vês! A loira Virgem que apparece
Nos teus rapidos sonhos, melindrosa,
É do branco das longes terras filha,
Isso descubro no fatal presagio.»

— Oh! dize-me se a posso vêr um dia?

«Como alva pomba vem, no pando vôo
Por magicos acenos atrahida,
Vinda de extranhos climas quasi toca
Na brasilica riba a Virgem bella;
Descança! Ella virá poisar seu rosto
Sobre um peito de tanto amor vencido.»

VI

Era o guerreiro sonhador e novo!
Ficou de pé scismando, triste, quêdo,
Egual ao cedro no alto da montanha.
Ao côro dos Moranduçáras volve

O Abaeté, e a cada um derrama
No camocin o liquido sagrado,
O licôr de Jurema, que os inspira
Para contar ao Bravo de Uiraçába
O destino, que áquelle amor se prende.
E emquanto ficam no extasi suspensos,
Assim canta o selvagem que os domina:

—Sôpro de Aracaty, brisa dos mares,
Dissipa a densa nevoa que inda envolve
O longiquo horisonte onde a contemplo.
Deixa mirar a apparição divina
Que me traz alheiado d'este mundo!
Eu a vejo ao clarão dos devaneios,
Da pallida Jacy á luz serena,
E quanto mais me foge, mais revôam
Para ella em tropel tantos desejos.
No murmurio de incognitas torrentes,
No cicio das folhas do arvoredo,
No gorgeio das aves mais canoras,
Em tudo a sinto, a vejo e a respiro.
Nem da jaty o mel tem o perfume,
O gosto d'essas fallas que eu escuto...
Lá da Mayri das longes terras, trai-a
Sôpro de Aracaty, brisa dos mares.—

Présto a horda do espasmo se levanta!
Grito de frenesim rijo interrompe
Essas palavras com que o Bravo scisma:

«Oh filho de Tupan, feliz na Aljava
D'onde uma flexa nunca em vão se tira!
Teu braço é o trophéo que representa
Contra os guerreiros da Mayri distante,

Da terra a liberdade primitiva.
A Virgem que amas tanto, e em sonhos miras
É talisman contra essa liberdade!
Evita o amor que a morte traz comsigo.»

VII

Por sobre a confusão aterradora
Das cruas vozes, roucas, agourentas,
Se eleva a voz do Bravo de Uiraçába:

—Cedo me acostumei a vencer sempre!
Prostrei certo o leopardo mais pujante;
É bem que affronte um dia o meu destino.
E que alta sina o succumbir por ella!—

A sós se embrenha pela selva dentro.

VIII

Ficára o bando dos Moranduçáras
Assombrado da decisão tremenda;
Veiu a mudez sellar todas as boccas.
Quem se atreve a acordal-o do lethargo?
Ouve-se estrondo inesperado ao perto,
Alaridos sem fim, gritos agudos,
Gargalhadas diabolicas, convulsas,
Ao som das quaes mais o tripudio cresce!
Era a tribu do Bravo de Uiraçába,
Que traz ao sacrificio hoje um vencido
De uma raça jurada ao odio eterno:

«Em nossas boccas o boré retrôa,
As cavernas mais surdas estremecem.
É forte a massuráma! ao velho tronco
Se amarre o Pytigoar envergonhado;

Não mais hãode essas mãos brandir o arco;
Os uivos do oitibó confundam queixas
Que a dor lhe arranca na hora do trespasso.»

Vae começar o cruento sacrificio.
Ao tronco mais robusto o prisioneiro
Se confrange amarrado, vendo as dansas
Que em volta d'elle attonito se enroscam.
Do coração acode o sangue todo
Ás faces de rancor e de vergonha.
Corta-lhe a corda os pulsos roxeados;
A alma não verga, e mesmo n'esse instante
Está longe, bem longe, vendo a furna
Em que o espera a desprovida esposa,
E o sitio aonde a prole nova brinca.
Bem sabe o Pytigoar que a morte avança,
De desespero canta na agonia:

«Tivesse a voz do lobo da caverna
Quando urra sedento!
O bramido do mar na quadra hyberna,
Se o revolve o vento!

O conguar da brenha quando ataca
A descuidada preza,
De um golpe só, tenaz a vida sáca,
Não tem esta vileza.

Dansae, dansae, com passo bem ligeiro,
Que ainda mais veloz
O grande dia hade chegar primeiro,
Que me vinguem de vós.»

IX

la cantando. Um vulto negro, negro
Por entre as grossas arvores assomma,
De jesuita envolto na roupeta.
A serpente, que perfida se enrola
Sobre um ramo flexivel, esperando
Colher de prompto o incauto passarinho,
Faz lembrar a missão d'esses pilotos
Do caminho do céo. Se o Novo Mundo
Tem, na vida de esplendida riqueza,
O cascavel, de sonoroso silvo,
Mandou-lhe a velha Europa dos seus antros
Mais terrivel especie — o Jesuita.

Este, porém, que emerge do arvoredo,
Solicito buscando o suppliciado,
Era bom, era pobre, um santo homem,
O padre Anchieta, o apostolo primeiro
Que fez soar a nova do Evangelho
Nas solidões da America. Bem haja!
Eil-o que se aproxima do tapuya
Emquanto dansa a tribu desvairada;
A fé dava-lhe agora o dom das linguas:

— Miseravel! a morte estende as garras,
Não tenhas medo; ainda ha outra vida,
E melhor, e sem fim! D'ella te aviso.
(Disse o padre fallando-lhe em segredo.)

«Deixa-me, embora.»
— Acceita hoje o baptismo!

Na mente o suppliciado revolvia
Sua impotente raiva, emquanto o padre
Na cabeça febril do prisioneiro
Espreme um lenço que embebêra na agua.
A tribu ao vel-o em tremebundo rito,
Ao qual attribuira o atroz contagio
Que a desvastava, — as dansas interrompe,
Contra o Jesuita pavido arremette,
No forte e immenso massurâma o enleia.
Promptas flexas o peito seu lhe visam:

— Senhor, Senhor! o apostolo fervente
Incredulo confessa o vosso nome!
Fazeis-me como a Saulo. A luz divina
Me illumine no derradeiro transe.
As brisas tropicaes, que vão levando
Os perfumes da plaga americana
Para o solio do Altissimo, alevantem
Minha oração humilde. Eu sou o obreiro
Da parabola santa da Escriptura,
Vim tarde, e vós pagaes-me o eterno dia.—

X

Sobre os dois condemnados imminente
Montões de flexas quasi se despedem,
Quando na umbrosa solidão do bosque
O clangor do boré retrôa. Hirtos
Ficam todos na cáfila; conhecem
Do maioral o toque, e n'esse instante,
Suspenso o golpe, o mando seu aguardam:

«Guerreiros! abaixae as vossas flexas.
Venho saber se acaso me descobre
O pagé, que de vós a morte espera,
O mysterio dos sonhos de Jurema.

— Eu o sei! — acudiu o padre logo.
«Como é o teu nome?
— Anchieta!
«Anchieta, falla!
Oh conta-me o que sabes d'essa Virgem
Que nos sonhos dourados me apparece.

— Pelo amor que tu sentes, vim de longe
Sulcando errante os mares; e por elle,
Como estás vendo, expuz-me a crú flagicio.
Pela sêde do amor que te devora
Eu dou por bem o ter perdido a patria;
Vim para fallar d'elle n'estas plagas,
E tu és o primeiro que me escutas!
A Virgem, que nos sonhos teus se mostra
É luz do céo, revelação distincta,
O seu amor se apura só na morte.

«Bem hajas, varão santo! (Volve o Bravo
Desprendendo-o do longo massurâma:)
Venerando pagé de um outro nume,
Talvez como Tupan? mais luminoso?
Dize o nome da Virgem que annuncias.

— Bravo! chama-se a Fé. Ella dá força
Para affrontar os mais terriveis lances.

XI

Isto dissera. No ár se repercute
Crébo estampido, inesperado estrondo,
De uma salva da lusa artilheria.
Aquellas solidões tacitas ouvem
A voz com que outros povos vêm prégar-lhe
Da civilisação. A tribu ingente
Dispersa-se confusa; o Chefe apenas
Junto do padre impavido ficára:

«Anchieta! o ár é puro; rutilante
O vulto de Tupan alegra tudo,
D'onde vem pois o temeroso estrondo?

— A Não das Quinas chega de Lisboa;
Oh vem commigo para ouvir as novas
Que traz da amada e lusitana terra.

Perto era a praia, e o padre chora ouvindo
O canto dos saudosos marinheiros.

CANTO II

Os Piratas do largo

1

Batida das tormentas, dos combates
Dos piratas do mar, desmantelada,
Rôto o velâme, a mastreação partida,
O costado arrombado por metralha,
Entrava na Bahia a não formosa
Chamada a *Frol do Mar*. Bem mais parece
Arremessada á praia pelas ondas
Como despojo de escarcéo tremendo,
Do que a altiva e gentil Capitania!
O que passára a Não no pégo immenso,
Na travessia do Oceano, as fomes,
Tempestade, abordagem de corsarios...
Não ha palavras que descrevam tudo!

II

Havia meio anno que partira
Do patrio Tejo seu; singrando ufana
Traz a seu bordo Jorge de Albuquerque,
Mancebo, cavalleiro, apaixonado,
Coração para a guerra e para amores.
Da frota immensa a Não apenas resta!
Traz Jorge de Albuquerque, ao qual compete
Vir sacudir os régulos selvagens
Que têm cercada Olinda. Elle partira,
Largara a vela na monção fagueira;
Piloto era Mem Vasques, homem firme,
N'esta volta do mar encanecido;
Havia pouco ainda, lhe morrera
A amada companheira da existencia,
Lisboa para elle era um deserto;
A orfandade e pobreza de uma filha
As saudades do mar lhe despertaram.
Voltou á vida das refregas, quando
Senil o corpo almeja por descanço;
E na carreira do Brazil procura
Ganhar o dote da infeliz criança.
Orfan, de seus quinze annos, vem com elle
Dulce, graciosa e mansa. A branca alcyone
Que se envolve na cerração do cabo,
Não vae mais descuidada sobre a vaga
Do que a virgem deixando lar e patria.
Ai visão com que o nauta sempre sonha!
Jorge Coelho de Albuquerque, joven
Mas destemido Commandante, brinca
Descuidado com ella na viagem;
E a cada riso pudibundo, ás fallas
Da mais encantadora ingenuidade,
Sente que o amor lhe vence o duro peito.
Dulce brincava e ria sem dar tino...
Que mal tem os quinze annos quando brincam!

III

Orfansinha de mãe, exposta aos mares,
Aos perigos de incognitas paragens,
Ia sorrindo ingenua sobre o abysmo!
Somnambula que na voragem passa,
Desconhecia a vida, o mal; alegre
Com a viva expansão da meninice,
Á beira da ama antiga se achegava,
Distrahida, escutando os velhos contos,
Historias da lareira.
«Oh não te esqueças
Hoje ao luar, na tolda da galera,
De repetir, a noite vae serena,
O conto de um amor em terra alheia.»

Era ao decimo dia da viagem,
Luar divino, magico, aprazivel
Só feito para cantos de saudade!
Achega-se a Ama então para a menina,
Sentam-se á ré, e com a voz dorida
Ia narrando-lhe um solão de amores.

IV

O Commandante Jorge de Albuquerque
Lento se aproximára; esteve ouvindo.
O clarão do luar se reflectia
Na face virginal; palôr incerto
Tornava Dulce apparição sublime.
Sentia cada vez o Commandante
Crescer mais a affeição pela criança!
Elle era tambem novo, e só contava
Vinte duas florentes primaveras.

Com a ideia do amor fero revoa
Na mente o atro lampejo dos recontros
Que vae ter c'os selvagens, na porfia
Do resgate de Olinda! Na amurada
Do navio se encosta a pensar n'ella;
As turbulentas vagas o embalam,
O susurro adormenta-lhe os sentidos,
E deixa-se levar de mundo em mundo,
Sem saber como confessar a Dulce
A vehemencia da paixão que nasce!
E quanto mais o impeto se exalta,
Quanto mais bate o coração oppresso,
Tanto mais a menina continúa
Absorta ouvindo a Aia que lhe conta
A historia dos amores de cativos.

V

Debalde procurava o audaz guerreiro
Como confessaria o amor occulto;
Sagrada timidez de uma alma pura!
Com Mem Vasques fallava, ia a dizer-lhe
Quanto sente por Dulce, e as palavras
Se atropellam nos labios sem sentido.
Filho e herdeiro de uma inclyta linhagem,
Tem Jorge de Albuquerque a nobre eschola
Da côrte portugueza; e bem se lembra
Lá dos serões do paço, onde com damas
Se falla sempre em verso. Alma poesia,
Serve-lhe tu de meiga confidente!
Dá-lhe uma estrophe, a mais apaixonada,
Um murmurio da Fonte de Vaucluse:

— Busco-te, como aguia busca a altura,
Como o impavido olhar o sol ardente;
Como busca erma praia onda plangente,
Busco-te, como o rio o mar procura.

E sigo-te de longe! Em noite escura
O Mago segue a estrella do Oriente;
A Columna de fogo, a raça crente
Segue pelos desertos na espessura.

Se alcançasse o teu vôo, nuvem suspensa
No diaphano empyreo, alma cativa
Viveria ao calor da eterna crença.

Não languesças ingenua sensitiva,
Não te percas pela amplidão immensa,
Como Ophelia na onda fugitiva.—

Ouvira Dulce a enamorada estancia,
Sorriu-se a medo, e agora lhe parece
Mais sentida do que os romances velhos
Que a descuidada infancia lhe embalavam.
«Cante-me outra canção, como as da côrte,
Como no tempo da Menina e Moça;
Nunca até hoje ainda as tinha ouvido.»

Jorge ao pé da amurada recitava:

—Morrer de amor, é vêr sempre o teu rosto
Quando ri para todos e não córa!
E vêr o brilho fulgido da aurora
Toldar-se em melancholico sol posto!

Morrer de amor é o intimo desgosto,
Que um riso gera, e a occultas a alma chora;
Morrer de amor, é vêr-me de hora em hora
A novas incertezas sempre exposto!

Quem te vê, mysteriosa criatura,
Sente-se escravo d'esse olhar traiçoeiro;
Por toda a parte o teu olhar procura.

Porque me fazes teu prisioneiro?
Se é só para cantar tua loucura,
Douda, para que me matar primeiro?—

VI

Traz a Não a seu bordo um jesuita,
Alvaro de Lucena; ao padre Anchieta
Traz um diploma do Geral da Ordem.
O padre ao vêr risonha essa donzella
Sentiu vontade de enluctar sua alma;
Vendo-a sem mãe, lembrou-lhe a paz do claustro
Para acolher a descuidada Virgem.
Quiz fallar a Mem Vasques... receiava...
Melhor seria inebriar a Dulce
Nos effluvios do amor divino. O padre
Descobrira que o amor se apossou de ambos:
Vê Jorge de Albuquerque mais seguro,
E Dulce como flor que desabrocha
Ao sol de uma manhã de primavera.
Jura roubal-a ao decidido amante
Para o redil de Christo. Mansa pomba
Sacrificada na ára ensanguentada!

VII

Lucena a cada instante volve a Dulce
Um olhar paternal, fallando unctuoso
Nas delicias do céo; Jorge emmudece,
Sem poder revelar toda a verdade
Do sentimento que trasborda na alma.

Trava-se entre ambos um mortal combate,
Lucta incognita, obscura, incomprehensivel.
Quem vencerá? O espirito das trevas
Tem por vezes recursos imprevistos!
A este tempo conhecera Dulce
No olhar do Commandante uma tristeza
Que a tornava mais branda, compassiva.
Nos grupos do convés o procurava,
Nos sustos da tormenta a vista d'elle
Dava-lhe uma indizivel esperança.
Não era a mesma Dulce; demudada
Na côr, e na expressão a via a Ama.
Nem pedia que lhe contasse contos!

VIII

Quiz Dulce comprazer com o costume
Da carinhosa Ama, e no regaço
A cabeça reclina, e agora pede
Que prosiga na historia do Cativo.
Aproxima-se Jorge; a Ama sorriu-se
Satisfeita por vêr que estão attentos.
Quem como ella respeita as velhas lendas?
Ou quem guarda com mais sagrado esmero
O thesouro das tradições antigas?
Fresca era a brisa, immensurado o esteiro
Que o galeão transpõe; e emquanto aos gritos
Do piloto obedece a marinhagem,
Segue o seu conto a boa cuvilheira.

IX

Attento ouvira o Commandante. Dulce
Suspensa, como um seraphim da altura,
Era mais bella n'esse instante; Jorge
Jurou comsigo para sempre amal-a.

Quer fallar-lhe de amor; mas como? O padre
Estuda-lhe os mais leves movimentos.

—Dulce, agora me lembra de um romance
Que aprendi em criança.
«Hade ser lindo!
—Quer ouvil-o? Meus Deos, tenho saudades
De um tempo que não torna! edade de ouro.—

Sorriu-se Dulce, e abriu mesmo a seu lado
Logar para assentar-se.
—Se me lembro,
E parte d'essa historia do Cativo
Contada por quem já o amor prendera.
«Ouçamos o romance entretenido.

X

Mal acabára a narração, as lagrimas
Já dos olhos de Dulce se desprendem:
São lagrimas de uns olhos de criança.
Mas confissão de amor não ha mais breve.

—Tel-a eu feito chorar... que pena, Dulce!
O que eu sinto por si, dava-me força
De o calar para sempre, se eu soubera
Que lhe trazia magoa.
«Não importa;
Como gosto de ouvil-o! agora conte
Historias sem pesar, contos alegres.
—Eu, soldado, a discretear com damas?
«Mas na côrte... lá nos serões vistosos...
—Inspiram-nos por lá beijos furtivos...
(Disse Jorge em segrêdo.) «Os beijos mentem,
Senão dera-lh'os d'alma e com vontade.

Estas palavras quasi imperceptiveis
Inebriaram Jorge; o cavalleiro
Nunca encontrára distincção tamanha.
Quiz disfarçar a commoção profunda,
Quasi alheio começa uma ballada,
Da sua infancia uma memoria linda.

Não póde agora Dulce ter o riso,
Vendo um retrato da paixão occulta
Que rebentara entre ambos. Indiscreta,
Com a graça invencivel dos quinze annos,
No feliz abandono da innocencia,
Colou a face aos labios do guerreiro.

XI

Susteve-a por momentos entre os braços,
Beijou-a descuidado d'este mundo;
Mas subito acordou do sonho aério!
Parecia impossivel a loucura;
Cobre a fronte a vermelhidão do pejo,
Pede perdão a Dulce em tom confuso.

XII

Vira tudo o negrento jesuita!
O vivo amor a maldição lhe exalta;
Jurou cobrir de lucto aquellas almas.
Jorge Coelho de Albuquerque, altivo,
O mais bizarro cavalheiro, logo
Se acercou de Mem Vasques:

—A vós peço
A mão da bella, encantadora Dulce.—

Benção celestial choveu sobre ambos.

XIII

Na orla do horisonte o sol se afunda,
Rispido o vento sopra do nordeste,
Pallidas sombras vão-se amontoando,
Formando a negridão da noite feia.
Sobre o convés a marinhagem crente
Se perfila, e á hora do sol posto
Resam a *Salve* em commovente côro;
Era energico o som d'aquellas vozes
Rudes, cansadas, cheias de verdade:

A SALVE DOS MAREANTES

«Em nome do Padre e Filho,
Do Espirito Santo, amen!
Digam a salve Rainha,
Em boa intenção de quem
Seu fado máo faz andar
Por sobre as aguas do mar.

Salve! Rainha dos Anjos,
Senhora e mãe dos afflictos,
No meio da tempestade
Ouvis os cansados gritos
Dos que andam sem descansar
Por sobre as aguas do mar.

Sois a doçura da vida,
O porto de salvamento;
O vosso manto azulado
Se estende no firmamento,
Formosa estrella polar,
Por sobre as aguas do mar.»

Reverbero final do sol da tarde
Reflectiu-se na vela branca, ao longe,
De um Bergantim perdido na distancia.
Os olhos todos para ali se fitam;
Outras velas, mais velas descortinam.
Que será? Desconfia o velho mestre,
O capitão sorri; juntos segredam...
Cheio de raiva brada o Commandante:

—Vem piratas francezes sobre o esteiro
Da lusa náo! Podiamos fugir-lhes
Protegidos na escuridão da noite;
Que faremos?
«Á capa, e o combate!»
Gritaram todos em tropel medonho.

Aprestam-se os canhões e os machados,
Alegre canta a marinhagem brava;
Ia a náo *Frol do Mar* singrando airosa,
Como garça real ante a rajada.
Lá sobre a madrugada, mal desponta
O primeiro diluculo, se avista
Um Bergantim francez, veleiro, ao perto;
Fallaram, mas não foram entendidos,
E aos acenos responde-lhes metralha.

XIV

Celérrimo o corsario se aproxima,
E emquanto orça a bombordo, descarrega
Trinta canhões por banda. Sacudida
A *Frol do Mar* se afasta, como a fera
Que se aparelha ao salto. Á Náo franceza
Vem de encontro, para metel-a a pique.

Contra o 'sporão o cavernâme geme,
Um rombo enorme lhe abre. Ouviu-se grita
De infernal, sanguinario desespero.
Redobra o fogo; o mastro de mezena
Faz-se em estilhas, vão com elle as Quinas.
De valor os prodigios não tem conta!
Ao mastaréo real subiu á pressa
Um gageiro a hastear nossa bandeira,
Sobre elle os tiros fervem, não tem medo;
Firme sustenta no alto o estandarte
Emquanto se prolonga a atroz peleja.

—Portuguezes! (bradára o Commandante)
Sois dignos d'este nome!
Isto dissera,
Quando um fumo caliginoso e espesso
Começá a erguer-se do corsario. Ardia!
Lavra o incendio horribil. Albuquerque
Teme o paiol do Bergantim, e manda
Para a não *Frol do Mar* vir os vencidos.
Faz-se ao largo, e não era bem distante
Que ouviram ecco de explosão tremenda.

E a Não seguiu na mesma singradura,
Vencidos leva os asperos sicambros.

XV

De todo se perdera no horisonte
O fumo do combate; o tombadilho
Tinto de sangue e cheio de pelouros
Do denodado feito lembra a gloria.
Foi golpe decisivo, mas gigante,
Fez pender o combate inopinado.

Agua aberta levava a Não; debalde
Se procura vedar.
Eis, de repente
Se avista á prôa um galeão de Hollanda.
Vem sobre a Não; mas Jorge de Albuquerque
Manda içar o estandarte lusitano!
Por salva, atira toda a artilheria.
Responde-lhe de lá nova descarga;
Um combate mortal se trava; varre
A metralha o convés dos dois navios.

O Commandante intrepido descobre
Que uma bala despedaçara o leme;
Não obedece ao mando a Não possante.
Elle vê a catastrophe imminente,
Teme a traição dos prisioneiros francos.
Denodado recurso de vencido!
Grita aos seus:
— Abordagem! abordagem! —
Ganchos de ferro atracam a galera
Do pirata hollandez; unem-se, embatem-se
Como na arena dois gladiadores.
Os machados pezados se despenham,
Em vez dos bacamartes luzem facas.
Não se ouvem gritos, só pancadas surdas!

O Commandante portuguez conhece
A traição dos francezes prisioneiros;
Brada aos seus, mas a embriaguez do sangue
Não deixa ouvir.

XVI

Na confusão sedenta,
Alvaro de Lucena, o jesuita
Andava, erguido ao alto um Crucifixo!
Dulce a seus pés caira desmaiada;

Um sicario francez ia a raptal-a.
Quando Jorge de um golpe o lança em terra.
Volta a si a menina. O padre falla:

«Oh salva-nos do angustioso transe,
O Senhor hade ouvir a tua prece!
De teu pae pela vida; pela sorte
De nós todos, um voto da tua alma!
Dedica a Deos a tua virgindade,
E n'um instante nos veremos livres.»

Deu-lhe a Cruz a beijar. Dulce profere
Voto inconsiderado. Pouco a pouco
A galera hollandeza que se afunda;
Houve um grito de regosijo immenso
E alarido de concentrada raiva.
Triumphavam mais outra vez as Quinas!
Como se afunda a mó do Apocalypse
O pégo sorve esse veloz corsario.

XVII

Ao outro dia, eis que avistaram terra,
Terras de Santa Cruz. Poucos morreram
No combate sangrento; aquella vista
Alegra, alenta os lassos marcantes!
E ao raiar da vistosa madrugada,
Na bahia de Pernambuco entraram;
Salva de artilheria os annuncia.
Desembarcam! Alguem na praia espera,
Na capella da Virgem, sobranceira
Ao mar, o padre Anchieta estava. Acenam...

O Bravo de Uiraçába fica absorto
Ante Dulce, a visão encantadora!
Beijam a terra os nautas ao tocal-a,
Juntos vão para a ermida render graças.

Ficou fóra o selvagem. Mudo escuta
Psalmo choroso que resôa dentro,
Alfim quebra o torpor em que jazia:

«É esta a voz suave,
A voz que me adormece!
Nenhum cantico de ave
A sua voz parece.

Trouxe-a a brisa dos mares
Da Mayri lá dos brancos;
Hãode os nossos palmares
Para ella ser francos.

Não se me dá que a morte
Acompanhe seus passos;
Sob os seus pés, que importe,
Meu corpo ande aos pedaços.»

CANTO III

Descolorida

1

Jaz sombranceira ao mar a Fortaleza
De Pernambuco: altiva sentinella
Da portugueza, hoje apagada gloria.
D'ali se alcança em baixo a capellinha
Onde Dulce resara a augusta prece:
Não tinha ainda derramado os olhos
Pela magica e extranha perspectiva,
Quando um sécco ruido e vozeria
Veiu acordal-a do agitado somno.

Era o guerreiro de Uiraçába, o chefe
Da tribu mais audaz, mais destemida,
Que vem dar preito ao pendão das Quinas;
O côro dos Moranduçáras segue-o
Executando os rapidos meneios
Que elle n'um gesto imperioso manda:

«Tocae a maráca
Valentes do bosque!
A serpe das dansas
Sedenta se enrosque.»

Que infernal confusão, que tropelia!
O Bravo mede os passos com a vista:

«Os lobos famintos
Saíram da toca!
Retrôe a maráca
Na rija itaóca.»

E cada vez com mais fragor as dansas
Se alargavam na vasta Fortaleza,
Como a ronda da noite de Walpurgis;
E proseguiram, se não fôra a vinda
De Duarte Coelho; elle é temido
Como governador, homem antigo!
Vem Jorge, seu irmão, Dulce, Mem Vasques
A vêrem estes usos, estas gentes.

II

Diz Duarte Coelho aos seus:
—É esta
A tribu mais indomita das brenhas!
De paz com ella tem as santas Quinas

Um perpetuo concerto. Mas eu tremo...
(Volveu a medo e como a olhar em roda)
Eu tremo quando vejo um jesuita
Andar pelo sertão; que o padre instiga
De continuo o selvagem á revolta!

Depois volveu ao Bravo taes palavras:

—Bem vindo é o guerreiro a quem adorna
A mais brilhante e singular plumagem!
É feliz a alegria que me inspira
Homenagem sincera.

III

N'isto, o Bravo
Se lança em terra; ali depõe as armas:

«Meu arco, aljava e settas
Deixo tudo a teus pés!
Minha firme alliança
É franca, bem o vês.»

Eis que o Governador lhe entrega as armas,
Retribuindo o abraço com que sella
A paz jurada. Salva a artilheria!
E ao ribombo estridente se revolve
Na mente do selvagem negra ideia:

«Se a tribu hoje soubesse
Que o chefe mais altivo
A atraiçoôu, fazendo-se
Aqui mesmo cativo?

O amor, o amor só póde
Tornar minha alma escrava!
Que outro poder vencêra
O Bravo de Uiraçába?»

Ergue os olhos do chão e observa ao perto
A visão que de longe se entreabrira:
Vê Dulce, o devaneio vaporoso,
A voz que chama sem saber de d'onde!
Voltou-se para ella, a medo, simples
Na sublime rudeza, na candura
Da impolluta verdade da sua alma:

«Virgem annunciada
Nos sonhos de Jurema!
É o rir de tua bocca
Alegria suprema.

Como são loiras
As tuas tranças!
Assim nas matas,
Por entre as franças
Branca Jacy
Teus raios lanças.

Mãos delicadas
Feitas de neve!
Beija-as o lirio
A furto e leve.»

Ia para beijar a mão tremente
O nú do coração; Dulce recúa!
Mas Jorge de Albuquerque o arremete,
Quasi para deitar-lhe a mão...
— Suspende!
Brada o Governador — não vês que ateias,
Assim, cruenta e escusada guerra?

IV

Tinham chegado os padres jesuitas,
Alvaro de Lucena e o bom Anchieta;
Perceberam de arteiros o conflicto.
Tudo ajuda os seus planos:
«Vê, repára
Na paixão que inspirara Dulce ao Bravo!
Oh! como elle se exalta a cada instante.»

Nem Lucena sabia este segredo.
Alfim devolve ao mestre:
—«Ella não sabe
Quanto amor o selvagem sente ao vel-a:
É bom! é bom que o amor se fortifique.
«Dulce trará para o redil de Christo
Este indigena bruto! É santo o preço
Com que paga esse amor, pois n'estas plagas
Faz diffundir a luz do Evangelho.
—«São de Apostolo, mestre, as vossas fallas;
Mas Dulce falla e ri tão distrahida
Com Jorge de Albuquerque!»—
«Occulto plano
Trago na mente; em breve é d'aqui longe
O galhardo mancebo! É rifão velho,
O amor nasce da vista. Oh não te esqueças
Que trazemos uma alma ao christianismo.
—«Mas como afastaremos Jorge e Dulce?
«Chiton!» devolve Anchieta; e vagoroso
Do Bravo de Uiraçába se aproxima,
Fallaram em segredo, longamente:

«Oh bravo de Uiraçába,
Dize-me tu, se ainda
A tua horda soberba
Não atacou Olinda?»

Como a onça da brenha, refalsada,
Logo o selvagem percebendo o padre,
Respondera na lingua não sabida:

— Dei ordem ao assalto
Hoje ao alvor primeiro!
Um traidor pytigoar
Será o mensageiro. —

«Pódes estar seguro da promessa!
Hade a Virgem dos sonhos de Jurema
Pender entre teus braços. (Diz Anchieta:)
Abraçando-a, abraça a fé de Christo.
O puro amor de Dulce ao céo eleva!»

Um frenesim de jubilo se apossa
Do selvagem ridente; manda á tribu
Recomeçar as dansas estrondosas:

«Tocae a maráca
Valentes do bosque!
Á serpe das dansas
Que se desenrosque.»

Ficou deserta a Fortaleza. As hordas
Vão-se embora e com ellas vão os padres,
Os solitarios do sertão. Receia
O bom Governador da santidade:
Quem ousará tugir? Não acabava,
Quando ali surge, como por encanto,
Desgarrado tapuya, annunciando
Novas ruins, e novas de alvoroto:

«Senhor! novas trago:
Um fero cabinda
Cercou na alvorada
O forte de Olinda.»

Já Duarte Coelho não se espanta
Ouvindo a aterradora novidade;
Por instantes deteve-se calado!
Percebeu d'onde vinha esse desastre.
Que importa? Se a coragem lhe dá força!
Não longe estava Jorge, esbelto, airoso,
Todo fervor e crença e patriotismo!
Garbo e donaire confiança inspiram.

V

«Jorge! (lhe diz o irmão) como és criança!
Contas vinte dois annos: ninguem sabe
Assim do mar como da terra os lances,
Como tu meu irmão! Eu sou herdeiro
D'esta Capitania; a cada instante
Me sinto accommettido do gentio.
Para o reino pedi auxilio: eu disse
Que um só braço podia n'estas plagas
Fazer de portuguez temido o nome:
Era o teu. E bem hajam a Rainha
E seu neto, que á empreza te chamaram!
Estas Quinas imploram teu soccorro,
Acode prompto ao traiçoeiro cêrco;
Alto serviço n'isso a Deus tu prestas,
Á patria, a ti. Provar podes agora
Alma de portuguez! Salva-me Olinda.
— Pela Fé, pela Patria rompi mares,
Affrontei do hollandez a catadura,
Fomes, tormentas, mas eu quero, eu quero
Morrer por ellas no palmar longiquo! —

Assim dissera Jorge inabalavel;
Dulce, não longe, ouvira e entristecera,
Baixou o rosto como um lirio pende

Quando se esvae ultima luz da tarde!
Dulce, ainda na aurora da existencia
Vê cerrarem-se á vida os horisontes,
Rosa descolorida!

VI

A soldadesca
Prestes desce á bahia; vae na frente
Por Commandante Jorge d'Albuquerque.
O dia declinava, aziago, triste;
A virgem sóbe anciada ao promontorio,
E contempla no vacuo que lhe fica.
Que diriam no perturbado aceno:

«Luz e calor
Da minha vida:
A voz me falta
Na despedida.

— É para ti
Alma d'esta alma,
Do meu triumpho
A verde palma.

«Não te entristeça
Cruel distancia,
Tu bem conheces
Minha constancia.

— Se nos separa
A morte dura,
Como eu te amára
Na sepultura!

VII

Esfuma-se no vago a barca bella,
E n'essa hora tranquilla inda se escuta
Com a ressaca a voz dos mareantes.

Emquanto Dulce alonga ao mar os olhos
Rasos de agua da amarga despedida,
Sente ao perto um rumor. Repara: o medo
A voz abafa, e tira o movimento!
Era o selvagem que a adorava em terra.
O intrepido guerreiro das florestas
Se aproxima com susto, e brando falla,
Toma-lhe uma das mãos, nevada, fria:

«Ouvindo a tua voz,
Senhora, não resisto!
Venho pedir-te a sós
Me ensina a fé do Christo.
. . . . . .
Caem-lhe soltas no hombro
As tranças do cabello;
Brisas, a este assombro
Prendei-me em infindo élo.

Assim linda, parece
Flascida sensitiva,
Quando ao sol que amanhece
Se torna rediviva.

Ai quém me dera agora
Ter a voz do carinho,
A voz que tem, senhora,
O colibrí do ninho.»

VIII

Eis que os dois padres jesuitas surdem.

«Venerandos pagés! oh não perturbem
O somno d'esta virgem de Jurêma!»
Bradara o Bravo extactico de goso.
Dulce acordára de um lethal deliquio:

= Que voz magica é esta que fascina,
E me confrange e quebra? =
Volve Anchieta:
— «Olha a teus pés a humilde criatura,
Bruta, como a produz a natureza,
Cega, como quem anda sem ter crença!
Infunde a luz n'aquella mente obtusa.
Oh baixa ao limbo da sua alma ignava,
E falla-lhe de amor, do céo, de Christo!»

Bravo: Eu acceito o baptismo,
Se Dulce amor me jura!

Anchieta: Abre-lhe o paraiso.

Dulce: Abrem-me a sepultura.

CANTO IV

Noite escura da alma

I

Depois que Jorge fôra para a guerra,
Não mais uma hora teve de descanso
A lastimosa Dulce. Feral sombra
Lhe empana o rosto affavel, delicado.

O noivo anda perdido ha tanto tempo
Pelo sertão espesso, combatendo
O pérfido gentio. Jorge ignora
Do baptismo ao selvagem, que detesta,
Dado por mãos de Dulce. Deus! mal haja
Quem faz a burla á sombra da innocencia.

II

Ouve-se um côro marcial distante,
Ruido de atambores, vivas, hymnos
De triumphante marcha; já se avistam
Hasteados pendões a tremularem.
Á frente lá vem Jorge de Albuquerque,
Cavalleiro gentil, enamorado;
Poucos dos seus regressam; vem ufano
Com a gloria nas armas alcançada.
Sae ao encontro ali Duarte Coelho,
Abraçam-se os irmãos:
— Irmão, é salva
Tua Capitania!—
E entrega a espada.
Os que em redor estavam choram, vendo
A honradez de tão galhardo moço.
Com effusão de jubilo o abraçam,
Só Dulce fica immovel, indecisa
Como quem se recolhe a sós comsigo.
Jorge, franco e leal, moço e alegre,
Aproxima-se, e vem sem extranhesa,
Diz, lançando-lhe os braços, a sorrir-se:

— Não penses que a victoria,
Dulce, é tua rival!
Fiz respeitar a gloria
Do velho Portugal.

Eu fui e vi Olinda,
Como Cesar, venci!
E no combate ainda
Nem lá eu te esqueci.—

Dulce com voz entrecortada, a medo
Vagamente articula e balbucia:

«Que saudade cruenta
O coração me rala!
Parece que me alenta
O ouvir a tua falla.»

Ia atirar-se aos braços do amante,
Quando ao pé, de repente, surge Anchieta
E vem padre Lucena, apostrophando:

«Detem, Jorge, a profanação medonha!
Oh não toques na virgem consagrada;
Ella fez voto ao céo do seu futuro.»

—« Vês este Crucifixo ao alto erguido?
Este mesmo eu ergui inda mais alto,
Lá quando o mar bramia e retumbava
Com a metralha do hollandez pirata.
Dulce jurou sobre este Crucifixo,
Pela vida de um pae que amava tanto,
E pela salvação dos que se viam
No mais horrendo transe da abordagem;
Jurou ser pura ao céo; lembra-te d'isto!»—

Aterrado recúa Jorge; Dulce
Sentiu entrar-lhe a morte dentro d'alma,
E o gelo do sepulchro ir extinguindo
As affeições que o coração sentia.

III

A este tempo o sino das trindades
Soou na torre da formosa ermida,
O som pelas quebradas se repete.
A guarnição da lusa Fortaleza
Com respeitosa crença se perfila,
Inspira crença a resa do soldado.
Com respeito e fervor intimo então
A mimosa oração que os anjos cantam:

AVE MARIA

Já na ermida as trindades
Bateu solitario o sino;
É quando nascem saudades
Do tempo em que era menino.

«Ave! açucena illeza,
Maria, mãe de Jesus!
És o escudo da pureza,
És do mundo aurora e luz.

Maria, nome de encanto,
Graça! eleita do Senhor;
Com teu azulado manto
Amparas o peccador.

Ave! Rainha das virgens,
Flor dos valles de Judá;
Seio de castas vertigens
Dos incensos de Sabá.

Oh, bemdita entre as mulheres,
Firme tronco de Jessé,
Do teu seio ao desprenderes
O fructo de nossa fé.»

Na ermida de além da serra
O sino bateu trindades;
É quando os anjos na terra
Choram do céo com saudades.

IV

Terminada a oração, Jorge procura,
A contristada amante; quer fallar-lhe,
Afastar o terror que a vence e prostra;
Não dá com ella, chama... em vão a busca!
Todos ficam solicitos, não sabem
Por onde vaga a entristecida virgem.

Um presagio de morte aziago nasce,
Á luz de fachos pelas aguas remam
Em busca do seu corpo!

V

Ao outro dia,
Pelas florestas dentro vão errando,
Mem Vasques, Jorge, e os padres jesuitas
Que sabem as veredas das balseiras.

Dulce andava alheiada, espavorida;
Os vestidos rasgados pelas sarças,
Os pés ensanguentados, sem dar tino:
Ia fallando a sós, como em segredo,
Linguagem desconnexa, entrecortada:

«Enlutaram-me a vida
Sem remedio!
Tornaram-m'a soturna, aborrecida,
Com o tedio.
Converteram meu sonho
Em chimera!

Sinto que me envergonho
Do que era.
E eu era uma criança
Descuidada!
Hoje é minha esperança
Sombra, nada.
Ando por esta brenha
Confundida!
Não sei se vá, nem venha
Mais perdida.
Perdida alva açucena
Entre abrolhos;
Perdida a luz serena
Dos meus olhos.
São lagrimas rosario
Na clausura!
Tu, véo, és um sudario
Da sepultura.
Voto feito com medo
Na tempestade...
Matarem-me tão cedo,
N'esta edade!»

VI

De Dulce o canto dirigira o passo
Ao namorado e ao pae que a procuram.
Era á beira de um caudaloso rio,
Cercado de salgueiros pelas margens;
Brando arruido acompanhava o canto...
Vão apoz a donzella. Os Jesuitas
Por um atalho cortam, vão saír-lhe
N'um ápice ao encontro. Aquella vista
Inesperada assusta a fugitiva!
Vê no burel a negridão do inferno,

Leve se furta, quasi ás mãos a tomam,
Arqueja de fadiga, chega á margem
Na corrente febril se precipita!
Quando Jorge chegou, só póde vêl-a
Á flor de agua levada, como a rosa
De uma verde grinalda desprendida:
Quer lançar-se á torrente! padre Anchieta
O segura por feitos e palavras,
Ante os olhos lhe poz um Crucifixo.
Jorge falla com ironia acerba:

A UM CRUCIFIXO

—Pregado em uma cruz de ébano expira!
O alvor do corpo de marfim deslumbra
A vista que divaga na penumbra
Dentro da cella aonde a alma lá suspira.

Cada pisada chaga é de saphira;
Reluz na sombra que o altar obumbra!
São aljofres as lagrimas... Resumbra
Em tudo a dôr que em extasis delira.

Doce Jesus! sem conhecer a vida,
E sem saber porquê, na flôr da edade,
Chora a teus pés a infancia amortecida:

Vêr perder-se a alegria, a mocidade,
Ou vêr-te exangue n'essa cruz erguida,
Qual fará, bom Jesus, mais piedade?—

VII

Assim fallára, quando repentino
Sentiu-se ao perto o baque de agil corpo
Na corrente das aguas. Olham todos
Para verem se algum jaguar surgira!
Viram nadando o Bravo de Uiraçába;
N'um momento elle alcança a flor caída,
Tral-a á margem. Mas Dulce estava morta.

Jorge abraça o selvagem. Sem fadiga
Sustem o Bravo o corpo inda nos braços,
Os padres o rodeiam; elle falla:

«Em vida ella era vossa,
Esta flor delicada!
Nas vossas mãos ferinas
Murchou-se, abandonada.

É bem que hoje na morte
A abrace um instante;
Adormecida é bella,
Não sou eu seu amante?

Oh colibri saudoso,
Cantas a boa nova,
Que manda o que repousa
Para sempre na cova.

A tarde vem descendo,
O meu dia é findado;
Venha o gélido somno
Tendo Dulce a meu lado.»

E com furor o corpo aos hombros lança!
Perto estava um outeiro; presto sôbe,
Seguem-no os outros pávidos co' a vista...

Eil-o que chega ao cume, e lá do alto
Do boré tira um penetrante silvo.
Os ecos interrompem o silencio
Da mais vetusta e secular floresta;
Outro silvo agudissimo repete,
O signal de perigo, ao qual se ajunta
Ardida tribu cannibal, sangrenta.

De improviso, de cada canto sáem
Vultos sem fim de alipedes guerreiros:
A falda da montanha se enegrece!
Alfim retrôa o derradeiro toque...
Ao rumor a mudez funerea segue,
E os maioraes da tribu perguntaram:

—Guerreiro! tu chamas,
O que é que decretas?

«Entrego o meu arco,
Aí estão minhas setas.

Trahi minha tribu,
Não devo ser rei!
Da selva as veredas
Ao branco ensinei...

As crenças antigas
Que ouvi de Sumé,
Troquei-as por outras,
De Christo é a fé.»

Isto dissera o Bravo arremessando
O carcaz para a multidão suspensa;
Elle immovel, de pé o peito amostra,
Chuveiro de yatagans o atravessa!
Ouviu-se pela immensidão das matas
Côro horrendo, soturno, pavoroso:

— A seta que parte
E as feras amansa,
Do indio trahido
Proclama a vingança.

PARTE III

CYCLO DA LIBERDADE

MOVIMENTO ESTHÉTICO, SCIENTIFICO E PHILOSOPHICO,
CONCORRENDO PARA
O PROGRESSO MORAL, ECONOMICO E POLITICO

ELENCO PHILOSOPHICO

DO

CYCLO DA LIBERDADE

A emancipação das fatalidades cosmicas e sociaes só é alcançada depois de um longo percurso historico em que se accumulam todas as experiencias do passado; esse conhecimento, conduzindo á descoberta da invariabilidade das Leis naturaes e do condicionalismo psychologico, permitte um certo numero de previsões e de applicações immediatas, tornando assim objecto de sciencia, isto é, de observação e de dedocção, a maior parte dos phenomenos, que anteriormente eram explicados em vez de notados. A tendencia para a submissão ao incognoscivel diminue com o desenvolvimento do criterio experimental, e as Religiões ou syntheses provisorias formadas sobre o conjuncto syncretico de Causas ficticias, decaem nos espiritos, que procuram as relações das cousas pelo processo scientifico. Tal é o alto estado de consciencia, em que o individuo se sente tanto mais livre, quanto se abstem de luctar ou procurar intervir na marcha das leis naturaes.

No advento a este estado mental e moral, ha uma provisoria *decomposição* das velhas concepções tradicionaes, das crenças herdadas, das formas sociaes transmittidas pelo automatismo do costume; e ha uma phase de *recomposição* em que com os dados inductivos da sciencia o homem procura formar uma nova synthese do universo ou propriamente uma Philosophia. O negativismo representado historicamente na epoca das heresias religiosas e das revoluções politicas, que vem desde o seculo XII, attinge a sua crise mais intensa sob a actividade especulativa dos Encyclopedistas. A aspiração reconstructiva revelada por Diderot, comprehendida pela Convenção franceza, torna-se o principal destino do nosso seculo, em que o criticismo negativista é um facto isolado diante da grande corrente reconstructi-

va. Na phase dominante da negação critica, apparece por momentos o individualismo anarchico; porém, esses typos mais preponderantes, como Bacon, presentiram a necessidade de uma subordinação a um fim commum — a elevação da Humanidade.

A Philosophia

Ode em que se esboça a nova synthese do universo pelo accordo ou unidade entre as noções subjectivas formadas pela nossa vibração sensorial, e os dados objectivos recebidos do mundo exterior. Por este accordo é que se attinge a realidade pelo maior numero de relações induzidas, que nos aproximam da verdade. Os trabalhos de Berkeley e de Hume, cada um sob o seu aspecto exclusivo preparam a conciliação critica de Kant, e successivamente as syntheses tentadas sobre a forma do accordo d'estes dois elementos imperscindiveis do conhecimento por Fichte e Schelling; no meio da dispersão metaphysica, Augusto Comte, subordinando-se ao destino humano, descobre a mutua dependencia da unidade mental, da unidade affectiva e da unidade activa, constitutivas da Synthese suprema que levarão o homem ao estado normal, a que ha tanto aspira.

A PHILOSOPHIA

(Peza)

I

A Barca de Pedro

Emquanto se ignorou da Terra o movimento,
E o homem não sabia achar no firmamento
Pelo espaço o seu marco,
Então, bastava Pedro arvorado em piloto,
O rudo pescador! mas hoje, podre e roto
Jaz sobre a praia o barco.

No horisonte de além visando a tempestade,
Quando outr'ora levava a pobre Humanidade
Na curta cabotagem,
Era sempre o seu porto a fria sepultura;
Singrando a medo fez mais triste a criatura
Na incerta viagem.

O homem subordinou da Natureza a força!
No couraçado, como altiva e enorme corça,
O mar todo percorre!
Foge ante a tempestade, e liga os continentes,
Cingem então o orbe electricas correntes,
Da Rasão se soccorre.

A Sciencia alargou os términos do mundo;
O germen cellular da vida achou profundo
No longo encadeamento;
Ensinou a transpôr de um vôo as alturas,
E dos Dogmas descreve as velhas estructuras
Como um detrito lento.

Quem hoje ha que obedeça á voz de um Patriarcha?
E tempo de varar de Pedro a fragil barca
Quebrada no areal!
Quem póde achar firmeza ali n'aquelle esquife,
Se a Terra é o baixel que nos leva ao recife
Do Oceano sideral!

II

A miragem

Por calmas e por sêdes devorado
Na desvairada caravana, exhausto,
Aquelle que atravessa por desertos,
Se ao longe avista de encantado Oásis
Fugaz, consoladora perspectiva,
E o vulto aério de palmeiras verdes
A balouçar-se em suspirada brisa,
Supplantando a fadiga pela esperança
Cobra alento um instante, e febril marcha!

Mas, ai! ao cabo de tediosas horas,
Quando a amplidão infunde o esgotamento,
Furta-se á vista o Oásis desejado.
Como o vapor que a imagem reflectira,
A rapida illusão esvae-se, e o triste
Cáe no areal, que exânime o sepulta.

Assim caminha errante a Humanidade;
Na ingente caravana da existencia,
Sem saber para onde, vae levada
Na corrente vital por entre dores,
Miserias, decepções, luctas e morte;
Tenta em vão descobrir d'onde partira,
Quer desvendar um horisonte infindo,
Busca embalde alcançar o seu destino!
N'essa hora, então, na mente hallucinada
Ostentam-se as miragens deslumbrantes
Das visões subjectivas que a enganam,
Nuvem pulverulenta, com que a cegam
Sepultando-a na funda obscuridade!

Eis a miragem do Eden d'onde vimos,
Esta a visão da Terra promettida,
Do Deus pessoal, e de uma vida eterna,
Das recompensas do sonhado Empyreo,
Dos beijos das Walkyries, e dos gosos
Do Céo, do Svarga e do sensual Walhálla.
Religião! conjuncto de miragens
Das indistinctas emoções do homem,
Que lhe incitaram seus primeiros passos;
Ao renovar-nos a ficticia esperança,
Calas a decepção pelos embustes.
Nunca, nunca dos seculos na série
Se achou confirmação para taes sonhos!

Os alentos que infundes, quebrantaram
As másculas, as fortes energias,
Pela embriaguez extáctica, passiva,
De uma contemplação esteril, vaga,
Em que a mente se absorve e se consome
Como a lampada que arde n'um sepulchro.

O deserto é sem fim! Anciosa, incerta
Prosegue a Humanidade na romagem,
Como Ahasvero ou Kheder, para diante,
Colhendo as agonias das edades:
A miragem dos Dogmas é mentira,
E aquelles que mais crêram, succumbindo
Deixaram-nos a duvida, por onde
Nós transitamos de criança a homem!
A reflexão servira-nos de norte;
E em vez de irmos por mares e desertos
Confiados na miragem seductora
Da Columna de fogo ante o propheta,
Desprezámos das Causas o perstigio.
Conduziu-nos a duvida á conquista
Das Leis, as Leis que a Natureza regem!
Cede á Rasão a Crença, ao real o sonho,
A illusão da mente ao objectivo.

E como o que transpondo oceano immenso
Por entre as cerrações e as borrascas,
Por vendavaes, entre medonhas syrtes,
Segue observando a bussola seguro:
É assim a Rasão — norte immutavel,
Viva estrella polar, que ao homem fixa
No turbilhão do Cosmos o esteiro
Por onde attinge a comprehensão das cousas.

III

Como o que está n'um Dédalo, perdido,
Acha o fio conductor e se liberta,
Tal a Rasão, ao homem desvendando
Relações complexissimas dos mundos!
Liberta-o dos enigmas insoluveis
Do *Porque?* e do *Para que?* a Sphinge
Que devorou das gerações o esforço,
Precipitando-as, implacavel, muda,
Nos abysmos de hieratica apathia.
A Rasão, comprehendendo o universo,
Deduziu da infinita variedade
A unidade de uma lei bem simples:
A persistencia eterna da Materia!

Como a Materia, é eterno o Movimento,
Identico, nas orbitas dos astros,
Nas vibrações imperceptiveis do átomo,
Na transmissão da cellula inconsciente,
Na irradiação esplendida da Ideia!
Lançando o olhar pelo universo infindo,
O vôo da Rasão, audaz, potente,
Atravessando as sombras, os absurdos,
Vasa que deixam as edades mortas,
Observa o jogo e evolução das forças
Da elaboração cosmica infinita:

O Firmamento

Por esse Espaço aberto o olhar se espalha:
Poeira de astros, sóes, constellações,
Como estilhaços de feroz metralha,
Se alastram nos confusos turbilhões!

O Universo é o campo da batalha:
Os planetas extinctos e já frios,
Anneis quebrados, páramos vazios
São destroços dos férvidos baldões.

O aspecto deslumbrante, aério, lindo,
Da lucida corôa zodiacal,
D'esse combate violento, infindo
Occulta o ésto n'uma curva ideal
Sereno reluzindo!
A lucta dura ha seculos sem conta,
E em suas formas a Materia aponta
Vestigios do conflicto primordial:

Como se abarcam dois athletas fortes,
Peito a peito, oscillando n'um vae-vem,
Ambos eguaes no embate, como cohortes
Que se esmagam no espaço que as retêm,
Trocando os fundos córtes:
Cahos e Cosmos, soltos degladêam,
Assim como os irmãos quando se odeiam,
Como no mytho lucta o Mal e o Bem!

Rompe a continua e indomita refrega,
Ribombando na gélida amplidão;
Cahos rue, a Materia desaggrega:
No vórtice da ignota repulsão
Eis franca, vã se entrega!
No cadinho que as cousas gazifica,
Estrellas, sêres, tudo identifica,
A luz, o pensamento, a aspiração.

Da inerte massa até á Consciencia,
Da volição até á viva luz,
Tudo volta á recondita immanencia,
A forma ao amorphismo se reduz;
Nem substancia ou essencia
Já distingue os esparsos elementos;
Como varrem os areaes os ventos
O átomo intangivel se produz.

Cahos venceu! No insondado abysmo
Fluctua, como envolto em nevoa; a sós,
Na convulsão final do cataclysmo,
Restituindo á Materia apoz
Seu individualismo!
Desfaz-se tudo como a solta malha,
Mas o fio enovela-se... A batalha
Retoma outro vigor, é mais feroz.

Já Cosmos o combate recomeça
Como em arena de amplidão sem fim;
Procura aonde firme estabeleça
Resistencia ou apoio, aonde alfim
Mais forte permaneça!
Mas é tudo sem pezo, tudo instavel,
Sem dimensões o átomo insecavel,
Incoercivel assim.

Tudo se agita em convulsão constante,
A dispersada massa o vacuo encheu;
Fixar o que fluctua vacillante
Cosmos procura a traça; e percebeu
Ahi triumpho ovante!
Ao vasto nimbo de átomos primévos
Se arroja, impelle-os com impulsos sévos,
Comprime-os um instante.

Comprime-os um instante, e o giro todo
Se perturba da rotação egual;
A translação começa. Achando o modo
De combater a repulsão lethal,
Junge átomos a rôdo!
Como ao rolar uma avalanche alpina
Augmenta ao envolver-se em neve fina,
Irrompe além no val;

Assim por essa translação primeira
O nucleo se formou, aonde vão
Como em um rodopio de poeira
Adherindo na inerte construcção
Massa á massa ligeira.
Cosmos crê no triumpho! Mas quem orça
O tempo quando? Substitue-o a força
Na longa evolução.

Principiou a Nebulose immensa
A revolver-se, vaga, sem cessar,
Obscura ainda, gélida, propensa
Ao movimento interno, singular
Que rapida a condensa.
Os átomos congregam-se infinitos,
Como os gigantes dos vetustos mythos
O Olympo tentam juntos escalar.

Cosmos aggrega-os para a lucta ingente;
A molécula é como a legião
Elementar, tenaz e resistente;
Contra a nova energia lucta em vão
Cahos quasi impotente!
No systema do intrepido equilibrio
Quebra-se a vaga etherea com ludibrio,
Começa a affinidade e a attracção.

Como as sedentas Ménades se atiram
N'uma coréa rapida, febril,
E n'essa oscillação em que deliram
Conservam a cadencia no ár gentil;
As moléculas giram
Á procura, na aberta immensidade,
Da prévia orientação da affinidade
Com que tecem a forma a mais subtil.

Tudo é trevas ainda! Mas redobra
Da central Nebulose a marcha já!
Tal como enrosca os élos uma cobra,
No imo seio, onde o calor está
A força se desdobra—
Em outra força—a luz diamantina,
Perenne, scintillante, que fulmina,
A Luz, que a côr e a graça ás cousas dá.

Cosmos começa a construcção insano,
A construcção do Universo; e vae
Como architecto proseguindo um plano;
Tomou por base a densidade, e cae
Tudo a molde no arcano.
Os deslumbrantes, sideraes systemas
São os rythmos e estrophes dos poemas,
Tudo d'esse determinismo sae.

Cahos busca o triumpho em mil azáres
Na repulsão da onda refulgente;
Cria Cosmos os nucleos solares
Que vêm ligar a Nebulose ingente
Que se alastra nos áres.
Cahos ataca a creação sublime,
A vibração electrica lhe imprime
E a thermica expansão, forças dispáres.

Na Nebulose a convulsão fremente
O Espaço coalha com milhões de estrellas,
D'esse pó sideral resplandecente;
Formando a curva a Via-lactea, fel-as
De um brilho albi-nitente.
Cosmos á lei da rotação submette
Os corpos fragmentados, e repete
Como centros as constellações bellas.

Encheu o Espaço de um eterno dia,
E da harmonia ignota das espheras;
Mas Cahos já redobra de ousadia,
Accumulando as coleras mais féras,
Na lucta proseguia;
Desprende d'esses sões, tumultuarias,
Incandescentes massas planetarias,
Perdidas na amplidão escura e fria.

Já Cosmos tira força d'essa ruina,
E pela acção da gravidade, immensa,
As detem; de um reflexo as illumina,
E pela rotação forte as condensa.
Mas Cahos imagina
Uma invencivel traça, uma das suas...
Que se quebrem em numerosas Luas
Anneis equatoriaes da crusta densa.

Cosmos com mais audacia continua
Na construcção do esplendido Universo;
Das incoerciveis forças uma a uma
Com que o combate aquelle irmão adverso
Não rejeita nenhuma!
Do electrico fluido se apodera,
Do Calor e da Luz, e n'elles gera
Novo equilibrio em que anda agora immerso.

Os elementos chimicos se alliam,
Como fizera em sideraes systemas;
Combinações organicas se criam
Realisando outras formas, outros themas,
Que a Vida presagiam.
Oh visão inaudita da Materia!
Como da extrema dissociação ethérea
Consciencia e Vida são formas supremas.

Cahos um golpe certo comprehende,
E imprime-lhe a mortal caducidade;
Mas contra este defeito que desprende
O equilibrio vital em curta edade,
Cosmos bem se defende:
Soube fixar-lhe o impulso hereditario;
Da menor resistencia o curso vario
O põe em busca pela immensidade.

Assim, deu-lhe um poder que o transforma
Esse eterno Protheu, céllula viva,
Que busca a indefinida, a ideal norma
Reagindo contra a morte que o priva
Da consciente fórma;
Vencendo a força que lhe trunca a vida,
Transmitte a perfeição adquirida
Na ascencional série successiva.

Ainda agora a eterna lucta dura,
No dualismo tremendo que se alterna;
Cahos vae de vencida, mas procura
O momento remoto em que governa
Dissociação escura,
Para desmoronar astros jucundos,
Precipitar os sóes, embater mundos
Conflagrando-se em convulsão interna.

Para tanto recolhe as energias
Que perde a evolução pelos espaços;
Irradiações da luz, as ardentias
Das ondulações thermicas, e escassos
Eccos das harmonias
Do universal concerto das espheras.
Não é debalde, Cahos, que inda esperas
Supplantar Cosmos nos vindouros dias!

Homem! que assistes á infinda lucta,
Como o que observa o drama já em meio,
Hoje o sentido intimo perscruta,
Deixa o pávido, aério devaneio
Que a visão alta enluta!
Quem ergue o véo que empana a transparencia
Da solução que buscas? Eil-a, a Sciencia
Eleva-te á Consciencia, é este o meio.

A força que transforma e a que conserva
São eguaes entre si, por isso oscillam,
Cad'uma o sempiterno rythmo observa,
Na mutua successão não se aniquillam,
Nenhuma d'outra é serva.
A repulsão e a força aggregativa,
Como em dualismo estão Vichnu e Siva,
N'um infinito identico se azylam.

Vós, que brilhaes na Via-láctea, estrellas,
Sol, que as energias nos alentas,
Terra, que assim opaca vás entre ellas,
E a Consciencia e a Vida em ti sustentas,
D'Arte as concepções bellas,
A noção racional e a Liberdade,
Tudo são formas d'essa dualidade,
Mas transitorias, gradativas, lentas.

IV

É o universo o vasto taboleiro
Do complicado jogo a que assistimos;
Ai do que ignora a lei d'esse andamento.
Temos como parceiro o Incogniscivel,
Sempre implacavel ao mais leve engano;
Observação, conhecimento, é o lemma
Por onde a certa via se descobre.
Estão hoje os Oraculos já mudos,
O reducto da liberdade do homem
Ergue-o um novo Poder — o da Sciencia!
Reproduzindo as leis que o Cosmos regem,
Verificando-as, torna este ente debil
A synthese consciente do universo.

V

O fecho da abobada

Depois que a larga abobada se fecha,
Tira o architecto os simplices, as traves,
Materiaes provisorios, que serviram
Na construcção grandiosa alevantada!
Pois bem, agora, Sacerdocios, Dogmas,
Privilegios de Castas, Dynastias,
Ficções da Auctoridade hereditaria,
Mantidos pela inercia do costume,
Pelo perstigio absurdo do passado,
Vós sois os velhos simplices que restam
Da aggregação da sociedade antiga.
É tempo de varrermos o edificio
Atrancado de tanta cousa inutil;
Tal como está, é a Sociedade a tunica
De Nessus, o individuo adstringe e mata!

Quem pelo instincto proprio se revolta,
Ou pela reflexão audaz se eleva
A esta dissidencia austera e digna,
O sentido possue do Verbo augusto.
Percebe-o Kant, o espirito que vira
Como as forças se alternam e equivalem,
Sem Deus fixando as normas do universo;
Baixando á terra o olhar, attento observa
Um singular phenomeno estupendo!

O cataclysmo social da França
Lhe absorve a attenção toda, desviando-o
Da visão sideral! No cahos novo
Vê da violencia dos pessoaes arbitrios
Leis naturaes, perpetuas, immutaveis
Determinarem contra a Auctoridade
As condições irrevogaveis de ordem!
Momento unico! Assim n'aquella mente
Póde formar-se a synthese suprema
Unificando o Cosmos e a Consciencia!
E onde todos só viram anarchia,
Uma calamidade inexplicavel,
O diluvio de sangue e paixões brutas,
Viu a trepidação de outro equilibrio!
Sente que assiste á formação de um mundo,
Procura ancioso a marcha evolutiva:
A Historia comprovou-lhe a marcha ignota,
Deduzindo da lenta acção do tempo
Que accumulara enormes injustiças,
A intensidade da tremenda Crise.

Quem soltará o Verbo da concordia?
Philosophia! — o accordo das consciencias,
Que lá desde Aristoteles a Bacon,
De Descartes, a Kant, a Hume, a Comte
Traçou o novo sulco á Humanidade.

CANTO DUODECIMO

UNIDADE IMPULSIONADA PELA REVOLUÇÃO OCCIDENTAL.
ATÉ AO FIM DA GRANDE CRISE

ELENCO PHILOSOPHICO

DO

CANTO DUODECIMO

No grande drama da Historia que se succede sob a forma da Revolução occidental, os seculos XVII, XVIII e XIX comprehendem a sua phase violenta e decisiva, deixando presentir a aproximação da harmonia de uma Edade normal. Para representar essa Revolução profunda em todos os seus aspectos complexos, idealisamos os successos mais significativos e pittorescos em uma vasta Epopêa, formada de trez Trilogias, com poemetos sobre cada uma das suas phases de decomposição. É esta vista de conjuncto que nos faz comprehender a sua grandeza, e insistente solução final.

A EPOPÊA DA REVOLUÇÃO

GIGANTOMACHIA

Preludio sobre o desenvolvimento normal da unidade cerebral, ou o accordo das trez Syntheses fundamentaes, Philosophia, Sciencia e Poesia, pela mutua e necessaria dependencia entre a subjectividade e a objectividade.

I. **Duvida cartesiana.** — Pequeno quadro do esforço dos Philosophos para abandonar o perstigio das Causas, e investigar as Leis.

II. **Venceste, Galileo!** — Esforço para reconstruir o estado synthetico, abandonando as noções absolutas pela relatividade.

III. **Ficção social.** — Demolição dos velhos ideaes polytheicos por incompativeis com o estado mental moderno, e necessidade da intervenção negativa da Arte. A denominada *Querella dos Antigos e Modernos*, no seculo XVII é a manifestação d'esta crise esthetica, prevalecendo a consagração das novas obras litterarias. O nome de Perrault, que luctou para vindicar a legitima preponderancia da Arte moderna, torna verdadeira a ficção de Ariosto renovada com um sentido social.

4.ª TRILOGIA

Os Athletas da Ideia

A Revolução occidental, que se manifesta no seculo XVII, emquanto á crise mental nas poderosas syntheses philosophicas de Bacon e Descartes, na sua forma social manifesta-se na reacção violenta contra o Protestantismo, na revolução politica de Inglaterra sob Cromwel, e no negativismo critico dos Encyclopedistas sob as duas escholas de Voltaire e de Rousseau, determinando por fim a grande explosal temporal.

I. LEVIATHAN

Poema sobre as perseguições contra o Protestantismo; o seu titulo é tomado da personificação com que o genio pessimista de Hobbes caracterisa a revolução moderna, que tendia para a crise final de 89. A revolução que agitava já os espiritos no seculo XVII é combatida pela colligação das Monarchias absolutas e Catholicismo sob a direcção jesuitica. Contra este retrocesso dá-se a vindicação da liberdade de Consciencia pelos propios elementos foragidos de França, refugiados na Suissa, Allemanha do norte, Hollanda e Inglaterra, verdadeiros precursores da elaboração mental dos Encyclopedistas, que precederam a phase activa de 89, como disseminaram os germens das Revoluções da Inglaterra e da America, que por si influiram na Crise final.

II. MILTON

O poeta, que acompanha Cromwel e idealisa a Revolução no *Paraiso perdido*, já cego enlerra-se na visão subjectiva para resistir ao desalento de espirito, quando a Restauração catholico-monarchica explora os velhos preconceitos.

III. O BANQUETE DOS LIVRES

O individualismo protestante torna no seculo XVIII em França a expressão da livre critica, com que os Litteratos actuam na decomposição da synthese theologica, sem comtudo poderem entrar no trabalho de reorganisação do Poder espiritual. A Encyclopedia caracterisa este periodo de dispersão doutrinaria. O Banquete em que figuram as trez escholas revolucionarias de Voltaire, Rousseau e Diderot, é a Ghild da Confraternidade universal, que começa a fazer-se sentir, e que vem dar á Revolução o aspecto do restabelecimento da Justiça sobre o arbitrio da Graça. Dom João apparece como o symbolo do seculo XVIII, sensual e artista, mofador e incredulo; cercado de marquezas e damas em uma cêa desenvolta, o pagem chega aterrado pelo ruido estranho da queda da Bastilha, exclamando: *Ah, Senhor!* Era mais do que o espectro, era a Revolução. E mão poderosa e anonyma agarra o gentil devasso, arrasta-o com a côrte e a nobreza para o Tribunal revolucionario e d'ali para a guilhotina.

2.ª *TRILOGIA*

A explosão da Força

A longa crise mental que se continúa da Renascença até aos Encyclopedistas, no fim do seculo XVIII transforma-se em uma explosão temporal, na Crise franceza. O movimento philosophico ou doutrinario na primeira phase organica da Revolução produzira uma cena unanimidade dos espiritos revelada no 14 de Julho e no 4 de Agosto. Porém, interrompida no seu periodo decisivo pela morte de Danton e pelo sacrificio inutil dos representantes da Sciencia, da Philosophia e da Poesia, Lavoisier, Condorcet e André Chénier, sob a dictadura sanguinaria de Robespierre, a morte d'este preparou o caminho para a crise da orgia militar napoleonica, ou o cyclo das guerras do Imperio, cujas iniquidades perturbaram e obscureceram o sentido social e humano da Revolução.

I. A CIDADE UNIVERSAL

Poema sobre a grande crise da Revolução, no momento em que se dá o conflicto entre a Escholа de Rousseau, ou deista, conduzindo ao retrocesso, e a Escholа de Diderot, que esboça a reconstrucção ou Synthese social sem Deus nem Reis. Venceu o rousseauniano Robespierre, e exerce-se desde logo o Terror, sendo a principal victima Condorcet. No seu retiro

percario, diante da perseguição do sinistro rhetorico, Condorcet concentra-se na contemplação da evolução geral da Humanidade, tornando a Historia o campo da observação e da previsão para a Sciencia social, que tende a instituir-se. Dentro do quadro da lucta do grande chefe temporal, Danton, que salva a Revolução, e que vem a cahir victima do absolutismo theorico de Robespierre, é que se passa o drama da morte de Condorcet.

II. A QUARTA CORDA DA LYRA

No periodo do Terror, ainda sob a dictadura de Robespierre, é guilhotinado o poeta André Chénier, que fizera no seu espirito a harmonia entre o genio de Homero e a expansão da alma popular. Trez dias mais tarde teria escapado á carnificina, por que a morte do furioso Rhetorico fez cessar o Terror e despejarem-se as prisões. Chénier ao proferir as celebres palavras: *Pour tant, j'avais quelque chose là!* referia-se ao pensamento de uma nova Epopêa da Humanidade, cujos tentames subsistem nos fragmentos do seu poema *Hermes*. É este ideal verdadeiramente a quarta corda da Lyra; em todas as epocas da evolução humana os Poetas deram forma aos sentimentos construindo a synthese espontanea da concordia social. Elevando-se dos Hymnos religiosos, da idealisação da vida domestica e da consagração da vida publica nas Epopêas nacionaes, até á aproximação das tradições de todas as raças, foram elles que desvendáram o ideal profundamente real e universalista da Humanidade.

III. A ORGIA MILITAR

Poemetos esboçando o cyclo das guerras do Imperio, em que o aventureiro Corso coadjuva o retrocesso, restabelecendo a preponderancia da Egreja e a hierarchia feudal de uma côrte caricata. Representa-se essa agitação egoista, que paralisou a reconstrucção social, e explorou a restauração anarchica dos velhos elementos conservantistas.

I. A sepultura do Heroe. — Representa-se o desvio da corrente da Revolução pela validade do Corso, como faziam os Reis barbaros que se sepultavam no leito de um rio desviado do seu curso.

II. A covardia do Bravo. — Quadro da situação final da batalha de Waterloo, em que Napoleão depois de derrotado, tendo no dedo o annel envenenado com que se suicidou Condorcet, atira-o fóra por lhe faltar a coragem para morrer dignamente.

III. Napoleão moribundo. — Representa-se todo o Passado demolido pela Revolução symbolisado em uma Montanha, em cujo algar

Napoleão sepulta os corajosos demolidores. Michelet sentiu a eloquencia d'esta imagem: «Que a Justiça tenha supportado mil annos sobre o coração esta *montanha do Dogma*, que ella tenha, n'este esmagamento contado as horas, os dias, os annos, os longos annos. Isso, para o que o sabe, é uma fonte eterna de lagrimas. O que me feriu o coração foi a longa resignação, a doçura, a paciencia, foi o esforço que a humanidade fez para amar esse mundo de odio e de maldição sob o qual a acabrunhavam.» (*Bibl. de l'Humanité*, 478.)

IV. **Os Semeadores da Peste.** — Allegoria da propaganda da lenda heroica napoleonica feita pelos litteratos e artistas sem comprehensão do destino social, dando em resultado o estabelecimento do Segundo Imperio.

V. **Parada sinistra.** — Quadro synthetico das guerras napoleonicas provocado pela demolição popular da Columna da Praça Vendome, encontrando-se o instincto da multidão em accordo com a consciencia da historia.

3.ª TRILOGIA

Revoltas do Espirito

O seculo XIX herdou a missão constructiva iniciada pela Revolução franceza; mas a perturbação das velhas fórmas sociaes, que desmoronaram, e das crenças ficticias que perderam o dominio das consciencias, acordou o instincto conservantista, e o Imperio militar de Napoleão, a Santa Alliança dos Reis contra os Povos, a Restauração e o regimen das Cartas outorgadas, a agitação socialista, a theoria das grandes Nacionalidades e a Republica burgueza acceitando os anachronismos do regimen Catholico-feudal, prolongaram a crise revolucionaria sob a apparencia de transição explorada pelos *partidos medios*. Os grandes Poetas da Europa sentiram este longo interregno do espirito, e pelo espirito continuaram a Revolução na forma negativa do protesto. Byron, Goethe e Victor Hugo são os gritos da consciencia moderna, em uma civilisação falseada pelo conservantismo burguez, em que a Sciencia transige com a crença n'um dogmatismo official, e em que o destino pacifico da Industria se subordina aos esteréis apparatos militares». E esses grandes Poetas, com capacidade para idealisarem e definirem nos seus cantos luminosos o estado normal da Humanidade, foram uns insurrectos, que subsistirão como eloquente commentario de uma phase transitoria da consciencia, n'este prolongamento que se tornou anarchico. Na idealisação do seculo XIX, na Epopêa da Historia, os vultos de Byron, Goethe e Victor Hugo são as estrophes da revolta contra uma acção regressiva; como poe-

nas elles sentem e exprimem todas as antinomias entre os sentimentos, os pensamentos e os actos.

I. TEDIO DE HAROLD

A reacção da Europa contra a Orgia militar napoleonica foi organisada pelos decahidos elementos catholico-feudaes, que sophismaram esta necessidade urgente de pacificação, confundindo os crimes do Côrso com o odio á França e contra os principios proclamados pela Revolução. Essa reacção chamada a Santa Alliança dos Reis contra os Povos, não podendo apagar a Liberdade conquistada, deturpou-a attribuindo-lhe um caracter de concessão ou outorga do absolutismo. Tal foi o regimen das Cartas Constitucionaes e do Parlamentarismo representativo. Byron, que a si mesmo se personificou em *Harold*, pela sua superior organisação artistica sentiu a falsidade da situação da Europa, e repellido pelo hypocrita conservantismo inglez, torna-se o Poeta da insurreição moral: nas suas peregrinações comprazem-se na comprehensão da solidariedade dos Povos occidentaes, e pelas Revoluções de 1820, na Italia, Hespanha, Portugal e Grecia moderna, descobre que a Europa já não estacionará, e apaixona-se pelo symptoma fecundo da reviviscencia das pequenas Nacionalidades até ao ponto de sacrificar a sua vida.

II. VIGILIAS DO FAUSTO

O genio especulativo do seculo XIX representado no typo lendario do *Fausto*, tem a sua completa expressão em Goëthe, extraordinaria organisação poetica, que attinge o problema da unidade cerebral pelo accordo da Imaginação e da Rasão, elevando-se pela harmonia da Poesia e da Sciencia a uma synthese universal, ou Philosophia. O poeta identifica-se no typo do *Fausto;* aos vinte annos, generoso, apaixonado, romantico, inspirando-se de Shakespeare, obedecendo aos impulsos do coração: no regresso da Italia apaixona-se pela Arte antiga, e consegue a serenidade calma; por ultimo, procurando um ecclectismo universal, unifica a poesia, a sciencia, o espirito antigo e o moderno, no goso de um vasto saber e na harmonia das suas faculdades. Assim o define Saint René Tallandrier.

A sciencia fragmentaria, especialisada, sem subordinar-se a uma necessaria synthese fundamental, como a cristallisaram as Academias officiaes, é representada pelo poeta no typo de Wagner; em Mephistopheles, está symbolisado o seu amigo Merck, continuador do espirito critico e negativista do seculo XVIII. Goëthe saúda a epoca da reconstrucção synthetica, interessando-se pela lucta scientifica entre Geoffroy Saint Hilaire e Cuvier, no Instituto. Na sua Lyra affinam-se as tres cordas ou Sentimentos da *Verdade*, do *Amor* e do *Bem*, attingindo o bello. É o que o torna immortal. «O duplo sentimento do *verdadeiro* e do *bom*, não seria nitidamente expresso, sem que o sentimento do *bello*, que é, em todo o genero o instincto da perfeição rapidamente apreciada, não desesse tambem surgir: etc.» (Comte, *Cours*, VI, 759.)

III. STRUGGLE FOR LIFE

O ultimo grande conflicto da força militar, que é a mancha do seculo XIX, foi motivado pela França napoleonica, que desviou a missão d'aquelle povo do seu destino de unificação das potencias da Europa, membros solidarios da definitiva Republica occidental. Vencida pela Allemanha imperio-feudal pelo criminoso consentimento das outras nações da Europa, derrotada em Sédan, levanta-se triumphante no campo da Industria. Foi a proclamação de uma nova Edade. E como para universalisar as idéias é preciso que tomem a forma de sentimento, a França exaltou o seu poeta Victor Hugo como aquelle que durante vinte annos no desterro de Jersey lhe fortificou a consciencia moral, e como o que melhor sentiu a missão hegemonica de Paris, continuadora de Athenas, de Roma, de Florença e da Hollanda. Victor Hugo recebeu da França e do mundo a legitima apotheose: *Sob o Arco do Triumpho*, significando o fim das glorificações militares; e *Sob a crypta de Santa Genoveva*, como a substituição das sanctificações theologicas, pela incorporação na vida subjectiva d'aquelles que serviram a Humanidade.

A Trilogia épica das *Revoltas do Espirito* não vae além d'esta phase negativa da Historia; convém porisso accelerar a evolução humana para a vida normal pela melhor comprehensão do seu destino. É esse futuro para o qual tendemos, que convém definir scientificamente, idealisar artisticamente e tomar por objectivo de toda a existencia affectiva, especulativa e prática, tanto collectiva como individual. Essa será verdadeiramente a Epopêa do futuro, como indica Augusto Comte. Por qualquer lado que levantemos este véo do porvir, sempre se esboça radiante a figura simultaneamente real e ideal da Humanidade, esse ponto luminoso de convergencia ou fóco para o qual se accumulam todos os esforços, todas as descobertas, todas as dores e triumphos de cada geração que viveu para si, sem comprehensão da sua solidariedade com a especie.

A EPOPÈA DA REVOLUÇÃO

GIGANTOMACHIA

Na velha tradição poetica da Grecia,
Escalaram o céo intrepidos gigantes,
Intentando roubar aos olympicos numes
O divino poder!
Crebro sobre elles cáe o raio! peripecia,
Em que ficaram sob os montes arquejantes,
Confundindo ao ranger de dentes e queixumes,
Ameaças de volver.

Recomeçou a lucta! e para que a consagre
Colombo apoz ter dado o dominio fecundo
E mais vasto da terra, um novo continente,
N'esse anno em que morreu,
Copernico descobre o systema do mundo;
Kepler formúla as leis, que excluem o milagre
Com que se encobre o Deus dos espaços no ambiente,
Leis são dadas ao céo!

Escala Galiléo o Olympo alto! o gigante
Pela funda visão telescopica impéra!
Fixa a gravitação da tellurica esphera
Newton já; e Laplace, em calculo possante
Da amplidão sideral determina o equilibrio.
A divina Chimera
Desalojam, emfim, do espaço com ludibrio.

I

Duvida cartesiana

Era crédulo e simples, como criança,
Quando, implacavel contra mim avança,
Sobre a estrada da vida infinda e larga,
A Duvida!
Com ironia amarga,
Inflexivel, e de sinistro aspeito,
Brada-me então:
«Luctemos peito a peito;
Se te vencer, vão-se os doirados sonhos,
Que te alentaram annos bem risonhos.
Tu, rei da creação, que á tua imagem
Formaste Deus n'uma feliz miragem,
Para quem é o sol um lampadario,
E a terra o tablado de um scenario,
Se eu te vencer, verás quanta miseria
Te prende ás leis que regem a materia.
Á lucta! peito a peito; braço a braço;
Se triumphas, peior! lethal cansaço
Prostra-te em hieratica apathia,
E absorto na extáctica idiotia,
Serás santo, ou fetiche n'uma gruta!»

Procurei evitar a estranha lucta
Seguindo para diante.
Como paira
Por sobre um morto o abutre, eis me desvaira
A mente, vendo a Duvida a seguir-me
Como segue a um corpo a sombra; firme,
Foi-me arrancando os Symbolos augustos
Que afugentaram meus primeiros sustos,
Os Dogmas, os Mysterios, os Sophismas,
Do espirito os subjectivos prismas.

Quando parei da fuga na vertigem,
Contemplo! as cousas mostram-me outra origem,
N'uma relação intima, latente.
Olho em volta de mim! era o presente
De uma apparencia nova, seductora,
Illuminado de uma infinda aurora.

Todo eu, já pela Duvida envolvido,
Forçado em terra a dar-me por vencido,
Ia prostrar-me ao absoluto imperio...
A Duvida, alumiando-me o criterio,
Me impelle para diante, com vehemencia:

«O que julgaste a Duvida é a Sciencia!
Fortifica-te o espirito em verdade;
Possuindo o livre arbitrio da vontade,
Caminha! teús o imperio da consciencia.».

II

Venceste, Galiléo!

I

Possuido do espirito sereno
Da magestosa e ideal Philosophia,
Procurou atalhar esse veneno
Da religiosa Orgia
Da expiação e vago messianismo,
O Imperador Juliano! E aos desatinos,
Revivescencias do Polytheismo,
Contrapoz os Mysterios Eleusinos.

A impetuosa corrente
Das lagrimas que choram pelo Christo
As mulheres, que o amam loucamente,
Propagou-se com um furor não visto!
A emoção plangente
Do sacrificio, o lugubre mysterio
Tem de revolução social um mixto,
Que ameaça o Imperio!

Mais póde o sentimento
Irreflectido, ingenuo,
Do que o sabio no lucido argumento,
Ou a façanha do guerreiro strenuo!
Da plebe ante o labéo
Desalentado exclama Juliano,
Na lucta contra o emotivo engano:
— Venceste, Galiléo!

II

Dos antigos a ideal Philosophia
Vencer não póde, não
Esse contagio da hallucinação
Que da Asia sobre a Europa se estendia.
Contamina o Poder! horrida phase
Do religioso mal;
Certa e experimental
Á rasão não lhe dava a Sciencia base.

Triste, o ascetismo o homem hallucina;
Eis que a visão concreta
Da Natureza as mentes disciplina,
Novas Sciencias enceta,
Fundadas sobre a objectiva base!
Co' telescopio invade audaz o céo,
E imprime o seculo outra ideia á phrase:
— Venceste, Galiléo!

III

Ficção social

No debate sem fim, denominado
Querella dos Antigos e Modernos,
Com que exprimiu um seculo o latente
Conflicto das ideias do passado
Que as Religiões exploram, e Governos,
Reagindo contra a marcha do presente;

Perrault, ao tomar parte
No salão onde estavam discutindo,
Narrou, e com que arte!
Com que primor e gosto!

Um velho conto, ingenuo, simples, lindo,
Recordação de Ariosto,
Que era, em vez de argumento, allegoria
Que orientava a questão e a vencia:

•

«Era uma Princeza encantadora!
(Por princezas as bellas reconheço)
Formosa, incomparavel, que por preço
Da gentileza, a quê ninguem resiste,
Tambem fadada fôra
Com um terrivel dom, um dom bem triste.

No fim de certos annos, a Princeza
Da esplendida beldade despojada,
Por medonha surpreza,
Inevitavelmente
Via a graça do talhe transformada
Em horrida serpente.

Máo grado essa apparencia repugnante,
Conserva sempre o natural humano;
E almejando o instante
De libertar-se do horroroso engano,
Procurava com timida anciedade
Nas pessoas o instincto da piedade.

Dos que a viam na feminil belleza
Tinha as adorações, a homenagem;
O triumpho completo!
Perseguição, crueza
Provocava com hediondo aspecto
De ophídica visagem.

Se a tratavam com modo compassivo,
Facilitava-se o anciado instante,
O momento furtivo
Em que liberto o espirito cativo,
A serpente de aspecto repugnante
Torna á feminil forma deslumbrante.

Quando a Princeza, bella apparecia
Radiosa e serena,
De uma graça e expressão sublime, rara,
Nunca mais, a Princeza se esquecia
Dos que a trataram com bondade e pena
Sob a hedionda forma que arrastára!

Quantos afugentaram a serpente,
Ignorando o mysterio
D'aquelle dom fatidico e occulto,
Do seu odio soffreram o imperio;
Vinha o castigo irremissivelmente,
Nada ficava inulto.

Pois todo o conto tem moralidade:
Oh transfiguração da Liberdade!
Ideal supremo, augusto, puro e grande,
Da belleza moral! Quando se expande
Na convulsão da escrava sociedade,
E terrivel se exhala
Toda a paixão dos corações oppressos,
O que não sabe conhecel-a, amal-a,
Perdoar-lhe os excessos,

N'essas crises que vêm de edade em edade,
Para ante o carro triumphal, que o esmaga,
Sem vêr na forma monstruosa e vaga
O humano Ideal que busca a realidade.»

Na Querella de Antigos e Modernos
Dominando o espirito agitado...
Surge a Revolução, funda, latente;
Embalde as Religiões e os Governos
Impõem o perstigio do Passado,
Da Ordem contra o Progresso do presente.

1.ª TRILOGIA

OS ATHLETAS DA IDEIA

I

LEVIATHAN

(POEMA)

CANTO I

Os trinta dinheiros

1

Já velho, e desdentado pelos vicios,
Ossos cheios de cárie, Luiz Quatorze
Não sáe dos aposentos, onde passa
Da demorada doença aborrecido.
Força-o ao tedio o longo tratamento
Da operação da fistula do anus!
A França inteira soffre aquelle tedio
Da fistula nojosa; ah, mesmo a Historia
Consigna tristes, lamentaveis factos,
Absurdos do capricho, e desvarios
De um organismo á dor impaciente.

A fistula separa duas épocas
Na vida do Rei-Sol: d'antes, prazeres,
Garbo e pompas, cavalheirismo e graça;

Depois, perfidia ignobil, aborrida,
Guerras injustas, cannibaes matanças,
Uma nação em ruinas condemnada
Debaixo do odio das nações da Europa!

Nos aborrecimentos prolongados
Do leito apparatoso, o Rei boceja;
Ninguem consegue distrahil-o! É morta
A veneranda e placida rainha;
Morto é Colbert, o activo e audaz Ministro.
Sente-se o soberano solitario;
Desconfiado e tacito procura
Em cada rosto uma intenção occulta:
Nas damas, que o adoram, vê a ardente
Ambição do seu thálamo vasio;
Nos cortezãos a intriga, ávidas garras
Só para a pasta de Ministro erguidas.

Não quer o Rei, que o pús que verte e infecta
O ár ambiente, ataque o alto perstigio
Do seu privilegiado e sacro vulto!
Bem poucos têm entrada no aposento.
Um só tem sempre a qualquer hora entrada,
O Confessor, o astuto jesuita,
O ladino Lachaise!
O habil Padre
Comprehende a gravidade do momento;
Convém aproveital-o! Jámais póde
Ser escutado pelo Rei, nos dias
Das estridentes festas e caçadas,
Nem nas intrigas dos sensuaes amores.
Agora... agora é força distrahil-o,
De cousas mil fallar-lhe, envencilhal-o
Nas calculadas sugestões: A aranha
Envolve lenta em delicados fios
Estonteada mosca, que após suga.

O Rei, o Confessor, sósinhos ambos,
Fallam intimamente. Um tem a força,
O outro a astucia... Oh fabula, oh verdade,
Do Lobo e da Raposa: a astucia vence!
Narra o Padre com tenebrosas côres
A conjuração tréda de Inglaterra
Pelo infame Oáte descoberta:

—Em Inglaterra a mortandade é grande,
O catholico sangue corre a jorros!
Os Protestantes cuidam que encontraram
De uma conjuração tramenda o fio,
Que a Companhia de Jesus tramára
Contra o governo, e a favor do Papa!
Quantos martyres conta a Companhia!
Tantas perseguições são uma affronta,
Um doésto pessoal contra a grandeza
Do Rei-Christianissimo de França
Que, bondoso, toléra em seus estados
O livre culto a esses Protestantes,
Que industrias e riqueza em si concentram.—

Sentiu-se o Rei ferido na vaidade,
Mordendo os beiços ao de leve.
O Padre
Sentado junto ao leito do monarcha
Continúa insinuando mansamente:

— Como o solio dos Papas, hade um dia
Hade o throno dos Reis ser abalado
Pelo attentado do Protestantismo!
Quem prégа a liberdade de consciencia,
E politica liberdade exige,
Entre o Rei e a Nação abre um duello.

Nova soberania o Povo acclama.
Quem não vê sobre o cépo envilecido
A cabeça do rei Carlos primeiro
Pelo machado do algoz truncada?
Qual foi o crime seu? Elle queria
Manter intemerata a auctoridade
Do regimen real. O ignaro Povo,
Como esse Leviathan do Apocalypse,
Monstro indomavel, a cabeça erguendo,
Sem dó commette o infando parricidio.
Oh, Philosopho Hobbes, viste claro
Quando o Povo representaste um dia
De Leviathan na insólita figura.
Viste a Revolução desencadeada,
Brandindo o facho horrivel da anarchia,
Levando em uma tumultuosa vaga
O ungido de Deus ao cadafalso. —

Mudo fitava Luiz Quatorze o Padre,
Como quem penetrava a allegoria
Do estupendo monstro da Escriptura.
Prosegue o Confessor:
—Os reis da Assyria
Para cingirem a corôa, em prova
Luctavam com leões em vasta arena,
E depois da victoria, gloriosos
Se assentavam n'um throno inabalavel.
Ha um Rei a que a Europa chama Grande,
Que é a gloria de um seculo, o modelo
Dos reis da Terra: *Viro immortali!*
É a divisa da triumphal estatua
Na Praça das Victorias levantada.
Só terão estes titulos valia
Perante a Historia, um dia, se o monarcha
Que os destinos da França rege, emprehenda

Combater esse monstro, acorrentando
O Leviathan, a agitação do Povo,
E leve dos vassallos as consciencias
Á submissão pacifica e serena
Da unidade da Crença e do Imperio. —

Ouvia o Rei attento, e percebia.
N'isto, o medico entrou; ergue-se o Padre,
Interrompendo a sugestão maligna;
Ao sahir, com Louvois se acotovella,
E diz, com ár celeste e malicioso:

— Ámanhã, em Mont-Luiz de madrugada.

II

Em Mont-Luiz? era ali o doce azylo,
O ignorado e esplendido retiro
Onde Lachaise frue os ocios santos,
Quando enojado da profana côrte,
Das confissões e intrigas palacianas,
Dos espinhos secretos do governo,
Quer viver para si alguns instantes.
Em Mont-Luiz quem ousa procural-o?
Perturbar-lhe a concentração piedosa?
Só no caso da salvação das almas.

Ainda a aurora não rompia; bate
Com signal conhecido á porta um vulto;
Era Louvois. Abriram. Que se trata
No mysterio d'aquella confidencia?
Nada menos que o cargo de Ministro:

—Morto, e bem morto está Colbert, aquelle
Ministro activo, incrédulo, damnado,
Que acima da Religião do Christo
Punha a Industria franceza, engrandecida
Por decretos innumeros, sem nunca
Consentir que os infames Protestantes
Pelo governo fossem perseguidos!
Em um paiz catholico, que affronta
Ás consciencias puras, vendo herejes
Livremente o seu culto praticarem.
Morto é Colbert! Quereis a pasta d'elle?—

Não hesitou Louvois um só momento;
Sorri de intelligente, e baixo inquire:

«As condições quaes são?
—Poucas! Em troca
Da pasta de Ministro, Luiz Quatorze
Hade extinguir em França, e para sempre,
A Religião dos Protestantes.
«Juro-o.
—Serão seus templos todos derrubados,
Sem que subsista pedra sobre pedra!
Ás familias arranquem-se as crianças,
Internem-se em conventos de mulheres
Onde esqueçam a heretica doutrina.
Occupadas militarmente sejam
Dos religionarios as moradas;
Confisquemos os bens que lhes dão força.—

«Eu, Louvois, com taes clausulas concórdo.»

Outros tantos decretos imagina,
Em que assoalhar o nome de Ministro;

Lachaise o pacto firma, ali submette
Do Ministro futuro a vil chancella
Com que hade os crimes encobrir na historia,
Fazendo jorrar sangue a humanidade.

III

Não descança no plano audaz o Padre!
Da Maintenon no quarto entra de noite
O intrigante Confessor. Lachaise
Foi surprehendel-a affogueada em pranto.

— Porque são essas lagrimas? — Indaga,
Melifluo o padre a insinuar-se unctuoso
Como a Serpente mythica do Eden.

Voltando a si do mal fingido susto,
A Maintenon responde:
— «O meu antigo
Confessor, padre Gobelin, notando
Que a desenvolta Montespan exerce
Seducção nos sentidos do monarcha,
Temeu pela moral, logo que soube
Como eu estava já deliberada
A abandonar a côrte para sempre!
Impoz-me que ficasse aqui, dizendo,
Que para o Rei a salvação estava
Á humilde presença minha unida.
Fiquei. O Rei ás outras me prefere;
A Montespan minha rival, sedenta
Jurou vingar-se: ás claras já me ameaça.
Vêdes? Lucta de morte, ou eu ou ella!

— Bem, disse o Padre Gobelin, bem disse
Que ficasses, obediente filha;
E ficarás de vez: serás Rainha!...

— «Rainha! eu?...
— Sim. Lembra-te da hora
Quando o Rei te abraçou magoado e triste
Depois do funeral da esposa. Basta!
De uma palavra minha o casamento
Do Rei comtigo hoje depende. Agora
O que me dás em troca?
— «Tudo.
— Tudo?
— «Serei a lima em tuas mãos; eu, filha
Da Companhia, a obediencia levo
Mesmo até ao peccado, até á morte.

— Promettes, pois, do Rei obter, que seja
O Edito de Nantes revogado?
Que termine o labéo da santa Egreja,
Que as consciencias á revolta alenta,
Emancipadas do Poder do Papa?
— «Prometto!...
— Que triumpho! N'esse caso
A Rainha de França eu felicito.
E dou-lhe a absolvição para que possa
Enriquecer os seus irmãos, doando
Os bens aos Protestantes confiscados. —

E dizendo isto o Confessor ajoelha,
Beijando a mão á Maintenon, que treme
Olhando com espanto, receiosa
Das maneiras brutaes que o padre emprega
Na direcção espiritual das damas.

Lachaise, n'um relance com que a fita,
De perfidia diabolica repleto,
N'um tom que faz gelar o sangue, exclama:

— Francisca d'Aubigné! —
Balbuciante
A Maintenon empallidece! O Padre
Prosegue n'um entono que domina:

— Vê bem que és neta de Theodoro Aggrippa,
Esse que males tantos fez á Egreja!
A ti cumpre expiar tamanhos crimes
Contra o céo, contra Deus! Lava essa mancha
No sangue impuro e vil dos Protestantes.
Sobre o espirito do Monarcha exerce
O influxo, o fervor; é nosso o triumpho! —

IV

O Rei decáe pela doença; é triste,
Dementado; um terror religioso
Prende-o, dá-lhe um caracter hesitante.
A ligação da Maintenon enreda-o
Nos escrupulos frivolos, mesquinhos,
Em devoções que a mente lhe desvairam
Nas scenas de volupia provocada.

Lachaise é complacente; arteiro falla
De um occulto peccado do Monarcha!
Os amores, ninguem ao certo os sabe,
De Isabel de Inglaterra!... O levirato
Exige expiação, embora, mesmo,
Que o sangue de outrem seja derramado!...

V

É já ministro Louvois! Cansado
Da Montespan provocadora e esbelta,
Que na sensualidade se confia,
Quer o Rei desligar-se d'ella; a medo
Consulta o Confessor. Lachaise abrupto
Responde, e quasi ao Rei o modo intima:

— Dae-lhe, Senhor, dinheiro, e mais dinheiro,
Só com dinheiro cala-se a marqueza!
Dotae-lhe os filhos bem, e tudo é findo. —

O Rei chamou Louvois, que desempenhe
A missão que o liberte; e o Ministro
Com ár de hesitação responde:
« O Clero
Contribuir não quer para o Estado!
Faz-nos esse dinheiro enorme falta.
Contra as immunidades nada posso;
Comtudo, ha um remedio...
— Qual é elle?
« Diz-me o Padre Lachaise que submetta
A vontade real o Clero todo...
— De que modo?
« Se Vossa Magestade
Der ao Catholicismo no seu reino
Toda a supremacia, revogando
Esse Edito de Nantes detestavel,
Que hoje as bases da Egreja tanto mina;
Porque o Protestantismo lavra á sombra
Da infernal Liberdade de Consciencia! »

Lachaise entrava, e escutando attento,
Em expressão beatifica prosegue:

—Não é sómente a Egreja que é minada;
O Estado civil se desmorona,
Porque da Liberdade de Consciencia
O Livre-Pensamento se proclama,
Da Auctoridade discutindo a origem!
A discussão, a critica desvendam
As fraquezas dos Reis: Samuel descreve
As sumptuosidades perdularias,
Dos Reis escandalosas aventuras!—

Luiz Quatorze aterrado encara o Padre:
« Liberdade politica é tudo isso?
É de Carlos Primeiro o cadafalso?
É o Protestantismo de Inglaterra!
Dos Capetos o sangue, eu juro! nunca
Hade nobilitar o hediondo cépo,
Lá como a Cruz divinisára o Christo.
É preciso ferir de prompto e forte
Leviathan, o monstro que se insurge...
Em rigor, que mais vale um culto que outro?
Eu só quero o Poder régio seguro.»

N'isto Louvois, a acenos de Lachaise,
Mostra ao Rei o Decreto em que revoga
O Edito de Nantes! Insensivel
O Rei assigna. A noite vem descendo
Fria, brumosa do aspero novembro:
Tal sobre a França cáe a espessa sombra
Que a revolve n'um mar de sangue e pranto.

O Ministro com jubilo relata
Ao Rei, que a Assembléa do alto Clero
Da propria imposição prescreve a norma,
Dando doze milhões para o Estado!

Devolve o Padre, firme em seu intento:

— Dê-se dinheiro á Montespan agora,
E cave-se entre o Rei e ella o abysmo,
Na sanctificação do matrimonio.
Senhor! vinde á capella, a noiva espera
Junto do altar prostrada, esvaecida,
A Maintenon, a nova Esther da Egreja!—

Sáem os trez! Que nupcias de vampiros.
Nos frios corredores de Versalhes
O desdentado Rei vae coxeando,
Buscar a benção que premeia o crime;
E emquanto dão a mão de esposos, quantas
Perseguidas familias se desmembram!

CANTO II

Oderint ut metuant

I

O Rei possuido andava de uma ideia!
Antes mil vezes um desejo bruto,
Que elle saciasse com boçal egoismo;
Antes a óca e estolida vaidade,
Que o torna o sol do mundo palaciano;
Ter uma ideia! Desgraçada França.

Pensava o Rei:
— Eu só nos meus Estados
Absoluta soberania exerço;
Uma só Religião imponho e quero!
Qualquer Crença, que ahi se manifeste,
Heide consideral-a, isto proclamo,
Attentado de lesa-magestade,
Que deve ser punido com a morte. —

Entrava então Louvois n'este momento;
Traz uma extensa carta, em que relata
O Marechal de Noailles, como as ordens
Tremebundas cumpriu no sul da França.
O Rei quer ouvir tudo, saciar-se
Na atroz iniquidade. E Louvois lia:

«Pensei que ante o terror se submettessem
Os Religionarios! Sem escolha,
Para a intimidação emprego os meios;
Mandei logo arrasar a ferro e fogo
Os templos calvinistas, prohibindo
As manifestações do culto. Os Curas
Ou Pastores, que á multidão prégavam,
Foram manietados com algemas,
Aos porões das galeras arrojados!
Mandei arrancar todas as crianças
Ás familias dos Huguenotes, cuido
Se evitará assim, que as contamine
A heresia dos paes! Mesmo empregando
O supplicio, a tortura, não consigo
Senão mesquinhas conversões; reagem
Aquelles inconcussos caracteres!
Destrui o commercio inteiro em Nimes,
Que estava em mãos de ricos Protestantes.

É a desolação sombria, immensa;
E em vez d'ante o rigor se submetterem,
Mais se exalta a paixão religiosa
Que os leva a preferir sorrindo a morte!
As miseras familias perseguidas,
Andam refugiadas nas montanhas,
Onde praticam livremente o culto
E escutam a palavra dos Pastores,
Alentando-os para a hora do martyrio.
Quando bati os montes, nos reductos
Das fragas foi completo o exterminio
Pela fome; de prizioneiros cheias
Estão de França as fortalezas todas!
O desespero enche-os de coragem,
E tanta é já a audacia, que levantam
A mão armada contra o Rei de França!...»

Luiz Quatorze estremeceu ouvindo
A phrase escripta por aquelle bravo
Ajudante de Campo, que o salvára
Outr'ora em Valenciennes. Fica attento;
O Ministro prosegue na leitura:

«Pela violencia nada se consegue!
Pela experiencia vejo que seria
Amnistia geral bom conceder-se,
Mandando Missionarios instruidos,
Que dirijam as almas com brandura,
Pacificando os animos cansados,
Attrahindo-os á causa da verdade.»

Lachaise compungido se mostrava
Diante da catastrophe medonha
Da atroz devastação do sul da França!
A Maintenon que lagrimas derrama,
Proferindo a palavra envenenada:

—«Não póde agora o Rei recuar sem quebra
Da propria dignidade! Elle sustenta
Como o segundo e excelso Constantino
Da Religião catholica a unidade!
Cesar e Deus encontram-se de accordo.

II

Animado pela vaidade acerba
De Luiz Quatorze, Louvois escreve
Ao Marechal de Noailles, repellindo
A amnistia que pede, incompativel
Co'a dignidade augusta do Monarcha,
Que de um modo exclusivo impõe e exige
A completa extincção dos Huguenotes.
Louvois ordena terminantemente:

— Onde existir Egreja calvinista,
Faça-se a occupação da terra logo
Por força militar! Que as tropas sejam
Das povoações á custa sustentadas;
Em tribunaes de guerra se condemnem
Quantos recusem abraçar o culto
Da Egreja romana, e mesmo quando
Embaracem a conversão dos filhos!
Queimem-se as casas dos que forem vistos
Pegar em armas, e dos que intimados
A depôl-as, não obedeçam promptos.
Terror, desolação emfim se espalhe,
Para que lembre eternamente como
A rebeldia contra o Rei se pune!—

III

Quando Noailles trépido proclama
No Languedoc esse horrido decreto,
A exaltação um novo aspecto ostenta.
Ninguem seu culto abjura! Nem segredo
Transparece das victimas no rosto
Sob a pressão hypocrita e selvagem.
Affrontadas no lar em que cohabita
A boçal soldadesca desenfreada,
Expoliadas da industria e das riquezas,
Miserandas familias protestantes
Vão o solo da França abandonando!
O Marechal hesita ante a ruina
Da nação, que se exhaure em suas forças;
Á côrte exora que suspenda a ordem
Do terrivel decreto, em prazo breve;
Que talvez missionarios conseguissem
O que não faz a soldadesca bruta...

O Rei consulta os grandes luminares
Da Egreja de França, o eloquente
Bossuet, Fénelon suave e brando;
Cada um engrandece o pensamento
Do magnanimo Rei, que identifica
Em si Religião, Soberania!
Dos missionarios na obra não confiavam;
O que entre os Huguenotes não consegue
O dinheiro ou a força bruta, nada
Póde a palavra em espiritos rebeldes,
Que revolvem a letra do Evangelho
E a meditam á luz do Livre-Exame!

Porfim, o Abbade Hervé foi escolhido
Para a missão pacifica. O Ministro,
O Confessor e o Rei, nada esperando
Em conversões dos doze missionarios,
Visam á extincção do Calvinismo,
Como erva parasita em christã messe!
Devastação, ultrajes nas familias
Por Companhias de Dragões que occupem
Só as moradas dos Religionarios,
É determinação régia. Noailles,
Que tinha n'alma impresso o vivo culto
Da subserviencia ao Rei, abafa
O grito da consciencia, e a frio cumpre:

Aos Religionarios confiscados
São os bens, se de França emigrar tentam;
A metade compete aos denunciantes!
São arrancados á familia os filhos
De cinco annos a dezaseis, mettidos
Em clausura catholica, onde aprendam
As doutrinas da triumphante Egreja.
Que um ferro quente marque, e ás galeras
Seja lançado o Protestante ousado
Que um catholico tenha ao seu serviço!
O que tentar abandonar a França
Perca os bens, e ás galeras se arremesse,
Como abjecto grilheta, se fôr homem;
Mulher, seja rapada por navalha,
Em perpetua clausura recolhida.
A quem coadjuve a evasão se inflige
A mesma pena. Os mortos de heresia
Nas ruas, sobre cal são arrastados,
Atirados para os covaes a monte.

IV

As almas delicadas contemplavam
Com desvanecimento religioso
As tragicas angustias das familias
Desmembradas, famintas, foragidas
Sobre o solo miserrimo estrangeiro!
A bella Sevigné não tem mais phrases
Com que exalte a constancia do Monarcha:
Invencivel na Fé, como nas armas
Foi perante as nações inabalavel!
E Lafontaine? o ingenuo Lafontaine,
Que a vida passa descuidado á mesa
Dos Marquezes contando velhos contos
Com que o apetite sensual excita,
Vendo o heroismo de Luiz Quatorze,
Exclamava:
— Sómente um Homero falta
Para o Rei ter na terra as glorias todas! —

Oh convenção moral! Se á consciencia
Falta a base, a noção da humanidade,
Como a torpe abjecção palaciana,
A religiosa hypocrisia, os crimes
Se legitimam como excelsas glorias!
Lacnaise exulta na sua obra escura.
Que importa que um milhão de homens emigre,
Que as riquezas da França se aniquilem,
Que a justiça no sangue e horror se afunde?
O Jesuita oppõe a represalia
Ás derrotas que soffre em Inglaterra!

V

Quantas familias protestantes buscam
Da Normandia as afastadas costas
Para emigrarem! Um motivo existe
Para essa escolha: O povo guarda a crença
Que ha ali uma fonte mysteriosa
Que tem um dom, o singular perstigio:
Aquelle que beber na argentea veia,
Por mais transviado que no mundo seja,
Não poderá morrer em terra extranha!
Hade vir acabar seus tristes dias
Sobre o solo da estremecida patria.

Seria aquella crença por ventura
Que trazia, ao seguirem para o exilio,
Ali tantas familias protestantes,
Que na fonte de Reveillon as aguas
Com a saudade infinda anciosas bebem?

A perseguida multidão dispersa
Refugia-se incerta na Allemanha,
A Suissa abre-lhe o seguro seio;
A Inglaterra e a Hollanda accolhem
Bandos e bandos de Religionarios.
Em paga, esses espiritos activos,
Intelligentes, probos, onde param
Abrem um fóco novo para a Sciencia,
Criam a Industria, alargam a riqueza,
Conservando na dolorosa crise
Da independencia, os germens da energia
Que ao fim de um seculo explosindo em França,
Dão á Revolução os horisontes.

CANTO III

A bella Ysabeau

I

O grande Rei, o protector das letras
Que imita Augusto no nefando vicio,
Cruel no fim da vida, conversava
Sobre o triumpho da Egreja com Racine:

— Que magoa para mim, se no futuro
Desconhecer a tradição dos povos
Que uma nova Joanna d'Arc, em França,
A Religião catholica restaura!
Eu fui o braço, a Maintenon a alma
Que a unidade da Fé no reino assenta.
Que poema, Racine, que victoria!
E que immortalidade para o poeta!

Suór em bagas pela fronte escorre
A Racine; um sorriso doloroso
Era o protesto mudo da consciencia.

— Não vos inspira o heroico feito um Poema?
Não vos assombra o luminoso vulto
Da nova Joanna d'Arc?...
O Poeta falla:
« Que tragedia maior que a realidade!
O povo tem o instincto da Justiça;
Elle idealisa os grandes sentimentos,
Tem a vertigem das commoções fundas;

I

D'elle surgem Sibyllas e Prophetas
Que a lenda eterna ao soffrimento criam!
Uma joven aldeã, no sul da França,
Como Débora á sombra das palmeiras,
Falla ás turbas com vehemencia e fogo,*
É a *Bella Ysabeau* . . . »
Luiz Quatorze,
Como ferido do instantaneo golpe,
A expressão colerica reprime;
E interrompendo um glacial silencio,
Como se arremeçasse sobre o Poeta
Do desfavor a lagem, que sepulta
O condemnado e morto para as graças,
Recolheu-se sombrio ao aposento;
Não fallou mais no nome de Racine!

II

Porque o rancor do Rei incita o nome
Da joven aldeã, que o povo acclama
Como a *Bella Ysabeau?*
As grandes dores,
As emoções que a multidão agitam,
Os desastres da Patria, o sangue, a ruina,
Dão a hallucinação que a mente exalta,
Os extasis, visões, os vaticinios,
Os heroicos, sublimes sacrificios.
Quando a França se achava desmembrada,
Sem governo, ao arbitrio do estrangeiro,
Uma mulher, Joanna d'Arc, inspira
O sentimento nacional, o esforço
Que a liberdade á patria revindica.
N'esta devastação que a Egreja ordena,
Movendo o Braço secular, impune,

Quando os genios applaudem com descaro
Do monarcha a infernal hypocrisia,
Erguen a voz do Povo o alto protesto
Severo, justo e grande, os vis espanta.

As lagrimas, as dores communicam
Intima compunção; entre as donzellas
Os terrores, as mortes lhes suscitam
Extasis, em que imploram — Piedade!
No Delphinado uma criança falla,
O povo acode crédulo a ouvil-a.
Tem apenas quinze annos! Fresca e bella,
Inconsciente, e prompta para a morte,
É dominada pela impressão viva
Do sangue derramado, dos incendios,
Dos ais das pobres victimas inermes,
As mulheres, os velhos, as crianças
Que as patas dos cavallos despedaçam!
Era a *Bella Ysabeau!* humilde filha
De um cardador de lã; pelas montanhas
Andava a guardar gado, e a soledade
Despertou-lhe a visão, fel-a Sibylla.
Ella falla; começa por um psalmo,
Misericordia implora a tanta angustia,
Descrevendo com um relevo intenso
Scenas de cannibal carnificina,
Quando ás mães os filhinhos arrancaram,
Atirados para a clausura muda,
E os esposos ao banco das galeras;
A familia dispersa, morta á fome,
Ao frio por matagaes, onde a perseguem
Os soldados do Rei, que as ordens cumprem.

III

Mas, da *Bella Ysabeau* os labios soltam
Um vaticinio breve, e que se espalha
Entre o povo! A Auctoridade treme...

Do Delphinado o Intendente acode
Para ouvir; tudo a côrte sabe anciosa.
A joven aldeã prophetisava...
O que?
« Pobre familia protestante,
Eu vejo-te dispersa, desmembrada
Na Allemanha do norte, na Suissa,
Na Hollanda e por toda a Inglaterra;
Mas eu sei que outra vez serás unida
Sobre o solo da França, a pedir contas
Do attentado—á Egreja e á Realeza!...»

Não se atrevendo a estrangular a criança,
No Hospital a internam. É preciso
Contraminar a impressão profunda
Que ella causa no povo! Se inda ao menos
Na candidez da inconsciencia sua
Pudesse proferir uma heresia!
Irmã de Joanna d'Arc, certo expiára
A auréola que a cerca, na fogueira.

IV

Eis, Flechier, o theologo seguro
Recebe ordem do Rei, para que abafe
Pela doutrinação a voz dolente
Com que a *Bella Ysabeau* commove a França.

O theologo exerce a velha argucia,
Pergunta, inquire, mas em vão sophisma,
Ante a simplicidade que o domina.
O riso de desdem com que elle encara
A Sibylla do Povo, crente e rude,
Em consternação muda se convérte!
Não ha pretexto para a crueldade,
Na *Bella Ysabeau* falla a alma da França.
E a convulsão do grande dia da ira
Aos Philosophos longe se annuncia!

V

Uma outra voz irrompe! é reflectida,
Consciente; pela rasão fulmina:
É a voz de Jurieu, brado violento
Que a Liberdade da Consciencia affirma.
Eil-o que accusa a primitiva Egreja
De sustentar-se em embates de doutrina
Só pela Espada temporal dos Cesares;
Os perseguidos chama á resistencia,
E um medonho vaticinio dita:

=*Outenta e nove!* Este o terrivel anno
Que a ruina traz á funebre potencia,
Porque attentou contra o Dever humano.=

O audaz controversista a nova espalha
Em *Cartas pastoraes*. A côrte manda
Que Bossuet a Jurieu responda;
Mas, a hora tremenda se aproxima
Que o Monstro-multidão acorda em sanha,
Já Leviathan revolve a Inglaterra!

VI

O jesuita Petri, o ardiloso,
Que é Confessor do rei Jacques Segundo,
E á perfidia sanguinaria o incita,
A Lachaise escreveu: narra-lhe a ruina
Do plano atroz em que se empenham ambos:

«Mal Guilherme de Orange desembarca,
Jacques Segundo, por covarde, foge,
O catholico throno desampara!
Na fuga, arroja ás aguas do Tamisa
O grande Sello do Estado... Ao lodo
Vae para sempre o Symbolo imponente
Do Direito divino, fonte pura
Do Poder absoluto sobre a terra!...»

Rasgou Lachaise a carta:
— Que se ignore
Que hoje o Poder politico se funda
Sobre um pacto social! —
Os Protestantes
Com Guilherme de Orange triumpharam;
Leviathan, o povo, ergue a cabeça
Tendo o corpo aos pedaços desmembrado
Por todos os Estados; de Inglaterra
Onde se apoia, já domina o mundo!

CANTO IV

A esphera branca

I

As tenebrosas luctas religiosas
Fizeram da Inglaterra hospitaleira
Inviolavel azylo das ideias!
Entre os Religionarios perseguidos
Que se acoutaram entre o activo povo,
Fructifica o trabalho, que fecunda
Essa patria adoptiva e a torna grande!
Aos odios cannibaes de Luiz Quatorze,
A Inglaterra oppõe — a piedade,
A protecção aos pobres foragidos;
Compartilha o seu pão, dando-lhes patria.
Como ao encontro do Samaritano,
Cada qual leva o óbolo aos oppressos.

II

Encontraram-se ali Swift e Hobbes,
O poeta e o philosopho; trouxeram
Para as familias que da França emigram
Ante o furor religioso — a esmola
De compungidos corações humanos!

Vendo Swift o doloroso quadro,
Com expressão de uma ironia acerba
Disse para o philosopho:
— Á desgraça
As lagrimas não bastam! é allivio
Quantas vezes a gargalhada franca.

No *Conto do Tonel* pintei ao vivo
As mesquinhas paixões do fanatismo,
Dignas de riso, se não fôra o sangue...
E a compressão das livres consciencias!
No mar, têm por costume os marinheiros,
Quando encontram de frente uma balêa,
Atirar-lhe com um tonel vazio,
Que vae servir para brinquedo ao monstro.
A corajosa marujada entende
Que assim do rijo embate o baixel salva;
Prôa ao largo, divertem-se de longe!
É este o assumpto alegre do meu Conto,
Que os lugubres successos interpretam:
A Balêa, bem vêdes, representa
O poder dos systemas, das doutrinas
Que ovantes passam, devastando os povos,
Até que inane cáe, por esgotado
Na discussão das frivolas minucias.
O Baixel que naufragio ameaça, é o Estado;
Horacio o tinha dito já.

« Por certo,
(Interrompe o Philosopho ao Poeta)
Alludis á comparação usada
No livro o *Leviathan?* O despotismo
Deu em França este nome ao povo, quando
Pela Revolução funda a justiça.
Não me entenderam, não! O estranho monstro,
Leviathan, é toda a Sociedade,
Esse organismo enorme, incomprehensivel,
De opiniões, ideias, interesses,
Instituições, em intimo conflicto
Produzindo o invencivel movimento
De uma corrente progressiva e ampla,
Contra a qual são os Reis sempre impotentes,
E risivel o anáthema dos Papas!

Instrumento de um fanatismo cego,
Estupido, persegue Luiz Quatorze
Pela crença as familias protestantes;
Quem póde avassallar as consciencias?
Esses Religionarios as riquezas
Levam comsigo, — a aptidão da industria,
Para a Suissa, Hollanda e Allemanha.
Quanto lhes deve agora a Inglaterra!
Como de uma fogueira immensa as brazas
Que o vento espalha, em si o incendio levam,
Deu a Revolução de Outenta e Outo
Á moderna Inglaterra a ordem nova.
Ah, não longe virá tambem o dia
De outra emancipação — a americana,
Até que sôe a hora, o advento amargo
De uma estupenda Crise do Occidente,
Equilibrio de seculos buscado!
O Baixel vae de encontro ao monstro e talha-o...
Mas o *Tonel*? Falta esta allegoria;
Qual é pois o sentido?»
O Poeta ouvira
A theoria social de Hobbes, attento,
E, reatando as ideias, continúa:

— O *Tonel*, ante o monstro intolerante
É um Conto qualquer que causa riso;
O riso espanta as coleras do orgulho.
Quem se não ri da encarniçada rixa
Que entre si trazem João, Martinho e Pedro
Sobre o estofo das capas que os trez cobrem?
Qual d'ellas tem mais nodoas, mais remendos?
Mas o Papa, e Luthero com Calvino
Nos empuchões á capa espalham odios,
Perseguições, ruinas, mortandades!
Emquanto o fetichismo houver no mundo

Pelo Symbolo, é o *Tonel* preciso;
Contra o Terror, do Conto a gargalhada.
O *Annel do Pescador* ainda apparece
Qual talisman de magica potencia;
Como algemar as consciencias busca!
Despertemos do pezadello aziago:

III

O Annel do Pescador

O bom do Pescador disse aos trez companheiros:
— Eu possúo um Annel de sublime condão,
Que tornará feliz quem o trouxer na mão.

Sei que estes dias meus são já os derradeiros;
E antes que se me extinga a vida em sacrificio,
Deixo eu a um de vós o talisman propicio. —

Uma tarde que andava a pescar sobre o Lago,
Quando a rêde estendida aqui e além se apanha,
Fallou secretamente a esses trez da companha:

— Em verdade vos digo: Oh, não é sonho vago,
Quem possuir o Annel, no mundo tem segura
A riqueza, potencia, a gloria e a ventura.

Quem possuir o Annel dominará na terra
Sobre os proprios Reis, e sobre as Consciencias,
Dará a salvação segundo as conveniencias.

Logo que no sepulchro o meu corpo se encerra,
Procurae esse Annel, o talisman propicio. —
Cedo o bom Pescador expirou no supplicio.

Não se esquecem os trez da indigente companha
De procurar o Annel; revolveram a lage,
As prégas do sudario em vilissimo ultrage;

Cuidando cada um dos trez que o Annel apanha,
Eis na chaga do peito os dedos mettem rombos,
E o gélido corpo é revirado aos tombos.

Se o Annel mysterioso existe, ninguem sabe;
Mas cada um dos trez, com astucia e fervor
Teima em dizer que achou o *Annel do Pescador*.

Pedro exulta contente! alegre em si não cabe,
Logo á veneração se impõe dos companheiros;
Ufano em ter o Annel, exclue os mais parceiros:

« Universal Poder este Annel me confere,
Com que na alma humana a minha acção penetra,
E o espirito accorrenta á *Fé* na morta letra.

Toda a ordem no mundo o Annel potente fére,
Os juramentos quebra e os fracos desliga
De obediencia ao forte; até aos Reis obriga. »

Ninguem lhe contradiz aquella pia fraude
Que o Poder novo affirma; ouvem, mas não entendem:
« Os Servos e os Reis, de mim ambos dependem. »

Paulo por possuidor do talisman se applaude:
« Omnipotente sou; no Annel é transmissivel
Dom da *Graça*, a eleição de Deus incomprehensivel,

Pela qual livre estou das leis da terra; e venho
Trazer a emoção que as almas edifica,
E pelo sentimento em Deus as unifica.»

*

Thiago sáe d'alli: «Sou eu, eu é que tenho
Bem guardado esse Annel, de que fallou o Mestre,
Que reune o empyreo e imperio terrestre.

Eu é que tenho o Annel; os vossos são estereis;
Taes poderes não vêm simplesmente da *Fé*,
Que acceita a Letra morta, e em absurdos crê.

É sonho inefficaz, se as *Obras* não fizereis,
Aos que prometteis *Graça*, ou arbitrio do Céo:
A acção é que alevanta o individuo, o eu.»

Affastaram-se os trez solertes companheiros,
Cada qual se dirige ao dominio do mundo,
Confiando do Annel no influxo profundo.

Qual d'elles attingiu, dos trez aventureiros
O ficticio ideal, que de edade em edade
Se tornou com assombro em uma realidade?

Não por que possuisse o *Annel do Pescador*,
Foi Pedro! D'entre os trez era Pedro o mais broma;
Conseguiu assentar um throno excelso em Roma.

Como em letras elle era o menos sabedor,
Mais ferrenho se agarra á letra immovel, fria,
Impondo então a *Fé*, quando elle em nada cria.—

IV

Bem presentira Swift em seu conto,
Nova lucta se trava em França; agora
Contra Martinho e João não reage Pedro.
É a questão da *Graça!* O Jesuita
Opina pelo merito das *Obras;*
Posto ao lado de Thiago a Pedro arrasta
Contra as doutrinas mysticas de Paulo,
E pela mão de Luiz Quatorze assalta
Do Port-Royal os quietos solitarios,
Buscando até nas campas a heresia!

V

A Fabula moderna

Ia o Rei-Sol caminho de Versalhes,
Do enfado do ocio e do prazer exhausto;
Ás turbas que o vêem passar dá-lhes
A vertigem das pompas e do fausto.
Donosas damas, guapos cavalleiros,
Luxurientos abbades, vãos marquezes,
Seguem-no altivos; vão passar os mezes
Das fortes calmas nos jardins fagueiros.

Cavalleiros e damas são planetas
D'esse centro de uma attracção sublime;
Cantam-no em panegyrico os poetas,
Por que o arbitrio seu mata ou redime!
Elle illumina e dá calor á França,
A Justiça é a espada que elle vibra;
E da nação a vida se equilibra
No tedio immenso do Poder, que o cansa.

E emquanto passa em côche reluzente
Erguendo o pó de uma grandeza estulta,
Saudou mudo o monarcha omnipotente
Um bando de homens, que o calor sepulta:
Um bando que trabalha abrindo a estrada
Inda não prompta, que a Versalhes leva;
A comitiva rompe a custo; e séva
Paira a vista do Rei como indignada:

«Miseraveis! Ainda a obra em meio!
Não sabem que hoje de Paris me movo?
Senhor de Lafontaine... (O Poeta veiu)
Contae-me aqui a Fabula do Povo,
Do sêr abjecto que a clemencia esgota.»
Um apologo antigo contou breve,
Qual mão sinistra que a sentença escreve
A Balthazar, n'uma visão remota:

— Debaixo de um sol de agosto,
Na fadiga
A que a precisão obriga,
Gira da aurora ao sol posto
A Formiga.

Aqui sóbe, ora ali desce,
Quasi esbarra;
De manhã, 'té que anoitece,
Canta ociosa d'entre a messe
A Cigarra.

Chega a enxurrada de Outubro:
«Minha amiga!
Fome e febre... este olhar rubro...
Que negra crise descubro...
Ai, Formiga!»

Com frio, faminta, inquieta,
Seu mal narra;
Responde a outra: — Patéta!
Cura a febre com dieta,
Mãe Cigarra.

Chasqueavas-me em Agosto
Na fadiga,
Com descuidada cantiga;
Hoje vae-te, e dansa a gosto
Da Formiga. —

E foi o *Seis de Outubro* o grande dia
Da tremenda justiça! Dia amargo,
Embate de dois mundos!
Pelo caminho que a Versalhes guia
Irrompe a multidão, que abafa ao largo
Doéstos iracundos.

Como um baixel sossobra, assim a côrte,
A guarda real, os nobres favoritos
Entre a plebe se sómem!
No secular festim libou-se a morte,
E dos oppressos os ardentes gritos
São os *Direitos do Homem*.

VI

O decrepito Rei era um miasma
Inda na morte infeccionando. A França
Fica esgotada e atraz dos outros povos,
Pela acção deprimente que exercêra.

E emquanto o mundo official proclama
Ao misero devasso, peior que Nero.
Eponymo de um seculo, irmanando-o
A Alexandre, a Péricles, a Augusto,
Uma voz discordou no abjecto côro:

Com santa ingenuidade de alma exclama
O benevolo Abbade de Saint-Pierre,
Diante da apotheóse do monarcha:

« Só merece a immortalidade aquelle
Que promoveu o bem; hade o seu nome
Sobreviver na gratidão humana. »

Tremeu a Academia! Essas palavras
Empanavam a gloria inextinguivel
Do grande Rei! Ao brado infame e odiento
Do Cardeal de Polignac reune-se
A corporação sabia, destinada
Unicamente a eternisar a gloria
Do Rei-Sol.
A Academia escuta
A accusação do Abbade! e de horror hirta,
Nem mesmo admitte explicações do assumpto:
Por votos seja o dissidente expulso!

Silencioso o escrutinio corre;
Entre as espheras pretas, que excluiram
Da Academia o pensador sublime,
Achou-se apenas uma *esphera branca!*
Era o voto do sabio Fontenelle,
O julgamento historico consciente.
Coadjuvado pelo alto privilegio
De uma longevidade centenaria,

Fontenelle tornou-se desde essa hora
Laço de transição, a aurora vaga
Do esplendor do *Seculo das Luzes*,
Do seculo do Livre-Pensamento,
Que uma éra nova abriu á Humanidade.

II

MILTON

I

Velho e cego o Poeta se assentára
Ao Orgão, preludiando melodias
De religiosa unecão!
As desgraças, tristezas, agonias,
Perseguições, terrores, tudo pára
Ante esta solidão.

Milton se eleva em sonorosa prece,
E das luctas politicas se esquece,
Da pobreza tambem;
No vôo da phantasia, não se importa
Se a justiça do rei, o algoz á porta
Para arrastal-o vem.

Cahia a tarde, quando chega o amigo
Certo, seguro, antigo,
O bom velho Elwood:
Esse que em fraternal solicitude
Nas horas de amargura
De um desalento féro,
Lhe fazia a leitura
Dos Poemas de Homero.

Escuta o amigo a melodia doce
Que da alma toma posse,
Que infunde tanta paz!
Guarda, scismando, um timido silencio,
E a mudez convence-o
Que á dôr o canto apraz.

Sente o Poeta, na tréva que o rodeia,
Que alguem extranho, mas que o não odeia,
Mansamente chegára!
No diluvio das melodias pára,
E exclama: «É a cegueira um ataúde,
Elwood, Elwood!

«Dedilhe, embora, as melodias bellas
Que dos Prophetas de Israel me avivam
Nobres Lamentações;
Anda-me envolto o espirito em procellas
Dos conflictos sociaes; a alma me crivam
Negras recordações.

«Nunca o disse a ninguem: A lucta immensa
Das Legiões rebeldes, no meu Poema,
De Jehovah contra a augusta magestade,
Certo, ninguem o pensa,
É eloquente emblema
Da crua realidade:

«Eu assisti a essa immensa lucta!
Deus, é vontade eterna e absoluta,
O Dogma immovel, que a rasão enluta,
Peso da Tradição!
Satanaz, é a critica audaciosa,
A aspiração da Liberdade anciosa,
É a ideia que tudo inquire e ousa,
Protesto, e Negação!

«Vi esta lucta, e n'ella tomei parte!
Vêde, o rei Carlos, o primeiro Stuart,
O Direito divino representa
Na vontade pessoal, de lei isenta
Ao ponto da traição!
Contra a soberania alta, abusiva,
Que a livre sociedade da lei priva,
Como Satan, já Cromwel bafurda,
Audaz supplanta a tyrannia absurda
Pela Rebellião!

«A Rebellião na mente se transporta
Dos combates que dão o Bem e o Mal,
Para o mundo social:
Contra Jupiter luctam os Gigantes,
Ou contra Jehovah Anjos brilhantes
Que se tornam precitos...
E esse quadro ideal
De uma miragem vaga e illusoria,
Desvenda-nos na sua letra morta
Dos mais vetustos Mythos
Sempre o drama da Historia...»

E quando Milton revelava a ideia
Immanente na esplendida Epopêa,
Volve Elwood aterrado:
—Não reveles, oh Poeta, um tal segredo!
Carlos Segundo é vingativo e tredo,
Não perdôa o passado.

Para nós todos, hoje, a Inglaterra
É sob o atroz despota que a aterra,
Paraiso perdido!

Em nome da Ordem e da Liberdade
Da Justiça, da Fé, e da Verdade,
É o cutello erguido.—

II

Milton sorriu-se triste e sem receio,
E como continuando o devaneio
Em que se refugia,
Terminando a dolente melodia,
Sentar-se ao pé do velho amigo veiu,
E lento referia:

«Dos Céos em roda, onde em infindo goso
Os bemaventurados
Existem enlevados
Na harmonia de um mystico repouso,
Andam vagando os Anjos condemnados,
Decahidos da Graça,
Para vêr lá por dentro o que se passa,
Para ouvir de algum Côro os doces brados.

«A elles é o Empyreo impenetravel;
Inquietos, sem remorsos,
Empregam mil esforços
Para ouvir qualquer som de harpa ineffavel;
Trépam uns após outros sobre os dorsos,
E cada qual espreita
Lá para dentro da Cidade eleita,
Tendo em violentas posições os torsos.

« Leve rumor dos jubilos apenas
Chega até aos precitos,
Dos cantos infinitos,
Das alegrias placidas, serenas;
Mas, a curiosidade mais incita-os,
Nos espiritos lavra,
No empenho de alguma ideal palavra
Perceber dos Trisagios inauditos.

« No desespero seu descem á terra,
E dos homens vem junto
Segredar-lhes o assumpto
Que o som ouvido vagamente encerra!
Não percebem dos Córos o conjuncto;
Da aspiração ideal
Só trazem mais estimulos ao mal,
E o mal cresce na terra muito e muito:

« Como esta palavra da *Verdade*
Cobre o embuste, a mentira!
Como a vingança, a ira
A *Justiça* enredou na iniquidade!
O dogma, a *Fé*, nas Religiões delira,
Abre ás almas abysmos;
Como a *Moral* mascara os egoismos,
E a *Lei*, a adaga com que impune fira!

« A *Ordem* justifica o brutal crime
Dos despotas, reaes Cacos
Escravisando os fracos;
E mesmo a *Liberdade* que os redime,
Horisontes allumiando opacos
Da plebe improba e crúa,
Quando a onda do sangue quente estúa,
É véo que cobre as violações e sacos.

«Com a palavra *Amor*, torpezas quantas
De sensualidade!
Cada uma Entidade
Que synthetisam as palavras santas,
Tem desvairado a pobre humanidade,
E a Rasão engana,
Tornando a vida social insana
De ininterrupta e atroz calamidade.

«N'este cáhos, em que vivemos todos,
Como aguia cativa,
Dura sorte me priva
Da luz que inunda essa amplidão a rodos!
Mas que importa? Minha alma pensativa
Reconstrue o universo,
O passado, o porvir, e em Deus immerso
Goso a visão suprema, subjectiva.»

Entram na sala as filhas do Poeta;
Crendo-o triste, cad'uma se inquieta,
E as ultimas palavras interpreta,
Vêm fazer-lhe a leitura!
E emquanto lendo a Biblia, as attendia,
De Milton o espirito immergia
N'aquelle immenso oceano de poesia
Que adormenta a amargura.

III

O BANQUETE DOS LIVRES

(POEMA)

PRIMEIRA PARTE

A TAÇA DA GHILD

CANTO I

Écrasons l'infame

É nos salões d'Holbach, na franqueza
Do parque de Grand-val, onde o banquete,
Pretexto para o encontro dos amigos,
Frugal se presta ás expansões sinceras.
Sem os terrores da rasão de Estado,
Da intolerancia acérrima dos Dogmas,
Ali, como os philosophos de Athenas
Nos jardins do Academus, imitando
O festim de Platão, tinham por thema
Tambem o Amor, o amor da Humanidade!

Conversavam na alegre effusão da alma,
Como os que vão de subito levados
A regiões incognitas, suspensos.
Ao pé de Diderot está Galiani,
Mais além d'Alembert, aqui Helvetius
Attento a tudo, e como que inundado
D'aquella intensa luz; Raynal mais perto

Estava de Buffon; Rousseau absorto
Todo se enleva na aza da utopia.
Um sublime Cenaculo, estupendo,
Onde as linguas de fogo, que infundiram
Validez e convicção ás consciencias,
Scintillam na expressão dos pensamentos.
Faltava ali Voltaire! Onde a essa hora
O semideus da intrepida ironia?

Não deram pela falta os mais convivas.
Fallava Diderot, o audaz obreiro
Que transforma os espiritos; sorrindo:

« Vêde! custou dez annos a tomada
Da antiga Troya; não bastou a força,
Foi necessario ardil. A Rasão sempre
Como unico poder! Planêa Ulysses
O cavallo, em que occulta os mais audazes,
Dentro dos muros invenciveis de Ilion
Os introduz... Tambem na fortaleza
Do Cesarismo e absurda Theocracia,
Contra os quaes já tres seculos correram
De lucta ineficaz, introduzimos
O novo estratagema — a *Encyclopedia!*
Lá dentro estão da Revolução germens,
Fermentam as ideias; mas um dia
Hão de fructificar na mente do homem.
D'ahi dimana a verdadeira força.

Reis e Padres! satanica alliança,
Dois Poderes eguaes no accordo egoista.
Dizia a Egreja: — A Terra não se move! —
A Galileo ao cárcere arremessa,
Contrapondo á Rasão a letra morta;
A voz do genio abafa o texto mudo.

Cuidara assim que o pensamento algema
N'uma tèa de aranha, o dogma estulto.
Eis a Terra movendo-se no espaço!
E a materia oscillando no equilibrio
Que ora a condensa e desaggrega, em formas
Transitorias da sempiternidade,
Confirma da Rasão a autonomia
No irrefutavel facto: *E pur si muove*.

Dizia a Realeza: — A Sociedade
Subsistindo pelo que tem de estavel,
O Estado sou Eu! É só da força,
Sancção das leis, que se deriva a Ordem!
Seja o direito então minha vontade,
Seja a justiça uma emoção do arbitrio, —
E arrojava ás Bastilhas negras quantos
A elevação do homem annunciam,
Ou, abjurando o culto do passado
Previam mais fulgor n'outro horisonte.
Apesar dos exercitos frementes,
Dos canhões e dos sanguinarios pactos
Das truculentas dynastias, muda
Foi a Realeza á barra da justiça.
Caia da iniquidade a Cidadella
Por terra ao *Çà ira!* cantico, grito,
O *E pur si muove* dos destinos do homem.

Então d'Holbach erguendo ao ár a taça
Com que a concordia humana symbolisa,
Taça da Ghild, que nos labios toca:

— «Que Poder novo ao homem arma o braço?
Que concepção lhe insurge a consciencia?
Quando a opulenta Babylonia, outr'ora,

De Cyro pelo exercito assaltada,
Se abandonava ás desvairadas festas
Dos seus deuses sensuaes, na louca pompa,
Viu Belzaçar na sala do banquete
Na parede fronteira, mão sinistra
Escrevendo a sentença da ruina
De um mundo torpe, o — *Mane, Thecel, Phares.*

Nova crise atravessa a humanidade;
Não é a força, é a rasão que a incita.
Como um polypo enorme, que renasce
E a energia organica devora,
Tal foi na sociedade o Despotismo:
Separa os povos crédulos, levando-os
De embate uns contra os outros, empenhados
Em odios vãos de raça; e os arrebanha
Fechando-os n'um redil de indignidade!
A guerra e o fanatismo eram as bases
Da Ordem social. Crêra-se impune,
Julgava-se seguro, inabalavel!
E quando o Cesarismo mais deslumbra
Pela devassidão e pompa os povos,
E os Reis se dão da divindade eleitos,
Dizendo receber dos céos o imperio,
Todo esse mundo de torpeza e crimes
Já se presente desabar em terra
N'um diluvio de sangue submergido.
Aqui, na Babylonia do Occidente
Não se conspurca os calyces dos templos,
Nem por craneos dos martyres calados
Se bebe agora em fraternal encontro.
Communga-se a união pelas ideias;
Hoje é Paris o centro do convivio,
Tem a Taça da Ghild, que une os povos!
Dê-se a provar ao mundo o travo forte.

No fraternal banquete erga-se a Taça
Das angustias fataes da Humanidade,
Livres saudando a aurora do futuro;
Conciliem-se as consciencias rectas
Sob a divisa de—*Ecrasons l'infame!*»—

Rousseau ouvira attento; comprehendendo
Da saudação as lucidas palavras,
Viu a luz nova a grande, a eterna lucta
Da Humanidade em prol do seu destino:
Para vencer da força o antigo abuso,
Contra a fascinação dos velhos Dogmas,
E despertar no Povo a consciencia,
Faz da ideia a semente da revolta:

PARABOLA DA SEMENTE

—Reis e Padres! satanica alliança,
Deram-se as mãos para a nefanda obra
De abafarem da liberdade a esperança,
Como se enrosca ao corpo vivo a cobra.

Mas, quem póde vencel-os? Quem? olhamos
Debalde em volta, pois ninguem se atreve;
Todos duvidam, todos vacillamos...
A lição eloquente é a mais breve:

Ouvi! aprendereis como se lança
Do eterno crêpe na funerea dobra
Reis e Padres, que em tetrica alliança
Deram-se as mãos para a nefanda obra:

Traz rapido tufão pobre semente,
Cáe ao acaso sobre dura rocha;
Humida fenda em si mal a consente,
Com orvalho do céo eis desabrocha.

Dá-se a lucta do vivo contra o morto;
O grão perdido alli germina a custo;
A luz do sol na altura serve de horto,
Que o alimenta e vae tornando arbusto.

Vão as raizes penetrando a pedra;
Mais póde o vivo do que a inerte massa;
É rija a fraga, mas a planta medra,
Ergue-se ao alto, e a rocha despedaça.

É sempre assim que a liberdade avança;
Assim a tradição cede á ideia!
E a noção, que dissolve a negra alliança
Da cidadella do erro o muro apêa. —

N'uma ideal transfiguração sente
Rousseau, que a educação modéla o homem,
Elle proclama o surprehendente verbo.
Tem a intuição da vida collectiva,
Da multidão anonyma, que exalta:

— O Povo, a grande força, equiparado
Fôra ao bruto! e como tal talharam-no
Cimento vivo de áras e de thronos.
Elle, o creador de ingentes Epopêas
Jazeu seculos tacito e idiota;
Elle, que altas Pyramides erguera,
Cathedraes rendilhadas e castellos,
Revolve-se nas fétidas pocilgas!
Elle que elaborou na mente os Mythos,
Foi com isso illudido pelos padres.
Elle que fecundou da Liberdade
A flôr, regando-a o sangue, nas feridas
Tingiu aos Reis a purpura soberana.

E como o domador propina ás féras
O opio que adormenta a sanha e a força
E as faz curvar ante uma froixa vara,
Tal se curva ante o baculo e o sceptro;
Assim ao Povo os dogmas adormentam
Na pobreza de espirito, embebido,
Miseravel, no sonho de outra vida!
Ai de quem despertar esse dormente;
Se abre os olhos, esvae-se o pezadello.—

*

Diderot viu mais fundo:

«Separemos
Esses Poderes, gemeos da mentira;
Minando um só é incompleta a obra!
Subsistem pelo ávido conluio.
Da Liberdade de Consciencia—a Hollanda
Foi o reducto inabalavel, quando
Era o braço dos Reis o algoz dos Padres.
Compete á França abrir a nova rôta:
Liberdade politica! eis o lemma
Proclamado da Grecia á Renascença,
Delido em sangue pelo Despotismo.
Está creada a mutua dissidencia
Entre o ignobil que propina o opio
Do Dogma escuro, e o domador da féra;
Frederico da Prussia, Catherina,
José Segundo, abraçam a divisa
Da pugna acerrima: *Écrasons l'infame!*
Conflagração de dois opacos mundos.
Nós não veremos o estupendo dia,
Dia da Revolução! mas, longe
Transparece o clarão da nova Ordem.
Sobre o estrume do fétido monturo

Cáem germens trazidos pelos ventos,
Revestem-no de alfombras vicejantes,
De verdura e de flores perfumadas,
Desabroxando ao sol! E o que era hediondo,
Mephitico, incapaz de ser tocado,
Dará o sêr a emanação saudavel!
São assim os detritos revoltantes
De um passado já morto, onde impudente
Se fortalece o Cesarismo abjecto.
Prepotencia dos Reis, feudal arbitrio,
Intolerancia religiosa, crimes
Do fanatismo cego, privilegios
Que inda ultrajam a dignidade humana,
Vós formaes esse tabido monturo,
Em que germina a grande Flor vermelha,
Revolução!—que vivifica o mundo.»

Era já serão alto; proseguindo
A palestra animada, impetuosa,
De repente Galiani volve em torno
Dos convivas o olhar:
—Agora explico
O que faz do Banquete Academia.
Dou pela falta á mesa de Voltaire!
Faltava-nos da ironia o apoio,
De um riso orientador da realidade.
Está vasio o seu logar! Que acaso
O affastou? Elle, o primeiro athleta?—

E quando assim fallava, o reposteiro
Do salão de Grand-val correu... Voltaire
Entrava lento, e vinha succumbido,
Desalentado e triste, em ár de angustia,
Como a buscar refugio entre os amigos.

CANTO II

O terremoto de Lisboa

Pela tristeza immensa quebrantado,
Voltaire se assentou. Todos pretendem
No salão de Grand-val entre a alegria
Saber que estranho caso o impressiona?
Por certo, ante a injustiça ou a desgraça
Elle se achou miserrimo, impotente!

Fallou Voltaire:
— Um grande terremoto
Subverteu a cidade de Lisboa!
Pobre povo! já victima calada
Do horror do queimadeiro, com que a Egreja
Extingue a erva má das heresias,
Esse povo, sem dó bestialisado
Pelos Autos de Fé — selvagens pompas! —
No momento em que aos templos concorria
A adorar com fervor o Deus da ira,
Ficou sob as abobadas submerso!

N'essa mesquinha terra, onde se erguera
O privilegio, a atroz desegualdade,
Ante a enorme catastrophe baquèam
Torreões sumptuosos e os casebres
Pelo vortice horrendo nivelados,
Rasos com o chão, na mesma sanha envoltos.
Durou minutos o desabamento.
E quando a espessa nuvem de poeira
Cobria á vista a horrivel perspectiva,
E o sol rútilo, ardente, trasbordava
Nos espaços de luz — contraste acerbo! —

O Tejo ao mar reflue, cresce instantaneo,
Accumulando impetuosa vaga
Que a Cidade alastrou! Vão no refluxo
Mortos e vivos, tudo quanto arrasta
Ao hiante golfão no alvéo aberto!
Parece onda que vem varrer os crimes
Que accumularam no infamado solo
Por seculos, e impunes, reis e padres!
Aonde a vaga não chegou, o incendio
Lavra, devastador, mundificando
O cáhos medieval que ahi subsiste
Sequestrado á corrente das idéias.
Eis, com as vidas aos milhares, ficam
Aniquiladas lá tantas riquezas,
As riquezas de um povo activo e sobrio,
Que descobrira a America e a India,
Que teve o sceptro impavido dos mares.

As bibliothecas e os archivos ardem.
O sol entrou nos derrocados claustros
Onde as trévas do fanatismo bronco
De tempo infindo estavam conglobadas.
Povo mísero! é negra a sua historia:
Do dominio hespanhol sacode o jugo,
E na emoção sublime do resgate
Livre se entrega a um Bragança egoista
Que o algemou á pérfida Inglaterra,
De uma covarde segurança em paga!
Pária, ao serviço de um poder ignobil,
Carecias acaso d'este abalo,
Para surgires do torpor do bruto?
Hoje o assombro te impelle á idiotia.

Ah! falta alguma cousa no Universo!
Pois se existisse um Deus ou Providencia,

Consciencia da Ordem, ou Justiça,
Era a absurda catastrophe impossivel!
Se até aqui foi preciso inventar numes,
Caduca hoje a vulgar necessidade;
Busquemos a verdade na evidencia,
Que se investigue a Lei em vez da Causa.
Nós nos achamos como os outros séres
Ás leis fataes da Natureza adscriptos,
Compete-nos, por força, o conhecêl-as,
Dirigindo-as com previsão da sciencia.
Esta a vereda nova e a mais segura!
O raio, que arrojava o deus do Olympo,
Arrancou-o das nuvens a vontade
De Franklin; e as orbitas dos astros
Newton as circumscreve pelo espaço.
Eguaes ao raio são tambem as outras
Indicações da colera divina;
Mesmo as pestes e as guerras, submettidas
A leis fataes pelo homem descobertas.

Porque existiram Religiões? Porque ellas
Davam-se por seguras medianeiras
Nos arbitrios de Deus; ellas sabiam
Segredos de esconjuro, a prece, o rito
Para applacar-se as coleras tremendas.
Caduca a velha hypothese ante os factos;
Só no mundo das fabulas subsiste
A ficção infantil que a mente occupa.
O espirito moderno, audaz, activo,
Não contempla, examina, quer vêr tudo,
Verificar consciente, e convencido.
É esta a orientação da luz — a Sciencia,
Vedado pómo das Theocracias.
Precede o terremoto de Lisboa
A ruina de um mundo! o enorme abalo

A alma moderna convulsiona, ao vacuo
Lançando as ficções vãs do theologismo,
E as ôcas, subjectivas entidades. —

Vendo a Taça da Ghild sobre a meza,
Enche-a Voltaire, e em jubilo saúda:

— Conta-se que o Terror, na velha edade,
Sugerira dos Deuses a entidade
Que os crédulos espanta!
Hoje, os Deuses ante o terror se sómem,
E, Providencia de si mesmo, o homem
Das ruinas se alevanta. —

Diderot, que escutára, e que assentia,
Levantou-se saúdando a éra nova
Como um gigante em meio das ruinas:

«Para além do horisonte da Sciencia
Abre-se um vacuo incognoscivel, frio...
Apoderou-se a Fé d'esse vazio.

Sobre o páramo escuro, cuja essencia
Sempre intangivel é do nada o somno,
A Fé fundamentou ahi seu throno;

No boqueirão lethal se precipita,
Julgando illuminal-o com seus raios,
Nas almas deixa os mysticos desmaios.

Perpassa o tempo, e hoje te indigita,
Hallucinante Fé, que o não dominas!
O vácuo engole-te, e ás visões divinas.

Vae! procura outros mundos, que esse espaço
Teus vãos phantasmas resurgir não deixa,
Incognoscivel — a Sciencia o fecha,
Valhacouto do idiota e do devasso. »

D'Alembert, com a augusta segurança
De um espirito recto, que se apoia
Na convicção da immutabilidade
Das leis da Natureza, — o demiurgo
Que esculpira o frontão da *Encyclopedia*,
Fallou:

— «A hora da lucta se aproxima,
Da lucta decisiva; a luz attrae-nos,
E a vida esvae-se a combater as trevas.
Outr'ora, nos primevos dias do homem,
Quando a necessidade o reunira
Para atacar os grandes monstros brutos,
O Megatherium rijo, o Masthodonte,
A fraqueza de todos fez-se força
Na instinctiva Liga, que origina
Da sociedade a primordial coherencia.
Coube a victoria á intelligente liga!
Da Natureza physica acabaram
Os monstros indomaveis! lentamente
Novos productos monstruosos surgem,
Hydra invencivel, que se multiplica,
E incoercivel se furta aos golpes todos.
Continuamos a primitiva lucta
Contra estes outros monstros do passado,
Que se acoutaram na consciencia humana:
Sacerdotal Superstição obscura,
Auctoridade hereditaria, — absurdos
Aviventados por paixões egoistas,

Que o cáhos social sévos prolongam!
A lucta material está findada,
Sobre a creação o homem tem imperio;
Começa a nova lucta da Consciencia,
Em que a rasão se insurge, e alfim um dia
O homem toma de si mesmo pósse.» —

•

Terminado o banquete, Suard que chega,
Traz a noticia do fallecimento
Do sabio Montesquieu:
«N'aquelle transe
Como sua alma em hymnos de verdade
Se exhalou! Chama em volta do seu leito
Os attentos discipulos que escutam:

=Na venturosa edade estaes, senhores,
Do activo esforço e dos successos grandes;
Gastae vossa energia vindicando,
Como um supremo goso, o que for util
Á desolada e pobre humanidade!
Quem succumbe a tristezas, se um momento
Dado á meditação adoça a angustia?
Da vida em mim se apaga este lampejo,
Vós com ardor entraes na liça agora.
Tocae a meta que entrevi de longe!
Dos liâmes do instincto o homem solto,
Quando á rasão procura levantar-se,
Absurdos mil consagra monstruosos.
Olhae, como as Nações riquezas, pompas
Malbaratam em um esteril luxo,
Em quanto ao homem laborioso falta
O pão as mais das vezes, e o bom senso!
Para extinguir a dupla e crua fome,
Aos Povos se esclareça a intelligencia,

Dê-se aos Governos bases de Justiça.
Philosophos! é esta a missão vossa. —
N'isto exhalou o alento derradeiro.

Voltaire, o acerbo athleta da ironia
Que vem da segurança do bom senso,
Comprehendendo o problema, vaticina
Da emancipação moral a hora:

— É morto Montesquieu! A Humanidade
Do seu Direito os titulos perdera;
O sabio illustre conseguiu achal-os,
E veiu ao homem dal-os,
Restituindo assim a Liberdade,
O sol de uma nova era.

Quando o sol desce abaixo do horisonte
Deixa ainda uma vaga claridade
Crepuscular, esparsa pelo espaço,
Que allumia, e suscita o pensamento:
Assim, tambem, depois que á campa baixam
Vultos que irradiaram sempre ideias,
Deixam fulgindo no horisonte humano
Como um clarão que as gerações envolve,
E da concordia ao limiar as guia. —

A catastrophe ingente de Lisboa
Produzira um intenso e vivo abalo
Em todas as consciencias; desvairadas
Vêem na Providencia atroz ludibrio!

Os espiritos fortes não succumbem;
Sobre o Universo, ousados, o olhar lançam,
A Lei em vez da incognoscivel Causa
No equilibrio das forças investigam.

E n'essa infensa crise, quando á mesa
Do festim do barão d'Holbach, anciosos
Eminentes espiritos sacodem
O pezadello secular, e fitam
As lucidas miragens do futuro,
Bem longe, mas na mesma ideia absortos,
Da mesma vibração moral feridos,
Outros genios tambem se fortificam
Na duvida insoluvel, proclamando
A emancipação interna do homem,
De hora em diante senhor do seu destino!

N'essa hora infesta, Kant solitario,
Concentrado em meditação profunda,
Lançava o olhar perscrutador aos orbes,
E pela só coordenação das forças,
As immanentes forças da Materia,
Reconstruiu sem Deus o universo.
Goëthe lança por terra o Altar que erguera
Ás mythicas ficções do pantheismo,
E na verdade unanime da Sciencia
Fecunda o ideal — Verdade e Poesia.

Renasce a Humanidade, a eterna phenix,
Do grande cataclysmo da Consciencia!
O coração humano ardente pulsa
Hoje por novo Amor! Deuses, Oraculos,
Monumentos triumphaes, Corôas, Dogmas,
Cedem o passo á seducção estranha:

A Galathéa, essa animada estatua,
É a Vida, o problema irreductivel.
Bichat, Lavoisier, Lamarck, attentos
Procuram surprehendel-a; ella se esquiva
Immortal Galathéa; Magendie,
Baer e Bell, febris se apaixonaram
De Pygmalião pela animada Estatua.
Todos procuram o mysterio insito
D'aquelles seios tenues que palpitam,
Como o calor e fogo intimo a move,
Como ao marmore adveiu o sentimento!
Goëthe se inspira em nova e ardente strophe
Do universal amor, e o *Fausto* exprime
Esta ancia do saber, que impelle o homem,
Que se contém no mytho inconsciente
Do Prometheu hellenico a Ahasvero!

Da ideia as translucidas correntes
Atravessando a velha sociedade
Catholico-feudal, que se dissolve,
Suscitam o acordar das consciencias!
O banquete de Holbach era o reflexo
D'esta Symposia fraternal dos livres;
Em toda a parte surdem os convivas:
Junto de Bolingbroke se acolhiam
Na Inglaterra audazes pensadores.
Eis na Allemanha, Kant, Herder e Lessing,
Fichte e Jacobi, Lavater, Goëthe
São os gigantes do escalado Olympo,
Que arrebatam a racional favilla.
A santa incubação é precedida
De illuminismo vago: as almas puras,
Collaborando pelo sentimento
Na crise em que o passado se derroca,

Lançaram da revolta o eterno grito,
O Ternario, que allia a *Liberdade*,
Egualdade e *Fraternidade* humana!

Póde a Lyra de Orpheo, no mundo antigo
Com a magia do sonoro carmen,
Que era a força da Lei, vencer as féras,
Asserenar os ventos, as borrascas,
Carrear as pedras que a Cidade cingem:
Tal no mundo moderno que desponta,
É d'essa Lyra o *Ça ira*, que acorda
A multidão a vindicar justiça,
A fundar a Egualdade no Direito,
Na liga fraternal para a defeza.
E os que eram mudos pelo soffrimento
De seculos herdado, com o canto
Cobram a voz saudando a Liberdade.

No principio era o Verbo... Se um sentido
Póde a razão achar na escura phrase,
Eil-o aqui: Quando o homem das cavernas
Inda era mudo, bestial e alálo,
Destacou-se do bruto em que era immerso
Pela articulação da Linguagem.

No principio era o Verbo... E a palavra
Que nos trouxera á sociabilidade,
Foi fixada na fórma de Hieroglyphos;
Encarnou-se nos traços do alphabeto,
Que o saber adquirido perpetuaram!
Perstigio da inaudita maravilha
Essas cabeças simples hallucina,
E o espirito estaca adstricto á Letra.

No principio era o Verbo... A éra nova
Mobilisou a Letra pela Imprensa,
Do espirito adquirindo a ubiquidade!
Eis os seculos em commum convivio,
Raças, Povos, Nações vão congrassar-se,
Da universal concordia é base a Sciencia.

SEGUNDA PARTE

A TAÇA DE OURO DE BABYLONIA

CANTO I

Ultimo festim de Dom João

I

Quem suscitou a lubrica vertigem,
Este desvairamento da Rainha
Pelos bailes e festas, mascaradas
Em que traz envolvida a côrte, e a abysma
Na voragem de gastos fabulosos?
A Rainha era casta e timorata...
Hoje, que ardor! todo o dinheiro é pouco
Para o jogo frenetico e prazeres
Do Petit-Trianon nas noites loucas!
Não se lhe dá que a França verta sangue
Para encher o erario! O goso foge,
Rapida a vida passa como um sonho.

Que mudança tamanha na alma ingenua
De Maria Antoinette! Que volupia

Se lhe infiltrou? Debalde a mãe austera
De Austria lhe escreve, e previdente a avisa.
Nem Mesmer, Saint Germain ou Cagliostro
Explicar poderiam tal mudança.
É, comtudo, patente esse mysterio.

II

Na visita do Imperador a França,
De seu irmão José Segundo, vinha
Um cavalleiro apósto, o olhar ardente,
Sobre os labios um riso apaixonado,
Mas ironico, tragico, furtivo,
Com fascinante seducção. Quem era?
Por onde passa um frémito de goso
Espalha entre as mulheres! Contam d'elle
Que, era filho de um castelhano monge
Que em Roma vira a encantadora Estatua
Da nivea Galathéa, a estatua occulta
Nas Thermas de Trajano, e a abraçára
Em amplexo febril, peccaminoso.
A Estatua é de uma feminilidade
Invencivel, ideal, provocadora;
Muitos dos desvairados que a contemplam
Beijam-a doidos, doidos a polluem
De sensual exaltação no accesso!

Oh, bem hajam os Papas, que nas sombras
Sepultaram da Galathéa a Estatua!
Mas, d'esse abraço do hespanhol asceta
Nasceu Don Juan! Que mysterioso typo.
Da seducção tem a invencivel força,
A graça feminil, a luz sombria
Do secreto desejo que subjuga!

Don Juan, Don Juan, era sua vida
Tal como o nascimento, mysteriosa:
Depois de ter vagado pela Hespanha
Como um frade ribaldo, andou na Europa
A visitar as opulentas côrtes.
Molière o apresenta a Luiz Quatorze;
Em Vienna, entre esplendorosas festas,
No genio de Mozart encontra as notas
Da expressão de infindos devaneios,
Da ancia do goso que atormenta as almas.

Ao vêl-o em França, D'Argenteau lhe falla:

— Vive triste a Rainha, comprimida
Por austera etiqueta; em volta d'ella
Só inveja e desdens, e mesmo o esposo
Faz da côrte um monastico recinto.
Tornae Paris como Vienna! espalhe-se
A vertigem dos bailes, da alegria.

« Rainha e joven! (Don Juan devolve)
Melancholica e bella, triste vive;
Vou irisar-lhe a mente de mil sonhos,
Fazel-a amada dos que ao perto a vejam,
Dos que aspirem o ár que ella respira.
Tenho um Philtro que os animos subjuga:
Taça de Ouro de Babylonia... Vêde-a;
Quem a levar aos labios não mais perde
A febre dos prazeres, dos amores. »

III

Foi no banquete dado á despedida
Do Imperador José Segundo; á mesa,
Quando se erguem os brindes, entra um pagem,
Com donaire gentil, o olhar faminto,

Mas faminto de desvairados beijos,
A Maria Antoinette entrega a Taça
De Babylonia, a Taça de Ouro cheia
De um licor que inebria o ár ambiente.
A Rainha levou a Taça aos labios
De leve, a medo...
Ah, desde aquella hora
Foi-se tornando bella e desenvolta
A Rainha de França! É invencivel
A seducção que de ora em diante inspira.
A formosa Princeza de Lamballe
Com affeição a adora! Tem inveja
A Polignac da intima ternura.
D'Artois, Coigny, Conti, Lauzan e Férsen,
Todos os jovens cortezãos andavam
Deslumbrados da graça da Rainha;
E mesmo no Cardeal de Rohan punge
O sensual espinho que o desvaira.

IV

Dez annos successivos da existencia
N'um delirio de festas continuados!
Do Petit-Trianon nos jardins bellos,
Donairosa Maria Antoinette
Como se esquece ali de que é Rainha!
Fugindo á etiqueta palaciana
De pastora se veste, e munge leda
As ovelhinhas brancas; além se erguem
Os casebres de simulada aldeia
Construida para o ditoso idyllio;
Ali finge ser timida leiteira.
Os jovens cortezãos que estão na intriga
Tocam frauta entre as moitas, disfructando
As primasias do amoroso encanto,

E vão por uma ponte sobre um lago
Para essa ilha cheia de verdura
Que está no centro; ahi verde collina
Coberta de jasmins, de rosas, myrtos
Tem o *Templo do Amor* no alto erguido.
Oh sonho lindo! Oh, quem sonhára sempre.
N'esse *Templo do Amor*, é que a Rainha
A pastora d'aquella ideal Arcadia,
Os amantes congrassa por um beijo,
E apaga entre elles as rivalidades!

Que risos e segredos pelas alas,
Pelos meandros dos jardins inglezes
Cortados de regatos, revestidos
Por arvores frondentes! Alto o cedro
Do Libano, e a Séphora da China,
O pinheiro da Arabia como embalam
Rumorosos as sombras mais propicias
Aos furtivos encontros! E á noite?
Por noites de luar, quando perdidos
Os sabidos atalhos... é pouco isto
Comparado ás vertiginosas dansas
Lá no grande Salão alumiado
Por lustre de cristal, que em volta cingem
Mil corôas de Amores pequeninos.
As mascaras de seda mal escondem
Os desejos, que no ár loucura espalham;
Na deslumbrante confusão quem sabe
Da dama dos seus férvidos amores?
Deliciosos enganos, sobresaltos
Que tornam mais vehementes os encontros.

Fulgurante de graça entra a Rainha
Na Sala da Comedia; representa
De uma ingenua aldeã que meiga escuta

Declarações de amor apaixonadas.
Felizes os que alegres tomam parte
Nos *rendez-vous* das doces noites breves;
Mais felizes ainda os que contemplam
A furto, e casualmente, se a Rainha
Faz de Susana ao emergir no banho,
Se algum donaire ao toucador ensaia.

Quem não dará por ella o sangue, a vida?
Esse o temperamento frio odeia
Do descuidado Rei...

V

N'este delirio
Do Petit-Trianon, que ornam custosas
Alfaias estupendas, os ministros
Vão cahindo esgotados de recursos
Para alcançar dinheiro! Malesherbes
Cahiu, Calonne apoz, Necker; que importa?
Quem, em verdade, é que governa o mundo?

Disse o Poeta:
— Emquanto não governam
Este mundo os Philosophos, a *Fome*
Ou o *Amor* é que dominam tudo.

Ergue-se em França o horrido conflicto.
Quem vencerá?
A Fome!
O Amor!
Quem sabe?

Mandou a França os seus representantes
Á Assembleia dos Notaveis. Pensam
Debellar a famélica miseria;
Os Estados Geraes são convocados,
Do poder da Corôa se apoderam.
Tem a Soberania a Constituinte.

A Rainha viu claro no horisonte.
Deve vencer o Amor, pois com a Fome
Os Philosophos têm já pactuado.
De Babylonia a Taça de Ouro agora
Os mais altos espiritos fascina.
Mirabeau da Rainha se aproxima,
A seus pés ajoelha, e o que promette?...
Vem Barnave, Lameth; quantos se rendem?
Quem tem medo das coleras do povo!
Ruja, embora; é o Amor que impelle os bravos.

D'Argenteau, da Rainha o conselheiro
Que em seus actos a guia, a sós segréda:

— Senhora! a Fome distribue activa
Cocardes tricolores entre a plebe,
Como a divisa que congrega á lucta
Os inimigos que a Realeza ameaçam.
De Babylonia a Taça de Ouro tendes;
Dae ás Guardas Reaes o doce philtro,
Todos irão por vós até á morte. —

VI

Por ordem da Rainha se prepara
A grande Sala da Opera em Versalhes;
No banquete festivo são convivas
Da Guarda Real os Officiaes todos,

De uniformes de gala deslumbrantes.
As flores, luzes, capitosos vinhos
O enthusiasmo accendem! Com certeza
A Rainha virá ao final brinde?
Ia o banquete em meio; Don Juan falla
No conselho secreto da Rainha:

«Entrae, Senhora, entrae na sala agora;
Vereis corações firmes que se aprestam
A defender-vos, mesmo, até á morte.
De Babylonia a Taça de Ouro eu dei-vos,
Fazei uma saúde áquelles bravos,
E vencerá o Amor!»

Triste responde
A Rainha Antoinette:
—Eu não me atrevo
A percorrer a sala do banquete;
Um presagio terrivel me acabrunha!
Lembram-me as festas nupciaes mudadas
N'uma horrenda catástrophe imprevista,
Quando espantados os marciaes ginetes
Ao refulgir dos fogos instantaneos,
Atropellam a multidão inerme!...
No festim de hoje o coração presente...
«Não é possivel o funesto agouro!
De Babylonia a Taça de Ouro ainda
Tem um perstigio magico, invencivel.
Entremos...»

No Salão resôam hymnos
De enthusiasmo louco; e aos sons vehementes
De um côro triumphal entra a Rainha
Na apparatosa quadra do banquete.

Palôr sinistro lhe branquêa a face;
Ella esplendida passa, acompanhada
Por Damas que as *Cocardes brancas* levam;
Por sua mão, colloca-as sobre os peitos
Dos garbosos Officiaes, que altivos
Deitam ao chão a *tricolor Cocarde*.

A Rainha sorri, vendo o triumpho,
Crê nos seus denodados cavalleiros;
Ao tirar do açafate o ultimo laço
Acha na mão uma *Cocarde negra*,
Da Casa de Austria o conhecido emblema.
Terror lethal o rosto seu exprime!
Mas os brados, os firmes juramentos,
Acclamações, as musicas, aturdem-n'a,
E temerosa sáe, indo occultar-se
Nos braços da Princeza de Lamballe.
Bem receia que a Fome tenha em breve
Maior poder do que o Amor!
Por certo,
Póde a Taça da Ghild para a lucta
Reunir a multidão que revindica
Os Direitos que ao homem lhe competem;
De Babylonia a Taça de Ouro apenas
Ajunta em goso egoista os que no mundo
Fruem da Auctoridade o antigo abuso.

CANTO II

A queda da Bastilha

I

Ao recordar-se do sinistro encontro
De uma *Cocarde negra*, ainda estremece
Convulsiva Maria Antoinette
Abraçada á princeza de Lamballe:

— Eu bem conheço que na voz do Povo
Sou a traição, a Austriaca! inimiga
Da politica nacional da França.
Quiz a fatalidade irrevogavel
Trazer-me ás mãos uma *Cocarde negra*,
A côr do Imperio de Austria. Esta suspeita
Presagia a catastrophe medonha
Que me espera! Quem foge ao seu destino?
« Mas, Senhora, que phantasia...
— Sabes
Em que dia eu nasci? No mesmo dia
Que o terremoto subverteu Lisboa.
Como que vim á luz d'entre ruinas,
Para ser sob ruinas sepultada.
Bem presinto que se derrue um mundo,
E que elle hade abafar-me em seus escombros.

« Mas... para que forçar coincidencias
Sem significação? Confiae nos bravos
Da Guarda Real... E os apaixonados,
Vandreuil, e Coigny. Lauzan e Fersen
Com que prazer darão por vós a vida! »

Quando a Rainha já se anima, á pressa
Entrava D'Argenteau; vem junto d'ella:

—A onda cresce; a *tricolor Cocarde*
Vê-se em todos os peitos, em protesto
De vós não terdes levantado um brinde
Á Nação no banquete. Isso que importa?
Está seguro o throno dos Capetos.
Contra a Nação, eu digo, contra aquelles
Que hallucinam o povo proclamando
Phantasticos direitos, vêde altiva
Ha quatrocentos annos a Bastilha!
Suas muralhas são impenetraveis;
Essas negras abobadas calaram
Philosophos, Poetas; n'esse abysmo
Os Politicos caíam. Se assim mesmo,
Por um milagre da consciencia humana
O povo se entendesse, e a Cidadella
Ruisse em terra, inda um recurso resta:
A fuga! A fuga é que vos aconselham
Leopoldo e a Rainha Carolina.
Acaso o Rei acceita o ultimo alvitre?

II

Por entre a multidão andava anciosa
Uma pobre mulher, rogando a todos,
Implorando justiça, e a liberdade
De um esquecido preso da Bastilha.
Nem ella mesma o mísero conhece.
Viera á mão parar-lhe, casualmente,
A queixa escripta e arrojada ao vento.
Doeu-lhe a sorte da desgraça muda,
Da victima do arbitrio irresponsavel.
Appellou para os corações humanos!

Não attendem a voz; mas insistente
A piedosa mulher espalha a queixa
Do esquecido prisioneiro; á turba
Accode o horror da negra Cidadella
Que amedronta Paris, vê n'ella o emblema
De um iniquo Poder! E os que diante
Passam dos fortes muros da Bastilha,
As abafadas ancias representam
Dos seculos de arbitrio e de injustiça.

Que era preciso para alli, em vida,
Ser sepultado, e não vêr mais o dia?
Bastava o ter rasão perante o abuso.
E contemplando essa Prisão nefanda,
Nasceu no povo o impulso da revolta,
Pelo contraste apenas entrevisto
Nas algemas que os pulsos arroxeam
E o espirito livre que protesta.

III

O Prisioneiro

Uma palavra diz toda a desgraça:
Tem por si a rasão! eis o seu crime;
O despota o conhece, busca traça
Para occultar a victima que opprime.

Ferros! vossos anneis concatenados
Venham soldal-o para sempre ao muro;
Abobadas, calae plangentes brados,
Trevas, sumi-o no estertor do escuro.

Mas; tudo é pouco. O prisioneiro pensa
No rancor do tyranno e adormece;
A natureza é mãe: na dôr immensa
Accolhe o que nas ancias desfallece.

No lethargico somno descuidoso,
Aos sitios mais queridos de outras éras
A mente vôa e aviva com repouso
Passadas illusões, doces chimeras.

Quem cuidará que o inerme prisioneiro,
Esquecido do peso das algemas,
Ouve os colloquios do amor primeiro?
Do adeus final as expressões extremas?

Alli lhe transparece sobre os labios
Ignoto arpejo de suave riso,
Sereno, como a profundez dos sabios,
Triste, como o luar quando indeciso.

Pensa que é livre! o somno é liberdade
Para esse a quem nenhum consolo reste;
Qual será mais feliz? a Auctoridade
Nunca logrou um somno como este.

Véla o tyranno, tendo álerta os guardas,
Entre canhões, muralhas, torres, fossos!
Lá quando o somno chega em horas tardas,
Ouve ais, vê sangue, estrépitos, destroços:

Escuta os gritos surdos da revolta
Do povo que a si mesmo faz justiça;
É negro o pezadello, o horror o escolta,
Quer despertar, remorso o enfeitiça.

Este, dormindo, já se sente escravo,
Arrastado por praças, com vergonha;
Mas quem jaz mudo sob o iniquo aggravo
Que é livre, livre, o prisioneiro sonha.

Qual será mais feliz? Um, quando dorme
É só para sentir terror, fraqueza;
E áquelle que succumbe ao peso enorme,
Diz-lhe ser livre a santa Natureza.

Bem haja a eterna força que lhe inspiras,
Que não conhece algemas — a Vontade!
Prepotentes! quebrae ante ella as iras,
Embalem-nos os sonhos da verdade.

IV

Pobre e santa mulher! foi o teu brado
Como se dessem a provar ás almas
Trago forte de um fraternal convivio,
Pela Taça da Ghild. Na concordia
De uma mesma emoção se realisa
A harmonia suprema das vontades.
Essa voz de piedade, tantas vezes
Repetida, converte-se n'um grito:

— Á Bastilha! Á Bastilha! —
Grito ingente.
Espontaneo, geral, tempestuoso;
Negreja a multidão enchendo as ruas,
Para a Prisão converge a onda enorme.
Estaca diante dos tremendos fossos,
Das pontes levadiças! Quem hesita?
Vence o impossivel intima confiança.

Chegam a Delaunay parlamentarios:
Que abra as portas e a Fortaleza entregue!
O tempo urge e a commoção attinge
O frenesim que multiplica as forças;
Rompe a fusilaria, e por cinco horas
O furor do combate se prolonga.
A ponte levadiça cáe, e invade
A multidão os antros da Bastilha;
E como o cão mordendo o páo que o fere,
Pedra a pedra derruba o monumento
Que era o espectro de um passado odioso.

V

A tomada da Bastilha

Todos os erros e fataes absurdos
Da primitiva concepção humana,
Quando a Força adorou, — de que dimana
A servidão abjecta;

Toda essa hostilidade irrequieta
Transmittida por um costume inerte,
Dos Padres o embuste audaz, solerte,
Dos Reis sempre a hecatomba;

Mortal odio de raças, que não zomba,
Rancor das classes, e de egoista casta,
Da Rasão o terror que a mente afasta
Da Lei á ignota Causa;

De um passado já morto quebra a pausa
O bando de phantasticos vampiros,
Resurgindo dos lôbregos retiros
De remotas edades;

N'um vórtice de sangue e iniquidades
Construiram esse antro escuro, estranho,
Onde os homens se sentem vil rebanho,
A Torre, que se impunha!

Foi tudo isto a Bastilha! Testemunha
Nos seus espessos muros, negros fossos
E abobadas que escondem frios ossos,
Dos que morrem clamando.

Constituiu o Symbolo execrando
Do Poder,—quando a Ordem fundamenta,
Dando apoio á Realeza na tormenta
Das paixões que partilha.

E emquanto esteve immovel a Bastilha,
Os que egualam ao Dogma o Privilegio,
Tornando a liberdade um sacrilegio
Julgaram-se seguros.

Ao contemplar inabalaveis muros,
Da protervia a senhorial Cidade
Equilibrada na desegualdade,
Sobre tradições mortas,

Não suspeitavam que as silentes portas
Da Onda humana cedam á violencia,
Vindo a entender-se pela consciencia,
Os livres e os cativos.

E diziam: «Os homens primitivos
Que a Sennaár chegaram em taes mingoas,
Não conseguiram entender-se! as linguas
O accordo não soccorre

Para acabar a construcção da Torre
Que dos diluvios fortes os liberta...
A consciencia hodierna é mais incerta
Ante o poder se humilha;

Impotente em presença da Bastilha,
Não logrando entender-se, nem já tenta
Assaltal-a na colera violenta,
O jugo acceita, e morre.»

A Bastilha! a tremenda, a infanda Torre
Com que ás turbas se impõe a realeza,
A voz que tenta unil-as, com crueza
Alli prompta amordaça!

Um dia... eterno dia! enche-se a praça;
Que gente! A angustia os peitos lhe escalavra,
Formaram a grande Onda; e sem palavra
Ou combinado plano,

Contra a Bastilha vão no impeto insano,
Agarram-se ás muralhas, saltam dentro,
Reboa no antro o fogo, ataca o centro,
E o colosso se rende!

Como em volta do muro que defende
A Cidade maldita, Gedeão toca
A trombeta sinistra, e se derroca
De subito a muralha,

Ao hymno altivo do *Çá ira*, trabalha
Demolindo a Bastilha o povo! Assombro!
Põe raso com o chão o torpe escombro,
Que ao tempo se impuzera.

Do Poder arbitrario o Symbolo era
Derrubado! Baqueou na inanidade;
Por sua vez tambem a Auctoridade
Se submette á Justiça.

Não se entenderam na vetusta liça
Da construcção da Torre na campina
Para affrontar a colera divina,
E o Dogma as raças vence;

Mas contra a Força, hoje a união contém-se
Na harmonia da consciencia! Ufana
A Bastilha — a desegualdade humana
Cáe perante o Direito.

E disse o Povo, apoz o ingente feito:
« Façamos d'estas pedras uma ponte,
A livre via-lactea que defronte
Á sahida do exilio! »
E a arma do combate eil-a utensilio.

VI

Em Versalhes, os bailes d'essa noite
Do Quatorze de Julho terminaram
N'um cotilhon phantastico. O bondoso
Rei Luiz Dezaseis, a somno solto
Dorme em seus aposentos; o relogio
Não fôra adiantado, como ás vezes,
Do Petit-Trianon nas noites bellas.
O bom do Rei dormia o somno suave
Da consciencia placida, embalado
N'uma ignorancia venturosa e tréda.

De repente a Versalhes, a terrivel
Noticia da tomada da Bastilha
Chega como um relampago sinistro.
Arrasada a Bastilha pelo Povo!
Comprehende a Rainha todo o alcance
De um tamanho desastre, e inesperado:
Do antigo Regimen fecha a éra,
Só resta agora preparar a fuga,
Pôr os filhos, e seu marido a salvo;
Instincto de mulher. Que importa o throno?

— Mas, deve ir acordar-se o Rei agora?
Dar-lhe a noticia da calamidade?

Don Juan, revestido inda do baile,
E do Conde de Fersen na figura
Indica o plano rapido da fuga;
No sagaz Leporello, o esperto pagem,
Afivella-lhe a mascara que imita
Do Duque de Liancourt a nobre fronte,
Para que elle entre no aposento régio,
E avise o Rei da desastrada nova.

Dormia o soberano socegado;
Leporello-Liancourt chega-se ao leito,
Consegue despertal-o, e lentamente
Relata a derrocada da Bastilha.
Escuta com esforço o Rei; procura
Vencer o somno, e na confusa ideia
Exclamou:
— Mas, é isso uma revolta! —

Leporello-Liancourt com voz tremente,
Como se um mortal gêlo se infiltrasse
Nas veias:
« Ah! Senhor! ah, Senhor! (brada)
É a Revolução! »

O Espectro rubro
De odio e sangue implacavel se annuncia;
Ao fatidico estrépito dos passos,
No frenesim da secular vingança,
Castellos, áras, thronos estremecem;
N'um lethal redemoinho arrasta quantos
Fruem do privilegio o goso egoista
Para a barra do Tribunal sangrento.
Que os julgue a geração dos opprimidos!

VII

Na activa convulsão de um mundo novo
Que surge das ruinas do passado,
Como o Samaritano ensanguentado
Bondoso, ingenuo e crente ergue-se o Povo.

Sansão, abala o templo onde te encerra
Velho dogma de eternas injustiças!
N'um momento a Bastilha cáe por terra,
Nos escombros pendão fraternal iças.

*

O Povo em massa accode á grande festa,
Esquece a iniquidade dos juizes!
Sentem-se irmãos, irmãos todos! e n'esta
Hora sublime abraçam-se felizes.

Vêm todos na effusão de alegre pranto
Ao connubio da Lei e Liberdade!
N'um festival gigante entôam canto
De esperança, de paz, de humanidade.

Eis desfilam na civica parada
Magistrados, artistas, vêm depois
Os emblemas do campo, a foice, a enxada;
Os orfãos e as viuvas dos heroes.

Um delirio de amor o mundo alaga,
E n'esta convulsão em que se lida,
Os estigmas do privilegio apaga,
Renasce o homem á consciente vida.

*

Como o entrar da Vida tem inicio
Com dilaceração e sangue e choro,
A Ideia vive pelo sacrificio,
Propagada em angustiado côro.

Lei terrivel da Vida! Força estranha
Confunde n'uma identica emoção
O impeto do Amor e a ardente sanha,
Que o liga á Morte e á destruição.

E o diluvio de Amor que o mundo alaga,
Eil-o odio! Noventa e trez impéra!
Correndo o sangue, a sua vista embriaga,
Produz mais séde á convulsiva féra.

Da emoção fraternal, boa, jucunda,
Surgem paixões brutaes, irrequietas
Dilacerando a geração fecunda
Dos sabios, dos philosophos e poetas.

Oh filho de seis seculos de luctas,
Do movimento enorme das ideias,
Ao tomar corpo o berço teu enluctas;
Sobre os que o sêr te deram já campêas.

A Arte, a Sciencia e a Philosophia,
Revolução! augustas te geraram,
Como as fadas, teu natalicio dia
De ideal Paz e Verdade illuminaram.

Nos dias do Terror, quando as escadas
Do indigno cadafalso, pensativo
Subia Chénier de mãos atadas,
Apagou-se ao ideal o esplendor vivo.

Nos dias do Terror, quando o pescoço
Na guilhotina estende, á luz funérea,
Lavoisier, occultou o obscuro fosso
A visão objectiva da Materia.

Nos dias do Terror, quando o cansaço
Entrega Condorcet á turba insana,
Pelo suicidio escapa e deixa o traço
Em que define a orientação humana.

Alguem ha que condemne uma criança
Quando, ao nascer, abriu á mãe a cova?
Confundem-se o terror e a esperança,
Traz dilacerações a Ideia nova.

Epilogo

Quem visse um forte e musculoso Athleta
Estorcer-se pujante,
No esforço do gigante
Quebrando a algema vil que o maniéta,
Levado por indomitos impulsos
Nos arremessos dos libertos pulsos;

Quem, vendo a estranha audacia nunca vista,
Quasi em lethal cansaço,
E da lide no espaço
Não descortina o outro antagonista,
Julgaria uma hallucinação bruta
O quadro incomprehensivel d'essa lucta.

*

Da grande lucta é o athleta o Povo;
Lança em terra a Bastilha,
A Revolução brilha
Como a aurora ideal de um mundo novo.
Imputam-lhe o odio, o crime sanguinario,
Velando o braço iniquo do contrario.

Restitua-se ao quadro essa figura
Que ninguem vê na liça,
Brilhará a justiça
Do Povo, com que vindicar procura
Os Direitos da humana natureza
Contra o egoismo da Egreja e da Realeza.

Assim, a lucta audaz, desesperada
Não mostra desatinos;
D'ella impendem destinos
Da Humanidade, livre proclamada.
Como é sublime a lucta, quando o Athleta,
Partida a algema, attinge a anciada méta!

2.ª TRILOGIA

A EXPLOSÃO DA FORÇA

I

A CIDADE UNIVERSAL

(POEMA)

> Oh! Combien doit être douce la patrie que se sont faite en commun les esprits immortels qui ont trouvé ou seulement entrevu un rayon de vérité nouvelle!
>
> QUINET, *La Création*, t. I, p. V.

Proclamou Robespierre o Sêr supremo
Arbitro do universo!
E desde essa hora em diante
O frigido rhetorico perverso
Funda o Terror em sangue e odio extremo,
N'um rancor delirante
Contra o seu similhante!

CANTO I

O azylo da viuva

1

Feroz a multidão cresce berrando;
Acompanha a carreta que transporta
Esqualidos, famintos condemnados
Do Tribunal sangrento á guilhotina.
Mulheres formosissimas chorosas,
Mancebos de expressão intelligente,
Uns com ár melancholico, abatidos,
Outros cantando em côro hymnos de guerra,
Com árias do *Caveau* intercortadas
Por monologos tragicos, caminham
Sobre o moroso carro funerario,
Que ao cutello do algoz leva ás dezenas.

N'este momento atravessava a rua
Pinel, o grande medico; por pouco
Quasi o atropella a multidão fremente.
Mil vociferações no ár retrôam!
Para evitar a revoltosa vaga
Por tortuosa rua Pinel entra,
Eis com o sabio Cabanis defronta.

Uma tristeza funda os aproxima;
Abraçaram-se. O medico segréda:

— Vêde, a hallucinação attinge agora
A loucura furiosa! Causa assombro
O espectaculo do desvairamento
De um povo inteiro, que o Terror excita,

E pelo sangue o pânico combate!
Não ha na historia crise semelhante.
Ás vertigens da Demonomania
Vêm as paixões politicas seguir-se...

« Tudo isto apoz o fraternal abraço
De sympathia, e emocionante *Festa*
Da Humanidade! (Cabanis lhe volve.)
Tudo isto apoz o impeto sublime
De generosidade e sentimento,
Que o prodigio estupendo realisára
Do desmoronamento da Bastilha!
Por quanto tempo durará ainda
A horrorosa loucura?
— Quanto tempo?
Agora é que ella attinge o maior auge.
E como as grandes pestes, que se extinguem
Quando não têm mais victimas, acaba
O Terror, quando a ultima cabeça
Role, dos exaltados demagogos
Que esta Revolução justa inquinaram!
O Terror nos envolve agora a todos:
Danton e Robespierre estão em lucta
Um contra o outro — o leão e a serpente!
Qual vencerá? Um morrerá primeiro,
Mas o outro não lhe sobrevive muito.
Na lucta de rancor e de vaidade,
Robespierre o perstigio da virtude
Impõe á multidão, e austero, á morte
Condemna todos quantos não o admiram...

« Sob essa accusação todos estamos!
— Os factos nol-o mostram: está preso

Lavoisier! salval-o é impossivel.
E Condorcet...
« O que ouço? (Em ancia e susto
Cabanis, triste o medico interroga.)
— Foi accusado por Chabot; a ordem
Para ser preso Condorcet foi dada.
Vae Robespierre intrepido atacando
Até poder ferir Danton...
«Que infamia!
Quando a Sciencia e o Genio luminoso
Pela estupida horda desvairada
Já são desacatados, que mais resta
Do originario impulso nobre e grande?
Ah, contra as convulsões de uma loucura
Cannibal, ha sómente a força bruta.
Da demolição de erros do passado,
Sobre escombros que ao alto se amontôam,
Estou já vendo o pedestal formar-se
Para o heroe, o salvador, o vulto
Providencial que nos explore a todos,
Seja elle Robespierre em dictadura,
Ou algum espadão que a soldadesca
O embriague e proclame em seu delirio!
Mas, Condorcet? Como acudir-lhe agora?

— Ha sómente um recurso: ir avisal-o;
Fazer com que esquecido elle se torne.
Sempre os loucos se esquecem facilmente
D'aquelles cuja vista os enfurece.
Se a esconder-se Condorcet resolve,
E não se lembram d'elle mais, é salvo.
As furias insensatas assignalam
Da Revolução breve o paroxismo.

II

Os dois sabios unidos caminharam,
Ao palacio de La Monnaie, morada
Do illustre Condorcet. Entrando no átrio
Pinel saíu da contenção profunda
Em que immerso viera, como achando
A solução difficil de um problema:

— Descobri um azylo impenetravel;
Tem alli Condorcet refugio certo.
Uma santa mulher, pobre viuva,
É Madame Vernet que, boa, o accolhe.

Relampago de luz viva allumia
De Cabañis o consternado rosto:

« Para que o sabio um dia não se veja
Arrastado por carceres infectos,
Nem pela multidão vil ultrajado;
Para que aquella olympica cabeça
Sob o cutello de um algoz não role,
Um meio lhe darei... este annel basta. »

III

Mudos sobem a larga escadaria.
Entram; avistam Condorcet brincando
No jardim com Elisa, a doce filha,
Criança de trez annos mal completos;
E Sophia, a encantadora esposa,
Com expressão de graça ideal, andava
Colhendo flores para um ramo, quando

Pára subitamente, ao perto vendo
Pinel e Cabanis que se aproximam.
Teve ella a intuição de uma desgraça;
Hesitaram os dois por um instante
Se a terrivel noticia lhes dariam;
Mas a expressão dos rostos de ambos trâe-os.

Condorcet atacou de frente o caso:
— «Processa-me o Terror?»
Pinel, vencendo
A oppressão com que respira, falla:

— A lucta entre Danton e Robespierre
Declarou-se. O rhetorico deista
O poder de Danton traiçoeiro mina,
Condemnando os amigos seus á morte.
Lavoisier já está encarcerado...

Condorcet, dominado n'esse instante
Por um presentimento intimo, exclama:

— «Quando da França o genio glorioso
Já não é respeitado...»
Beija a filha
Que meigamente no hombro adormecera;
E como um condemnado em frente á morte:
— «Robespierre bem sabe porque eu tenho
Por elle um profundissimo desprezo!»

Aproxima-se a esposa, comprehendendo
Na desolação muda, que era a ruina
Do venturoso lar. Cabanis falla,
Nem já procura attenuar as phrases:

« Chabot, movido a instigação occulta,
Accusou Condorcet; gritando pede
Que o Tribunal o arroje á guilhotina!
Accusa o cidadão, por que ha dois annos
Uma proposta fez para a renuncia
Das guerras com intuito de conquista,
Mesmo se contra a liberdade attentam
Das nações. »
Osculou Sophia o esposo.
Cabanis continúa:
« É accusado
Por que a pena de morte repellira,
Propondo a sua abolição; e aggrava
A coherencia do principio o facto
De não ter Condorcet votado a morte
De Luiz Dezeseis! »
Sophia abraça
Com fervor e paixão essa bella alma:
=Por ti soffrerei todas as ruinas!=

Cabanis concluiu:
« Contra o accusado
Deu-se ordem terminante de captura;
E os esbirros de Robespierre, em breve,
Assaltarão armados o palacio. »

Resoluto fallou Pinel:
— Partamos;
Não ha tempo a perder; acompanhae-me.
Descobri para vós seguro azylo.
É preciso o tornar-vos esquecido,
Até que passe a onda sanguinosa;
Não póde durar muito! Uma familia
Modesta e simples, fóra d'estas luctas,

Vos accolhe em seu lar. Refugio certo
Em casa de Madame Vernet tendes.

Sentiu-se Cabanis alliviado
Da preoccupação que o punge:
«Eu tenho
Este annel, que um subtil veneno encerra;
Mata instantaneamente. Eu o entrego
Para o momento angustioso, quando
Não possas de outra fórma libertar-te
Do asco das enxovias, ou da affronta
Da abjecção cannibal da guilhotina.»

Estendeu Condorcet com anciedade
A mão:
— «Dá-me esse annel. Nada receies,
Minha mulher e esta filha prendem-me
Á vida tenazmente. Dá-me força
Esse annel; talisman de segurança
No terror da incerteza e dos arbitrios.
Eu a morte de Socrates prefiro,
Como Sidney morrendo pela patria,
Quanto melhor, do que ir com ignominia
Perante a multidão irreverente
Arrastado em tropel ao bruto cêpo!»

Os trez illustres pensadores partem
Em busca do piedoso e cauto azylo.

IV

Horas depois assaltam a morada
De Condorcet. A multidão braveja;
Vozes roucas pediam a cabeça

Do aristocrata, o misero, o covarde
Que não votou á morte do Capeto!
Do infame que condemnou as guerras!
Contra a pena de morte a voz erguendo!
No palacio procuram de alto a baixo
O condemnado, em vão; não o encontram.
Do confisco dos bens prompto o decreto
Comsigo trazem; prégam-o na porta!
Do quarto, aonde timida se accolhe
Sophia, a esposa joven e graciosa
Com a filha nos braços, os esbirros
Aos repellões a levam para a rua,
Despojada de todos os recursos!

Descia a noite fria. Desvalida
A senhora divaga errando á tôa
Pelas praças, na immensa soledade,
Leva-a o acaso na sua onda escura.
A filhinha inspirava-lhe coragem,
Sublimou-se a esposa em mãe heroica.

V

Ao refugio onde Condorcet se occulta
Chega a esposa gentil, acompanhada
Por Cabanis; choravam silenciosos.

= Foi o nosso palacio sequestrado,
E a sentença que á morte te condemna
Pregada na parede!...
Ardentemente
Beijava Condorcet a meiga filha
Que pulava contente em seus joelhos:

— «Quando espera o supplicio o condemnado
Cáe n'um somno profundo; e os seus sonhos,
As palavras que solta são lembranças
Que o passado accumula como a nota,
A resonancia de estalada corda.
Uma insomnia invencivel me domina,
E os quadros que ora á mente se affiguram
São sempre as perspectivas do futuro!
Eu, morto para os interesses de hoje,
N'esta procella de monstruosidades
Eu naufrago, não sinto o desalento,
Fitando a luz remota e indecisa
Que do porvir vae desvendando o porto.
Sob as crenças theologicas formou-se
A ficção de uma éra de ventura,
De confraternidade: era o Millenio.
São as religiões exclusivistas,
Dando a esperança unicamente a adeptos:
A Sciencia, prevendo essa harmonia
Que as gerações da terra vão creando,
Sob o nome da Humanidade abrange
Todas as raças, crenças, individuos,
Forças dispersas que ella em si concentra.»

Mas Cabanis sorria duvidoso:

«Quem viu esse espectaculo estupendo
De concordia e de paz, que a mente eleva,
Festa da Humanidade, ah não cuidára
Que hoje a Revolução se abysmaria
No cahos do Terror. Não é possivel
Já a illusão deliciosa; o homem
É sempre o animal feroz e egoista;
Civilisa-se, se o submette a força
Da tradição, de um despota a espada...

— « Pensasse assim, restava-me o suicidio!
Não fallas pois como homem de sciencia.
Que importa a tempestade de um momento,
Se o infinito espaço está sereno?
Como o sol leva em séquito os planetas
Attrahidos no mesmo impulso e curso
Para o astro central, que elle circumda
Na incalculavel órbita inda ignota,
Tambem as civilisações, as raças,
Todos os séres conscientes, desde
O remoto passado, vêm, na marcha
Dos tempos attrahidos para um centro
Que se vae descrevendo, e illuminando,
Nebulosa ideal — a Humanidade. »

Sophia abraça compungida o esposo:
= Essas ideias generosas, grandes,
Que te fizeram desprezar convicto
Privilegios do nascimento, e agora
Affrontar a injustiça do presente,
São a luz do espirito, a esperança,
O alento que na vida tens. Bem hajas.

— « Mas quanto a solidão me opprime e esmaga!
E o silencio? Sem ter aqui um livro!
O sentimento exalta-se; as ideias
Em emoção vehemente se transformam,
Geometra, em poeta me converto.
De Pythagoras, conta-se, dotado
Da penetração intima das cousas,
Sentia as vibrações sonoras, puras
Da rotação dos astros percorrendo
As órbitas infindas nos espaços:
Quanto é mais viva a intuição do Poeta,

Presentindo nas variadas raças,
Nas linguagens confusas, e nos cultos
Das religiões e nas sociaes fórmas,
Nos nacionaes e crús antagonismos,
Uma harmonia superior, latente,
Idealisada pela expressão da Arte,
Suprema encarnação da Humanidade!
O que era essa harmonia das espheras,
Do philosopho na especulação alta,
É para o Poeta hoje a Concordia humana!
O Poeta na região das sombras
Só póde entrar lá dentro, descobrindo
Na arvore sepulchral o *Ramo de ouro;*
Virgilio o disse, e viu que n'esse mundo
Obscuro do passado alcança a entrada
Quem colhe o *Ramo de ouro* da Poesia.»

Comprehendera Cabanis agora
Á illuminação sublime e bella
De Condorcet:
«A luz que reflectia
Sobre a fronte de Socrates tranquillo,
Por tribunal iniquo condemnado
Á morte, e intemerato dissertando
Sobre o futuro da alma humana, é essa,
É essa mesma luz, que mais intensa
Dá-te hoje a transfiguração do genio,
E revela o porvir da Humanidade.
Eu comprehendo d'onde emana a excelsa
Moral serenidade! Essas ideias
Dão conforto e a solidão povoam.
A noite avança; é tempo de sairmos...»

Condorcet abraçava a esposa e a filha:

— « Até quando? E se ainda nos veremos.
Como encher estas horas solitarias... »

Vencendo a esposa as lagrimas, estende
A filha aos beijos:
=Pensa no futuro;
Do futuro aqui tens a imagem bella.
Acima das ruinas do presente
Pelo vôo do pensamento eleva-te,
Edifica a Cidade ideal, humana,
A Patria dos espiritos que adoram
Não Reis nem Deus — a Paz e a Verdade.=

Como a lagem de um tumulo se fecha,
Assim ficou o incognito recinto
Na solidão do triste condemnado.

VI

Vão os dias correndo lentos; mudo
Na longa solidão ficava absorto
Condorcet, quando extatico medita
Da universal Cidade na utopia.
Da Revolução ruge a tempestade
Ao redor d'elle; e antes que se afunde
O baixel, o philosopho se entrega
Á sublime contemplação, buscando
Entre as sombras espessas da borrasca
O esteiro translucido e infindo
Da marcha ascencional da Humanidade.
Que recordações intimas o assaltam!
A existencia domestica, a Familia
No seu ideal mais puro lhe apparece,

Realidade incomparavel! Bella,
Tinha-o Sophia sempre amado; o esposo
Não profanára a virginal candura.
Vibra a concordia humana o sentimento,
Cáe por terra a Bastilha, a esse impulso
Que unifica as vontades pelo affecto,
N'esse diluvio em funda sympathia
Os corações se immergem, ambos sentem
Uma anciedade de juncção das almas:
Do casto amplexo, a flôr esponsalicia
Deu esse fructo que os consola — Elisa.

Na mente do philosopho perpassam
O drama audaz, eschyliano e grande
Que vira da *Tomada da Bastilha!*
As escuras abobadas se arrasam,
Sepultando a Realeza e o despotismo.
A phantasia paira, vôa, unindo
Áquella aurora uma conquista nova:
De Franklin o *Para-Raios!* Marca
Dos divinos arbitrios o remate;
Na elevação do espirito audaciosa
O Geometra torna-se poeta:

O Para-Raios

N'esse valle, por onde manso vaes
Ribeirinho de Uróla a saltitares,
Bordado de pomares,
De alegres milheiraes;
No valle, que as vertentes tem expostas
Aos fortes escarcéos,
E os verdes castanheiros das encostas
Se embalançam na viração risonha,
Com as brisas do Golfo da Gasconha,
Auras dos Pyrenneos;

Ahi, no valle ameno que seduz
O espirito triste,
Lá n'esse valle da Biscaya existe
A casa onde foi nado
O Apostolo-soldado,
Que funda a Companhia de Jesus:
Não mui longe de Asculia alevantado
Vê-se o Torreão antigo
Da familia de Inigo
Por um grandioso Templo circumdado.

Do Templo na alta cúpula campêa
No aberto espaço a Cruz;
Nas montanhosas regiões serpêa
O corisco, que os plátanos apêa,
E inunda os áres de instantanea luz!
Aos coriscos a Cruz de ferro attráe-os,
E para defendel-a
Pozeram os jesuitas ao pé d'ella
O novo Para-raios.

Mas n'esta applicação
Em que o jesuita emprega
As descobertas fulgidas da Sciencia,
Não nota que renega
Da Fé, que impõe n'uma tenaz missão,
Com a incredulidade transigindo
Do seculo já findo.

Don Inigo erigindo
Religiosa milicia que peleja,
Organisou um corpo de combate
Com que tenta o resgate
Do Poder Espiritual que a Egreja

A cada hora perdia,
Quando a Renascença
O Poder da Sciencia torna guia
Dos espiritos em logar da Crença.

Eil-os diante das Leis da Natureza!
No presente quem orça
Qual d'esses dois Poderes, na defeza,
Manterá sua força?
Já o dobre do sino não espalha
Para longe e bem longe a tempestade,
Sobre os raios não têm auctoridade
As preces, nem ha oração que valha.

Pois que o raio não é
A expressão da colera divina,
Perde sobre elle o seu imperio a Fé;
E como o não domina,
Põe o jesuita ao pé
Da Cruz, emblema de um Poder extincto,
Para-raios agora,
Abandonando ao popular instincto,
Ao cerebro que ignora,
A illusão que adora.

Quando um dia uma mão quebrou o sceptro
Do poder dos tyrannos,
Das coleras celestes o espectro
Extingue, abrindo os naturaes arcanos.
A éra das fieções ficou fechada,
As chimeras não fallam á Consciencia
Que acclama, libertada,
Hoje o Poder espiritual da Sciencia.

CANTO II

Sophia Groucby

1

Cabanis vem a furto e com piedade
Acompanhar nas tediosas horas
O sabio Condorcet no occulto azylo,
Narrando do Terror anciados transes,
Do Terror, que na França inteira impera:

«Na Convenção fez hoje Robespierre
Pomposa profissão de fé deista!
Eis a grande Revolução ferida
Pelo golpe do ignobil retrocesso;
Os Symbolos theologicos bem cedo
Veremos restaurados! Velhos troncos
Por onde trépa a planta parasita,
O Despotismo, que inda nos ameaça
Mantendo iniquidades seculares.
No dia em que morrer Danton, acaba
A energia unica, que impelle
A gloriosa Revolução no intuito
Da liberdade dada á consciencia.

—«E Danton? Mas Danton não se defende?...
«Danton ri-se do misero adversario,
O banal epileptico, adorado
Tal como um Deus no Club das megéras.
Diz, que antes quer ser victima de um crime,
Do que triumphar do apóstata verboso
De uma moralidade desorada.»

N'um exclusivo pensamento absorto,
Condorcet mal attende; preoccupava-o
Da cara esposa a sorte angustiosa:

— « E Sophia?
« Em verdade, é sempre heroica!
Com Elisa, a filhinha nos seus braços,
Ella vae pelos carceres, aonde
Os sentenciados contam os momentos
Que lhes resta da vida, e por lembrança
Querem deixar um ultimo despojo,
Um retrato ás esposas desoladas.
Sophia faz de prompto as aguarellas,
Fixando a vida nas physionomias
Que logo o horror da guilhotina apaga.
Os guardas a conhecem; já os presos
Anciosos esperam-na, temendo
Que se não salve esse ultimo lampejo
Da vida que lhes foge! D'isto vive;
Revelou-lhe o mister o seu talento.
Ninguem se atreve a insultal-a; passa,
Como força benefica a contemplam.
Com a filha nos braços, bem parece
A Virgem-Mãe, incólume calcando
A serpente que aos outros estrangula. »

N'este momento a Condorcet acode
A genial revelação grandiosa
Do Symbolo da Humanidade, o vulto
Da Mulher, n'uma encarnação excelsa,
Esposa, Filha e Mãe, trindade santa:

— « Quando o Poeta estava mais absorto
Do *Paraiso* o Cantico escrevendo,

Ao esboçar nas lucidas palavras
De Sam Bernardo esse ideal sublime
Da Virgem-Mãe, extatico suspende
A immortal estrophe principiada
Vergine Madre, Figlia del tuo Figlio...

N'uma contemplação pura se abysma:
Teve Dante a visão incomparavel,
Real e ideal de toda a Humanidade,
Mãe e filha d'aquelles mesmos sêres
Que aos seios trouxe, a quem accalma as dores
Glorificando a lucta e o sacrificio.
Ao adorar o Symbolo eloquente,
Na invocação magnifica prorompe:

Virgem gloriosa e immarcescivel palma,
Esposa, encanto de emoção suprema,
Mãe, vago anceio de inspirado poema,
Trindade augusta que a existencia accalma!

Tens sob os pés a lua leda e calma,
Cingem-te o rosto estrellas em diadema;
Sob essê manto azul quem ha que tema
A dôr, se em ti nos santifica a alma?

Sorriso meigo que o terror espanta,
De humilde e intemerata castidade
É esse olhar de suavidade tanta!

Hymno de amor e dôr e soledade,
Esposa, Filha e Mãe, trindade santa,
Doce e ideal visão da Humanidade.»

II

Luminosa, Sophia chega a casa
Da viuva Vernet; vem vêr o esposo.
Como o encontra abatido, concentrado!

=Não venho vêr-te tantas, tantas vezes
Quantas o coração me pede! Punge
A afflicção dos que esperam pesarosos
Pelos retratos, que eu á pressa esbóço,
Esse amargo penhor de uma lembrança
Da despedida para sempre, n'hora
Que a carreta feral se está enchendo,
E em tropel os arrasta á guilhotina!
Esta pressão horrivel me confrange.
Trabalho sempre. Pobres mães me prendem
Estes braços, com lagrimas pedindo,
Com lagrimas ardentes que as console
Com a recordação ultima, o alento
Colhido na expressão do esposo, ou filho.=

Condorcet escutava, repetindo
Beijos sobre mil beijos pela face
Da filhinha, que descuidada salta
Sobre os joelhos que a sustêm:
—«A morte
Não me aterra, por mim; mas tenho pena
De não chegar a vêr a efflorescencia
D'esta criança quasi ideal, tão bella!
Comprehendo como o contacto, a vista
Da apparição angelica e innocente
Em Sophia a coragem lhe redobra.
Pobre mãe! grande em tua soledade,

A lembrança dos horrorosos transes
Que tu soffres, é mais, mais lancinante
Do que a morte! Estas horas são infindas,
São as noites de insomnia interminaveis.
Parece que enlouqueço; a encephalgia
Na solidão é mais febril e intensa.
Doutor! prepara um elixir que applaque
Esta exaltada sensibilidade;
Que me socegue.»
Cabanis sorriu-se.
Abraçava-o Sophia docemente:

=Tranquillisa-te. Escuta: não pertences
Á familia sómente, que te admira!
Ha outro amor mais alto, surprehendente,
De que tens dado as mais sublimes provas:
O amor da Patria, o amor da Humanidade.
É chegado o momento, em que tu deves
Prestar á Patria, consagrar ao mundo
Serviço immorredouro — um pensamento!
Vae a Revolução baixel sem lême
Quasi a desconjuntar-se sobre escolhos!
Tantos e tão inuteis sacrificios
Diante d'esta insania lamentavel,
Desorientação geral, tremenda!
Preciso é que tu falles com altura,
Tem a tua rasão supremacia.
Ensina ás energias desvairadas
O caminho por onde se realisa
Todo o progresso humano. Escreve um livro!
Um quadro, onde com largos traços pintes
Qual a marcha a seguir da Humanidade.
Então as almas generosas, diante
D'esse contorno genial, por certo
Erguerão sobre escombros do passado

A ineffavel Cidade do futuro,
Tal como Diderot a concebera,
E que Danton, sómente pela audacia
Era capaz de dar-lhe realidade. =

Cabanis reforçava este pedido:
«E um tal Livro é tanto mais urgente
Quanto agora pretende Robespierre,
Aproveitando a insensatez do vulgo,
E da superstição fundas raizes,
Decretar a existencia ao Sêr supremo,
Dar lei á immortalidade da alma!

— «Com vontade riria, se eu pudesse.
(Condorcet cáe n'uma tristeza amarga.)
O espirito fluctua incerto, anciado
Entre as duas correntes temerosas:
O riso de Voltaire, que emancipa,
Ou de Rousseau sentimental deismo!
É preciso orientar a alma humana
No sentido completo da verdade;
Vou esboçar o desejado quadro.»

III

Um partidario da Montanha soube
Que se acha Condorcet refugiado
Em casa da Viuva Vernet; entra.
Dá com os trez que estavam conversando.
Ficam tomados de instantaneo susto.

O Montanhez fallou:
— Eu vos declaro
Sob palavra de honra, e possuido

Pelo amor da Justiça e Liberdade,
Que manterei segredo inviolavel
Sobre o azylo de Condorcet! eu mesmo
Heide avisal-o do perigo, quando
Repentino se mostre e o torne incauto.
Convém ter preparado um outro azylo. —

Cabanis agradece taes palavras;
Condorcet abraçou-o silencioso,
E outra vez sós, solicitos proseguem:

« Aonde um outro azylo achar agora?
Alguma busca já se intenta? O nome
De Condorcet não foi inda esquecido? »

A piedosa Viuva se recorda
Do retiro onde vive Suard occulto,
Em Fontenai-au-Rose. Conseguira
O academico ali ser olvidado.

Cabanis, o parente affectuoso,
Do philosopho a esposa desolada,
Partem logo d'ali; a todo o custo
Buscam fallar a Suard na mesma noite.
Conseguiram que em seu retiro acceite
O grande, o luminoso foragido.

IV

Precipitado repentinamente
N'uma completa solidão, sentia
Condorcet a incerteza do destino;
Era o abalo moral incomportavel!

Elle falla em deixar a humilde casa
Da Viuva Vernet, teme, receia
Que a guilhotinem por cumplicidade!
A piedosa Viuva em vão lhe pede
Que tranquillise o espirito; e pergunta
Que possa dar-lhe distracção, allivio?
Pedira Condorcet papel e penna,
Todo á elaboração mental se entrega.
Assim consegue encher horas de tédio
Na assombrosa contemplação absorto,
Em que pairava o espirito vidente
Sobre a marcha da Humanidade inteira.

CANTO III

A contemplação de Condorcet

—« Nas solidões do Oceano pavorosas,
Na tempestade desencadeada.
O baixel está prestes a afundar-se;
Em rapidos instantes hão de as ondas
Tragar os restos do fatal naufragio.
Ficarão ignoradas para sempre
As ancias de entes miseros na morte
Obscura, sem a compuncção humana!

É então que pensando no futuro
Que lhes foge, os que têm a morte ao perto
As palavras da despedida escrevem,
Lembrando a hora horrenda da agonia.
Pedindo a condolencia, a piedade

Ao baixar do mar fundo á sepultura,
Um papel mettem dentro da garrafa
Que ao mar arrojam; que ella vá boiando
No fluxo das correntes dar um dia
Á praia, e saiba alguem dos desgraçados.

Para mim a hora aziaga se aproxima;
Do futuro me absorve o pensamento,
Quasi que leio no destino humano.
Quando o Terror sedento, sanguinario,
Implacavel me ameaça e me procura,
Mais nitida a visão se representa
Na mente, como a despedida ao naufrago:

Revelação da Humanidade

A Terra é mysterioso palimpsesto
Em que dos tempos a eternidade,
A evolução das fórmas da Materia
Vae inscrevendo, sobrepondo os traços
Dos novos sêres que esse berço cria.
Lê o espirito as paginas dispersas,
Testemunho dos seculos que passam
Sem computo no abysmo do infinito.

Lei de transformação eterna, infinda,
Que leva em busca de aperfeiçoamento!
A Terra, em suas crustas e montanhas
N'um latente labor, cria no seio
O mundo vegetal, que brota e irrompe
Dos espalhados germens que fecunda.

Como as plantas com tanto viço e aroma
Embalsamam o ár, e alando á vida
Tecem o berço da animalidade!

Ah, n'esta escala ascencional, gigante
Da evolução organica, destaca-se
No vértice de um progressivo esboço
Um sêr mais alto e quasi ideal — o Homem!

I

Caliban

Robusto e bronco, mas de fronte erecta
Toma posse da Terra pela força
Com que arma o braço pela clava e o malho.
É um rudo Titan; não pensa ainda
Em escalar o Olympo, mas revolve
A Terra com o arado, inventa o fogo,
Combate as feras, e regula o curso
Dos grandes rios; vôga nas correntes.
A omnipotente mão tudo affeiçôa,
Faz o muro cyclopico que cinge
Uma Cidade-Azylo, e sobre a argilla
Imprime o cunho seu da intelligencia;
Transforma a face do terraqueo globo!
O mundo real, que o cansa e o devora,
Elle o submette á norma ideal, ao sonho
Em que do cahos quasi o extráe de novo.
O Demiurgos, o Heroe, o obreiro,
Expressão da immortal actividade,
Que não fará se o Sentimento um dia
Lhe suggerir o seu primeiro impulso!

Lucta o homem contra a fatalidade
Das duras leis do Cosmos que elle habita,
De emoções sensoriaes que o hallucinam,
Da pressão do passado a que obedece.

Como vencer a organica apathia?
Dominar pelo imperio da vontade,
Reconhecer-se consciente e livre?
Caliban, escutando o Sentimento,
Para a vida moral se eleva e attinge
Fórmas sublimes no sêr seu, mais altas,
Da Familia, de Patria e Humanidade.

II

Psyche

A vaga luz crepuscular da Aurora
Que nas trevas se esvãe quando o sol desce,
A amorosa contemplação suscita.
Hora assim melancholica e serena,
N'essa sombra propicia se revela
Éros a Psyche: o Amor, a Piedade.

Mas o Mysterio á paixão vaga imprime
De orgiasticos cultos a doença,
A vertigem sensual dos velhos Mythos
Da Syria e Babylonia. Desvairada
Pela sagrada Orgia a mulher desce,
Com ella as fortes raças mais activas.
Como Perseu a Andromeda liberta
Do monstro que a devora, Psyche um dia
Sacudindo o delirio das bacchantes,
Deixando das hieródulas os ritos,
Ergue-se como a lua pura e suave
Em mystica ascenção incomparavel,
Esposa, Filha, Mãe, a mediancira
Pelo amor entre a Humanidade e o Homem.

Idealisou o mundo antigo as fórmas
Da plastica, na bella Galathêa;
Dão-lhe todas as graças seductoras
O cinzel do artista e a ardente estrophe
Dos immortaes Poetas que a cantaram!
Nasceu o Sentimento do infinito,
Anceio eterno e nunca satisfeito
Ante a contemplação das fórmas puras.

Foi então que entreviu a mente o typo
Da belleza moral — e se destaca
A mulher como Symbolo perfeito:
Da Virgem, na figura luminosa
Da esperança e graça immaculada;
Da Esposa, a affectiva suavidade;
E a Mãe! Mãe dolorosa e compassiva
Que traz nos braços o porvir, um mundo!

Psyche! tu és o eterno feminino,
Doce emoção do affecto, a sympathia,
A vibração harmonica das almas
Que faz sentir outra alma — a Humanidade,
A quem te elevas pelo sacrificio!

Pulsem todas as Lyras melodiosas,
Espalhem os pinceis as côres vivas
Do iris, para que se veja Psyche
Como o verbo do Amor sublime encarna
Na creação fecunda da Familia.

Como um Templo immutavel, como o Dogma
Absoluto por quem o crente morre,
É a Familia estavel! firme assento
Na memoria dos Mortos tem: origem

Da disciplina cultual primeira.
Os nossos Mortos! os queridos Mortos!
Lá nas profundidades mais escuras
De immensuravel mar o coral fórma
Lentamente as incrustações que um dia
Chegam á flor das aguas, sob o aspecto
De ilhas e de archipelagos esparsos.
Bella a vegetação ahi se expande,
Como a formar um berço de verdura
Que o mysterio da vida preludia:
Assim da noite do passado emergem
Esses agrupamentos familistas,
Que preparam ao homem que medita
Todos os instrumentos da sua obra:
As Linguas, a Poesia, o Culto, a Industria,
Normas moraes de uma espontanea Ordem,
O capital de enormes descobertas
Que as contemplações altas faz possiveis
E á Rasão os triumphos lhe assegura.

A Vestal conservando na ára santa
Sobre a pedra focal o Fogo vivo,
Representa esse vinculo sagrado
Que dos avoengos a Familia unira.
O cuidado, a mudez, recolhimento
Da Vestal, na Mulher são o destino
Da familial subordinação pura.
Sentindo a aspiração da Humanidade
Sem voz que a exprima, ou triste, incerta e alala,
Na commiseração quebra o silencio,
E exaltada Sibylla vaticina!
Eil-a Débora á sombra das palmeiras
A ordem social nova proclamando;
É Magdalena que a Jesus dá vida
Pelo amor com que o ergue do sepulchro;

É Phebe, quando a Paulo dita a carta
Sobre a Graça e Amor da nova edade!
Sois vós, sois vós, Sibyllas mysteriosas,
As vibrações mais tenues, delicadas
Do coração humano, quando aspira
Ao Ideal que foge e a que se lança.

Ao fundar a Familia, um mesmo impulso
Á defeza do Lar o homem chama,
Fal-o affrontar a morte com coragem,
Obter pelo Trabalho a subsistencia.
É n'esse esforço que elle educa o braço,
Tambem o esforço a intelligencia incita.
Torna-se o Lar o fóco da Cidade,
O Prytaneo, que os animos allia
N'um fraternal abraço de concordia.
A Cidade converte-se em reducto;
Ahi, pela Justiça, e na Egualdade
Com que energia de creação se affirma
O Eu altivo, o individuo humano!

E forte para a lucta, cada Patria
Ao imperio da Terra se dirige;
Qual dos Povos terá do orbe o dominio?

A India, na bondade encantadora
Cria a norma completa da Familia,
A Trindade ineffavel affectiva,
Pae, Mãe, Filho, as estrophes de um mesmo hymno!

A Persia, n'um esforço inquebrantavel
O Trabalho e a Virtude identifica;
A acção é a fórma creadora do homem,
Que o torna um Deus: eil-o obra de si mesmo!

A Grecia, ao typo humano imprime o cunho
Da perfeição da plastica, e elabora
Intimo sêr moral, dá luz á ideia
Com que na mente abrange o universo;
Faz do homem a floração mais bella,
Dá-lhe o Ideal e a ancia da Verdade!

III

Hermes

Como a affectividade estabelece
Um accordo entre a acção e o pensamento!
Busca o homem alar-se á região alta
Das ideias, mas prostra-o a fadiga
Pelo trabalho material, insano;
Ás espontaneas emoções entregue,
Adora a Natureza, que o subjuga
Á Chimera oppressiva. Na miragem
Das subjectivas concepções que abraça,
Acha o germen da ideia que o liberta:
O Sol, o nume que os espaços enche
Inundando-os de luz, calor e vida,
É Phtá, Helios, é Surya, Mithra, a fonte
Das energias todas do universo!

Apropriou-se o homem d'essa força,
No fogo, no vapôr, no movimento;
Rouba ao céo a faisca atroadora,
Apêa o Deus do altar, d'onde o espanta,
E no grande arsenal da Terra inteira
Fal-o mover as machinas submisso!

N'esta ascenção que o sublima e exalta,
Livre do pezadello e da fadiga

Que o cerebro lhe exhaure, o homem póde
No ocio fecundo meditar tranquillo
N'um problema de que depende o triumpho:
« Conhece-te a ti mesmo! » Então, seguro,
Depois que com o fogo e com o ferro,
Com a agua e o vapor, na activa lucta
Da faina industrial tenha vencido,
Subjugado a implacavel Natureza,
N'esse esforço hade alfim reconhecer-se!
Ah, d'essa altura vendo os povos, raças,
Tribus, nações formados do mesmo homem,
Da unidade moral no vago esboço
Acha a revelação da Humanidade.
Sente-se do Passado solidario,
Que lhe deu instrumentos para a lucta;
Cooperação reclama-lhe o presente
No conflicto vital, que o torna forte;
E da especie o destino lhe apparece,
Ponto de convergencia que unifica
Todas as desmembradas energias.

E emquanto os homens se julgaram filhos
De um Deus-Pae, sempre um entranhado odio
Os separou pela exclusão dos Dogmas,
Pelas fronteiras e balsões das Patrias.
As Raças vieram dos diversos germens
Nos varios meios do orbe subsistentes;
Eguaes necessidades aproximam-nas,
Para a mesma defeza é que se ligam,
O Sentimento humano identifica-as.

Disse um Poeta da Historia: — Pela lucta
O mundo começou, e a lucta é infinda;
O Homem lucta contra a Natureza,

Contra a Materia o Espirito reage,
A Liberdade ante a Fatalidade,
Ah, que a lucta é universal, eterna!—
Como póde assim ser? se o Homem sente
Que é do universo agora uma potencia,
Como o Calor ou como a Luz, e exerce
Uma acção de harmonia, de concordia,
Acha a rasão implicita das cousas,
Da ordem natural tendo a Consciencia!

Venceu, da Natureza no conflicto,
Fundando a Paz o sonho desejado;
Sobre a Materia é certo o seu triumpho,
Se as suggestões sensoriaes domina,
Deduzindo das relações das cousas
A noção subjectiva da Verdade.
Já da Fatalidade se emancipa
Sacrificando o pessoal egoismo
Ao bem humano e altruista. A vida,
No individuo caduca, eil-a perpetua
Quando á Especie immortal se lhe consagram
Os impulsos da propria Liberdade.»

. . . . . .

CANTO IV

O annel do suicida

I

Reconcentrado o espirito, em silencio
O philosopho estava em seu retiro,
Prestes a terminar o Livro, o quadro
Onde a visão esplendida esboçava
Da evolução da Humanidade inteira!

Resplandecia-lhe a espaçosa fronte
Com o clarão da ideia, que irradia
Da verdade, pela expressão convicto.

Desenfreada, terrivel passa a onda
Da Revolução! Quasi que olvidado
É Condorcet, e por ventura salvo.
Salvo? N'este momento decisivo
A piedosa Viuva Vernet chega
Ao quarto do philosopho, transida
De susto, e todo o aspecto angustiado:

— Senhor! mais um decreto horrivel fére
Os corações heroicos consagrados
Ao sentimento da hospitalidade!
Cáe a pena de morte sobre aquelles
Que derem agasalho aos foragidos,
Refugio aos condemnados do tremendo
Tribunal revolucionario...—
Como
Se despertasse de um lethargo fundo,
Ergue subito o pallido semblante
Condorcet! fita a compassiva Viuva,
Como se no espirito instantanea
Resolução se apoderasse d'elle.
A Viuva Vernet, com um sorriso
De bondade e coragem, que revela
Dedicação sublime, continúa:

— Eu na pena de morte estou incursa;
Não me entrega o destino a nobre palma
Que me tornára a mim mais gloriosa
Do que a santa mulher, quando batendo
Dos potentados ás egoistas portas

A implorar por esquecido preso,
Universalisou o horror immenso
Que poz em terra, em horas, a Bastilha!
Subisse eu os degrãos da guilhotina
Por ter dado refugio ao perseguido,
Quando esse perseguido o seculo honra!...
Com certeza o Terror acabaria
N'essa hora, sendo a lei moral violada.
Essa palma ao destino eu não mereço;
Vivei sereno n'este occulto azylo. —

O silencio de Condorcet aterra-a.
Seria a decisão irrevogavel?
Bem comprehendera a bondadosa Viuva
Quanto havia de tragico e sinistro
N'este silencio; e volvendo á mesma ideia:

— Para que vim fallar agora n'isto!
Melhor seria que ignorasseis tudo. —

Notaram ambos passos ao de leve;
N'este momento Cabanis entrava,
Vem avisar o amigo, que o recebe
Em Fontenai-au-Rose, em seu refugio
Suard o academico.
Interrompe
O sabio medico e a agradavel nova,
Condorcet, que exclamou com segurança:

— « Dizei-me... Danton foi guilhotinado?
« Formidanda verdade! Como o sabes?
Quem trouxe aqui ao ádito sereno
Essa má-nova tão desoladora?
— « Foi do Terror a convulsão recente,

Que sentenciou á morte quantos derem
Azylo aos perseguidos! Protestára
Danton, com a coragem de gigante:
= Darei um ponta-pé na guilhotina! =
Só elle era capaz da humana audacia.
Depois de ter emancipado a França
Da servidão da tréda Monarchia;
E fundado a Republica, reunindo
A desmembrada patria pelo esforço
De Paris hegemonico, a Europa
Vence ao chamar toda a nação ás armas!
Só Danton attingira o ideal supremo
De pôr em mutuo accordo a Lei e a Ordem.
Diante d'esse genio surprehendente
Um rhetorico ôco se atravessa,
Repleto de perfidias e de phrases,
Agitado por loucas utopias
De um idealismo vago, com que encobre
A ambição do Poder, que tanto o alenta.
Quando o duello de morte se terçava
Entre o heroico Danton e Robespierre,
Presenti que da sorte do combate
Depende da Republica o destino.
Com grandeza Danton profere a phrase
Que revela da lucta o desenlace:
= Antes quero morrer, do que eu o sangue
Embora do adversario meu derrame. =
Não seria esta indifferença sua,
Em frente das calumnias do inimigo,
No Tribunal revolucionario,
Acto de um resoluto suicidio?

« Tens rasão! É assim que agora explico
O supremo desdem perante a morte.
Esse homem, que salvou por tantas vezes

A Patria, quando o rei traidor condemna,
Quando armou a nação contra o estrangeiro
Que as fronteiras lhe invade, acaso esse homem
Poderia deixar a França entregue
Aos desvarios do Incorruptivel?
Não deu o ponta-pé na guilhotina;
Não quiz, preferiu ser assassinado.
Longe da França, fulminou-o a nova
Da morte de Gabriella, a doce esposa,
E da orfandade anciosa de seus filhos!
Pouco mais ha de um anno. Esta tristeza
Deixou Danton inconsolavel, frio.
E quando elle pensava no imo d'alma
Em abnegar de toda a auctoridade,
E refugiar-se na familia espera,
De subito esse ideal que motivava
A generosa actividade, é extincto.
A morte, o nada foram-lhe refugio.»

II

Confundido entre a multidão fremente,
Robespierre foi vêr, sedento e alegre,
A morte de Danton. A féra gosta
De farejar o sangue! Na hora escura
Em que a cabeça de Danton rolava,
O sangrento Declamador conhece
Que o Poder absoluto lhe pertence.
Cresce o Terror...

—«Quem sabe quanto tempo
Esta hallucinação furiosa dura?
Por ventura até quando uma alma ingenua
Do Povo, já cansado de vêr crimes,
Contra o chacal, impávida desfeche!
Na morte inda Danton personifica
O genio heroico e secular da França:

O antigo Gaulez,
Saudando os companheiros, os amigos,
Com quem sempre affrontára mil perigos
Da Patria no revés,
Perante a multidão de indifferentes,
Pede dinheiro, joias e presentes,
Como em paga da morte!
E á pessoa que mais amára em vida
Entregando-os, com mão segura e forte
Alegre se suicida.

Um Bispo, que deseja
Subjugar essa altiva e estranha raça
Submettendo-a ao Poder da Egreja,
Diz, vendo o que se passa:
« Entre este Povo a servidão das almas
Assentarei, ao conceder-lhe as palmas
Da sacrosanta guerra. »
Na Orgia do Homem-Deus hallucinadas,
Derramaram o sangue sobre a terra
Nas inuteis Cruzadas.

O Despota, a seu turno,
Tem da absoluta submissão inveja,
E quer no seu Imperio, taciturno,
A sagração da Egreja.
Em vez da hecatombe ante o altar,
Falla ao povo na Gloria militar,
E na longa phalange,
Com que leva os destroços e devasta,
O Povo que o acclama, e que elle arrasta,
Na mesma morte abrange!

Philosophos e Poetas
Tambem vieram fallar de Liberdade;
No espirito das turbas irrequietas
Fez-se a unanimidade:
O *Quatorze de Julho* immenso brilha,
Rue por terra em cinco horas a Bastilha,
N'esse fraterno heroismo!
Pela propria Nobreza eil-o deposto
O privilegiado Feudalismo,
Vêde o *Quatro de Agosto!*

Era esta a forte raça
A que Danton impavido pertence;
Ao que traiçoeiro no combate o vence,
Generoso o abraça:
«O corpo meu em breve volve ao nada!
No Pantheon da Historia consagrada
Será minha memoria;
Ao que ergue contra mim mão assassina,
Não disputo a phantastica victoria,
Prefiro a guilhotina.»

De Danton hoje a morte odiosa, injusta
Põe á Revolução fecunda o termo;
Domina o desvairado Robespierre,
No seu feroz Deismo decretando
As utopias de Rousseau! Não longe
Virá o Salvador, que a França escrava
Dos desvarios do Incorruptivel,
Junja ao seu carro triumphal e egoista.

III

Descia a noite. Cabanis previne
O Philosopho: — « Que Suard o accolhe
No refugio de Fontenai-au-Rose. »
Parte. Da hora propicia se aproveita.
Pelo caminho, inesperada, encontra
A carroça que leva os condemnados
Do Tribunal revolucionario;
Ao clarão dos archotes reconhece
De Lavoisier o intelligente vulto!
Novo crime, que a Humanidade fere
No orgão mais vital, mais importante.

*

Na verificação da experiencia,
Demonstrára da Chimica a sciencia
O principio fecundo:
« Nada se perde! Nada, emfim, se cria! »
E Lavoisier que o facto descobria,
Solta o germen do mundo!

A concepção de um Creador supremo,
O terror do aniquillamento extremo,
Geral do universo,
Que serviram de base ás Theologias,
E de um vago Deismo em nossos dias,
São das ficções o berço.

De um mundo de chimeras esses pólos
Esváem-se, como o nevoeiro ao vento
Que o horisonte empana;
Equiparam-se os crédulos aos tolos;
E traz a Sciencia um novo fundamento
Á Consciencia humana.

Cabanis considera n'esse instante
Morto já Lavoisier, a maior gloria
Que illuminava a França; estava no auge
De um poderio estulto Robespierre,
Que pela Convenção audaz decreta
A existencia do Supremo Ente!
Torquemada politico, persegue
Em Lavoisier o atheu! É morto o sabio.

IV

A solidão levava o desalento
De Condorcet ao animo. Perdida
É a Revolução, desde o instante
Da morte de Danton. N'esta incerteza,
Preoccupa-lhe o espirito a ideia
De que a presença sua arrasta agora
Sobre a pobre Viuva que o abriga,
O horror da mesma lei que o condemna!

Desde Outubro a Abril vive escondido...
Deixa o refugio; parte silencioso.
O ár, os ruidos, tudo o aturdia;
Nas sombras mal atina com as ruas.
Inquieto o azylo de Suard procura;
E desvairado, n'essa longa noite
Perde o caminho...
Pela madrugada,
Sophia e Cabanis cuidosos chegam
Da Viuva Vernet á pobre casa;
Não encontraram Condorcet. Na mesa
Onde a sós o Philosopho escrevia
O Livro está, onde a alma generosa
Nas angustias do espirito se accolhe!

Sahiram á procura d'elle, prestes;
Tudo debalde! Quasi ao fim da tarde
Souberam que o grande homem fôra preso
De Clamart na taverna, por suspeito,
Por ter as mãos de aristocrata, brancas.

Não ha tempo a perder. Correram logo,
Vão a Bourg-la-Reine, onde internado
Dizem que está. Alli o acham morto!
No meio das insanias vis dos guardas,
Das queixas e tropel dos condemnados,
Na sordidez infecta da masmorra,
O Philosopho vira a perspectiva
Dos interrogatorios affrontosos,
No cannibal delirio dos que adoram
A Robespierre como o Deus da Patria.
Terrivel suggestão lhe acode á mente:
O exemplo de Sidney o incita,
Traz comsigo o annel envenenado,
A rasão determina-lhe o suicidio.

De Condorcet a morte não sacia
O sangrento Declamador! Por terra
Um mez depois, de Lavoisier no cêpo
Róla a cabeça luminosa, augusta!
A Cidade sublime do futuro
Vae perdendo os obreiros generosos.
Esgota-se o Terror pela violencia,
Da apagada emoção fica o ludibrio.
Como a pezada nuvem se dissipa,
Cáe por fim Robespierre entre os apupos
Da multidão que no messias cospe,
Emquanto um novo Salvador aguarda.

A Convenção prevê o ingente abysmo,
Vê a França caindo sob o imperio
De ignoto e audacioso aventureiro
Que á multidão se imponha: Como o nauta
Pela bussola vae, entre borrascas,
Singrando intemerato pelo oceano,
A Convenção recebe o excelso Livro
De Condorcet; dá-lhe a publicidade,
E espalha o Verbo novo pelo mundo!

Ao Terror doentio póde alliar-se
A bruteza da militar Orgia,
Restauradores de um Passado morto,
Sophismas de ideologos pedantes,
Ligas dos Reis egoistas contra os Povos;
Eil-a firme a universal Cidade,
Assente em alicerce inabalavel;
Para ella convergem os esforços
De quantos pela Humanidade luctam.

II

A QUARTA CORDA DA LYRA

(POEMETO)

I

Noventa e quatro. Brilha fulgurante
A luz de eterna aurora
A Epopéa bella
Da Grecia, — como um testemunho novo,
Quando a Revolução é triumphante,
De como se revela
A força creadora
Com que renasce socialmente um Povo!

Das multidões a aspiração, a ideia
N'um impulso sincero,
Illumina-as agora
A comprehensão da hellenica Epopêa;
Como o Povo se identifica a Homero!
Na inolvidavel hora
Da commoção suprema,
Ideal e Acção são canticos de um Poema...

*

O poeta Chénier sentira n'alma
Esta synthese augusta das edades
Na concordancia que desfere o acaso.
Tendo cantado o smyrneo Cégo, o aédo,
Ama a Revolução, e na onda envolta
Da convulsão do Povo, que o inspira,
Que as fontes lhe abre da immortal Poesia,
É arrastado ao sorvedouro escuro
Dos antros do Terror!
Que mão o salva
Ao novo Orpheo das sanguinosas furias?

II

Por sua vez tambem, eil-o arrastado
Á guilhotina Robespierre. A turba
Grita possessa, enthusiasmada, alegre;
Do Chefe do Terror, n'aquelle dia
A execução tornava-se uma festa.
E desde que a cabeça no chão róla,
Dos peitos todos um alento irrompe,
Como o acordar á luz do sol que nasce
De um longo e ensanguentado pezadello!

O brado de alegria e de esperança
Soôu por todas as prisões, que estavam
Atulhadas de gente, a cada hora
Do Tribunal revolucionario
Aguardando a sentença e o cutello,
O cutello, que os libertasse em breve
Da fome e sordidez dos negros antros,
E do capricho da horda jacobina!

Quando a nova, vehemente e inesperada
Transpirou nas prisões, ouvem-se cantos,
Hallucinados cantos, o delirio
Dos que tinham perdido a esperança
De salvação. Os cantos se propagam
Por todas as prisões do Luxemburgo;
Em Plessis e Sam Lazaro retumbam,
Na Force, eram prenuncios do resgate!
As prisões são abertas. Pelas ruas
Os desgraçados, pállidos, famintos,
Como irmãos se abraçavam, como naufragos
Tocando a terra, incólumes da vaga.

III

Foi n'essa hora de jubilo estrondoso
Que se abriram as ominosas portas
Da prisão de Sam Lazaro: Uma joven
Na formosura dos dezoito annos,
Na candidez de uma existencia amarga
Entre ruinas que ella não comprehende,
Ao dar na rua os temerosos passos
Mostra no rosto uma anciedade incrivel.
Outros presos que vêm na mesma onda,
Interrogam-na? A bella perguntava

Do poeta André Chénier onde a morada?
Conhecera no carcere o Poeta;
Não soubera mais d'elle desde o dia
Que fôra ao Tribunal chamado. Morto
É por certo? ou por acaso é salvo?

Do carcere um piedoso companheiro
Para a rua Clery prompto a acompanha;
A familia do Poeta é lá que móra.

IV

A formosa donzella entra na sala
Silenciosa e sombria; encontra um velho
De um aspecto abatido, inconsolavel.
Da prisão de Sam Lazaro o conhece,
É o pae de Chénier. Vem para ella
O bom do velho; abraça-a soluçando:

— Ditosa Aimé de Coigny sois livre...
« Livre! eu vinha saber... mas essas lagrimas
Agora deixam-me adivinhar tudo.
É morto André Chénier? Como eu o amava! »

Da formosa Coigny com que piedade
O triste velho toma as mãos e as beija:

— Eu só dei causa á morte de meu filho!
Procurando salval-o, eu activava
O moroso processo e o julgamento.
Foi peior! ah ficasse elle esquecido
Mais trez dias sequer; seria salvo
Como vós, como todos, desde a morte
De Robespierre, que o Terror estanca. —

Em tanta angustia o pobre velho chora,
Sua esposa apparece a confortal-o
Solicita; depara com a joven,
Com Aimé de Coigny chorosa e triste.
A dôr muda, que abafa, é eloquente;
Como na dôr se entendem essas almas!

— « Buscaes novas de André, do nosso filho?
« Conheci-o no carcere em Sam Lazaro;
Pensativo, enlevado na lembrança
Da desolada mãe, vendo baldados
Os esforços do pae para salval-o,
No meio d'essa angustia, oh não me esquecem
Palavras de coragem, de esperança
Que me dizia a mim, quando eu tremente
No páteo da prisão rodar sentia
A carreta que transportava os presos
Ao Tribunal sangrento! Quantas vezes
Ao ouvir lêr os nomes dos que tinham
De escutar a sentença aterradora,
Desmaiava ao lembrar-me pesarosa
Dos mallogrados meus dezoito annos,
Quando a manhã da vida raia bella!
Calava André Chénier seus desalentos;
Quando eu ficava pállida de susto
Ante a partida para o cadafalso,
Tomou-me as mãos nas suas segredando
De uma *Joven Cativa* a elegia
Que desde essa hora me obrigou a amal-o.
Foi o primeiro amor! e que esperanças
N'um futuro risonho! D'entre os presos
Ao Tribunal chamados, ouço o nome
De André Chénier ecoar... Nem teve tempo
De proferir uma palavra, á pressa
Dá-me o retrato que Suvé fizera

Poucos dias atraz . . .
(Tira do seio
O retrato que beija e á mãe entrega):

« Guardae, guardae no immortal sacrario
De vosso peito essa reliquia santa;
Para mim, guardarei esta Elegia
Que elle compoz, quando um amor nascente
Dourava as trevas da prisão medonha,
E matisava a solidão de encantos.
Não tornei mais a vêl-o o doce Poeta;
Para consolação intima eu lia
A dolorosa endexa, em que inda o escuto:

« — Eu sorria em criança ao vir da aurora,
Sempre ao cair da noite tinha medo;
Causa-me a luz do sol um tédio agora,
E as trevas dão-me um gosto calmo e ledo.

De dia errava pelas varzeas fóra,
Ao serão junto ao lar estava quedo;
Porque sorrindo ao despontar da aurora,
Sempre em noite fechada tinha medo.

Como descanta e vôa ave canora
Sem vêr do caçador o laço tredo,
Descuidado sorria á vida, á aurora,
E a noite interrompia-me o brinquedo.

N'esta vida interior que nos devora
A multidão perturba o ideal segredo;
Causa-me a luz do sol mais tedio agora,
E as trevas dão-me um gosto calmo e ledo.

Hoje, que n'alma um pensamento móra
Absorvente, exclusivo em seu enredo,
Fujo da luz do sol com tedio agora,
Porque me acorda d'esse enlevo cedo. — »

V

Mal acabára a candida donzella
De recitar a tenue Elegia,
De Chénier como um effluvio de alma,
Quando na sala entrava, repentino,
José, o irmão do poeta, consternado
E nos braços da velha mãe se lança:

— Vêde, a calumnia fere-me de morte,
Dizem de mim que eu sou um fratricida!
Propalam que eu dei causa a que a sentença
Fosse contraria a meu irmão... —
Sublime,
A contristada mãe, ao vêr afflicto
José Chénier, a abraçal-o, exclama:

« Erga-se o mundo inteiro hoje a accusar-te,
Mas, dando-te este beijo, filho, nunca
Subsistirão as vozes da calumnia
Contra a tua innocencia: é a verdade
De um coração de mãe o teu escudo.
Falla de teu irmão, tudo nos conta,
O que sabes dos ultimos instantes?
Vive comnosco pela saudade,
Pelo amor, pela admiração crescente.

— Quando André Chénier, silencioso
Ia no carro para a guilhotina,

E Roucher lamentava-se a seu lado
Da orfandade do filho, então o Poeta
Reconcentrado n'uma intensa ideia
Levou a mão á fronte, murmurando,
Tal se acordasse de um aereo sonho:
Comtudo, alguma cousa aqui dentro houve...
Ninguem pôde alcançar d'aquella phrase
O intimo sentido; ha poucas horas
Encontro em seus papeis, de um grande Poema
Ligeiro esboço: em *Hermes* representa
Da Humanidade a marcha progressiva.
Commentava elle a genial empreza:

= Nas festas dos hellenicos noivados
Os convivas corriam entregando
Os archotes de mão em mão, alegres;
Tal parecem as gerações que passam,
Transmittindo entre si crenças e ideias,
As descobertas que as tornaram fortes,
A Linguagem, as Sciencias e a Poesia.
Cada individuo no incessante passo
Da carreira fatidica que leva
Do berço á sepultura, acceita e entrega
O facho vivo que illumina e guia
A incomprehendida festa da existencia.

Quem, perdido em confuso Labyrinto
Vae procurando e segue os seixos brancos
Nos tortuosos meandros espalhados,
E chega alfim á luz, á liberdade;
Tal n'este espaço immenso do orbe somos
Transviados no tropel de leis ignotas
Que regem o universo! Hermes, vós Sabios,
Vós seguis dos phenomenos os rastos
D'entre o perstigio das ficticias Causas

De que os povos phantasiaram Numes.
Accumulando os factos isolados
Para encontrar da construcção o plano,
Miraes o seixo, o ramo, a folha solta
Levada pelo vento, a aza do insecto,
Tambem a podridão do verme e a morte!
Ante o olhar vosso é tudo itinerario
Da trajectoria immensa, evolutiva
Que leva a especie misera arrastada
Dos abysmos do Sêr até ao ponto
De ter consciencia um dia de si mesma.

É este o Ideal que o espirito me eleva;
N'esta anarchia bruta do presente
N'elle se refugia! Eu longe avisto
Fluctuando no Oceano das edades
A Lyra que das mãos de Orpheo caira
Quando o mataram as bacchantes doidas.
Só essa Lyra hade pulsar o canto
Da nova edade, achar a consonancia
Da voz dos Povos, das Nações, das Raças
No épos triumphal da Humanidade.
Poderei alcançar de Orpheo a Lyra
Que fluctua perdida?... =
— Aqui termina
De André Chénier o esboço da Epopéa,
A ideia que lhe allumiava a mente
Na hora oppressa do iniquo transe.
Foi como Orpheo tambem despedaçado
Do Terror n'esse indomito delirio. —

Ali André Chénier sentidos choram
Piedosos olhos; deplorou-o a França,
Tem da gloria a existencia subjectiva!

A formosa Coigny breve comprehende
Que o pensamento ultimo do Poeta
Fôra a grande Epopéa humana; fere-a
Na alma o desdem por um amor primeiro,
Pela flor de sua alma! e deslumbrante,
Olhando a vida por um prisma estranho,
Nos salões festivaes do Directorio,
Nas ephemeras pompas do Imperio,
Sob a Restauração banal, fascina
Feita Duqueza de Fleury, mas fria.

III

A ORGIA MILITAR

Ce que j'admire le plus dans le monde, c'est l'impuissance de la force.

NAPOLEON.

Quando o homem se eleva á Ideia, e a Liberdade
Conquista, fito o olhar na luz do alto horisonte,
Por essa lei fatal do atavismo, horrenda,
Surge Napoleão!
Do instincto cannibal faz verdadeira a lenda:
Ao bruto o homem baixa uma outra vez a fronte!
De vêr golfar o sangue — é gloria e heroicidade
A bestial propensão.

I

A sepultura do Heroe

Alternam-se a derrota e a victoria,
Fluxo e refluxo d'esta onda humana!
E quanto mais a audacia fôr notoria
A catástrophe occorre mais insana,

E no revés á deslumbrante gloria
Como em ludibrio todo o brilho empana.
Uma Aguia que se libra lá na altura
Só póde ter o mar por sepultura.

— A sepultura! Oh, qual será a minha?
Digna do heroe, de esplendida grandeza?
Nenhum imperio o meu poder detinha,
Fiz meu quanto alcancei na redondeza;
Talhei purpuras; báculos sustinha,
A cada general dava a realeza;
Eu ao Deus dos Exercitos, proscripto
Pela Rasão, mandei dar-lhe o infinito.

Filha de reis subiu para o meu leito,
E de reis me servi com apparato;
De jungir povos ao meu carro affeito,
Era o meteoro atroz do desbarato.
De Carlos Magno e Cesar o preceito
Tentei na Europa convertel-o em facto,
Amalgamando tudo n'um Imperio
Para mim; mas formava um cemiterio...

Dos triumphos eu fui seguindo a róta;
A corrente das cousas quem a véda
Opondo-se ao refluxo, á força ignota
Que os tropeços da evolução arreda?
Apoz cyclo triumphal vem a derrota,
Da grandeza ao fastigio segue a queda;
Cairei d'esta altura que hallucina,
Mas serei grande até na propria ruina.

Heide affrontar impávido o destino;
Como o rei Carlos Quinto em Sam Justo
No proprio funeral entoava um hymno
Junto do catafalco, em pé, sem susto;

Se esta ambição perscruto e examino,
Excederei aquelle animo augusto,
Abrindo a Sepultura, onde os meus ossos
Fiquem a salvo dos feraes destroços:

Arrebatavam-se os Heroes antigos
Para junto dos Deuses n'outras éras;
Tambem em ti, oh fogo, os seus jazigos
Buscaram, com que os povos incinéras.
Os Reis húnicos tinham seus abrigos
Na morte, contra os homens, contra as féras,
No alveo, a que não vão hyenas, ursos,
Dos rios desviados dos seus cursos.

Como eu, foram tambem devastadores;
E sobre os fluviaes leitos descobertos
Fazia-se a hecatombe dos senhores,
Das mulheres e servos os mais certos;
Findada a cerimonia dos horrores
Os rios volvem aos alveos abertos,
E assim ficava o rei em um moimento
Dos ultrajes dos seculos isento.

No percurso do Lena, da Asia ao Rheno,
Attila a morte e o pavor espalha;
De Theodorico ó barbaro, ao aceno
O colosso de Roma se escangalha;
Ambos querem o tumulo sereno,
Ambos querem a humida mortalha,
No alveo dos grandes rios desviados
Para accolher os corpos derrubados.

Qual hade ser a minha sepultura?
Descobri-a, por cumulo de gloria;
O curso que a Revolução procura
Desviarei! A obra é transitoria;

Mas na caudal da aspiração mais pura,
E sob a vasa de quanto ha na historia,
N'esse alveo ficará minha cubiça:
Eu, em vez do Direito e da Justiça!

Eu levarei a guerra além aos povos
Destruindo essa ideal *Fraternidade;*
Faço a hecatombe dos principios novos,
Meus generaes com reis têm *Egualdade;*
Amparando os catholicos renovos
Contramino a futura *Liberdade,*
Aos monarchas boçaes forço á Alliança
Para matarem das Nações a esperança. —

*

Assim audaz Napoleão pensára!
E desviou o curso da corrente
Dos factos, por onde o homem affirmára
O Direito entre os povos do Occidente;
Milhões de vidas na hecatombe ignara
Trucida ao seu orgulho, e de repente
O curso volve ao natural alvéo,
Onde sepulto o heroe jaz com labéo.

II

A covardia do bravo

Cáe a chuva a torrentes, e no espaço
Entrecruzam-se os raios. Mais violento
Do que dos vendavaes o atroz fracasso,
É o abalo das almas, no momento
Em que avançam com destemido passo
Os batalhões com impeto sedento,
Com a marcha fatal de uma onda viva
Á batalha campal e decisiva.

É uma hora da noite. Eil-o, a cavallo
Nopoleão monta; á granja de Rossomme
Caminha, Bertrand vae acompanhal-o;
De Waterloo a aldeia a nevoa sóme
De trez outeiros no infimo convallo,
Dormita em paz, mal sonha o grande nome...
Estão sob aguaceiros mais terriveis
Os batalhões francezes impassiveis.

As posições occupam a pé quedo
Prussianos e Anglo-Hollandezes;
Da noite e temporal esperam cedo
O fim; vão ter inicio outros revezes!
Napoleão exaltado exclama ledo,
Ao retroar dos bellicos pavezes:
«Deve sentir um forte orgulho a terra
Em suster estes bravos, e em tal guerra!»

As fauces a terra abre aterradoras,
Traga tudo isto, com mudez eterna...
Não começa a batalha! Já seis horas,
A chuva cessa; e aquelle que governa
No ataque, prolonga taes demoras
No rompimento! Na região superna
A irreflectida casualidade
Será prenuncio de fatalidade?

Duas horas depois começa o fogo
Incessante; já quasi meio dia,
Do exercito francez prorompe logo
Com que vigor toda a fuzilaria!
No planalto Saint Jean o mortal jogo
Do combate mais fero recrescia.
Napoleão aos Exercitos alliados
Oppõe mais de setenta mil soldados.

Canhões, conta duzentos e quarenta,
Vomitam morte, irreparaveis danos!
Antevendo a victoria mais se alenta
Batendo os isolados Prussianos.
Gloria, triumpho á mente representa
Vendo os Anglo-Hollandezes mais insanos
Isolados tambem. Quem não diria
Que tem as palmas d'este immortal dia?

Wellington é batido e se conserva
Firme nas posições, quanto elle póde;
Bem sabe que Blucher como reserva
Já vem em marcha, e rapido lhe acode!
Se as duas horas da demora, observa,
Fazem que o vento da fortuna ródе!
De repente, contra os enormes danos,
Chega Blucher com trinta mil prussianos.

Entra logo em combate: continúa
A tragedia nos lances mais sangrentos;
Já o francez exercito recúa
Do planalto aos terrenos lamacentos
De Haie-Sainte. É a mortandade crúa,
Na lama atolam-se os canhões aos centos;
A noite encobre o quadro horrendo, abjecto,
Dando á batalha um infernal aspecto.

Já quinze mil dos Anglo-Hollandezes
Ficam em lama e sangue sepultados;
Por fundos barrancaes, n'estes revezes
Seis mil prussianos jazem recalcados!
Contam-se mais de trinta mil francezes
A voragem hedionda arremessados,
Dos que se matam sem saber a causa,
A morte poz á ardente sanha, pausa!

Vem fria a noite rapida baixando,
N'uma mesma absoluta paz envolve
Cincoenta mil mortos! Quadro infando.
Napoleão medita; o que resolve?
Da velha Guarda o destemido bando
Prostrado, aos toques do clarim não volve!
Que lhe resta? O revés ao heroe decide-o,
Morrer na lucta! um immortal suicidio.

Hesitou um instante... Vago, aério
Do perigo o afastam n'um momento;
Vae seguindo das sombras no mysterio,
Calcando todo o lamaçal sangrento,
Em que o sonho do universal Imperio
Se afundára, com horrido escarmento!
Na consciencia ergue-se implacavel
Collisão vehemente e inaddiavel:

Prisioneiro entregar-se confiado
Á Inglaterra, o inimigo tredo;
Ou já matar-se em tão misero estado!
Como isso é facil. Tem o annel no dedo,
De Condorcet o annel envenenado!
Ninguem sabe d'este intimo segredo
Do defensivo talisman; n'essa hora
Que a dor resume... lança o annel fóra.

Não tinha no seu animo uma ideia
Por que morresse altivo e heroicamente,
Como o austero philosopho. Receia
Acaso a França exhausta e decadente,
Que o vencedor com odio mais soffrêa?
Bem aviltada e enfraquecida a sente.
Lança fóra o annel que possuia
N'um impulso de occulta covardia.

Chega a Fontainebleau, e ahi assigna
A exhautoração propria, preferindo
Á morte altiva a servidão indigna
Do jugo inglez, da ingenuidade rindo
Com que se entrega á protecção benigna.
Da Orgia militar o imperio é findo!
Só tarde Napoleão viu claramente
Quanto a força brutal é impotente.

III

Napoleão moribundo

Como o grande astro, pállido e já frio
Vae a afundar-se lento no horisonte,
Olhos vagos do extremo desvario
Dão um sinistro aspecto áquella fronte;
Sombra gélida a face lhe cobriu,
Como os nimbos no vértice do monte;
Aguia, que vae morrer, sacode as azas,
Tal se agitou, e disse então:

« Las Casas,

Estás ahi? És sempre o mesmo amigo,
Mais vinculado a mim pela desgraça!
Attenta nas palavras que ora digo,
A custo sáe a voz já surda e baça.
Um pezo enorme, aqui, duro castigo,
Me opprime o peito; augmenta e ameaça
Prostrar-me... arquejo de agonia e medo,
Tira de sobre o peito este penedo...

Sim, um penedo! Alguem o detém sobre
O peito exhausto para meu desdouro;
Serei eu como o sapo que se encobre
Sob a pedra? ou recondito thezouro?

Jazo oppresso! sem ár, nem luz que sôbre,
Acovarda-me o pezo d'esse agouro...
A pedra o gelo seu me communica,
E como pedra o corpo inerte fica.

Ouve: Acordei de um somno longo, aziago,
Na vertigem da derradeira hora;
Prostra-me o pezadello mão, presago,
Que me levou além dos mundos fóra.
Por onde eu ia me seguia o estrago,
Pude então meu destino lêr; e agora
A mim voltei; ah, sobre mim o bloco
Assim encontro!... e como o palpo e toco!

Fatalidade immensa; fim medonho!
Menos que o Prometheu do mundo antigo.
Como Sysipho ao bloco não me opponho,
Nem faço como Ajax da rocha abrigo.
Succumbo. Escuta o formidavel sonho,
Attenta na visão que aqui te digo,
Verás d'onde caiu este penedo
De que fiz pedestal... Conto em segredo:

Vi-me perdido, como outr'ora o Dante
Não na floresta escura, mas bem perto
De uma Montanha que encontrei diante
Do passo temerario, vão, incerto;
No flanco da Montanha a mais gigante
Achei um antro lobrego e aberto;
Quiz conhecer o goso de ir perdido,
E entrei, com esperança, destemido.

Era um algar profundo, escuro, mudo,
Gotejando a humidade e a doença;
Frio como o terror! e mais que tudo
Ermo como o que nunca teve crença.

Com a audacia da edade o passo ajudo
Através da visagem feia, densa;
Quero ir lá dentro ouvir a pythonissa
Na solidão dos que só têm justiça.

Era a via subterrea, má, sem tento,
Debaixo da Montanha aos céos erguida;
Interminavel como o soffrimento,
Desconhecida como o entrar da vida.
Foi impávido adiante o pensamento.
Quem romperia a tétrica avenida?
Oh, não foram por certo as alimarias,
Sim, bem o sei, foi geração de párias.

Parecia que o pezo da Montanha
Já o sentia no offegar cansado;
A crassa escuridão era tamanha
Que ultrapassava os Dogmas do peccado.
A tristeza que o peito alli me banha
Similhava a do homem ultrajado;
Silencio egual ao seculo confuso
Que não deixou protesto contra o abuso.

E tacteando trépido, prosigo
Como o cego que orientação procura;
Poder da Tradição de um tempo antigo
Paralisa-me em apathia escura.
Sinto-me vérme dentro de um jazigo,
Reconheci que a vida quer luz pura;
Lá por dentro, nos infimos cancellos
Escuto ruidos como de martellos.

Pancadas longas, de quem rompe e excava,
Na compacta pedreira e a derruba;
O som pela caverna retumbava.
Fui avançando, quer eu desça ou suba

Mais se distingue a varia faina brava,
Como o leão quando urra e alça a juba.
Ais e vivas, lamentos e cantigas
Sôam, como animando nas fadigas.

Cheguei mais perto! Vi-os; eram tantos...
Cataduras de cyclopes, de athletas!
Rostos sulcados por calados prantos,
Peitos transidos por ignotas settas;
Na expressão moral brutos e santos,
Ingenuos como as almas dos poëtas;
Rudos, leaes e rotos, mas contentes;
Chamam isto trabalho, aquellas gentes.

Levantavam os malhos contra a rocha,
Ella repulsa em affiadas lascas;
E quando no trabalho a força afrouxa
Um canto anima as vacillantes vascas;
O canto ou grito da agonia rôxa,
Çá ira! voz de indomitas borrascas,
Vinha ao bater dos malhos dar compasso,
Trazer alento no mortal cansaço.

Muitos caiam já sem força, em terra,
Mudos outros ficavam sepultados
Nas barreiras por culpa d'este que erra
Indo minar em perigosos lados;
Mas que poder sublime o canto encerra!
Çá ira! levam ecos prolongados,
E ao trabalho de novo mettem hombros,
Na dor e na coragem sempre assombros.

Cheguei mais perto, ao perto dos mineiros:
—Oh raças condemnadas ao trabalho,
Criadas na fadiga, e os primeiros
Que procuraes romper tão longo atalho!

E para quem do Gôlgotha o madeiro
Só produziu da forca o esteril galho;
Que sentença condemna a essa lucta
De vencerdes a Natureza bruta?—

« Vamos minando o alteroso Monte,
E temol-o furado pela base!
Procuramos a luz de outro horisonte;
Nós sentimol-a! é da alliança a phrase.
Sem um fanal que a via nos aponte
Vamos errantes, acertando quasi;
Mergulhados no frio e escuridade,
Dá-nos alento o ideal da Liberdade.

Ha gerações que aqui nasceram mestas;
E que se nasce livre aquella ignora;
Outra trabalha equiparada ás bestas,
E pensa que só vive quando chora.
Umas cáem na vala; restam estas
Na esperança de achar a nova aurora!
Sobre nós a Montanha pesa horrenda,
Na tradição de seculos tremenda.

Çá ira! Pois Encélado palpita
Sacudindo a montanha sobre o dorso;
A Montanha é a tradição maldita,
Immovel como os dogmas do remorso,
Impassivel como uma lei escripta...
Nós proseguimos no baldado esforço,
Para que um dia os pobres filhos vejam
A luz que os nossos olhos tanto almejam.

Nós transmittimos o fatal legado
Que herdámos sem saber como nem quando. »
E quando olhava para aquelle lado
D'aonde o *Çá ira!* vinha ecoando,

De repente ficou tudo calado!
Vi transluzir clarão suave e brando...
Jorros de luz que as trevas longe sómem,
Bem conheci, era os *Direitos do Homem!*

Por ti que gerações foram á vala
Affirmando o que a Tradição mais nega!
E emquanto o pranto em cada rosto falla,
E a vêr a claridade cada um chega,
Lembrou-me a mim dever eu gradual-a
A diáphana luz que os olhos céga:
— Oh, parae um instante! sabei que essa
Luz repentina é como a tréva espessa.

Confiae ora em mim; que eu vá adiante
A vêr se algum abysmo ahi está aberto;
Quem sáe da escuridão não vê distante,
Sustae o passo trépido e incerto. —
Como entra o mensageiro alegre, ovante
Na Promissão, saindo do deserto,
Emquanto choram n'uma effusão terna,
Cheguei então á bocca da caverna.

Que mundo estranho! que planicie infinda,
E que ár saudavel, tépido, fagueiro!
Que céo azul, que paizagem linda,
A harmonia embalava o mundo inteiro.
Bloco enorme de pedra estava ainda
Na bocca da caverna sobranceiro;
Cresceu-me esta ambição damnada minha
Ao vêr a fragil lasca que o sustinha.

Á posse d'esse mundo a mente eu alço;
Senti o egoismo de querer tal mundo
Só para mim! porém, misero e falso,
Inda escutando o cantico jucundo,

De prompto o bloco intrépido descalso!
Rolou a pedra da caverna ao fundo;
Como se entaipa no seu antro um urso,
Pensei interromper do tempo o curso.

Sepultos outra vez deixei em trévas
Miseraveis, que seculos luctaram;
Abafei-te, Hymno ardente que sublevas,
Puz um dique ás torrentes que vazaram.
Cobri o quadro das angustias sévas
Que a Tradição e a Ordem ameaçaram,
Sobre essa pedra eu lobriguei a gloria,
Fiz d'ella o pedestal perante a Historia.

Ouves, Las Casas? choras, fiel amigo?
A custo sáe-me a voz já surda e baça...
O meu destino foi, á força o digo,
Missão de um bloco em sua inerte massa.
Eu o sinto opprimir-me por castigo
O peito, e com seu pezo me ameaça;
No estertor de Job, ai se me ouvissem:
Melius erat si natus non fuissem!

Como se afunda do alto no oceano
A mó do Apocalypse amaldiçoada,
Tal para sempre no desprezo humano
Se immerge essa existencia egoista, errada.
Vomitou destruição o ignobil cano,
Da morte e do que é morto fez parada!
Se para a dor allivio ha no improperio,
Sirva-lhe de alvo a sua vida e imperio.

IV

Os semeadores da Peste

Populações miserrimas, transidas
Pelos campos e burgos com o medo,
Da Peste negra que lhes ceifa as vidas
Vêem alçar-se o braço aziago e tredo!
Por mortandade vasta surprehendidas,
Prostradas no terror gélido e quedo,
Em vão procuram d'onde vem o mal
Nos mil annos da Noite medieval?

Não tinha a Sciencia ainda illuminado
De atras Superstições o antro escuro;
O seu verbo eloquente era abafado
Pelo alarido convulsivo e duro
Dos que ululam em choro prolongado
Do joven-Deus no transe prematuro;
E na hallucinação d'esse terror
Viam passar da Peste o Semeador.

Eis a Dansa da Morte, que além passa;
Leva Papas e Reis pelos cabellos;
A semente da Peste horrivel grassa,
Entre filhos e irmãos quebram-se os élos!
Não se resiste! a vida é fraca e lassa,
Seguem-se uns apoz outros os flagellos;
Alfim da Sciencia espalha-se o clarão,
Dissolve os germens da destruição.

E como se dissipa a vã Chimera
Oppressiva do espirito doente,
A rasão, como a aurora da nova éra,
Extinguira a pestifera semente!

O terror medieval já não altera
Mais o labor dos povos do Occidente?
Tudo em vão! nasce um virus singular,
Peior que a peste—a Lenda militar.

Qual do cadaver o miasma infecto
Vem atacar o vivo e o destróe,
Tal de Napoleão, grande e abjecto,
A lenda heroica para a Europa foi!
A lenda que degrada o animo recto,
E energias do espirito corróe,
Que faz com que de um banal traidor
Se alevante mais um Imperador.

Entre os povos cansados e indifferentes,
Rhetoricos, poetas e pintores
Sem um ideal, com mãos inconscientes
Da pestifera lenda semeadores,
Espalharam em traços surprehendentes
Das batalhas do Imperio altos rumores;
Da peste napoleonica o afan
Rompe em *Dous de Dezembro* e em *Sédan*.

Da pestifera lenda um Bonaparte
Saiu! o detestavel parricida!
O destino da patria foram dar-te,
Para mantel-a, e foi por ti trahida.
Minaste a dignidade em toda a parte
Onde ella ia acoutar-se foragida;
E a energia da nação viril,
Para mais dominar, tornaste-a vil.

O povo, o povo assim envilecido
Aos canhões allemães foste leval-o,
Como se purifica no brazido
Cancro que lavra, ou insensivel calo!

D'essa lenda pestifera saído
Tem as guerras que ao mundo dão abalo;
Mas dos selvagens pela arteira mão
Quebrou-se o élo á absurda tradição.

V

Parada sinistra

Como cão sob o joelho do sicario
O homem que combate leal, sem manha,
Succumbe a França ao vil golpe arbitrario
Que apoz Sédan lhe vibra inda a Allemanha.
Assiste a Europa indifferente ao vario
Destino da injustissima campanha,
Consentindo na infame iniquidade
Que aos Povos quebra a solidariedade.

Na colera fremente da impotencia,
Covardia e traição Paris escolta;
A Communa organisa a resistencia,
A hallucinação faz-se revolta.
Uma alma livre, em funda impaciencia
Courbet — da indignação o grito solta:
«Ligam-se a Invasão e o Bonaparte?
Abaixo o que houver d'elle em qualquer parte.

Em quanto hoje estrangula o estrangeiro
A este povo exhausto pela fome,
O indigno Imperador é sobranceiro
Do alto da Columna de Vendome,
Attestando glorioso ao mundo inteiro
Que o monumento estupido e sem nome,
Representa no bronze da conquista
Os crimes da ambição torpe e egoista.

Caia por terra a estólida homenagem,
Apague-se esse titulo nefando
Que aos Povos lembra a dura vassalagem
Da força bruta, que os submetteu, quando
Unidos do progresso na romagem,
Fôra por esse despota execrando
Perturbada a concordia e alliança,
Roubando-os elle com a mão da França!

A França exprime a confraternidade,
A união das raças do Occidente;
Nas luctas pela crença e liberdade
Generosa, altruista, vae na frente!
Da Grecia e Roma a continuidade
Prosegue altiva, ousada, consciente:
Este o destino seu! Caia a memoria
Dada ao homem que fez mentir a Historia.»

E a Columna caiu! rojou na praça
Ao longo em estilhaços; ruido enorme,
Violento abalo, que retumba e passa,
Qual convulsão subterrea que se forme
Instantanea; de perto a ingente massa
Assemelha um gigante quando dorme;
A multidão observa, mas sem pasmo,
A Justiça não tem enthuziasmo.

Repercutiu no seio amplo da França
O estranho abalo e mysterioso ruido
Capaz de despertar o que descansa
No somno secular, mudo, esquecido;
Retröa como o grito da vingança,
De val em val repete-se o estampido,
Prolongando-se n'um clangor de — Álerta!
Que os heroes de combates mil desperta.

Descera a noite; então trévas espessas
Cobriram a cidade angustiada;
No vago das visagens inexpressas
Destaca-se a Columna derrubada,
Como torre de cathedral; e n'essas
Horas de espanto e medo uma Parada
De sombras, a Columna de Vendome
Cérca; viu-as o desvario da fome:

N'essas horas de agouros e terrores,
Do Imperador a Estatua hirta se erguera;
Move-se lenta, como alheia a dores,
No manto azul envolta, que trouxera
De Marengo nos cannibaes horrores,
E em Santa Helena por mortalha houvera;
Volve á Columna a Estatua escalavrada,
E altiva ordena sepulchral Parada.

Sobre todos os campos de batalha
Da iliada sangrenta do Imperio,
Como poeiras que o furacão espalha,
Sombras inultas vêm com ár funereo
D'aquelles mutilados da metralha,
Em um tropel sinistro, estranho, aério,
De intrepidas phalanges no alvoroço,
Chamadas pelos ecos do destroço.

Levantaram-se as sombras gloriosas:
Vêm dos campos de Lodi e Montenotte,
De Rivoli e Arcóle! Corajosas
As sombras de Austerlitz vêm em magotes;
De Esseling e Wagram silenciosas,
Fataes avançam como um duro bóte,
E de Iena em columna vêm cerrada
Os bravos hoje á imperial chamada.

Como a sondar o horisonte opaco,
E até onde a ousada vista abrange,
Por traz inda dos mortos do Bussaco
Viu erguendo-se a egypcia phalange;
Heroes de Beresina, que ora o saco
De Moscow sob os gelos não constrange,
Lividos chegam; e apoz elles, torvos
Vencidos de Waterloo, pasto de corvos.

Como os nimbos que trazem nos seus flancos
A tempestade, e se acastellam densos,
Tal se formára de phantasmas brancos
A Parada de exercitos immensos,
Dilacerados em brutaes arrancos
De uma ambição sem plano! mas propensos
Ao dever, vêm á Estatua que os governa:
— Sire! comece-se a batalha eterna! —

Prompto responde o Imperador, sem pejo:
« Heroes! é minha gloria ameaçada!
A velha Guarda cérca-me, bem vejo;
De Wagram a phalange denodada,
E de Marengo o funeral cortejo
Prestes surgem! Mas faltam á Parada
Esses bravos d'Eyleau e de Friedland!
Onde estão? ha, sem elles, quem commande? »

Um redemoinho, como de rajada
Aspero irrompe vindo do nordeste:
— Eis-nos aqui, tambem, n'esta Parada!
Bem tarde vimos; porque tu nos deste
Desillusão cruenta, desalmada
Um dia, quando sobre o Niémen vieste
Dar no Czar um abraço de alliança
Sobre o campo da mais atroz matança.

Cahimos na bestial carnificina
D'Eyleau e Friedland! era indecisa
A victoria, mão grado essa ferina
Vertigem, que na morte a dor suavisa.
Corria o sangue a jôrros na campina,
Ninguem de um tal combate o fim divisa;
Suspende um armisticio esses furores,
Abraçando-se os dois Imperadores!

Ao encontro um do outro se adiantam,
No meio de cadaveres se abraçam!
Os soldados boçaes que os reis levantam,
Para que o orgulho insano satisfaçam,
Batem as palmas! em delirio cantam
O heroismo dos dois que os despedaçam,
Fundando de seus thronos o equilibrio
Da vida e paz das gentes no ludibrio.

Sangue, estrago e ruinas para nada,
Foram assim tantas absurdas guerras!—
N'isto vinha rompendo a alvorada
Já por detraz das escalvadas serras,
Prestes dissolve a funeral Parada,
E tu, oh monstro que da especie aberras,
Synthetisas na tua phrase côrsa
A impotencia estupida da força.

3.ª TRILOGIA

AS REVOLTAS DO ESPIRITO

I

O TEDIO DE HAROLD

(POEMA)

> ... o peregrino Harold será quasi inteiramente fundido com o auctor, fallando em seu proprio nome. O facto é que eu me cansava de tirar entre mim e Harold uma linha de separação, que cada qual parecia decidido a não dar por ella, etc.
>
> *Child Harold*, Pref. do canto IV.

Abriu-se outr'ora em Roma um sorvedouro!
E chamados os Flâmines — o agouro
Do golfão insondavel
Foi por elles a medo contemplado!
Pensando em sustentar-se em base estavel,
Viu a Rasão de Estado
Na horrifica caverna
Negro destino da Cidade eterna:

—Como atalhar presagios de ruina?—
Respondeu a sciencia aruspicina:
«A salvação do Estado
Depende do civismo
Do varão fôrte, impavido e ousado
Que fôr precipitar-se n'esse abysmo!
Para sempre, e assim só, será fechado.»

D'entre a turba irrompeu um cavalleiro,
De um salto atira-se ao despenhadeiro!
Fôra Curcio o heroe do sacrificio.
De um seculo no inicio,
Sempre que entre o passado e o futuro
Se abre um abysmo escuro,
Ergue-se uma alma intrépida, sedenta
Que se arroja ao incognito golfão,
E em sua dor as ancias representa
Da éra de transição.

Na transição da Fé para a Sciencia,
Do Privilegio para a Lei prescripta;
Da brutal violencia
Das Guerras para a acção que a Paz incita
Pela Industria e Trabalho:
No conflicto de crenças em ruinas,
E nas vacilações de outras doutrinas
Dos que vão tacteando ignoto atalho,
Byron! Byron, surgiste
Concentrando o profundo desalento
De um seculo, n'essa ironia triste,
Na febre irrequieta do talento.

CANTO I

Elle era joven, bello, audaz e forte,
Era nobre, opulento!
E quiz tambem a sorte
Que em cada gesto livre e espontaneo,
E d'esse olympo do soberbo craneo
Luminoso irrompesse o pensamento.

Mas, quem contempla a limpidez do espaço
Que mil claróes inundam, mal suspeita
Que n'aquella serena immensidade,
No cariz do diáphano vapor,
Silva a faisca ethérea, que o laço
Córta ás azas da negra tempestade,
Que até ali contrafeita,
Rue, devasta e invade
Os páramos do attonito rumor!

Esse rumor da gloria, que deslumbra
Os contentes de si, e os adorna
De um riso satisfeito,
Byron envolve na lethal penumbra
De uma tristeza desdenhosa e crúa!
E do louvor e preito
Que lhe votára, cedo, a patria sua,
Orgulhosa Inglaterra,
Em sarcasmos se torna,
E da etiqueta na mesquinha guerra.

Elle era joven, bello! o enthusiasmo
Deixava na passagem,
Como esplendida e boreal aurora.
E a par da gentileza seductora,
Que nos salões é pasmo,

Mão grado os pergaminhos da linhagem
De antigos reis saxonios, Byron sente
Absorto, indifferente,
Cancro moral — o tedio que devora
A pobre alma doente!

O tedio é esse insaciado abutre
Que ao novo Prometheu lhe dilacera
De continuo as entranhas;
E a dor de que se nutre
São cóleras e sanhas
Das incertezas de uma nova éra.

As leis da aristocratica etiqueta
De convenções e manhas,
Em vão procuram algemar o Poeta,
Abrindo-lhe as gehenas do desprezo!
Sacode, desdenhoso,
Do liliputiano mundo o pezo;
Como o Satan de Milton, orgulhoso
Affronta o raio que ao abysmo o impelle,
E quebra a algéma que o detinha preso
A elle, ao Poeta, a elle!

Como Hamlet, isolado e pensativo
Contempla a sociedade que deslumbra,
Que aturdir-se procura
Com pompas e loucura
Da riqueza em que o sangue inda ressumbra,
O quente sangue do obreiro activo,
Que derrama como um protesto vivo
A multidão obscura.

A voz do seculo

Ergue-te, oh Poeta! inquire os sacerdotes:
Onde está do seu Christo a Egualdade?
Onde a mansuetude e caridade?
Tua acerba ironia não esgotes.
Porque é que aos estupidos dynastas
E abastardadas Castas
Couberam n'este mundo optimos lotes?
Ergue-te, oh Poeta! e vibra a ironia
De um tal seculo contra a antinomia.

Esse velho perstigio de uma lenda
De um Deus que morre, evaporou-se inane;
E comtudo da Sciencia a clara senda
Com sombras de mysterio ha quem profane.
Chega hoje o Homem á edade adulta,
Antepondo ás ficções a realidade;
Mas para dominal-o, a Auctoridade
Da Religião nos antros o sepulta!

Um dia, como irmãos unem-se os fracos,
O despotismo secular derrubam,
Fazem-lhe o throno em cacos.
E antes que os clamores ao ár subam,
Oppondo a esse arbitrio a Liberdade,
Por infernal engano
Que o egoismo tópa
Com que explora do povo a ingenuidade,
Rebenta a Orgia militar na Europa,
Devastadora, estupida, sem plano.

Quando o laço da Confraternidade
Devia unir os Povos para a lucta,
A lucta da existencia
Na paz da industriosa actividade,
Da Natureza contra a força bruta;
Forma-se a dissidencia
Da Tradição com os Principios novos;
E contra a irradiação que vem de França
Os Reis juntam-se em cynica Alliança
Para algemarem outra vez os Povos!

Recúa a Europa até éras passadas
Do Direito divino,
Não pela força bruta das espadas,
Mas pela astucia — o pacto leonino
A que chamaram *Cartas outorgadas*.
N'esta dissolução, que immensa lavra,
Em sophismas, cynismo
De ignobeis parlamentos,
Nasceu o aphorismo;
— Infundiu Deus ao homem a palavra
Para encobrir melhor seus pensamentos! —

Oh! não ha uma voz, um brado, um grito,
Uma nota vibrante, um ai, um gésto,
Que erga ao infinito
O indignado protesto?
Um poder tal, um tal poder como esse
De fazer-se escutar em toda a parte,
De alevantar nas almas a revolta,
Em seu desinteresse,
De um tal Poder dispõe sómente — a Arte,
Quando a sua voz sólta.

Byron! achaste a nota, o epicedio
De uma Ordem fundada na mentira,
E que explora a mentira por systema:
O teu profundo tedio
Ao perpassar na lyra
Inspira-te o nemésico Poema.

Canta! ao idyllio placido, tranquillo
Da limpidez dos lagos e horisontes,
Oppõe das consciencias a procella!
E esse canto hãode ouvil-o
Rasas com a lama as frontes
Quem os Direitos do Homem atropella!
Canta! e as notas harmoniosas, santas
Inda mais alto, que o fragor impuro
De inconsequencias tantas,
Dirão de edade em edade,
Que sobre este monturo
Alguem viu claro e teve dignidade!

O POETA:

«E como heide cantar? anciado vate:
Trez cordas tem a Lyra humana apenas,
Que pelo mesmo Amor vibram serenas,
Que em nossos corações constante bate:
Uma canta da *Emoção pessoal*
O intimo ideal;
Outra canta a *Familia*, o seio mago
Onde em risos e afago
As almas fórma grandes e as tempéra!
Outra decanta a *Patria*, o fóco ardente
De altruismo vehemente,
Que aos nobres sacrificios delibera.

Quarta corda presinto, que me absorve,
E sôa como a voz de uma refrega
Por toda a immensidade!
Tem um poder supremo que congrega
A especie em lucta sobre a face do orbe,
Vibração que revela a *Humanidade*.

O que posso eu pulsar na eterna Lyra,
No meu cantico rouco?
Bem mais feliz foi Sóphocles: os filhos
Accusaram-no um dia de estar louco;
O Poeta, então pedira
Aos versos seus onde as paixões esplendem,
Que da Justiça os trilhos
Ao Tribunal desvendem:
Só a mim a Poesia me deprime!
A inspirada vigilia
Converte-a a esposa em crime,
Deixando-me sem lar, e sem familia.

O que posso eu cantar na eterna Lyra,
Na corda que restava?
Camões! Camões ao vêr a Patria escrava
Se foi bem mais feliz! com ella expira.
Ah, se a dor que o consome
Nunca foi consolada,
No alto Poema eternisou o nome
D'essa ditosa Patria sua amada!

O britanico orgulho me renega?
Renegue embora o bardo
O sedento Leopardo,
Que friamente as suas unhas prega

Na carne viva das Nações pequenas:
Na Escossia sua irmã, e na Irlanda,
Fazendo da união mentido alardo!
Quem vae por toda a banda
Lançando aqui, além, suas antenas
Para o trafico vil;
Aqui o heroico Portugal desgraça,
Arranca-lhe o Brazil;
Pela mesma ferida a India passa,
E com a mão com que envenena a China,
Por fino diplomatico sem par
De adestrada rapina,
Com impudente manha
Na rêde envolve a Hespanha,
Empolga Gibraltar.

Quem das Nações da Europa não conhece
Solidariedade intima, fraterna,
Doce nome de Patria não merece
Que inspire o canto de uma Lyra eterna.

Que poderei pulsar na eterna Lyra?
Ai, Cervantes! feriu-me o fino bote
Da acerada armadura
Do teu sarcasmo insano,
Quando egualaste a Honra e a loucura
No generoso typo do *Quixote!*
Quebraste o impulso do ideal humano.
De Pansa hoje a doutrina utilitaria
Dirige a Inglaterra;
Sejam a Honra e o Valor engano,
Não comprará o Ideal nota bancaria,
A Humanidade, sêr ideal, não erra.

A Familia, deixou-me ermo, indefezo
Como o leproso das passadas éras:
Minha mãe, envolveu-me em seu desprezo,
Com palavras severas,
Primeira me apontou o meu defeito.
A mulher tanto amada, a escolhida
Nas douradas chimeras
Dos momentos sublimes d'esta vida,
Por capricho abandona o nupcial leito.

A Patria detestou-me! eu era crente
Na Lei, na Liberdade, na Justiça;
Do Parlamento á liça
Me arrojei eloquente.
Ergui a voz convicto, solitario
Entre essa aristocratica indifferença,
Em favor do invalido operario.
Imparcial, sem jactancia
Reclamei tolerancia
A toda e qualquer crença.
Ah, não sabia os liberaes sophismas!
Porém, quando a Justiça tomou vulto,
Recordando a desventurada Irlanda,
Por seus austeros prismas
De uma e outra banda
Os lords me entreolharam como estulto.

Póde a Patria negar-me hoje o seu seio,
Que a sua voz á minha não responda!
Não serei connivente com o crime,
O crime ignobil, feio
De amordaçar a Europa, n'essa hedionda
Santa Alliança dos Reis, que a Europa opprime.

Ainda mais do que a Familia e a Patria,
E acima da ficticia Divindade,
Ha outra cousa! e todo o que a sente
Em sua alma, idolatre-a:
É esse ente ideal — a Humanidade!
Sentiu-a o Occidente,
Que n'um progresso ascencional, crescente,
Harmonisa o passado e o presente,
E da especie acha a solidariedade.

Póde hoje o Norte frio e atrazado,
A Russia, Prussia e Austria reagirem
Para impôr o Passado;
E esse monstro damnado
Da Orgia militar substituirem!
Oh, não se apaga o sol da Liberdade
Que no horisonte assoma
E as almas todas banha,
D'esse fóco commum — a Humanidade,
Representado pela Grecia e Roma,
Italia, França e Hespanha.

Como na quadra hiberna emigra uma ave
Á procura das tépidas paragens,
E de um clima suave;
Com o nome de Harold, impaciente,
Proseguirei as viagens
No alumiado e floreo Occidente,
Onde as mulheres se amam com delirio
E pela Patria soffre-se o martyrio,
Onde o atheu é um crente.

Terra da maldição e do nevoeiro,
Criaste a liberal hypocrisia
E tentas propagal-a ao mundo inteiro,
Prosegue na porfia

De separar com odios as nações;
A par da intriga faz a mercancia
De polvora e canhões,
Lucrando nos destróços!
Parto! um dia virão ter cá meus ossos,
Utilisa-os ao menos em botões.»

CANTO II

Sem teçto, agua, nem lar, da propria terra
O banido partia outr'ora, expulso;
Afasta-se convulso
Byron da oligarchia de Inglaterra.
Não mais verá do Harrow a colina
Onde sentira a vibração primeira
De uma lyra divina!
E de uma filha, ingenua e pequenina,
Não mais contempla a expressão fagueira.

O coração ás vezes adivinha!
E o peregrino do ideal procura
Olhando o que atraz deixa, n'um relance
Calar o anceio que lhe aos labios vinha,
E encobrir nos caprichos da loucura
As angustias do transe.

Sem saber como, em sua soledade,
Morto para a esperança,
Inconsciente avança
Para os plainos da grande mortandade,
Waterloo visita!
A colera infinita
Do genio lasso o espirito tempéra:
«Oh generosa França,
Matou-te a napoleonica chimera.

De todos os destroços
Do cannibal Napoleão, subsiste
O monumento inolvidavel, triste
De tantos milhões de ossos:
Attestando perante o universo
Quanto era estulto o esforço,
Esse plano perverso
De unificar a Europa o egoista Côrso.

Dos triumphos a estrella se lhe offusca;
Surda ambição rebenta:
A Santa Alliança busca
Sepultal-as de Waterloo na cova
As bases fundas sobre que ora assenta
A construcção de uma Edade nova!
Contempla a Inglaterra
Da Liberdade a morte, sem queixume;
Pensa no seu proveito, e desenterra
Aquelles ossos de que faz estrume.»

I

Peregrinação pela França

A grande dor o espirito concentra!
Uma mesma desgraça
Como irmãos aos extranhos une e abraça:
Em França Byron entra.
Sob a pressão da velha monarchia,
E dos Reis colligados sob a ira,
Do Terror branco na vingança fria,
Inda a França respira.
Byron sentiu esse estertor, esse ésto
Passar latente, e vir como um protesto
Vibrar em sua Lyra:

Sob o pezo das desditas,
O Geral dos Jesuitas
Reverente
Ao Czar de todas as Russias,
Com satanicas argucias,
- Frente a frente,
Um refugio lhe pedia
Para a expulsa Companhia
Do Occidente.

Mas, pergunta-lhe o Czar logo:
«Se eu attender o teu rogo
Findo o exilio,
De ti que serviço espero?
Qual é, de alliado sincero,
Teu auxilio?
Tenho exercitos, metralhas,
Do mundo faço em batalhas
Domicilio.»

Curvando-se com respeito,
Diz o Geral, com aspeito
Singular:
— Emquanto no homem sinto
Bruto e cannibal instincto
Campear,
Hãode exercitos, batalhas,
Conquistas, pendões, mortalhas,
Dominar;

Na especie, eu bem sabia
Que a fraqueza e covardia
Tem apoio

Na invencivel perfidia,
Pois sempre triumpha a insidia
No conluio. —
Comprehendeu o Czar da Russia:
Unem-se a Força e a Astucia
N'um só coio.

E disse ao padre nefasto:
« Tens todo este Imperio vasto
Por azylo
Nas obcecadas violencias! »
Respondeu com reverencias,
Vendo aquillo:
—Ante o teu throno, de rasto
Submetto-te as Consciencias,
A Liberdade aniquillo. —

Era a França como um anciado porto
Dos naufragos das aspirações grandes
Que ali acham azylo;
De Portugal, escravo e semimorto,
(Que as forcas de Beresford tem tranquillo,
Qual Duque d'Alba em Flandes,)
Á França amparo os filhos vêm pedil-o.

De Filangieri a sublime esposa
Desterrada de Napoles, — castigo
Da obra generosa
Do grande pensador, pede-te abrigo.
Como os sabios Vecchietti e Odazi,
Filangieri succumbe ao punhal, quasi
Na mudez ignorada da masmorra!
E Carolina Frendel, na orfandade
Dos seus dois filhos, vem á Liberdade
Pedir que os soccorra!

«Oh rigida Cornelia! é bello o arrobo
De gratidão que inda te liga á França.
Mudou-se o azylo em um covil de lobo;
Contra tudo o que é probo
O Direito divino audaz se lança.
De Filangieri o ideal não erra!
Do porvir na neblina
Póde entrevêr a ruina
Do colosso egoista de Inglaterra.

Emancipou-se a America! e do pulso
Roxeado, lhe irrompe vida estranha.
As colonias de Portugal e Hespanha
Hãode seguir da Liberdade o impulso!
Ah! contra o mais flagrante dos aggravos
Á Civilisação do Occidente,
Ergueste a voz, oh lucido vidente,
Maldizendo o commercio dos escravos!

E a abolição do affrontoso trato,
Na aspiração que a vida te dirige,
Torna-se em breve um facto;
Um obscuro estudante de Cambridge
Que em seu latim disserta
Contra essa mercantil monstruosidade,
A opinião desperta!
Insurgem-se os espiritos profundos,
Reconhece-se ao Negro a Liberdade
No accordo dos dois mundos.»

II

Peregrinação em Portugal

« Ah! como o homem, ha nações escravas.
Fujamos! A caminho do Occidente.
Ao mar! Quero affrontar as ondas bravas,
E respirar no illimitado ambiente,
Rugir ao vendaval! »
Byron prosegue em caprichosa róta;
Um perfume da terra, em brisa ignota,
Denuncia de longe — Portugal.

Portugal! Eis de Cintra ao longe a serra,
Sob o azul se destaca!
Eil-a a bahia, o ádito que encerra
Um éden, onde a dor mortal se applaca.
« Oh, bem hajas, pequeno Povo altivo;
Depois que te libertas pela guerra,
Covarde rei entrega-te cativo
Ao jugo de Inglaterra.

Oh, bem hajas, pequeno e altivo Povo!
Do Oceano tenebroso abriste o atalho;
Achando um mundo novo,
Deste-o por campo á acção e ao trabalho.
Mas, retalho a retalho,
Roubam-te outras Nações as descobertas,
Provas da escravidão o fel amargo;
Fé e Imperio prolongam-te o lethargo,
Crêem-te morto, por que não despertas.

Oh, não! Ha em teu seio aquella ardencia
Da chamma viva, que te alenta e leva
Á revolta, ao combate e independencia
Quebrando a algema séva
Proclámando-te livre entre as Nações!
Sob a garra leonina de Castella
Cahiste um dia! libertou-te d'ella
O Poema de Camões!»

*

«Onde está de Camões a sepultura?»
Byron sentido e a scismar pergunta,
Entrando em Portugal;
Em volta d'elle a multidão se ajunta,
E atraiçoado sempre, conjectura
Intenção desleal.

De vergonha e estupidez no cúmulo,
Ninguem sabe dizer onde era o tumulo
Do Poeta immortal!
Então Byron, os olhos pondo em terra:
«Camões, ao vêr cahida a Patria escrava,
Á luz os olhos cerra,
Triste á vala baixava...
Foi sua sepultura Portugal!

Ah, com certeza, o Genio nunca morre!
Como elle, n'um momento
Revivesce da Patria o sentimento,
A explosão da Liberdade occorre!
E o chão sagrado que era a sepultura
Do Cantor sem egual,
Eis de Camões, em sua gloria pura,
Eterno pedestal.»

Um Symbolo vê Byron da Realeza,
A Estatua equestre! Observa pensativo;
Na Estatua representa-se-lhe ao vivo,
Com assombro e surpreza
Synthetisada a Historia portugueza:

A Estatua equestre

Está o bronze ao fogo
Para vasar-se logo
No gigantesco molde
D'essa figura fátua
Da equestre Estatua
Que o Rei ao bruto solde!

O Ministro potente
Excogitou na mente
Um colossal prodigio:
Do Rei nullo e estulto
Eternisar-lhe o vulto
Com soberbo perstigio.

Obras bellas, antigas,
Com violentas fadigas
São partidas a malho:
Baterias tomadas
De Hollandezas esquadras
Tem egual enxovalho.

Portões das Fortalezas
Da India e Africa, prezas
São da mesquinha obra!
Vem as correntes grossas
Que romperam náos nossas,
E inda o bronze não sóbra.

Bem como a Real Casa
Devora, absorve, arrasa
A seiva da Nação,
Para a Estatua gigante
Se funde a cada instante
Historico padrão.

Falta de bronze havia;
Mas o momento urgia,
Mais bronze se pediu!
Com egoismo sinistro,
Disse o Rei ao Ministro:
— Venha a Peça de Diu! —

E o titulo da gloria
Da portugueza historia
No longinquo Oriente,
Em zorras foi trazido,
Para ser derretido
Para a Estatua, impiamente!

O Ministro obedece
Ao Rei, mas não esquece
A Patria! e lhe responde
Tranquillo e resoluto,
Áquelle egoismo bruto,
Na ironia que esconde:

«Na onda assoladora
D'este tempo de agora,
Chamada a — Opinião,
Olhae que aos Reis só resta
Ultima ratio esta...
Conserve-se o canhão.»

O Rei percebeu tarde
E ordena que se guarde
Logo a Peça de Diu!
Fundiu-se então a Estatua,
Olhando hirta e fátua
Virada para o rio.

E ainda continúa
A descendencia sua
A dar reis a tal Gente;
E egoista se propaga
Na tua velha chaga,
Lazaro do Occidente!

Quando já parecias sem destino
Morto de todo para a dignidade,
Entregue ao que te invade
Por sordido Bertholdo bragantino
Que salva o throno seu n'outro hemispherio,
Communicaste á Europa um nobre impulso:
Aqui achou o Imperio
Esse vigor convulso
Que lhe apontou o inicio dos revézes
Na altivez de ultrajados Portuguezes.»

III

Peregrinação em Hespanha

Byron! o Prometheu solto, a jornada
Prosegue; passa o Guadiana e chega
Á Hespanha audaz, que se defende ousada;
Elle inda escuta os ecos da refrega,

E resoar parece
Lucta eterna da Cruz com o Crescente!
Ai, como os outros povos adormece
Na idiotia e absurdos do presente.

Não faiscam alfanges, cimitarras,
Com graça e valentia;
Nas doces noites de um fulgor tranquillo
Dorme embalada ao som de mil guitarras
Lembrando-se d'aquillo
A sensual, vistosa Andalusia;
E repete do seu amor nos lances
Velhos cantares, xácaras, romances.

Quando a voluvel, perfida guitana,
De negros olhos e morena face,
Desenastrada a trança,
Assim louca e insana
Em seu delirio dansa;
Qualquer vulto que na penumbra passe,
Entre os leves rumores,
Parece ao luar e na mudez amiga,
Um Don Juan na complicada intriga
De tragicos amores.

Byron vagava solitario e triste,
Cáe-lhe a capa do hombro,
E o frémito ligeiro
Das emoções traz-lhe a alma inebriada:
«Como altiva resiste
A generosa Hespanha devastada
Pela ambição de um torpe aventureiro!
Tu sabes defender-te com assombro,
A traição do teu Rei, o parricidio
Força-te á lucta, ao ponto do suicidio!

Hespanha! E de que serve tanto heroismo
Se ha um virus que o sangue te desóra:
O boçal fanatismo
Da multidão vulgar que o padre explora.
Vives na absurda e atroz duplicidade
Comtigo mesmo em lucta
Que inconsequencia géra:
Amor, Ideal, o Bem, a Liberdade,
Tudo, essa classe astuta
Corrompe, impondo uma lethal chimera!

Parece, que inda exânime suspira
Na mystica e febril passividade,
A queixa viva, acceza
Que irrompe do Mosteiro pela grade,
Quando a Sapho christã, Santa Thereza,
Na violenta nevrose em que delira,
Fez de um madeiro, um Christo ensanguentado,
Doentia illusão! seu doce Amado!

Sevilha! ali no carcere sombrio
Da fria Argamasilla, ali faminto
O intrepido Cervantes descobriu
Esta contradicção — o labyrinto
Onde se embrenha e perde a alma hespanhola!
O real a captiva,
O ideal a desconsola;
E na oscillação d'esta anciedade,
Soffre o contraste crú da realidade,
Que perverte a miragem subjectiva.

Oh sublime estropiado de Lepanto,
N'esse teu abandono,
Tu mesmo sustentaste o Altar e o Throno,
Oppondo ás balas turcas esse peito,
Ias atraz do vaporoso encanto.

Mas sabias ser esse o ultimo feito
Em que a Egreja vencendo succumbia;
Porque a Europa não mais compareceu
A verter sangue desde aquelle dia
Pelas cousas do céo.

O paroxismo de Quixote

Quixote, o hallucinado heroe, estava
Para morrer,
E em vez da agitação convulsa e brava
Com que á illusão de outr'ora corpo dava,
Viram-no erguer
A fronte, e melancholico sorriu
Com pesar do passado desvario.

*

Da loucura da Cruz em que estivera
A Europa desperta de repente
Da hallucinação
Que arrojára ás paragens do Oriente
A posse de um Sepulchro ondas de gente,
E em paroxismos da lethal chimêra
Cobra a rasão.

IV

Peregrinação na Italia

Sedento de ideal, de goso e vida,
Byron quer afogar sua tristeza;
E sacudindo a fronte
Da nevoa aborrecida:
« Oh! a Italia sorri-me no horisonte!

Nas gondolas da magica Veneza,
Nas carreiras do Lido,
Na vertigem do carnaval fremente,
Quero aturdir o tedio no ruido
D'esta insomnia doente.

Bem sei, bem sei quanto esta alma é fraca,
Mas a minha agonia quem a sonda?
Luctando com a ressaca
Sei vencer do Adriatico a onda;
Mas procuro, covarde, ir esconder-me
Nas ruinas esplendidas de Roma,
Qual solitario verme
Por entre as fendas, quando o sol assoma.

E quando a vista outro horisonte abarca,
E mais se alarga esta agonia immensa,
Escuto as confidencias de Petrarcha
Nos murmurios da Fonte de Vaucluza!
Eu cuido n'esse instante
Vêr sombrio nas ruas de Florença
Errar o vulto impávido do Dante,
Que as facções á posteridade accusa.»

A Italia irridenta abriu-lhe o seio;
A Byron mil amores vêm violentos!
Contrasta esta anciedade
Com a d'aquelles Tantalos sedentos
Dante, Petrarcha, Fóscolo, que alheio
Lar procuram nos fundos desalentos
De se verem sem patria e liberdade.

No Cabo Montenero, onde rebenta
A vaga lamentosa, enfurecida,
De longe alveja a ermida
Da Virgem, doce estrella da tormenta;
No caminho que lá conduz, n'um horto
Byron faustoso habita;
E contemplando absorto
Do mar a vista esplendida, infinita,
Quantas vezes viu vir, soltando brados
As mães e as esposas
Rogar á Virgem, supplices, chorosas
Na sua voz contrita
Pelos que andam no mar desamparados!

«Italia! Italia! a Virgem da procella
Que o povo crente adora,
É sempre a visão bella
Que tu chamas Beatriz, Laura, Eleonora,
Nos cantos dos Poetas!
É a Mulher ideal, sem realidade
Vaporosa, de linhas incompletas,
Que suscita no peito
O vehemente desejo
Do ósculo febril da Liberdade,
Esse anhelante, indefinido beijo,
Ah, nunca, nunca em vida satisfeito.»

BYRON, *visitando a cella do Hospital de Santa Anna, onde estivera o Tasso:*

«Italia! Italia, oh paraiso eleito,
Oh desmembrada nacionalidade!
Como o Tasso exprimiu aquelle effeito
Da intima anciedade
De uma vindoura aurora,
Louco, beijando a mão de Eleonora!»

O beijo do Tasso

I

Pállido e abatido, triste, lasso,
No Hospital de Santa Anna em cella estreita,
O Duque de Ferrara altivo deita
Como alienado o desditoso Tasso!

D'esse abysmo, transpõe a mente o espaço,
Em sonhos bellos, a união perfeita
Realisa o Poeta, na sua alma eleita,
De Platão e Jesus! mystico abraço.

Porque o tem preso o Duque, e pois não pára
Contra o Poeta um tal odio? este rigor?
Sabe-o bem toda a Côrte de Ferrara:

Tasso não póde occultar mais o amor
Pela princeza! o amor o atraiçoára...
Louco, beijou a mão de Leonor!

II

Tasso em delirio, mal sentindo a algema
Que a exaltação subjuga anciada, brusca,
Exclama: — Não me dóe, sabios da Crusca,
Que ao Canto meu não deis valor de Poema!

Menos me importa a inanição extrema
Que estou soffrendo e quasi a luz me offusca,
Quando mais sangue a Medicina busca
Tirar-me, sem que a minha morte tema.

Que me persiga o Duque... Sei que é forte;
De horriveis pezadellos o cortejo
Venha cercar-me no estertor da morte...

Nada me extingue este extasis que eu vejo,
Que eu sinto e aspiro, sem que o mais me importe,
Lembrando de Leonor na mão o beijo. —

Byron sente que a angustia se lhe applaca
N'esta terra de amores e prazeres,
De sensual tristeza!
E como a nympha de azulados mares
Ridente se destaca
Esbelta a joven, pállida Thereza,
Que se atira ao Poeta doudamente,
Como ao carro do idolo em Benáres
Se arroja mudo o crente.

Como Paolo e Francesca liam juntos
O poema do amor de *Lancillotto*,
Trocando beijos muitos;
Do pinheiral sob a copada sombra,
E n'um retiro ignoto
Dos jardins de Ravena, em doce alfombra
Byron lia com morbida frieza
Que a paixão hallucina,
Junto da pállida e nervosa Thereza
O livro de *Corinna*.

— Como eu te adivinhava! li teus versos,
Revelaste-me um mundo!
E cahindo-me o livro no joelho,
A mente desvendavam-se universos...

Um paraiso terreal perdido.
Minava-me a tristeza junto ao velho
Que se lembraram dar-me por marido.—
Pintando essa tristeza,
Enlaçava-o nos braços, louca, Thereza.

—Tantas mulheres amam-te! Eu soffria
Febril impaciencia!
O meu pezar, a pena
De não poder seguir-te em toda a parte.
O segredo minava-me a existencia!
Acaso poderia,
Poderia eu então deixar de amar-te?
Ia morrendo... e vim para Ravena,
Doente d'esse meu pezar e pena.

Bem vinda a hora da visão completa,
Bem vinda a *Vita nuova* que entrevia
Lá no baile d'Albrizzi...—
O Poeta,
Estreitando-a nos braços, respondia:
«Oh quam bella é na lingua italiana
Meu amor! Esta phrase simples, breve,
E immensa de poesia,
É como o jôrro de agua que espadana
Da nascente onde embalde se conteve.

Ella encerra minha existencia inteira;
Aqui a entrego aos teus dezoito annos,
Mas sempre angustiada!
Se não é um tormento!
Inda ha pouco sahida de um convento,
Vir achar-te, e tão cedo, já casada!
Eleva-me do teu amor na aza,
Succeda embora o que ao destino apraza.

O amor de Thereza o elevava;
Byron extranha-lhe a melancholia.
Um pensamento intimo a pungia;
O Poeta perguntava:
«O que soffres? Que mais ha que te offerte?
— Sinto a agonia de uma Patria escrava,
E n'este fundo abysmo,
Mulher embora, scismo
No dia em que esta Italia se liberte.

Sou mulher, mas que importa? Tambem posso,
Sibylla que annuncia
No horisonte a redemptora estrella,
Como essa Portugueza gloriosa
Leonor Pimentel, dar meu pescoço
Ao garrote do algoz, morrer como ella
Por annunciar da Liberdade o dia.—

Não vinha longe o dia! Immersa a Europa
Na mudez sepulchral, que a Santa Alliança
Mantem pela pressão bruta da tropa,
Vê de um passado morto esses espectros
Em cynico tripudio!
Quem quebrará essas marombas-sceptros?
Quem varrerá este sabbath? a França?...
Ella está manietada e impotente.
A Hespanha do porvir canta o preludio,
E as nações acorda do lethargo,
Seu grito impaciente
Ecoando ao longe e largo.

Contra as forcas do Campo de Sant'Anna
Portugal da Inglaterra o jugo quebra,
Uma só força o une!
A alma napolitana
Que vira da Austria a tyrannia impune
O resgate da Italia audaz celebra!
Do abysmo sobre a borda
Hallucinada pela enorme chamma,
Tambem a Grecia acorda,
E livre se proclama!

Byron sentiu então que intimo laço
Une entre si os Povos do Occidente,
E que através dos tempos e do espaço
A solidariedade,
Extincta dos Tyrannos pela Liga,
Em convulsão latente
Inda ardente profliga
Na revindicação da Liberdade.

A Liga dos Tyrannos, mais violenta
Atropella o direito em torpe sanha;
E com instincto féro
Obriga a França a reprimir a Hespanha
N'essa abjecta victoria
Da batalha vilã do Trocadéro!
Essa vergonha que hoje infecta a historia.
A pobre Italia calca a Austria soberba,
E o livre estandarte lhe conspurca,
Cuspindo em seu escudo.
Que restava de tudo?
A Grecia! a Grecia! n'uma lucta acerba,
Abandonada á prepotencia turca!

V

Para a Grecia

Lucta isolada! E como outr'ora em Plátea,
Será livre! ou então de existir deixa
A Grecia, o fóco da cultura humana;
A Meia-Lua abate-a,
E o cyclo infame á prepotencia fecha!
N'esta heroica surpreza,
De que a Historia se ufana,
—A Grecia antiga como surge agora!—
Assim brada Thereza,
E abraçando Byron, ri e chora:

—Oh Poeta! a alegria a alma te inunde
Ao contemplares como se redime
A Grecia, a Patria-Mãe da Humanidade,
Que dos seios diffunde
No mundo o que ha de Bello e de Sublime!
E tu, que o Bello sentes, d'ella és filho;
Sacrifica da Grecia á Liberdade
O puro amor de uma mulher, apenas:
Á sacrosanta guerra
Vae! dá ao genio immarcescivel brilho,
Oh excelso exilado de Inglaterra,
É tua Patria Athenas.—

CANTO III

Byron abraça a bella italiana:
«Separa-nos a mão do despotismo!
Apontam-te o desterro da Toscana
Por tanto patriotismo.
Vê a Italia fugir-lhe o doce sonho
Da Liberdade que ora a alenta e engana;
Ah, como me envergonho
De contemplar este moral abysmo.

A generosa Hespanha cáe agora
Escrava, agonisante!
Foi cravar-lhe o punhal a Santa Alliança
Pela mão do rhetorico pedante,
Que a hypocrisia liberal explora,
E faz cumplice a França!
Quem poderá luctar? Eu vejo apenas
Que a phalange da guerra defensiva
Resiste audaz, activa
Sempre no grupo das Nações pequenas:

No caminho do Sepulchro

Foram as santas mulheres
Em prantos e alaridos
Á visita do sepulchro
Onde está morto Jesus!
D'aquelle semblante pulchro
Que a dor converte em prazeres,
E consola os desvalidos,
Buscavam a doce luz.

Lá pelo caminho alpestre
Ouviram clamar, dizendo:
— Foi o corpo arrebatado
Em nuvem de gloria aos céos! —
No estranho mysterio crendo,
De povoado em povoado
Proclamam divino o Mestre,
Despem os funebres véos.

*

Assim foram em visita
Ao tumulo onde está morta
Sua santa Liberdade
Trez desoladas nações!
— A força bruta que importa,
Se o protesto ressuscita! —
Clamavam com anciedade
Na via das oppressões.

— Ressuscita no martyrio! —
Apregôa exhausta a Irlanda.
— Resurge para o combate! —
Brada a Polonia tambem.
Quebrada a algema execranda,
Sublime, em vago delirio
Do sonho do seu resgate
Acorda a Grecia! ei-la, vem.

Como santa mulher, que anda
Espalhando a boa-nova
Do Mestre que resurgira,
Na sincera affirmação:

A Grecia, a Polonia, a Irlanda,
Cada uma á beira da cova,
Da mortalha que despira
Talha o fraterno pendão.

Hoje da antiguidade heroica as lendas
Da Grecia, já com ella tomam vida,
Nas batalhas horrendas
Com que a algema ottomana é destruida.
Como os heroes de Homero,
De uma bravura rara,
No Epiro, e em Sélleis, ou em Psára
No meio de uma gente envilecida,
Cada qual se levanta ousado, austero.

O triumpho de Plátea se repete.
Ainda mais esplendido que outr'ora!
De Odysseus o heroismo,
A sombra vingadora
Em debandada as forças turcas mette,
E Athenas liberta!
Receiando o poder, de gloria lasso,
Condemna-se a si mesmo ao ostracismo,
Mas conserva-se álérta,
Solitario, n'um antro do Parnasso.

Surge Botzáris, corajoso e ledo,
O feito das Thermopylas imita!
Joven, guerreiro, aédo,
Com sua espada e canto á lucta incita.
Seiscentos palikáres
Destemidos e bellos,
Juram seguil-o em todos os azáres:

E além, junto da fonte de Crionero,
Do Aracyntho na encosta,
E soltos os cabellos,
Ergueram este grito audaz e féro,
A mão na mão do companheiro pósta:

=Ulamia! Ulamia! Mantida
Seja esta Liga da Fraternidade!=
E então repetida
A formula: *A minha alma é a tua alma,*
Minha vida tua vida!
Do monte na sublime soledade
Cada um troca a arma
N'essa effusão fraterna;
E atiram-se febris á mortandade
N'uma refrega eterna.

Themistocles tivera, certo, inveja
Ao terrivel Kanáris! Com trinta annos,
E em desegual peleja,
Trez vezes queima os brigues ottomanos!
Em Tenedos se abriga a turca frota;
Mas pela noite escura,
Entre a borrasca e a maresia grossa,
N'uma flotilha ignota
Por entre as náos da armada turca fura,
Com audacia invencivel a destroça.

Oh contraste sublime
Com essa Grecia escrava
Que os harens povoava
Do turco que a opprime:

A Odalisca

Que lubricos abraços!
Que risos! que suspiros
Lá se dão;
Que ósculos devassos!
Famélicos vampiros
Elles são.

O ár é todo aromas,
Á vista é tudo festa
No harem;
E na indolente sesta
O amor destrança as comas
Com desdem.

Inventam-se disvelos,
Com mimo são acceitos,
Não tem fim;
Nem fim querem anhelos
Sonhados sobre leitos
De setim.

Transluz alma faisca
No riso, nas beldades
De uma huri;
E a flascida Odalisca
Da Grecia com saudades,
Mal sorri.

O eunuco indifferente
Repara... entra, cubiça
Com que ardor!
A grega o enfeitiça,
Olham-se longamente,
Muda é a dor.

Ao gyneceo vão juntos,
Da patria e amor da infancia
Fallam só!
Dão beijos muitos, muitos...
Aperta amor com ancia
Mais seu nó.

Abraçam-se! Da mente
Ao peito baixa o sonho
Sonhado sempre em vão!
E cáem doudamente;
Mas o prazer risonho
Mudou-se em afflicção.

Da vida no deserto,
Que dor! a eterna sêde
Não podem saciar!
Que lucta em ambos! vêde
Que abysmo sempre aberto,
Que morte sem findar!

Mas como a luz se apaga
Ao sôpro violento
Depois de crepitar!
E como á flor o vento
Que vem da ardente plaga
A séca e faz tombar...

E como a corda estala
Vibrada com vehemencia
Por furiosa mão;
Do gelo, branca opala,
Se esváe a consistencia
Na cálida estação...

O eunuco não resiste,
No incendio dos desejos
Os braços lhe estendeu!
Mas como o som de arpejos
No ár se perde — o triste
De subito morreu.

Byron ouvindo aquellas narrativas
De uma Illiada nova,
Quer alentar-se d'essas paixões vivas
Do sacrificio heroico dar a prova.

Pensa em partir, movido pelo impulso
Do sacrosanto fogo,
A tomar parte na sublime guerra!
Eis, n'esse instante logo
Entregam-lhe uma carta... Abre-a convulso,
Traz côr de lucto... e vinda de Inglaterra:

«Da cara filha me annuncia a morte!
Que me resta do lar que adorei? Nada.
Tinha apenas cinco annos! a pobre Adda,
O meu fito, o meu norte.
Eu, foragido assim de plaga em plaga,
De longe mesmo a via!
Via-a, como contempla o nauta a estrella
Que o dirige na tetrica procella.
Mas, quão breve se apaga
O porvir da esperança que sorria!

Oh vida afflicta, mésta,
O teu vacuo me traz da morte inveja!
Já que no mundo nada mais me resta,
A Grecia, a Grecia seja
O sepulchro onde eu misero descanse!»
Sáe de Livurno o Poeta,
Deixa o Poeta a Italia n'esse transe,
E na febre da insomnia
Encostado á amurada
Contempla o mar que doira a madrugada,
Apórta em Cephalonia.

No seu combate abandonára a Grecia
A Europa indifferente,
E ainda enfraquecida pela inepcia
De um e de outro bando dissidente!
Byron traz a união, o enthuziasmo,
Contra o impossivel arca!
O seu tedio converte-se em bravura,
E alegre desembarca
Em Missolonghi; o Tirteu, com pasmo
Em heroe do ideal se transfigura.

Byron percorre a Grecia; ali se inspira
Das tradições sublimes do passado,
E como Eschylo outr'ora, preferira
Á gloria de Poeta a do Soldado;
Com seu dinheiro paga
Então a grega fróta;
Com seu ardor e com o canto embriaga
A valente phalange sulióta.

Como outr'ora, das hordas mil da Persia,
Hoje a Grecia vencia
Da decahida Europa a vil inercia,
E as gargalheiras torpes da Turquia!
Pelo calor de abril exacerbada
Minaz rebenta a péste,
E da Morte a fatidica brigada
D'entre os despojos tábidos se erguia,
Vertiginosa investe.

E quando os bravos erguem suas frontes,
E se vestem de flores ermos prados,
E refulgem abertos horisontes
De côres irisados,
N'uma harmonia esplendida, completa,
Que a liberdade de Héllade celébre:
Momentos desolados!
A péste fére o Poeta...
Cáe, succumbindo exhausto pela febre.

No extremo delirio exprobra a Europa,
Balbuciando em vágados: «Lepanto!»
O rosto pállido o suór lhe ensópa,
E apaga-se-lhe a voz do eterno canto.
A mente desvairada
Julga-se n'esse instante
No tropel da terrivel escalada
Dos muros de Lepanto! e offegante,
Como animando uma invisivel trópa
Caiu immovel, proferindo: «Ávante!»

Quando outr'ora se erguia um monumento,
Castello, ponte ou muro de Cidade,
Era tambem usança
Sob o cavouco escuro,
Como uma condição de segurança,
Sepultar vivo ahi um sêr humano!
No triumpho da ardente Liberdade,
N'este combate insano
Que alevanta a Cidade do Futuro,
Byron! tu foste a victima sincera,
Pela alta intuição de uma nova Era,
Sepultada debaixo d'esse muro.

II

VIGILIAS DO FAUSTO

(POEMA)

«a proposito do *Fausto*... caracterisa como partes constitutivas da minha natureza não sómente esta actividade sombria, insaciavel do personagem principal, mas ainda esse motejo, essa aspera ironia de *Mephistopheles*.»

Goethe. *Conversas com Eckermann.*

I

Gargalhada de Mephistopheles

O POETA, *nas vigilias de uma noite estrellada e tacita:*

Que noite! Oh erma alampada,
Oh muda confidente!
Á claridade pállida
Que a froixa luz derrama,
N'esta hora silenciosa,
Minha alma aspira, sente.

Pois como a mariposa
Crestando as leves azas,
Doida, um tal fulgor ama!
Quando na febre velas,
Alma, assim tu te abrazas
Do Ideal na eterna chamma.

Eil-as! milhões de estrellas
Bordando a immensidade!
E quem, sósinho, ao vêl-as
No insondado ambiente,
Sentir, scismar não hade
Na luz que alta irradia!

N'uma ronda cadente
Da vaga etherea e fria
Esplendem astros ledos!
Ouve no espaço a mente
Recondita harmonia,
Suspensa em mil chimeras.

Interpreta os segredos
Das lubricas espheras;
No musgo dos fraguedos,
Ou na pégada froixa
Que accusa uma vontade,
Anima extinctas éras.

Vôa na tempestade
A phantasia aéria;
Vê despenhar-se a rocha
Tocada pelo raio
Que n'um relance fere-a;
E como desabrocha
A flor ao sol de maio.

Escuta o mar que ruge
Na voz de ao longe e ao perto,
O vulcão que restruge,
E a mudez do deserto;

Ouve o cedro que verga,
O vento que bafurda,
E a féra que se alverga
Na furna escura e surda;

Vê baquear em terra
Os idolos das gentes,
Ouve o clarim que aterra
Os esquadrões frementes.

E véa a toda a parte,
Os abysmos perscruta
Na subjectiva luz!
Estranho côro escuta.
Dá fórma ao sonho—é a Arte,
A vida em si traduz.

Fragil argila, embora,
Na eterna séde aspira!
E a duvida, a agonia
É a aguia que o devora.
Tudo illusão, mentira,
Verdade é só—Poesia.

Que noite! oh erma alampada,
Oh muda confidente!
Á claridade pállida
De uma luz veladora,
N'esta saudosa hora
Quasi me sinto crente.

MERCK, *entrando com familiaridade no aposento de Gothe, e parando diante do Poeta:*

Tu crente! crente agora,
Oh, desdenhoso Fausto!
Na séde do saber que te devora,
Quanto mais da Sciencia provas o hausto,
Desalentado ficas;
E as illusões de uma hora
Nas áras da rasão em holocausto
Austero sacrificas.

Em tua altiva mente
Debatem-se a Rasão e a Phantasia;
E á intima porfia,
A essa lucta ardente,
Que te traz alheiado e indifferente
Chamas-lhe tu—Poesia!
Mephistopheles, surge hoje a teu lado
Sustentando da Duvida o systema;
Ah, vê quanto é baldado
O esforço para achar uma harmonia
N'esse eterno dilemma.

Entre a miragem vaga, subjectiva
Em que a mente delira,
Creando as temerosas Entidades
Das Religiões na absurda construcção,
E essa outra mentira
Que a Rasão traz cativa
Da sensação das vãs modalidades
De uma realidade unica e concreta,
Um só caminho, oh Poeta,
Se abre para as Verdades,
Desvendo-t'o! entra n'elle—a Negação.

O POETA, *como em devaneio:*

Que importa que a Verdade,
Visão longinqua, tréda,
Do saber na anciedade,
Muda, intangivel seja?

Ha uma realidade
Que se sonha e se beija:
O Amor, a labareda
Que alenta a Humanidade.

As nuvens poisam sobre
O pincaro do monte;
Estreita-se o horisonte,
A noite tudo cobre.

Mergulho-me nas trevas
Da noite, absorto scismo!
Mas das bordas do abysmo
Oh alma, mais te elevas.

Absoluto! o meu braço
É contra ti inerme;
Fulmina o ignoto vérme,
Ajax, pois te ameaço.

Não sei dizer que sinto
Ao vel-a orar contricta
Assim *bianco vestita*
Do templo no recinto.

Oh lampada que velas,
Teu brilho porque o alastras
Do templo entre as pilastras,
Nas gothicas janellas?

Eu n'alma reconcentro
Do templo as harmonias
Que, Amor, de lá me envias,
Que envias lá de dentro.

NERCK:

Na agonia de um seculo que expira,
Na ruina de crenças e de ideias,
Na vertigem febril da nova Edade,
Oh Poeta! só te inspira
Essa emoção em que ermo devaneias,
Amesquinhando a Lyra
Na vaga e feminil passividade?

Ao vêrmos proclamar-se livre o Povo,
Quando os Dogmas desfaz de um sôpro o atheu,
Na hora da revolta,
Ergue-te! como o Dante,
Da Negação o hymno estranho solta;
Ou como o audaz Tyrteu,
Hoje o cantico novo
Entôa triumphante.

O POETA, *ainda devaneando:*

A face empallidece!
Oh vem, moça e menina;
Ao pôr do sol me ensina
Do santo amor a prece.

Do mar no envolto pégo
A minha pobre vida
É não que anda perdida,
De Deus se o nome nego.

Véo tenue que me acenas,
Nuvem ligeira e branca,
As lagrimas estanca,
Fique-me a dor apenas.

PSALMO DA NEGAÇÃO

STROPHE:

Mas quem és tu, a cuja vista os montes
Nos fundamentos rijos estremecem,
E te invocam por Deus?
Que trazes sob os pés redemoinhos
De nuvens de um palor caliginoso,
Nas azas de escarcéos?

Que das narinas fumo espesso de ira,
De indignação exhalas, e na bocca
Tens vulcão que incendeia?
Cuja voz são trovões que o mundo aterram,
E o olhar é relampago fremente
Que nas trévas serpêa?

São tuas settas raios que se cruzam
Nos espaços, fendendo com assombro
O páramo dos céos!
Alegra-te, mortal! O teu repouso
Não o perturba o estrépito ominoso,
Não existe um tal Deus.

ANTISTROPHE:

Outro é o meu Deus! Eu o contemplo
No intimo bem da alma quando exulta,
Sentindo-o todo — amor!
Nos canticos das aves na alvorada,
Ao fim da tarde no ciciar da brisa,
Eu te adoro, Senhor!

No perfume da flor que o prado esmalta,
No deslizar da fonte que suspira,
Contemplo o teu poder;
No orvalho matinal, no ardor da calma,
E no quebrar da vaga que o sol doira
Tu me ensinas a crêr.

MERCK, *sorrindo:*

Detesto esse Deismo
Inconsciente, rhetorico, piégas,
Em que affirmas, incerto; e a medo negas;
Antes mil vezes quero a primitiva
Rudeza do selvagem,
Que no seu Fetichismo
Contempla a Natureza como activa,
E Deuses faz da sua propria imagem.

O POETA:

Tu tens das cousas a visão concreta,
No pessimismo teu sempre idealisas:
Pela critica a tudo pulverisas,
Das ruinas és poeta!

Esvãe-se a Divindade
Como a sonhára a pobre Humanidade,
Incompleta noção,
Dentro de um rude craneo quaternario;
Mas como o Diabo, o tal da tradição,
Que ante os passos do homem se *atravessa*,
Eterno *adversario*,
Hoje em tua cabeça
Forma-se outra terrifica Entidade:
A fria Negação.

Eu procuro a harmonia
Que sustenta o universo!
Essa ideal cadencia,
Ou sibyllino verso
Deve encontrar-se um dia
Na tacita immanencia
D'onde no Sêr immerso
Se destaca a existencia
Pela infinita via!

MERCK:

Como podes achar tal harmonia
Quando a perturba o grito
Do perpetuo conflicto
Do *homo duplex* da Theologia?
Se o espirito se eleva
Á concepção mais pura,
A carne abjecta é fragil mais se céva
No que mais prende á terra a creatura.

Como podes sentir essa immanencia,
Se a visão subjectiva
Te desvaira, te priva
De achar a realidade da existencia?
Se o espirito remonta
A Synthese suprema,
Perde-se no infinito que defronta,
Do torpel de impressões faz um poema.

O POETA:

Eternamente triste
E desgraçado fôra,
Se n'esta luz da aurora
Que o horisonte alegra,
A ordem não existe!

Se n'esta nuvem negra
Que paira pelo espaço
Electrica, convulsa,
Não actua o compasso
Onde a ordem serena
Surprehendente pulsa.

N'esta intima pena
A lei do Sêr completo
Como se patentêa!
O Sentimento, o affecto
Conjuga a Acção e a Ideia.

A Acção é a Vontade,
Forma da Consciencia,
Por onde se conhece
Que é livre a Humanidade,
N'esta complexidade
Das leis a que obedece.

A Ideia é a Sciencia,
Objectiva, suprema,
Que ajunta os elementos
Desconnexos, fragmentos
Da infinita existencia
N'um completo Poema.

O Sentimento amplia
Esta vida restricta,
Ephemera, vasia
Em outro sêr tambem:
Acção e Pensamento
Que o Sentimento incita,
Têm por norma infinita
Verdade, Amor e Bem.

MERCK, *estendendo-lhe o braço:*

Pobre Poeta! esse espirito profliga
Entre a contemplação passiva e vaga,
E a fria observação do que investiga.

Desce da realidade á crúa plaga,
Rir-te-has das phrases vãs do idealismo,
Que a mente te desvaira e tanto embriaga.

O Amor foi sempre um sensual egoismo,
Sciencia, antigo acérvo de mentiras,
O Bem, trégua ao passar perante o abysmo.

E emquanto assim deliras,
Oh vem com Mephistopheles sombrio,
Com desdem soberano
Cuspir sarcasmos sobre cada engano,
Rasgar do Templo o véo, o véo em tiras,
E no barathro insano
Sondar a inconsciencia e o vasio.

II

Vigilia da Verdade

O POETA:

Para fóra do ádito sereno
Do meu quarto de estudo me has trazido;
Lanças-me no ruido
Dos salões! ahi sinto-me pequeno,
Nas pompas deslumbrantes da opulencia;
Quando aspiro da gloria o arôma, a essencia,
Escutando o meu nome repetido!

É bem suave este lethal veneno;
Um rumor que adormenta e hallucina;
Eu adoro o sorriso que o propina!
Ante a feminil graça a fronte rojo;
Mas no conflicto de ambições me enojo,
E sinto-me pequeno.

Como posso voltar ao meu reducto?
Pobre aguia anceia os pincaros alpestres;
Sou como o animal bruto,
Que arrancado dos páramos sylvestres
Esquece a liberdade e o seu caminho;
E sinto que nem lucto,
Feliz, banal, mediocre e mesquinho.

Fizeste-me vêr essa mulher bella
Como o que a féra impelle para a liça;
Ouvi-lhe a voz que canta e enfeitiça,
E o desejo de tel-a

Nasceu em mim, indomito, tyranno.
Com a minha alma a sua, em tanta ardencia,
Entretinham estranha confidencia
Percorrendo o teclado do piano.

O Piano de Lili

Que noite, e que sitio! nas horas remotas
Do vago silencio, do mago luar,
Nem de Ossian a Virgem nas praias ignotas,
De fórmas mais alvas que a espuma do mar...

Dormia tranquilla,
Sonhando, talvez?
E vinha tingil-a
Mortal pallidez.

O vento, de subito, as nuvens espessas
Da face da lua dispersa no céo;
Eu vi-a! lembraram-se as nossas promessas
Ao vêr alvos seios a arfar sob o véo...

Sorrindo n'essa hora,
Murmura tambem:
Que longa demora!
Tão tarde; não vem.

Não quiz acordal-a! Quém ha que desperte
Um anjo esquecido dos céos por amor?
Mas, eis se alevanta: vae languida, inerte,
Cendal branco e longo lhe occulta o palor.

E as fórmas? nas dobras do véo transparente
Destacam-se, ostentam incertos perfis!
Vae linda ao piano sentar-se indolente,
Dedilha frenetica... a nota amor diz.

Trementes sons vagam
Nas mudas soidões,
Quanto alma embriagam
Fataes tentações.

Fascina-me o abysmo! que importa? a meu lado
Se auréola angelica a vem defender!
Sentada ao piano percorre o teclado,
Os sons, hora e sitio me fazem perder.

Nos braços a apérto,
Magnetico ardor;
Um novo concerto
Resôa, de amor.

Que noite ligeira! rebenta-me a corda
Cantando o delirio da ingenua vestal;
Aperto-a nos braços; somnambula, acorda,
Sorri-se... e em meus braços se inclina a final.

MERCK:

Que de vezes, Poeta, me dizias
É o espirito livre da materia!
Sustentavas a illusão que crias,
Na voz da inspiração febril, ethérea.

Para restituir-te o equilibrio
Á mente que desvaira ergui tua alma
Ao doce Oásis, onde a verde palma
Dá licor que nos faz do amor ludibrio.

Do amor no lago azul onde bebias,
Quasi a afogar-te, até á saciedade,
Te acotovélo, e tu não attendias
A rasão que te chama á realidade.

O POETA:

Como esse austéro mestre, não me faças,
Que o incauto pupillo
Deixa ao som d'agua, emquanto vae tranquillo
Discursando de eventuaes desgraças

MERCK:

Attrae-te uma apparencia;
Cada impressão te véda
Sobre o teu sêr moral
De manter o dominio!
Como vencer o mal?
Pela visão da Sciencia,
Ascendendo a vereda
Aberta ao raciocinio.

O POETA:

Não digas mais! Seja essa a minha róta.
Vamos! Mas, dize-me onde
Começa e acaba a tal vereda ignota?
Este o problema inicial; — responde.

MERCK:

Procurou sempre o homem até hoje
Nos Livros o caminho da Sciencia!
Carradas de demencia
De edade em edade tem-se accumulado;
D'esse sahará de desvarios foge.
Detesta pois a poeira
Das Biblias porque o homem tem jurado.

Dos seculos sacode o pezadelo;
Livre d'essa cegueira
Começa a grande empreza:
Dos velhos preconceitos quebra o élo
Que o homem afastou da Natureza.

A Natureza! eterno livro aberto,
Dos nossos olhos baços posto diante;
Não como o palimpsesto errado, incerto,
Prezo á corrente da claustral estante!
E emquanto a mente altiva
Decifra o texto inutil do hierophante,
Fica cega, e da santa luz se priva
De ridente clareza.
Que vem da Natureza
N'uma expressão palpavel, objectiva.

É n'este livro immenso, aonde impressa
Em caracteres, symbolos, emblemas,
Se lê do Universo a historia a esmo,
Que o homem, como absorto em mil poemas,
Chegará bem depressa
A ter conhecimento de si mesmo.

O POETA:

Por onde começar? Tu me inicia
Da Natureza no mysterio occulto,
Sublime, reverente...

MERCK:

Ahi vás cahir humilde em novo Culto!
Deixa das Religiões a louca Orgia.
Observa friamente.
Da Natureza o absorvente arcano,
No tropel de impressões, mais te deslumbra,
Do que esse sensual ardor que o Piano
De Lili sobre ti vérte e ressumbra.

Ás tristezas do amor que te amargura,
Lethargica doença,
Os vastos horisontes da Suissa
Dão-te rapida cura.

O POETA:

A caminho! Essa viagem me enfeitiça;
Da Natureza ahi pagina immensa
Se abre á minha primeira e sã leitura!
Partamos, sem detença.

Ao encontrar-se nas montanhas da Suissa:

Esta vista de habitações tranquillas
Esquecidas nos valles,
Vem despertar-me uma recordação
Do lar paterno e bom! Lar que me azylas!
Aqui, de intimos males
De um amor mal extincto,
Por entre os sons dispersos inda sinto
Resonancia da vaga vibração:

O cyclope do dia
No espaço a luz entorna,
Como um martello espalha
Faiscas da bigorna;

Da noite na mortalha
Se envolve moribundo,
Thuribulo que arde
E em trevas deixa o mundo.

E quando o sol á tarde
Dardeja além na serra,
Parece o ingente dedo
Que impõe silencio á terra;

Esta hora é do segredo
Que as sombras me vêm dar;
Tambem é da ardentia
Quando se agita o mar.

Amor, melancholia
Me inspira tanto esta hora,
Pois que a costura, n'ella,
Deixavas tu, senhora...

E vinhas á janella
Radiante de candura,
Sempre a primeira estrella
Em céo de noite escura.

MERCK:

O som mais forte engrossa a intensidade,
Confundindo os que vibram tenuamente;
Olha esse lago limpido e tremente;
Estende a vista a toda a immensidade!

O POETA:

Estes ares dão força, audacia! Eu quero
Luctar, vencer, e dispender a vida
Nas manifestações do sêr complexas!
Que panorama esplendido! Ha quem ouse
Tentar commigo a ascenção do monte?
Contempla o Sam-Gothardo! e como pulsa
O coração de amor pela Montanha!
Bem fez a humanidade, quando outr'ora
Sentiu que era a Montanha um Templo immenso,
O Sinai, o Meru, o Oreb, o Olympo,
De adoração suprema! Quando o homem
Á creação do Deus oppoz a Industria,
Fez do Caucaso o pedestal heroico;
No Calvario elle se transubstancia
Ao comprehender o sacrificio altruista.
Prometheu e Jesus, eis os dois pólos
Da elevação da activa Humanidade.

MERCK:

Ascende, oh Poeta! Á falda da montanha
Não te roçam a face as fortes brisas;
Os pincaros das gélidas alturas
Não transpuzeste ainda, e satisfazem-te
Essas velhas comparações já gastas!
Quando attingires as nevosas cimas,
Ante a visão immensa, com certeza
Será outra em teus labios a linguagem.

O POETA, *elevando-se:*

Revelou a Petrarcha o grande Monte
Para o mundo moral novo horisonte,
A voz do eterno Amor!
A mim, da luz a anciedade accalma,
Faz-me sentir na Natureza uma alma;
Vem-m'a em contacto pôr.

MERCK:

Que fontes de Poesia o monte jorra!
Não basta conhecer da Natureza
Modalidades cosmicas. Latente
N'ella a harmonia é implicita unidade.
Olha a medalha em suas duas faces!
Espiritos mediocres conhecem
Um aspecto sómente; e para elles
Sempre a Sciencia foi pállida lua,
Que uma face unica e gelada mostra.
Detesta um saber tal por fragmentario,
De um pedantismo especial, concreto,
De estereis controversias sem intuito,
Com palavrosa e doutoral philaucia.

O POETA:

Bem sabes, que insistente eu pela vista
Busco abranger o mundo; e quando avanço
É apoiado na objectividade.
Para mim, o Espirito e Materia
Não podem actuar um sem o outro,
Tal como a vibração da onda sonora
Depende do ár. D'esta unidade parto.
Com novo aspecto o mundo se me ostenta:

A variedade incongruente, infinda
Das cousas torna-se expressão grandiosa
Da unidade immanente no universo;
A Rasão creadora a sente e fixa,
Identifica o Ideal e a Realidade.
É contemplação intima a Sciencia.
Senão, vêde: Uma Flor? é deslumbrante
Para os olhos, que as côres lisongeam,
Para o olfato, que aromas inebriam,
Para os labios quando os nectarios tocam.
Pelo porte gentil encanta, vence!
Mas que novo perstigio lhe descobre
A visão subjectiva, quando as fórmas
Caprichosas que a flor ostenta, todas,
Contempla na unidade—o *Cotylédon!*
No mundo organico eu observo o mesmo.
Nas fórmas animaes, complexidade
Que desvaira o que o nexo ás cousas busca,
A unitario typo de estructura
Se reduz; vêde:—a *Vertebra*, tão simples.
Avançando, a unidade dos tecidos
Se impõe, relacionando esses dois mundos
Vegetal e animal, no breve esboço
Da *Cellula!* Tão pouco; e que infinito!
E se ascendermos mais ao alto, e formos
Sondar as Forças que ainda se combinam
Na construcção continua do Universo,
O Calor e a Luz, o Magnetismo,
A Electricidade incoercivel,
São vibrações da mesma resonancia
Do unitario impulso—o *Movimento*.

MERCK:

Basta, oh Poeta! Suspende o enthusiasmo.
Do saber a insaciavel sêde
Que no teu apresento te encerrára,
Levou-te a presentir a ancia forte
De uma Synthese nova. Tu aberras
Do meu typo do Sabio; bem pertences
A uma especie não classificada.
Aqui, estes momentos me recordam
Da Taverna de Auerback as lendas:
Dás no grande tonel volta á torneira,
O licor hilariante é luz que jorra!

O POETA:

Comparação de uma ironia fina;
Não me toca; tu vês como conheço
Os dois typos do Sabio, que entre o vulgo
Gosa de admiração: um, Sabio-theurgo,
Que symbolisa a excelsa Natureza
N'uma Entidade abstracta, fria, inane;
Das proprias emoções faz evangelho
De iniciação theosophica, profunda,
Com perstigio secreto annunciando
Redemptora missão! Tu avalias
Um tal typo de Sabio, quando ha pouco
Recordavas a situação da lenda
Do theurgico e velho Doutor Fausto.

MERCK:

Retrata o outro typo.

O POETA:

Esse é o Sabio
Que entrevê só fragmentos de verdades;
O que observa detalhes desconnexos;
Que descreve as minucias uma a uma,
Que tudo classifica, conduzido
Pelas analogias exteriores;
Não vae além de um empirismo cauto.
Para tal Sabio é sempre a Natureza
Apparelho de complicadas peças,
No enumeral-as o saber consiste.

MERCK:

O typo é conhecido; faz Memorias.
Dissertações, Scholios, Commentarios,
Dá-se e prospéra nas Academias...

O POETA:

O illuminado e o erudito odeiam-se;
Inseparaveis são, pois se completam.
Fausto carece d'esse companheiro.
Que nome lhe daremos? Seja *Wagner*.
Wagner fabrica então peça por peça
Os elementos todos que compõem
O organismo do Homem; d'esse esforço
Sae-lhe das mãos o *Humunculo* irrisorio!
Elle simula os sentimentos d'alma,
Mas resurge a Rhetorica dormente,
Com que os dois se disfructam ou se enganam.
Sem ti, Merck, impossivel me seria
Desprender-me das pontas do dilemma:
Ou Theosopho, ou Pedante especialista!

Negação systematica em ti acho;
Criticismo que austero disciplina,
A' realidade attrae-me a cada instante
Se para o vacuo da abstracção propendo
Ou se á chateza do concreto corro.
Como Genio diabolico, respiras
Contradicção e tedio, e a ti devo
Fé na Verdade e Consciencia livre.
Sem ti *Wagner* seria um grande assombro,
Fausto, um mesquinho magico grotesco.
Mephistopheles és; em ti se encarna
A negação, a critica, o juizo
Dos motivos secretamente egoistas,
E esse espirito livre, que fulgura
Em Voltaire e em Diderot...

MERCK:

A viagem
Da Suissa na tua mente acorda
O genio da Sciencia; foi-se o Poeta.
Carece o teu espirito do accordo
Da noção subjectiva, una, suprema
Com os dados da objectividade.
Vaes n'esse esforço como o equilibrista,
Que atravessa na corda a cataracta
De um Niagara immenso; attrae-te o abysmo.
Tu como Poeta, a *Luz* tanto idealisas,
Mas na contemplação serena absorto,
Passas além, e no ádito da Sciencia
A *Theoria das Côres* nos revelas!
Como Poeta, os rumores da Floresta
Fallam-te mil segredos; muda a Lyra
Fica, perante o exame da estructura

Do mundo vegetal, descortinando
Typo inicial e uniforme—a *Folha*.
Como Poeta, as femininas fórmas
Deixam-te n'alma agitação ardente;
Mas em vez da mulher amada, cantas,
O que? O Ideal, o *eterno feminino!*
Deixaste Lili, e esqueceste Augusta,
Frederica ante o frio desdem expira...
Se tu sómente amavas Galathéa,
A mysteriosa e animica Entidade,
A quem Bichat, Lamarck e Bell levantam
A fimbria do cendal que occulta a *Vida!*
A contensão scientifica conduz-te
A' solidão do individualismo;
Pela Rasão abranges o universo!
Em ti, Poeta, a harmonia reconcentra
Accordando a Rasão e a Phantasia:
—O *Viver para outrem!* eis a norma
Que synthetisa os sentimentos todos,
O movel das acções mais nobres do homem!
E tarde para mim! não me é possivel
Reconstruir o sér moral, succumbo
Sob um temperamento e pessimismo
Que me leva á ironia e ao sarcasmo,
A um lethal e amargo desespero.
Nada admiro, nada amo; nada quero;
Nenhum consolo busco: atroz Nirvâna.
Torna-se a vida um pezo; deito-a á margem,
Jumento sob a carga estatelado.

O POETA:

Dos pincaros do Sam Gothardo avistam-se
Da Lombardia os viridentes plainos!
O vento espalha acastellados nimbos

Que obumbram o horisonte ; assim varressem
Da mente do homem doutrinarios fumos.
Um perfume de Antiguidade e de Arte
Vem das bandas da Italia. Que attractivo!
Pudesse eu ter o vôo dos condores,
Pelos espaços fóra me librára,
E no doce paiz das larangeiras
Baixaria, a admirar a bella Italia!

MERCK :

Guarda esse impulso no imo de teu peito,
Como doente que um elixir possue
Que o chama á vida, o guarda confiado
N'uma vaga esperança, para a hora
De perigo lethargico e terrivel.
Lembra-te então da Italia! Se em tua alma,
Que a paixão da *Verdade* orienta e excita,
Te achares impotente, esteril, certo
É que a corda, isolada, vibra froixa.
Na Lyra de tua alma ha outra fibra,
O Sentimento. È lá, é lá na Italia
Que irás ouvir a mysteriosa nota
Dos velhos carmes, que revela augusta
Da Humanidade a Synthese affectiva.

III

Vigilia do Amor

O POETA, *lendo uma carta de* «Augusta»:

«É bem triste a noticia, oh caro Poeta,
Suicidou-se Merck! era previsto.
Se da crença o calor nos abandona,
O pobre coração de pulsar deixa ;

É a morte, antes mesmo d'essa horrenda
Decomposição crúa da materia!
Volta á Religião, Poeta . . .»

(Interrompe a leitura):

Lembro-me
Das palavras de Merck—Ao Amor volta!—
Vira no templo o apaixonado Lullo
A deslumbrante Ambrosia de Castello,
Louco por tanto ardor, tenta salval-a
Do cancro hediondo que lhe róe o peito.
Com que fervor estuda as Sciencias todas
Que o mundo antigo tinha accumulado!
E achando-se impotente em tanto esforço,
Volve-se á Religião que o hallucina
Perdido no tropel dos desvarios.
Da comprehensão das Sciencias caminhando,
Levarei outro movel, alto intuito
Para o Amor, que as sensações corrompem,
Ao invés do Doutor Illuminado.
O suicidio de Merck um desalento
Quasi invencivel para mim seria,
N'este vacuo moral em que succumbo,
Se elle proprio o remedio não me aponta:
Quando me assalte o tedio, proveniente
De uma especulação intensa, abstracta,
Uma viagem me salva—a Italia, a Italia!
Reanima-me um bom amigo—Schiller.

(Como em evocação):

Merck! oh viva lembrança da amisade,
Que a morte torna como que divina,
E que intima saudade
Sempre pungente aviva;

Com o fulgor do bom senso me illumina!
Pelo pacto ideal da consciencia
Resurge na existencia,
Imagem subjectiva!

Livre das phrases vãs do idealismo,
Das convenções banaes, tu representas
Da Negação a synthese audaciosa!
N'esse teu sceptícismo
Me dás força e sustentas,
Mostras o mobil de uma acção ruidosa.
E os heroicos feitos, a virtude,
O sacrificio, e o óbolo que illude,
Tudo resolves n'um secreto egoismo.

Como Satan, o eterno adversario
Ante os passos do homem se atravessa,
Que a Antiguidade oppressa
Creou, n'um pezadello imaginario,
Espirito do Mal, sempre em revolta,
Como Satan, resurge, as azas sólta.

Deixa evocar-te! deixa;
Quero-te assim, acerbo e negativo,
Tu serás *Mephistopheles* sombrio!
Attende o febril hausto
Da minha ardente queixa,
Companheiro sarcastico do *Fausto*.
Mostra do Amor o engano doce e vivo,
Qual ninguem o sentiu.

Os amores, que ardentes me assaltaram
E me algemaram tanto, eu cri, sincero,
Ingenuamente um dia,
Que á noção scientifica deparam
Luminoso relêvo, essa harmonia
Que existe entre o Ideal e a Realidade,
Que debalde achar quero.

Aventuras da edade,
Embaraçando-a em minimas intrigas,
Em vistosos enganos!
Fazem-me pena os corações levianos,
Para quem é questão de vida ou morte
N'aquellas mudas brigas
Em que se vive muito,
Sorriso incerto, vago olhar fortuito!

Mas um olhar que custa?
Com relances vehementes,
Sem fallar, como dizes tudo e encantas!
Como me olhava Augusta,
Lili, Bettina, Frederica e tantas...
Hallucinadas, são como esses crentes
Que na frente do idolo se prostram;
E quanto mais nos mostram
As almas namoradas,
Na marcha triumphal são esmagadas.

De Jagarnath repugna-me o destino;
Como observador sinto
O impulso latente
De invencivel instincto,
O sexual instincto, irmão da morte!

O fatal desatino,
Do sentimento a força inconsciente,
Como um rapido córte
A Werther, que ama com fervor, decide-o
A lançar-se ao suicidio!

MERCK, *apparecendo:*

Fére-me essa palavra que disseste!
O Suicidio? eis o unico momento,
Para mostrar que é livre, ao homem dado!
Fatal contradicção! Que importa? É este
O Paradoxo atroz do pensamento,
Problema inexplicado:
Affirmar a Vontade, aniquilando-a!
Negação, affirmando-a!

Como ao raio de luz o prisma vitrio
O decompõe, de cada côr o priva;
Na critica sem plano, e negativa
Assim se exerce o nosso livre arbitrio,
Se a morte busco e quero!
Chamado á vida sem ter sido ouvido,
Nem consultado no lethal destino,
Em hora incerta a morte certa espero,
Misero e combalido,
Objecto inutil n'este esterquilino.

Nasci, sem ter um germen de vontade;
Determinei morrer, volver á massa
Da universal materia inconsciente,
Como maneira escassa
De affirmar dignamente
Ancia de presentida liberdade!

O POETA:

Entre a vida e a morte,
Pólos de tudo quanto vive e existe,
Mão ignota vém pôr-te
Um intermedio, pelo qual subsiste
Da Vontade plenissima o dominio:
É o Amor! Joia da alma no escrinio.

O Amor! effusão da alma,
Incarnação do Logos ineffavel;
Clarão de eterno brilho
Que na procella erguida,
E em ancia incomportavel
Brando, o terror do bárathro accalma,
Seguro e forte o misero soccorre!
Se toma corpo, abraça-se n'um filho,
Que além da morte nos prolonga a vida.
Vive-se pelo Amor, quando se morre!

Sómente assim o homem se liberta,
E os vinculos dissolve
D'esta imposta e atroz fatalidade
Que o arrasta e aperta
N'um circulo sem fim, sem claridade
Em que a materia organica se evolve.

MERCK:

Como tens comprehendido o Amor, Poeta!
Miragem que a rasão desequilibra!
Novo Pygmalião que o golpe vibra
Sobre o blóco de marmore inda informe!
Mas, ai! o artista louco se inquieta,

No marmor' frio estranho vulto dorme,
Elle o oscula debalde, mas não sente
Pulsar ao tacto a animada fibra,
E no abraço vehemente,
Crendo animar essa materia inerte
Morre exhausto; e na louca illusão crente,
Que dando a vida, á vida ella desperte.

A tua estrophe ardente,
Poder que a vós, Poetas, só pertence,
Vae acordar na alma das mulheres
A musica interior que as prostra e vence!
Quando o plectro desferes,
Seguem-te anciosas, como que enlevadas
Na magia do canto, e assim parecem
Eurydices do bárathro subindo;
Porém, desde que cessem
As vibrações do canto aério e lindo,
Ao desespero são arremessadas!

O POETA:

Eu, simplesmente busco
Isto que ha de fatal no sentimento
Vencer, dando á emoção a fórma da Arte!
A nenhum brilho offusco,
O genial alento
Procuro em toda a parte!
A ti devo o scientifico processo
Da concepção esthetica! e, se eu amo
Bettina ou Frederica, ala-se a mente
(Como a ti o confesso)
Á Galathea eterna, surprehendente,
Por quem suspiro e chamo,
Visão do Bello, ideal que me fascina,
A expressão da graça feminina.

MERCK:

Como o pintor, que vae tocando, lento,
A expressão, a graciosa linha,
Até que por fim deixa
N'um incerto momento,
O retrato com vida e movimento...
E embebido na creação sublime
Se esquece da pobre alma que definha
Na sombra, e não se queixa...

Sem pensar no seu crime,
E emquanto esse ár á tela elle transporta,
Que arrebata á gentil physionómia,
O Pintor nem sentia
Que ella já estava morta!

Ante o triumpho da Arte absorto fica!
Tu és assim, oh Poeta; o desvario
De uma paixão ardente acha-te frio;
Tal desfallece a pobre Frederica!

O POETA, *angustiado:*

É morta Frederica? é morta? Falla...

MERCK:

Morta de desalento, como Ophelia;
Tu deste-lhe a grinalda de teus versos,
E a harmonia dolente
Que os vãos sonhos embala
Invencivel impelle-a
Descuidada na gélida corrente
Da morte, em que os seus sonhos vão submersos!

O POETA:

Não digas mais! Arrasta á idiotia
Essa revelação que atroz me punge!
Onde ao espirito encontrar repouso
Contra a recordação que me estrangula?
Serenidade da alma, d'ora em diante,
A condição da lucidez do artista,
Onde encontral-a? Quem poderá dar-m'a?

MERCK:

Suscitou-te a viagem da Suissa
Vivo interesse pela Sciencia; agora
Grata serenidade de alma alcanças
Contemplando a limpidez suprema
Das bellas creações antigas da Arte.
Tu, prófugo, procura a Italia, a Italia...
Que nova inspiração da Antiguidade!
Nunca a Grecia em si teve outra harmonia;
Pela expressão do Bello inda domina
Das Renascenças sempre o activo fóco.
Debatiam-se os Cultos, louca furia
Entre Delios e Zeus; e conflagravam
Philosophias da Eléa e Jonia;
No Ágora luctavam os partidos
Á voz dos exaltados demagogos:
Tudo levava ao immanente accordo
Da affirmação da Liberdade humana,
Sob um unico impulso que unifica,
O Bello — o sentimento pleno da Arte.
Hoje, no meio de um conflicto enorme
De um Seculo que acaba e se dissolve
Da ordem social minando as velhas bases

Pela queda da Egreja e da Realeza,
Onde, o espirito encontrará apoio?
Busca na Arte os unanimes affectos,
O suave esboço de uma ideal concordia.
Oh *Fausto* inquieto, é tempo, é tempo agora
De evocares a deslumbrante Hellena,
Quando em volta de ti os outros luctam
Para empunharem da discordia o sceptro.

O POETA, *abraçando Wieland, no momento da partida:*

Parto! Á romagem da Italia eu sigo;
Do passado segredam-me as ruinas
Esse mysterio da consciencia antigo,
Quando deu fórma ás concepções divinas
Na mente do Poeta!
Quem soube achar a intima harmonia
Entre o Ideal, ou subjectiva norma,
E o Real, ou a visão concreta
Na pureza da fórma?
Como a lampada de Hero me allumia
Esse clarão latente,
Através das borrascas do presente.

WIELAND:

Saudae, saudae as sombras gloriosas
D'esses Fieis do Amor, Dante, Petrarcha,
E do galhardo Ariosto!
Almas puras, sublimes, em que a marca
Da burguezia parca
Não perturbou seus ledos devaneios!

Sabem fazer amar, sentir o gosto
D'esse apagado mundo dos torneios,
Das castellãs o amoroso emblema,
E o voto ousado que se cumpre a custo!
Ahi, lerás da Edade media o Poema,
Penetrando o sentido intimo e justo,
D'onde outra luz dimane,
Sotto il velame degli versi strani.

Á VENTURA NAS RUAS DE ROMA

O POETA:

Como heide contemplar o frio marmore
Guardado em silenciosas galerias;
Concentrar-me n'um sacrosanto enlêvo
Debaixo das abobadas vetustas
De eternos monumentos,—se nas ruas
Passam rindo as formosas raparigas,
Mais bellas do que as Dryadas sonhadas
Na doce Arcadia outr'ora! A ti, Catullo,
Dou-te rasão—*Vivamus mea Lesbia!*
De rosas e de myrtos coroêmo-nos.
Bem andaram ante esta claridade
Que inunda o espaço azul, Tibullo, Ovidio,
Propercio, essa doirada juventude
Em doudamente amarem, em cantarem
Delia, Corinna, Cynthia, Lydia, todas,
Pondo de parte as vãs questões do Imperio
Entre o poder de Augusto e o Consulado.
Vivamus! Foi o grito, o santo *Oremus*,
N'este holocausto da encantada Psyche.

Para Morck, mostrando-lhe uma Visinha com o typo de Madona:

Se a visses á janella
Cuidando em seu bordado,
Pudesses, como eu, vel-a
Detraz do cortinado!

Se a visses pensativa,
A mão firmada ao rosto;
Ingenua sensitiva
Que é languida ao sol posto!

Quando modula ás vezes
Uma aria favorita;
Se um dia em muitos mezes
É pallida e afflicta!

E os anneis dispersos
Do nitido cabello?
O seio, o mais que em versos
Mal posso a ti dizel-o?

Se visses isto tudo
N'um hymeneu de graças,
Ficáras talvez mudo,
Mas olhas frio, e passas.

E quando meia occulta
Com magico recato,
No véo a mão lhe avulta
Amaciando o gato?

Ou quando ao vir da aurora
Em alva toalha envolta
Ao espelho se namora,
E olhar lascivo solta?

Eu amo-a muito, muito,
E então n'esses instantes
A mim mesmo pergunto
Em que pensava eu d'antes?

E se á janella, triste
Vem pôr sua gaiola?
Se vem deitar alpiste
No comedouro á rola?

Ai rôla! quem pudesse
Gozar esses carinhos,
Que a vida me parece
Um thalamo de espinhos!

Cativa, a pobre arrulha
Com peito á angustia dado;
E a dona move a agulha
No lépido bordado?

Eu vejo-a sempre esquiva
A angelical visinha;
Ai dôr! a alma é cativa
Talvez mais que a avesinha.

MERCK:

Segues, oh Poeta, por caminho errado,
Ás emoções submisso! Se tu amas
Como Tibullo, ou como amou Propercio,
No delirio do goso cáes exhausto...

O POETA, *galanteando a visinha:*

Quando á tarde te assentas á janella
A costurar,
Sobre a cassa a mãosinha, alva como ella,
Deixas mirar.

Como brinca o teu gato! É gosto vêl-o
Brincar assim:
Se do regaço teu cae o novello,
Com frenesim,

Elle o toma e o lança pela esteira,
Depois... com dôr,
Cuido, ao vêl-o brincar d'essa maneira
Vêr nosso amor:

Porque abrazado n'esta ardente sêde
Pedem meus ais
Um pingo de agua! a rir me dizes—Vêde...
E escondes mais.

MERCK:

Nova poesia o povo te revela!
Pudesses tu juntar n'uma corrente
Esses dois pólos — Natureza e Arte...

O POETA, *galanteando a visinha, a propósito do seu gato:*

Gósto de vêl-o com fingido somno
Todo ás caricias que lhe faço •lheio;
Vêl-o deitado, como em abandono
Sobre meu cólo e conchegar-se ao seio.

Gósto de vêl-o no jardim correndo
Leve apoz ave, que fugiu de vêl-o;
Quando estendido ao sol que vem nascendo
Lambe, amacia o avelludado pello.

Sempre brincando quando o sol é nado,
Não pára ao menos quando o sol definha,
Dando lições de amor, sobre o telhado
Lá no casal da magica visinha.

MERCK:

Na vertigem do amor, salva a ironia.
Ella sorriu-se, e tu voltas-lhe a face?

O POETA, *partindo para ir admirar uma estatua da Venus Calipigia:*

Turva-te, espelho do sereno lago,
Esvae-te, aroma da purpurea rosa;
Abraza-te, indiscreta mariposa
Na luz funérea de brandão aziago.

Esvaéce-te, oh sonho aério e vago!
Que val', que importa amor? esta alma anciosa
Paira absorta na onda harmoniosa,
E tem da lyra em cada nota o affago.

Do puro Ideal é ella a confidente,
De Deus as obras a egualar se atreve,
Dá vida á Galathea, a estatua sente.

Foste a illusão de uma hora! hora tão breve...
Foste a vertigem de estonteada mente;
Meu fogo destruiu-te — eras de neve.

MERCK, vendo o *Poeta contemplando uma Venus Vitrix:*

Essa inerme nudez, com que ousou Phryne
Vencer os seus Juizes, tanto impera,
Que te traz subjugado, silencioso!

O POETA:

É sempre a fórma humana, do que existe
Para ser admirado o que ha mais digno.
Symbolo incomparavel da Arte grega:

Zeuxis, para pintar
A imagem de Venus,
Formosa entre as mais bellas,
Mandou vir nada menos
Do que sete donzellas
Das mais lindas, sem par!

E poz-se a contemplar,
Despidas dos adornos,
As linhas, os contornos,
Os flexuosos traços
Das Virgens de Cortona,
Os indolentes braços
Onde Amor se abandona
Vencido a devanear.

Tentando copiar
A esplendida nudeza
Que tem de si defronte,
De uma o cabello em rolos,
A soberana fronte,
De outras os niveos collos,
D'esta o seio redondo...
De surpreza em surpreza
Um vulto vae compondo
Bem digno de adorar!

Como sabe egualar
A volupia da coxa!
N'uma luz quente e viva
A côr, o tom afrouxa
Dando a curva lasciva
Ou o eburneo hombro!
E póde tanto o Artista
Representando á vista
O que ha mais vago... assombro!
O desejo, o anhelo,
O impalpavel vello,
Effeito de encantar.

E depois de fixar
As fórmas seductoras
Da feminil beldade
Que furta á realidade
Nas inspiradas horas;
Toda essa nudez bella
Que brilha em cada linha,
Suavemente vela,
De modo que adivinha
A alma, sem que se farte...
Esse o poder da Arte,
Que leva a idealisar.

MERCK:

É um Symbolo augusto a fórma humana,
Que o sêr moral encarna e significa!
Mas não comprehendes o Amor immenso
O novo Amor que o seculo transforma.
O Amor, força immanente da harmonia,
Todas as Religiões o perverteram
Nos Cultos sensuaes de Orgias loucas!
Mystico amor do inane solitario
Pela miragem da futura vida,
É o bruto egoismo vil, que abjura
Do *Viver para outrem*. Prazer bello!
O Amor, por tantos seculos, occulto
Nos claustros mudos e soidões escuras,
Sob o humilde cendal da *Caridade*,
Sólta um dia tambem as azas de ouro,
Apparece radiante, retemperado
Pela humana affeição—*Philantropia*...
A alma moderna allia as duas notas
Do sentimento de Héllade e do Lacio!
Bem vês como, annualmente, pela Europa
Desgraçados succumbem aos milhares
Ao fogo da Variola! Tranquillas
Sabias Academias se conservam,
Contra a inoculação sentenciando,
Máo grado a indiscutivel efficacia.
Venceu o sentimento suggestivo
Por via da Mulher! Com que heroismo
Evangelisa esse remedio novo!
Possuidas de uma intuição suprema,
As mulheres ensaiam nos seus filhos
A inoculação; brilham entre ellas
Lady Wortley Montágu generosa,
A lucida Condessa Buffulini,
Com as Imperatrizes de Austria e Russia,

E Maria Antoinette! Pio culto
Da fórma humana, bella, destruida
Pela terrivel pústula eruptiva,
Que levava a mulher por alto instincto
A consagrar a ingente descoberta.

O POETA:

O *Viver para outrem!* noção pura,
É do Amor a definitiva norma,
O destino completo da existencia,
Como a mulher sublimemente ensina.
Esposa, Filha e Mãe, Trindade excelsa
No Feminino eterno unificada,
Sempre vivendo para outrem, sinto
Que a harmonia moral em si realisa.
O que vale a Sciencia, se a Verdade
Como abstracta de estimulos carece,
Do relêvo de um vivo sentimento?
Quem não ri de officiaes Academias?
Do saber o deposito conservam
Na esteril inacção do vão perstigio;
Nos Salões, a conversa audaz e franca
As conquistas da Sciencia espalha, e a fórma
De um novo Amor universal-lhe imprime!
Quem operou este milagre, prompto?
As Mulheres! só ellas. Nos brilhantes,
Esplendidos Salões nasceu a graça,
Da convivencia o ideal encanto,
Que pelo Sentimento evangelisa
A corrente invencivel das ideias.
Tambem a Grecia, em Péricles, attinge
O apogéo das Artes, da Poesia,
Do Drama e da indomita Eloquencia!
D'onde hauriram os genios essa força?
Na convivencia das gentis hetairas.

MERCK:

Desvaira-te a exterior analogia,
Das fórmas a pagan efflorescencia!
Ah, se a serenidade augusta da alma
Vés que te restitue a Arte antiga
Na idealisação do corpo humano,
Falta-te, oh Poeta, ainda a Equidade,
Por onde o homem interior contemples.
Eu, negativo Espirito, não ouso
Dizer-te mais. Uma amisade pura
Tens em Schiller; é, como tu, poeta,
De um seculo que surge audaz e forte
As vibrações moraes na alma concentra.

SCHILLER, *ao primeiro encontro com Goëthe:*

O Poder do Sentimento

Quando o baixel sossobra e vae a pique,
Sereno até ao fim é bem que fique
No seu posto o valente capitão;
Tal, perguntaram a Voltaire, um dia,
Como ao ultimo que sobrevivia
Da Encyclopedia, a forte geração:

—Porque póde Rousseau actuar tão fundo
N'esta renovação moral do mundo,
Tendo um incompletissimo saber?
Quando na mente, onde a alta ideia paira,
Do paradoxo a luz que o desvaira,
Mal o deixa as verdades entrevêr?—

Nos triumphos da Ideia sempre absorto,
E esquecendo a pessoal rivalidade,
Voltaire, em patriarchal simplicidade,
Responde e faz justiça ao grande morto:

«Tinha Rousseau uma palavra ardente,
No Estylo, da Lyra as sete cordas;
Deu ás ideias mal comprehendidas,
Mesmo ás aspirações indefinidas,
Ás emoções latentes, comprimidas,
Como um Oceano que transpõe as bordas,
Deu a expressão fogosa e vehemente
Que enchia as almas universalmente.»

Desde o bruto anthropoide ao habitante
De opulentas cidades federadas,
Entre as luctas, paixões, guerras, soubeste
Rousseau, achar da Natureza humana
A bondade nativa! Revelaste
Ao homem o valor moral do homem!
Quando as iniciaes desegualdades
Perpetuavam a aversão das Classes,
Restos primordiaes e inconscientes
De odios de Raças e rancor das Castas,
Foi o Amor, o Amor o que oblitera
Do passado a horrorosa antinomia!
Dedilha o Trovador um lai furtivo,
Melancholica a castellã o escuta
No solar mudo do Barão furioso;
Como se opéra a communhão das almas!
A noção da Egualdade o Amor diffunde,

É o sentimento que liberta a Europa
Da prepotencia dos feudaes bandidos.
O Amor universal ante a Egualdade
Do soffrimento, mais que o civil nexo,
Reune agora sobre a terra os homens!
O Amor dirige a Acção e Pensamento
D'esse apostolo novo — Howard! Vêde
Como as prisões da Europa elle percorre,
Possuido do horror em que se extorcem
Os que suspiram pela liberdade!
Contemplae Oberlin! funda os Azylos
Para a indigencia erma e desvalida!
Como Bailly os hospitaes melhora!
Pinel acha o affectuoso tratamento
Para infelizes da razão privados.
Bourgelat e Rozier, ambos condoidos
Dos animaes que para nós trabalham,
Soccorrem-os, eil-a a Veterenaria.
As desgraças encontram resonancia
Nos corações sinceros; já Pereira,
L'Epée, Sicard, dão falla aos surdos-mudos.
Hay funda a Eschola para cegos!
Parmentier de Sablons pelas planicies
Cultiva a nova planta: não mais deixa
Morrer de fome, á mingua o indigente.
Helvetius, para as classes desvalidas
Fórma a Sôpa-economica! Bem hajam.
Quem viu em tempo algum tal sympathia
Por este sêr moral o Homem? Nunca
A vibração do affecto foi mais clara;
Um diluvio de Amor! Olhae, os Sabios
As Machinas inventam, suavisando
O indefesso e material trabalho.
Montyon cria os premios destinados
Para quem mais dotar a Humanidade

Com instrumentos uteis! Beccaria
Levanta a dignidade da Justiça;
Voltaire rehabilita os innocentes;
O Abbade Sam Pedro, e Kant o Plano
Da Paz universal, perpetua esboçam!
Um diluvio de Amor, ideal, immenso
Que a Humanidade agora retempéra.
E a criança? essa vergontea fragil,
Que sympathia e encanto que provoca!
Abre Lassalle a Eschola das crianças,
Pestalozzi e Fallemberg inventam
O methodo adequado áquella branda
Intelligencia em rudimento ainda.

GOETHE, *como arrebatado pelas palavras de Schiller:*

Como a palavra boa
Abre edênica estancia!
Já das montanhas da Suissa eccôa
Cantico matinal, vozes da infancia.

Vendo na criança não do mal o herdeiro
Mas o germen sublime do futuro,
Ergue-se Pestalozzi, santo obreiro
Que faz do ensino o sacerdocio puro.

Cantico das Crianças:

« Se no blôco de marmor' procura
O escôpro uma estatua que é bella,
Tal no homem, que é propria feitura
Pelo estudo o alto sêr se revela.

A criança é vergontea tremente,
Flores mostra; de fructos se inunde!
Seja a luz do saber quem a alente,
E o calor da Verdade a fecunde.

Pestalozzi! Oh alma opulenta,
Déste á Eschola alegria na lida,
Foste o rio na calma sedenta,
Foi o ensino o teu culto na vida.

Quando um dia te davam corôas,
Tendo mortas tuas esperanças,
Tu sorriste! eram santas e bôas,
E tornaste-as a dar ás crianças.

Surge Froebel! O ensino intuitivo
Como attrae e avigora o intellecto!
Elle á férula arranca o cativo,
E a rasão fortifica no affecto.

No ocio alegre da Eschola cantemos
Esses nomes em férvidos hymnos:
Pestalozzi e Froebel amemos,
Do futuro os obreiros divinos.»

N'esta laboriosa e activa convergencia
Um novo Sêr moral se eleva, o deus apéa!
Do espirito e materia acabe a dissidencia,
Faça-se o accordo emfim entre a Acção e a Idéa.

(Abraçando Schiller):

A ti, oh Poeta, que a Mulher heroica
Tanto exaltaste no soberbo drama,
Que aos fracos sempre a resistencia ensinas
Contra os da Terra estultos prepotentes;
A ti devo esta luz que me esclarece,
Que no fragor de um seculo a extinguir-se
Me revela um Amor sublime e novo,
Philantropia! A essa luz contemplo
O homem interior pela equidade.

IV

Vigilia do Bem

O POETA, *contristado pela morte de Schiller:*

Viver é recordar-se! Com saudade
A emoção do Passado em nós se alente
Pelo perstigio da Antiguidade,
Ou pelas amarguras do presente.

Recordar-se é viver! Lembram-me os dias
Da esplendida côrte de Weimar,
Esses dias sem par,
De santas harmonias,
Quando entre Herder e Wieland, em antes,
Na phalange de espiritos gigantes,
Schiller, tanto fulgias!

Schiller condão possuira soberano
De harmonisar com a Philosophia
Quanto n'alma sentia,
A concepção poetica, sublime,
Com que aos seus vultos tragicos imprime
O typo universal do sêr humano!

Como da Italia os immortaes Artistas
Se elevaram do Bello ás emoções,
Fugindo ás crúas e ominosas vistas
Da Patria desolada,
Submettida, calcada
Por estrangeiras hostes e nações;

Tal na côrte de Weimar nos unia
O laço que pela Arte fortifica
O espirito cansado;
Na leitura que bom refugio havia,
Explorando essa mina immensa e rica
De obras imperecíveis do passado!

A *Iphigenia*, a *Phedra*, a *Sacuntala*,
Julietta, maravilhas das edades,
Não nos deixavam conhecer os danos,
Nem as barbaridades
Da Guerra dos Sete annos,
Que o Povo com o terror da fome abala!

Herder nos ensinava a ouvir attentos
A intima e sublime Voz das Gentes,
Os Cantos nacionaes;
A viva Tradição dos Monumentos,
Alma da Antiguidade!
Os gritos eloquentes,
Acclamações e ais
Que formam o Épos da Humanidade.

Comprehendo a phantastica magia
Como outr'ora Pythagoras absorto
Escutava a harmonia das espheras!
Deliciosas chimeras
Passaram como nuvem fugidia,
Schiller, Schiller é morto.

Extinguem-se os Espiritos brilhantes
Como a lampada ao sôpro da rajada!
As optimistas concepções que eu d'antes
Expunha em minhas fallas
Vem a morte de Schiller perturbal-as,
Volvem todas ao nada.

(Cahindo em uma concentração sombria):

Que seculos não leva a Natureza
Elementos organicos reunindo,
Na creação individual de um genio!
Depois, imprevidente, exposto o deixa
Ás mesmas condições do vulgo ignaro
Que ao cadinho da sepultura arroja!
Quem comprehenderá o estatuario
Que, apoz ter desbastado o informe blóco,
Em vez de lhe esculpir no sôco, altivo
A divisa — *Perfeci monumentum!*
Lhe bate ás cegas, loucas martelladas
E espalha em terra, em torno, os estilhaços?
Ao menos, fôra logico o absurdo,
Se deixasse de vez martello e esôpro,
Desalentado para sempre o Artista
Por não vêr a expressão do Ideal que sente:
Mas começar de novo?... Andar criando

Novas capacidades para a ideia,
Formar os delicados organismos
Onde vibre a emoção do sentimento,
Para impôr á rasão por fim o absurdo,
E dar ao sentimento a dôr, a angustia
Da dilaceração irremediavel,
Vendo morrer o sêr que nos é caro!
Sentiu o mundo antigo o desconcerto,
E descreu, quando Job em o monturo
Maldisse a hora aziaga em que nascera.
A Morte é o Mal! Como vencer a morte?
O problema do Mal paira insoluvel,
Supplantando o espirito que pensa.
Merck! Eu bem desejára n'este instante
Por ti, inda uma vez, ser suggerido,
Libertar-me de apprehensões sombrias
A que a morte de Schiller me arremessa.

MERCK, *apparecendo:*

Junto a ti tens-me sempre! embora, hoje,
Mais não seja que ammoniacal residuo
Que entra na formação do humus fecundo
D'onde flor bróte, ou herva sem apreço,
Até que em construcção de outro organismo
Volva á consciencia alfim, a dôr sentindo.
Esta visão que obtive do universo
Das vãs miragens do Ideal despido,
Commigo não morreu, n'ella subsisto.
Junto a ti tens-me sempre em pensamento
Na vibração das cellulas do cerebro
Que fazem cogitar n'um mesmo accordo.
A Duvida formúla que te opprime.

O POETA:

A affectividade eleva o homem
Ao ponto da dedicação altruista;
E pelo soffrimento a que obedece
Transforma o sexual Amor no abraço
Da universal solidariedade
Humana e pura da Philantropia!
Como, pois, a Rasão e o Sentimento
Concilial-os com a Actividade,
Se prepondera o contingente, o instavel,
O Mal, a Morte em tragicos aspectos?

MERCK:

Em vão buscas o pacto contra a morte;
Hade comtudo um dia ser vencida.
Quando indeciso em vago theurgismo
Andavas, deu-te a *Viagem da Suissa*
A saude moral; o ár das montanhas
Pela contemplação vasta, na mente
O genio scientifico desperta.
Da alegre edade no deslumbramento
Aggravado por sexuaes impulsos,
Ao golfão de amorosas aventuras
Ia-te a vida esteril, foste salvo
Tornando a emoção consciente na Arte:
Emprehendeste a *Viagem da Italia*.
Lá penetraste o Bello, como a Grecia
O realisára outr'ora, e d'essa altura
Attingiste a expressão serena e grande
Do universal Amor — Philanthropia.
Este seculo entrou no paroxismo,
E de demolição toda a sua obra;
Não condemnemos a missão terrivel.

Cáe o Poder espiritual da Egreja,
E baqueia no pó das cousas mortas
O Poder temporal das Realezas.
No meio d'este cáhos apparente
Onde se estão abrindo os alicerces
Para a Cidade do Porvir, formada
Das Patrias todas, olha o horisonte,
Contempla o alvor da nova aurora — a *França!*

O POETA:

Vendo a demolição do velho mundo
Comprehendo que o mal presente é crise
De transição para o anciado estado
Para onde ha tanto a Humanidade avança.
Qual será, pois, a fórma provindoura
Que no accordo do Sentimento e Ideia
Dê á Acção o seu maximo relêvo
Como a expressão do Bem sem recompensa?

MERCK:

O espirito meu é negativo,
Sempre impotente em constructivo plano.
Para a revelação da dignidade
Do Homem interior, com segurança
Apontei-te de Schiller a amisade.
Na aspiração da Synthese consciente
Que á unanimidade o Homem guie,
(Tudo indica que esta orbita encetamos)
Busca Herder! A obra está traçada.
Temporaria cegueira obriga o sabio
Á escuridão apathica de um quarto.
Elle está só e triste; vae, consola-o
Emquanto a luz exterior lhe falta.

Os objectos palpaveis não distraem
O seu olhar profundo; a Phantasia
Vôa e desvenda todas as Edades.
Vae, da morte de Schiller tu lhe falla.

O POETA, *entrando no aposento escuro de Herder:*

Ha n'esta silenciosa obscuridade
Irradiações do espirito que pensa...

HERDER:

E que soffre uma condemnação longa
A quietismo imbecil. Abraço o Poeta,
E duplamente, pois te abraço como
Depositario da amisade santa
Do immortal e incomparavel Schiller!

O POETA:

Se a Natureza obedecesse a um plano,
Não existiam, certo, estes absurdos:
Vêr-se a organisação alta, perfeita,
Mais lucida e fecunda, decomposta
Pelo fermento pútrido da febre...

HERDER:

Oh Poeta! o individuo só existe
Na Natureza physica; ella o toma,
Como seu o transforma e elabora;

É só isso o que morre. Em sociedade,
O individuo é orgão de um conjuncto;
Cada um coopéra n'essa obra,
E embora caia exhausto na jornada
Pela vereda ascensional da Historia,
O que ha de imperecivel em sua alma
Não mais se perde, e fica constituindo
Depositos de força, de energia,
Que a Humanidade para diante impellem!
Vê como o sêr moral venceu a morte!
Para nós vive ainda o grande Schiller,
E para sempre viverá; morrendo,
Na Humanidade eterna se incorpora.
Que a Humanidade seja o objectivo
Dos nobres sentimentos, longo tempo
Na adoração estulta viciados,
Nas doutrinas da vida contingente
Pelos dogmas das mortas theologias.
Dirija a Acção a Confraternidade
Tal como a presentiram generosos
Rousseau, Kant, o Abbade de Sam Pedro,
E Lessing! Seja este o Dogma novo,
D'onde o regimen do suave culto.
Pelo nome de Deus o Padre impéra,
Das Armas pela força os Reis impõem-se;
D'entre estas duas mós, que pulverisam
O humano sêr, — um grânulo se escapa,
Germen fecundo — o Individualismo!
Elle irrompeu anarchico em revolta,
Vem dos Paizes-Baixos, da Hollanda,
De Inglaterra e da America; eil-o agora
Derrubando a Bastilha, e faz que role
Sobre o farelo uma cabeça régia.
Se ao Individualismo cabe o triumpho,
Recúa a Humanidade ao odio antigo.

É provisorio o triumpho, e necessario...
Vem como uma caudal impetuosa
Desobstruir o territorio, aonde,
Em vez do Pantheon das ficções mortas,
Do Porvir se ergue a universal Cidade,
Erecta pela união das Patrias todas.

O POETA:

O individualismo é liberdade!
Não é o rei da creação o homem?

HERDER:

Julgou-se a Terra centro do universo,
E para a illuminar o Sol creado!
O geocentrico erro destruido
Pela observação, lento se apaga;
A Fé cedera o passo ante a evidencia,
E Galileo proclama: *E pur si muove!*
Ficou de pé ainda esse outro erro,
Ficção, em que soberbo se imagina
Acima das leis physicas o homem,
Do seu mundo moral no isolamento.
Hoje, oh Poeta! cáe-lhe o régio manto.
Vê, do lado da França: este problema
Ardentemente se debate, luctam
Protentosos athletas das ideias.

O POETA, *á sua mesa de estudo:*

É tempo agora de eu evocar Wagner,
O Espirito das Academias,
De uma Sciencia espessa e fragmentada.
Vem, pois, e dize-me em que altura a esta hora
O debate se encontra? Mas, quem vence?
A Sciencia analytica e concreta,
Ou a Synthese nova? Hora solemne.
É na creação o Homem isolado,
Ou élo terminal da série viva?

WAGNER:

Quando a luz está prestes a extinguir-se,
Ao crepitar com mais clarão se expande.
N'um genio superior hoje se encontra
O meu concreto espirito; brilhante,
Que perstigio auctoritario exerce
Cuvier! de officiaes honras coberto!
Contra elle, ou melhor, contra mim luctam
Lamarck, posto já fóra do campo,
Geoffroy Saint Hilaire... O velho mundo
Das convenções, salvando as velhas causas
Fortifica Cuvier, dando-lhe as honras,
Fal-o seu Senador; e elle, temendo
A catastrophe do estatuido,
Sustenta com ardor, que os typos, fórmas
Dos variados organismos surgem
De cataclysmos mil da Natureza...

Desapparece pela entrada de um AMIGO, *com espanto:*

Não chegou cá a grande novidade?

O POETA:

Tanto o acontecimento me interessa!
Situação de incerteza... Está pendente
O futuro das concepções humanas.
Que mais alegre nova do que a queda
Da velha anthropocentrica theoria!
Saint Hilaire lhe deu golpe de morte.

O AMIGO:

Não alludo á questão do Instituto.
De Carlos Dez o throno está em terra!

O POETA, *recostando-se com dignidade:*

Roupa suja de egoistas Dynastias,
O que vale isso! Eu lembro-me de Erasmo,
Quando ao fallar das luctas doutrinarias
Da Reforma, sorria indifferente
No desdem soberano do bom senso
D'essas birras de sacristia acerbas!
Amo do velho mestre as ironias.
Para mim a demolição de um throno
Reduz-se a vãs questões de camarilha:
Cáem abjectos, erguem-se intrigantes.
Mas, a victoria das ideias justas,
Determinismo dos humanos actos,
Funda no Bem o seu normal caracter.

Dias depois e sentado placidamente na sua poltrona:

A imaginação quando se exerce
Chega a dar ás imagens um relêvo
De realidade! Eu sinto esvaecer-se
A visão dos objectos, mas percebo
Destacarem-se vultos
D'entre um nimbo glorioso meio occultos.

Esses vultos, da intelligencia pasmo,
Que orientam o moderno pensamento,
Ah, como se destacam n'um momento...
Com santo enthuziasmo
Caminham para mim: Já se distingue
Buffon e Daubanton, Cuvier, Lamarck;
Vem Saint Hilaire, Camper, Semering,
Quanto a Sciencia abarque.

Os excelsos Titans n'um côro unido
Vem affirmar-me entre esta sombra escura
O criterio objectivo, luz segura,
Ná anthropocentrica illusão perdido!
Visão nitida e alta,
Que a intelligencia afasta do tropeço...
Offusca-se a visão... eu desfalleço.
Mais luz! mais luz! mais luz! a voz me falta.

MERCK, *destacando-se d'entre o côro dos sabios:*

Mais luz! Mais luz! essa a necessidade
Da grande edade iniciada agora!
Vem, oh Poeta, entre os genios da Sciencia
Em communhão de espirito comtigo
Compete-te um logar glorioso! ascende,
Do progresso na continuidade
Não mais se esquece o nome teu, o nome
Que entre a Imaginação e Rasão fixa
As relações da intima harmonia.
Tu corrigiste a doentia amnesia
Que soffreu tantos seculos o homem!
Ascende, oh Goëthe, á vida subjectiva
D'aquelles pensadores que os problemas
Da *Verdade*, do *Amor*, do *Bem* sondaram;
Por que essas fórmas da unidade humana
Da mente e acção, do affecto, que sentiste,
Na propria perfeição as realisaste
Do homem normal a que a especie tende.
Fausto! o Elixir que os Sabios procuravam
Para ampliarem da existencia o curso,
Essa Fonte da Vida, presentida,
Que os Heroes demandavam sequiosos;
Ficando contra a morte invulneraveis,
Tornaste real, chegando á eterna Fonte
Quando em tua alma o sentimento vibra
Da Humanidade, de que és orgão puro.

III

STRUGGLE FOR LIFE

(POEMA)

> o que é a guerra, destruição, desmoronamento no mundo real, apparece no mundo ideal sob a ficção de alliança, de paz, de unidade eterna...
>
> QUINET, Obr. 5, 415.

CANTO I

Barbara Carmina

Napoleão avançando sobre o Rheno,
Intenta subjugar toda a Allemanha
N'uma final campanha!
N'uma marcha veloz, como um aceno,
Irresistivel, de impetos titânicos,
Já desnortea os princepes germanicos.

Consegue o audaz côrso
Trez victorias terrificas, damninhas:
Lutzen, Bautzen e Würschen; n'esse esforço
Alcançou da estratégia as fortes linhas.

Pela ambição e vãs rivalidades
Dos princepes, já nada se consegue;
Para a defeza o Povo se congregue
Ante as hostilidades!

Torna-se a guerra um santo enthuziasmo,
A exaltação da alma popular!
Á defeza da Patria e do seu lar,
Com assombro e com pasmo,
Velhos e novos tudo ás armas corre,
Na emoção espontanea
Com que affronta o combate
E com que alegre morre,
Vindicando o resgate
Do solo da Germania!

Dias terriveis, máos, de soffrimento,
De miseria, de luto, mas de gloria!
Leipzic! é na Historia
Alto grito de guerra, no momento
Em que estão rancorosos, frente a frente
Em combates pegados
Trez dias n'um destroço permanente
Para mais de quinhentos mil soldados!

Quem vencerá na indomita referta?
Ganhará o Invasor mais gloria e fama?
Ou o Povo que o sangue seu derrama
No solo da Germania, que liberta?
Cincoenta mil francezes
Sobre a terra estrangeira estão prostrados;
Outenta mil dos bravos colligados
Jazem cahidos nos lethaes revezes.

Quem venceu n'esse horrendo e atroz conflicto
De disputada gloria?
Leipzic é o grito
Com que o estrangeiro arroja-se á victoria!

Do Invasor o exercito retira
Por Erfurt e por Fulda até ao Rheno,
Por aldeias desertas atravessa;
Já o typho e a fome
A soldadesca pávida consome!
Napoleão não confessa
Que fica mais pequeno
Agora o seu renome.

O grito de Leipzic
Para a Allemanha eternamente fique
O ecco da — Batalha das Nações!
Alevantam-se, até agora inultos
Dos Niebelungens os heroicos vultos
Para saudar as novas gerações!

N'esta Batalha das Nações, tamanha,
Transe mortal da França ou da Allemanha,
Quem o futuro antolha?
De um velho pergaminho em solta folha
Achou-se em Fulda o Canto do duello
De um pae e o filho, que o não conhece,
Lucta de morte em bruto desatino!
N'esse cantico bello
Dos dois Povos bem claro transparece
O terrivel destino:

Hildebrand e Hadebrand

(VERSÃO SEGUNDO O PERGAMINHO DE FULDA)

Ouvi contar que outr'ora em temeroso trilho
Hildebrand e Hadebrand, em frente pae e filho,
Doestaram-se á lucta em combate de morte!
Então os dois heroes, qual d'elles o mais forte,

Posto o cinto guerreiro, arrancaram da espada,
Arremettem: taes vão corceis á desfilada.
Hildebrand, o pae, falla a seu filho Hadebrand,
Com um tom de nobreza e de prudencia grande;
Pergunta ao lidador breve:
Quem seu pae era?
A raça de que vem? familia em que nascera?
«Se me disseres tudo, esta cóta offereço
Tecida a fios trez. De prompto eu reconheço
Qualquer grey ou nação.»
Hadebrand não se aterra;
Responde:—Homens anciãos, que ouvi em minha terra,
Já todos mortos hoje, em tempo me contaram
Que de Hildebrand, meu pae, os dias se acabaram.
Meu nome é Hadebrand. Bem sei que elle outr'ora
Para as bandas de leste homiziado fôra,
Fugindo de Odoacro á sanha, ao odio inico;
Que esteve entre os heroes que cercam Theodorico.
Deixou seu ermo lar, tambem a esposa cara,
Um filho ainda pequeno, entre ancias desampara
Mesmo as armas que estão privadas do seu braço.
Para as bandas de leste avança em firme passo.
E quando a Theodorico a sorte foi adversa,
Sem ter mais junto a si quem a amisade exerça,
Meu pae não quiz ficar ao serviço de Odoacro.
Entre guerreiros era exemplo e simulacro;
Como intrepido heróe, seguia sempre á frente
Do exercito; elle amava a batalha fremente,
E muito mais a morte antes que ser cativo:
Mas eu não creio que elle ainda esteja vivo.—

«Senhor dos Céos! (exclama Hildebrand assombrado)
Não permittaes que seja o combate travado
Entre os homens em quem o mesmo sangue gira!»

Um bracelete de ouro ali do braço tira,
Que dos Hunnos o rei lhe dera:
«Toma-o, filho,
Por brinde o offereço!»
— A acceitar não me humilho!
(Hadebrand devolveu com a resposta prompta)
Com a lança na mão, e contra o peito a ponta,
D'esses presentes taes é que eu me sinto digno!
Oh velho hunno, tu és companheiro maligno.
Ardiloso espião, com a affavel palavra
Tu queres-me enganar! Verás quanto escalavra
Minha lança, que em breve a esse chão te atira.
Pois como o velho sabe armar tanta mentira!
Anciãos, que pelo mar navegaram dos Vendes,
Contaram de um combate em que foi morto, entendes,
Hildebrand, esse que era de Herebrand o filho.—

Torna Hildebrand, o que era o filho de Herebrand:
«Não ha nenhum poder que o meu fadario abrande;
Longe da minha terra andei errante, ás feras,
Sessenta invernos, sim, sem breves primaveras.
Na frente me encontrei dos sangrentos combates,
Sempre audaz não soffri a abjecção dos resgates.
E agora, um filho, aqui, sem o saber, tal acho,
Com sua espada quer talhar-lhe de alto a baixo!
Que transe! Ou me derrube o montante ferino,
Talvez peior, contra elle eu seja o assassino!
Mancebo! póde ser acaso que o teu braço
Te sirva com audacia, e firme no teu passo
A este homem leal desarmes com arrojo,
E que morto, depois lhe arranques o despojo.
Procede então assim, se vês que é teu direito.
Entre os homens de leste hade ser de vil peito
Aquelle que ao combate em que audaz te empenhaste
Oppuzer um pretexto ou razão que te afaste.

Companheiros! que olhaes a pugna como heroes,
Corajosos julgae entre nós qual dos dois
Hoje aqui brandirá lançadas mais seguras,
E quem se hade arreiar com duas armaduras.»

Logo as lanças em riste, e em dura arremettida
Se enterram nos broqueis. Abarcam-se em seguida,
Deixam em terra, presto, as lanças como atrancos.
Das clavas sôam já sobre os escudos brancos
As pedras... armadura onde ha que não destrua
Golpe tal? Mas nenhum dos dois bravos recúa...
. . . . . .

A folha solta nada mais encerra;
D'esse combate quem conhece a sorte?
Qual d'esses dois venceu?
Matou ao pae acaso o filho em guerra?
Ou aos golpes do pae seguro e forte
Cahiu o filho seu?

Como os bravos heroes
Hildebrand e o filho Hadebrand, sois
Vós, Allemanha e França,
Em guerra de exterminio e de vingança!
A consciencia dos Povos interpreta
A Poesia em profundas intuições:
Da Cantilena essa apagada letra
Convida á alliança
De um mesmo sangue a ambas as Nações.

Não é passado um seculo; — de novo
Nas fronteiras do Rheno,
Eis um e outro Povo;
Dos velhos odios chama-os crú aceno!
Cada um a destruição do outro jura.
Soberba a França lucta
Confiada, segura
Com vaidoso despeito.
Eis de prompto a Allemanha ás armas chama
Um milhão de homens! Pela força bruta,
E depois em Sédan, no sangue e lama
Triumphante proclama:
« Cede á Força o Direito. »

Sombra feral como mortalha empana
O seculo, em que a consciencia avança!
Foi derrotada a França...
O que será da liberdade humana?

CANTO II

Consciencia intemerata

Sentem os Poetas a alma das Nações,
Dão-lhe expressão e voz
Em eternas Canções,

Quando immersas em cataclysmo atroz,
Caladas no martyrio
Que a força bruta impoz;

Ou quando dos triumphos no delirio
Dos immortaes eventos,
Dos fundos sentimentos

Brota espontaneo o immarcescivel lirio,
A flor casta de ingenuas multidões,
Nas grandes tradições...

Sentem os Poetas a alma das Nações!

Solitario, como o ancião de Pátmos
Que do Mestre o regresso aguarda crente
Para implantar o Reino Millenario,
Tal de Jersey na ilha vive o Poeta!
Vivo protesto permanente e firme
Contra o Crime coroado! Representa
A consciencia da França Victor Hugo,
A incorruptivel fibra! Emquanto o Imperio
Na triumphante liga de bandidos
Mascarava a traição e os latrocinios
Com as pompas da cynica grandeza
De uma côrte devassa, mas estulta,
O Poeta, o Poeta, longe, em seu desterro
Esperou pela aurora da Justiça!

Lei tremenda da historia: Sempre em sangue
Revive a Liberdade!
O Poeta espera.
Correm felizes para o Crime os annos;
Reina a Moral dos factos consummados.
Quem condemna a traição se ella é gloriosa?

A pouco e pouco as almas se submettem,
Transigem com a infamia.
Unico, o Poeta
Na harmonia da lei moral confia;
Elle aguarda a catastrophe imprevista,
Intemerato no insular exilio!

Rompe entre a França e Allemanha a guerra;
Hildebrand e Hadebrand acham-se em frente,
N'um duello de raça a todo o transe!
Qual dos dois Povos vencerá? Contempla
Mudo o Poeta a criminosa lucta
Que a grandeza do seculo amesquinha:
Hildebrand, no furor derruba em terra
Hadebrand que o provocou na insania,
Aos pés lhe calca o mutilado corpo,
O pacifico lar sedento invade,
Rijo o abarca em apertado cêrco.

Ao vêr Paris rendido, o Poeta sente
Ecoar dentro d'alma o som que outr'ora
Da trombeta Olifant Roland tirára
Com desespero, nos desfiladeiros
De Roncesvalles, vendo-se esmagado
Pelos calhaos rolados dos Cantabros...
Hoje o numero bruto esmaga a França.

Ferido o Poeta no intimo do affecto,
Vendo os dois irmãos de armas n'um combate
Desegual, sem heroismo, triste exclama:

—Não descri da Justiça nos vinte annos
Do admirado e consagrado Crime;
Confio n'ella ainda, ante os triumphos
Com que o numero bruto a França esmaga!
Com maior segurança, do que em Pátmos
O solitario apostolo, eu espero
Não remota a victoria da Consciencia.—

Ao ruir por terra o ominoso Imperio
Que chamou a invasão, sáe do desterro
O Poeta apoz; para Paris caminha;
As angustias do cêrco não o affrontam,
Nem os brutos delirios da anarchia!
Vem a terra a Columna de Vendome;
De Napoleão a lenda synthetisa,
Da Orgia militar. O Poeta brada:

—Não foi ferida a França mortalmente!
Palpita-lhe a consciencia da Justiça;
Volta a si, comprehendendo o seu destino.—

O velho Rei da Prussia, no odio herdado,
Em Versalhes Imperador se acclama
Da Allemanha feudal; põe na cabeça
A Corôa de ferro, e crê na mente
Que faz recuar um seculo que é livre
A noite medieval das prepotencias.

A voz do Poeta é um candente estigma:

Pyramides da Morte

No seu orgulho o Imperador pergunta:
« Quem são no mundo os maximos guerreiros,
Que cimentaram pela audacia e força
Dominio vasto?

Que deixaram de sangue um maior rasto?
Que hoje ainda nas paginas da historia
Lançam sombra mortal, nuvem de estragos
Que espanta e aterra? »

— D'esses que derramaram sobre a terra
Mais sangue, levantaram-se audaciosos
Logo Alexandre, Cesar, Carlos Magno,
Napoleão!

De gélida e feral desolação
Similhavam no arrojo os quatro ventos,
Que revolveram a floresta humana
N'um vórtice átro.

Interrogados todos esses quatro:
— « Para que eram carnificinas tantas?
Que sonho de ambição os torna horrendos
Mais do que as pestes? » —

Respondeu Alexandre altivo, prestes:
« É bem que a guerra os povos aproxime,
Esse o meu ideal grande e sublime,
Inclyta empreza!

Avassallar da terra a redondeza,
Alfim tornar-me o universal monarcha
Que do Occidente ao Oriente abarca
Rispido sceptro!»

De Cesar falla o temeroso espectro:
«Quiz o meu jugo impôr, missão tamanha,
Por sobre Africa, Iberia e a Bretanha,
Barbara Gallia,

Depois de ter escravisado a Italia
Abafando a romana liberdade;
Á lei dei-lhe do Imperio a unidade,
Arbitro sendo.»

Carlos Magno a seu turno a fronte erguendo:
«Se um vasto Imperio ergui de mim em roda,
Dei estabilidade á Europa toda;
Susti-lhe ao Norte

Dos Germanos a assoladora cohorte;
Ás tribus Agarenas que o Occidente
Atacaram com destruidora enchente
Cavo-lhe o abysmo.

Imponho uma só Fé, no Christianismo;
Confundindo a Lei franka e a romana;
Debalde! a estirpe que de mim dimana
Mancha-me o throno!»

Napoleão fallou com mais entono:
« Contra as Nações da Europa com pujança,
Precipitei a destemida França,
Horrida lucta!

A tradição sublime, ininterrupta
Da occidental Confraternidade
Quebrei, tornando odiosa a Liberdade,
Lúcida palma,

Que da Revolução foi luz e alma,
Confundindo-a com a torpe ambição minha!
Ter nascido mais cedo me convinha:
Supplice ante a ara,

Prostrado o povo um culto me prestára;
Como Alexandre um Deus por pae teria,
Como Cesar por nume ficaria
Unico, raro!»

A voz dos tempos solta um grito claro,
Formado pelos lamentosos éstos
Dos que na angustia ergueram vãos protestos,
Victimas tristes:

« Ide, reprobos vis! Pois que espargistes
O sangue, amedrontando a humanidade!
Fostes um vento de esterilidade,
Mórbido vento...

Da impotencia da força o documento.

E tu estulto velho cachetico,
Que ao terminar o activo seculo,
Que á Paz fraterna aspira,
Precipitas catastrophes;

Entre as nações um abysmo insólito
Abres; não o enchem tantos cadaveres!
Coróa imperial cinges
Sem ter remorso no animo?

A podridão e o cancro tábido
Mina-te a raça ambiciosa, indómita,
Da Historia no esterquilinio
Ficas em espectaculo!»

Como as altas Pyramides do Egypto
Tornaram-se o funéreo monumento
Da extincta Theocracia;
Assim sereis um dia

Na terra o eterno, o repugnante emblema
Que lembrará a Edade das violencias,
Do sangue e hostilidade,
Que affronta a Humanidade.

Do militar regimen decahido
Vós, monstros, entre todos sois o assombro,
Sois, na sangrenta cohorte,
Pyramides da Morte!

Regresso de um Soldado allemão, terminada a Campanha:

Elegia

Não me sinto capaz,
Com coragem bastante
Para erguer um punhal
Contra o meu semelhante!
Que ideia ou poder faz
Que ao praticar o mal
Me julgue triumphante?
Que em meu lar me conforte,
Tendo eu com mãos sangrentas
Em batalhas violentas
Dado a tantos a morte?

Não me sinto capaz,
Nem de animo daninho
De assaltar um visinho,
Pôr fogo á sua casa!
E, comtudo, eu audaz
Lancei bomba que abraza
A opulenta cidade
Que a minha marcha invade
E que a minha mão pilha,
Sem remorso nem nojo
Do soberbo despojo
Em que entrei na partilha!

Atroz contradicção
Entre o meu sentimento
E a gloriosa acção!
Mas diz-me o pensamento
Que a frio não delira:
É infernal mentira
Dos que usam o poder
Ensinar, fazer crêr
Com intimo cynismo,
Do amor da Patria o arrobo
Converte o incendio e o roubo
Em virtude e heroismo.

Arranque-se da Historia
Toda a pagina infame
Onde inda se proclame
A guerra como gloria.
É só digna de amor
A Patria, quando fôr
Em sua actividade
Como um primeiro albor
Do ideal da Humanidade!

CANTO III

O Tribunal das Nações

Quando Hadebrand estava supplantado
Debaixo de Hildebrand, que aos pés o calca,
Quasi a estrangulal-o, olhou em roda
O rival destemido, interrogando
Quantos o viram combater com garbo...
Tal a Prussia ás Nações que consentiram
Na lucta, que é do seculo a vergonha!

Vencedora, pergunta a cada uma
Qual a sorte da França derrotada,
Subjugada, impotente?
Responderam:

A AUSTRIA:

Depois da atroz campanha,
Que seja a França agora desmembrada!
Quando o Imperio meu por sobre a Hespanha
Se estendia, e Italia,
Deu direitos, que a mim ficaram menos.
Aos Estados pequenos
Pela Paz de Westphalia!

A RUSSIA:

A França deu-me a luz que inda fulgura
Dos philosophos seus, toda a cultura
De um desvelado mestre!
E essa Estatua equestre
Que a Arte tanto admira!
Caia a França, desmembre-se na lucta,
Por que assim me não fira
Minha norma autocratica, absoluta.

A INGLATERRA:

Lançou a França a luz da intelligencia
Sobre as almas saxonias,
Deu-nos as bases da sociedade!
Mas, suggerindo o ideal da Liberdade
Eu perdi as Colonias
Da florescente America!

Desmembrem-n'a! Pois nunca foi chimerica
A prática Inglaterra:
Com tanto que eu encontre occasiões
De vender balas, polvora, canhões,
Os aprestos da guerra.

A ITALIA:

Pelos seus trovadores
A França revelára-me a Poesia!
E como outr'ora ia
Nas Cruzadas, de mysticos ardores
Resgatar o Sepulchro de Solyma,
A santa e ideal Cidade,
Hoje, o seu sangue rega, alenta, anima
A flor da italiana liberdade!
Só depois de Magenta e Solferino
Eu resurgi á vida de nação!
Que se retalhe a França! Eu a elimino,
Testemunha da abjecta ingratidão.

A HESPANHA:

Não me é indifferente
Que a França cáia exhausta ante o verdugo;
Por ella Portugal sacode o jugo
De Philippe o Prudente.
Do meu seio arrancou o cancro a ferro
Da Santa Inquisição;
Que a França expie da Liberdade o erro
Com desdouro e baldão.

Attenta escuta a Prussia o pensamento
Da Pentarchia das Nações; triumphante,
Com orgulho feroz e egoista, falla:

«O reino meu deriva
De uma compra a dinheiro de contado;
Por isso o meu ideal heroico, ousado
No dinheiro resume a empreza altiva!
Para saciar o odio que devasta
Duas provincias basta,
Sem mais desmembrações;
Em vez do inutil sangue,
Mas só para que fique a França exangue
Quero cinco milhares de milhões!»

Conta a França o dinheiro do resgate
Como o viandante ao salteador! Liberto
Por papel financeiro o territorio,
Ficou lavada a mancha da derrota;
Foi um jogo, em que os dados carregaram
Pelo pezo numerico a um lado.
Onde a gloria? No que pagou com honra!
Quem mais força e poder agora ostenta?
E a Devastação ou o Trabalho?

O Poeta que representou a França
Na consciencia impolluta do protesto,
Quando vergára ante o coroado Crime,
Ao vêl-a erguer-se livre, nobre, activa,
Reorganisada pela Liberdade,
Como o homerico Aédo, solta um canto
Como o que a Grecia inteira ao triumpho leva...

—A legitima acção do homem illustre-a
Productivo trabalho!
Que a França agora chame
Para um magno Certâme
De labor intensissimo da Industria
Quantos prezam a Espada mais que o malho!

Seja a festa da Confraternidade,
A viva tradição
Com que a Revolução
Tornou Paris a universal Cidade!
Renunciando ás emprezas de conquista,
A França pela festa jámais vista
Abdica a militar actividade.—

Chamou então a França as Nações todas
Á arena deslumbrante do trabalho!
Que vigor, que esplendor! Magnificencia
Das Industrias, das Artes; maravilhas
Pelo sonho da vida concebidas,
Pela implicita ideia da concordia.
Não acceita a Allemanha o repto; á lide
Exime-se, impotente.
E quando a França
No convivio dos Povos do Occidente
O supremo logar reassume, em paga
De ter servido o ideal da Humanidade,
Ao seu encontro vem as Patrias bellas
Para offertar-lhe o Pômo da Concordia,
Como á que mais cumpriu o alto destino:

ATHENAS:

Das cidades a lucta em toda a parte
Da cohesão nacional me priva;
Pelas creações da Arte
Fiz a unidade — a synthese affectiva!
Continuas a Grecia,
Doce e amada Lutecia!

ROMA:

Aproximei os Povos
Dando-lhe a unidade de uma Lei!
Fui n'isto o Povo-rei;
Vós, modernas nações, sois meus renovos;
Propagando a politica Egualdade,
Á França a gloria da continuidade!

FLORENÇA:

Quando a Italia se achava desmembrada,
Quiz continuar essa missão de Athenas;
Dei a todas as penas
Uma linguagem pura, consagrada
Pela poesia e canto.
Uniu a Italia um vinculo tão santo!
Bem haja a França! Á Nacionalidade,
O infindo sonho, deu realidade.

PORTUGAL:

Em vez de ser o homem do homem lobo,
Dei a volta do globo,
Transpuz do Atlantico a immensidão!
Para as luctas eternas
Abri ás Civilisações hodiernas
Novo campo de acção.

Saudarei a França,
No destino pacifico em que avança,
Chama os povos da terra a nova alliança.

A HOLLANDA:

Quando imperava a crença tenebrosa
Com selvagem violencia,
No meio d'esse espasmo,
Azylo á Liberdade de Consciencia
Prestei a Spinosa,
A Descartes, a Erasmo.
Se não consagrarei n'este momento
A França! Libertaste o Pensamento.

*

A quem compete da Concordia o Pômo,
Esse vago phanal
Que de edade em edade
N'um refulgente assômo
Conduz a Humanidade
Para uma éra normal?

A AMERICA:

Quando luctava pela Liberdade,
A França deu-me apoio e amisade,
Paladino de quanto é justo e bom!
Por isso Jefferson,
Proclamou: *Tem todo o homem duas Patrias,*
Aquella onde nasceu e foi criança,
E em seguida a França.
A ambas idolatre-as.
Através do azar bruto da violencia
Tem sempre a França o imperio da consciencia.

Contra aquella moral supremacia,
Ferida em seu orgulho inda a Allemanha
Protesta pela bocca dos seus Sabios:

«A vida é um combate; a Natureza
Nos está revelando que o triumpho
Ao mais forte compete; ella, impassivel
Desamparando os fracos, os inermes,
Opéra a selecção dos organismos
Mais resistentes no conflicto activo,
Com que vae transmittindo as energias!
Esse o impulso das Nações, das Raças
Nos seus odios, e nas desegualdades
Com que se invadem e se devastam crüas!
O imperio do mundo, a omnipotencia
Ao mais forte compete! Seja o molde
Da Ordem humana a lei da Natureza:
Bem o declara o Chanceller de Ferro:
La Force prime le Droit!»

Triste erro!

O POETA, *tornando-se depois da consciencia nacional uma voz da Humanidade:*

Se a Natureza sacrifica e opprime
Os fracos que supplanta,
Diante d'ella o Homem se alevanta,
Faz d'essa lei um crime.

A brutal Natureza corrigia,
Abre um moral abysmo!
Como um poder se ergue de harmonia
Concebendo o altruismo!

Os velhos, as mulheres, a criança,
Por quanto é fraco pune!
As bases da concordia assim alcança,
O que se ama mais une!

Foi sempre a França o paladim dos fracos,
Do ideal da Liberdade e da Justiça;
Mas, desertou da liça
N'esses dias opacos
De iniquas guerras do affrontoso Imperio,
Em que era a Europa um vasto necroterio.
Expiado o mal por duro cataclysmo,
Ergue o estandarte do universalismo:

Da Lyra humana affinem-se as trez cordas
Na final transição
Para a normal Edade!
Tu, oh França, n'esta harmonia accordas
O espirito inglez de utilidade,
De productiva *Acção!*

E ao genio allemão,
Que se exhaure na vaga idealidade,
Enlevado no abstracto *Pensamento*
Dê-lhe o destino humano o fundamento
Da mais clara generalisação.

Na alma italiana
A affectiva *Emoção*
Da universal fraternidade humana,
Na sua esthetica espontaneidade
Hade fixar do Bello a alta expressão.

A harmonia tamanha
Não ficará extranha
Enthusiastica Hespanha,
De sempre heroica individualidade
N'este concerto ideal da Humanidade!

Como o velho Simeão vendo no Templo
O esperado Messias
Disse: — Posso morrer! —
Hoje, que a França livre emfim contemplo,
Acabem-se os meus dias,
Posso á terra volver.

A apotheose do Poeta

O Poeta Firdusi a côrte deixa
Do despota Mahmud, com a endecha
Em que altivo se queixa:
«Uma espada tambem tenho, que fére!
E este carme que o plectro meu desfere
A gloria dos vindouros te confere!»

Foi com maior desdem que Victor Hugo
Deixou Paris entregue ao seu verdugo,
Que lhe impoz traidor jugo!
O protesto moral contra o perverso,
Como um gladio de fogo no seu verso,
Insurgiu as consciencias no universo.

Como o Poeta Firdusi, que aspirára
Trazer ao riacho secco em que brincára
Enchentes de agua clara;
Victor Hugo abre á França o esteril leito
Jorrando a Liberdade e o Direito:
Pela emoção revólta cada peito.

E a França acompanhou-o no momento
Que o Poeta exhala o derradeiro alento,
E leva-o ao moimento:
Sob o *Arco de Triumpho* ergue-lhe altares,
Onde o consagra em honras singulares,
Como o termo das glorias militares.

Para a *Crypta de Santa Genoveva*,
Como um clarão quando affugenta a tréva,
O seu cadaver leva:
A sanctificação que o povo engana
Dada á virtude egoista, estulta e ufana,
De ora em diante ao que serve a causa humana.

*

Na batalha da vida intensa e grande
Vê-se em frente Hildebrand e Hadebrand...
Quem do futuro a negra ameaça abrande?
Sómente o ideal humano, se aos dois mande.

CANTO DECIMO TERCEIRO

IDEALISAÇÃO DA EXISTENCIA NORMAL: AFFECTIVA,
CONTEMPLATIVA E PRÁTICA,
TANTO COLLECTIVA COMO INDIVIDUAL.

ELENCO PHILOSOPHICO

DO

CANTO DECIMO TERCEIRO

Como no desenvolvimento das Sciencias, as hypotheses fecundas dão logar ás theorias definitivas, que aproximam relações imprevistas para o descobrimento da Verdade, assim na complexidade dos successos humanos e da marcha da sociedade a Utopia é uma deducção suggestiva, que actúa sobre as modificações que a propria sociedade espontaneamente apresenta. Como a figura geometrica torna possivel a realisação mechanica, a ficção poetica é o esboço ideal que vae dando fórma ás aspirações indefinidas da consciencia. A Humanidade caminha na sua evolução historica para uma situação de harmonia psychologica e social: essa edade normal, para que se avança, constitue por ora uma utopia, que á Arte compete representar, como meio de generalisar essa aspiração como impulso de acção. A edade normal da Humanidade não é o phantastico sonho do *Millenium*, da synthese religiosa passada; é a previsão philosophica da synthese sociocratica servindo de thema fecundo ás novas idealisações da Poesia. A Arte, tendo-se vivificado na *Tradição*, exerce a sua missão final como a linguagem da *Aspiração*.

O Eden, que uma falsa comprehensão das origens da humanidade collocou no passado, hade desvendar-se no futuro, segundo a deducção implicita na marcha historica. A terra da Promissão é uma vaga emoção d'essa esperança, que não se preoccupa do logar mas do tempo ou edade em que terá de realisar-se. Quinet descreve de um modo pittoresco este thema, que é a base do sonho de cada nação, e que hoje se torna uma concepção philosophica: «O navegador que atravessa os mares para trocar o producto dos seus trabalhos, tem, sem duvida, por fim proximo o porto a que hade chegar; mas para além d'esse porto, elle descobre um

outro com o repouso e a immutavel recompensa de seus suôres. Ninguem trabalha pelo simples prazer de trabalhar. Ha na essencia de toda a industria, de todo o esforço do homem, um pensamento para o qual elle tende sem cessar. Ora, esta riba longinqua e grandiosa é tambem essa mesma para onde tendem o artista, o poeta, o philosopho, de maneira que todos se assemelham pelo intuito; só differem emquanto aos meios.» (*Gen. des Relig.*, p. 398.)

A contemplação da realidade objectiva deu á Grecia o mais bello sonho da vida; agora, cada vez que o homem individual se vae apropriando dos dados concretos com que constitue as Sciencias, pela nova synthese subjectiva, em que entram todas as previsões, construirá o sonho mais bello do futuro, que será um estado normal para os que vierem depois de nós. Como Moysés do alto do Abarim avista a terra da Promissão, mas não póde entrar n'ella, assim o Poeta representando a Utopia social dirige para alli a corrente dos sentimentos que precedem sempre os actos.

Paz e Verdade

(FOLHETO)

As Nações e as Raças procuram a sua primeira aproximação pela *Egualdade*, diante da submissão a um Deus universal ou a um despota; mas essa tentativa servindo de movel ás Religiões proselyticas, conduziu os povos á apathia mystica e aos sonhos chimericos de um individualismo revolucionario. Constituido o antagonismo entre o Individuo e o Estado, que o comprimia com os seus poderes enormes, veio outra lucta, mais tenaz e sangrenta, a da *Liberdade*, reagindo contra toda a auctoridade, e determinando os terriveis retrocessos da auctoridade em nome da Ordem. Nesta escalada audaciosa para a harmonia humana, nunca determinadamente attingida, é pela *Fraternidade*, ou o sentimento da solidariedade da especie, que a concordia se tornará effectiva na Humanidade.

Nas luctas da Natureza, que se prolongam desde a conflagração das forças cosmicas até aos odios das Raças, o homem vae realisando a ordem e creando a harmonia moral ou a *Paz*; diante da phenomenalidade do Universo, em que uma transformação permanente produz as desvairadas impressões subjectivas do espirito, a intelligencia humana abandonada á credulidade nas ficções, ou arrastada na analyse dispersiva de um negativismo systematico, consegue determinar a immutabilidade das Leis naturaes, e pela Sciencia inductiva e poder de previsão, aproxima-se da *Verdade*. Eis as duas columnas do Templo sob o qual se congressará a Humanidade, como uma potencia creadora, que tende a realisar a Utopia, esboçada por Herder: «Tudo se liga na Natureza: um estado provoca e pre-

para outro. Se n'este caso o *élo* ultimo é o mais elevado que termina e fecha a cadeia da organisação terrestre, então deve ser ao mesmo tempo o *élo inferior* que começa uma cadeia de creaturas de uma ordem superior e forma o laço entre dois systemas adjacentes da creação. » (*Phil. de l'Hist.*, liv. v, cap. 6.)

Alastor (personificação de Schelley) contemplando as edades passadas eleva-se á comprehensão d'essa Utopia, e levado pela hallucinação vê-a representada n'uma miragem encantadora, corre para ella, mas um vórtice repentino faz soçobrar a barca que o leva, e succumbe nas aguas, na anciedade d'esse futuro longinquo.

PAZ E VERDADE

(POEMETO)

Quando desbasta o artista
Pesado bloco informe,
Saltando as lascas d'essa mole enorme,
Logo sua alma avista
O typo ideal, occulto
Que do bronco volume
Lhe destaca os contornos de algum nume,
De um heroe protentoso a estatua, o vulto;

Tal, d'entre a espessa massa
De cada geração, de tribu e raça,
Da Patria e da Cidade,
Quando o sôpro da Morte entre ellas passa,
E as prostra sem piedade,
Esse vulto sublime,
Que immortal se redime,
Resurge, o Grande-Sêr — a Humanidade.

CANTO I

A Utopia humana

I

Quando o excelso Pintor
Dava uma graça plena e seductora
Com os vislumbres de perenne aurora,
Illuminando de immortal fulgor
A figura da Virgem, mãe do amor,
De uma maternidade protectora;

Accentuava em seus traços
O tom suave da melancholia
Com que presente a Dolorosa Via
Que hade abrir-se ante os vacillantes passos
Do meigo Filho, que ella tem nos braços.

O artista repetindo
As deslumbrantes fórmas femininas
Da bondade, candura e da belleza
Das Virgens florentinas,
Remontava-se a um ideal infindo
Por contemplar de perto a Natureza.

Ao excelso Pintor,
Que figurar com tanto affan queria
A visão intangivel que fugia,
Sobre a tela fixal-a com fervor,
Perguntaram-lhe um dia:
Que pensamento, que celeste norma
Tenta exprimir na surprehendente fórma?

O artista sobrehumano,
Com um sorriso intraduzivel, puro,
De uma alta inspiração a mente cheia,
Respondeu simples, lhano:
— O que exprimir procuro? . . .
É *Una certa idéa!* —

E quando sobre a tela infunde a vida
N'esses typos humildes, bons e doces
Com que as Virgens romanas
Mostram a força á graça reunida,
Amoraveis, tranquillas, soberanas,
Vê-se do genio inexhauriveis pósses!
E bem se patentêa,
Que elle se inspira de — *Una certa idéa!*

Quanto se eleva na ascenção intensa
Quando a belleza da Antiguidade
Classica funde n'um gracioso mixto
Com essa medieval ingenuidade
Á luz da Renascença,
Na gloriosa Virgem de San Sixto!
De Raphael a mente se incendeia
Por *Una certa idéa!*

*

É essa *Certa idéa*, que revela
Na Virgem santa e bella
De dôr e de piedade
Um Symbolo de augusta magestade,
Que faz contemplar n'ella
A ideal Entidade
Na Mater dolorosa — a Humanidade.

Pela terrivel senda da existencia,
Mãe, nos traz em seus braços,
Nos encaminha os passos,
E nos conserva a luz da experiencia!
Ignota e desvelada Providencia.

Ao desfazer-se a illusão divina,
A fórma feminina
Da Verdade, Concordia e da Justiça,
Torna-se o Emblema vivo que infeitiça,
E dá uma expressão de realidade
Ao sentimento da Humanidade.

Na marcha do homem que ao Porvir se alteia
Ha *Una certa idéa* . . .
Deixae oh Poetas a ficção que engana,
E em nova melopéa
Cantae, dae corpo á Utopia humana.

II

Desde a infancia Alastor sempre enlevado
N'uma visão sublime, em aureos sonhos,
Sente o contraste da existencia amarga
Cheia de luctas, de odio e desalentos.
Na frieza do lar, e na orfandade,
Na solidão acha o unico refugio.
Medita a sós em absorpção vehemente,
Contemplando os remotos horisontes:
E como ao perpassar n'uma harpa eólia
As virações estivas, na sua alma
As vibrações de uma emoção dorida
Que a Natureza que interroga, acorda,
Segredaram-lhe o verbo da Poesia.

Foi desde a infancia Poeta; o soffrimento
Fel-o sentir, pensar, amar bem cedo;
A sós contempla a ordem do universo,
E presentindo uma alma em cada cousa,
Um sentido recondito, os seus labios
Nas fontes vivas da Philosophia
Saciaram-se soffregos, ardentes:

«Grande, esplendida, bella,
Parece-me que tenho
Nitida comprehensão da Natureza,
Que um occulto dissenho
Patente me revela:

Como baobab immenso
Gigante, escuro, denso,
Envolveram da Terra a redondeza
As venenosas plantas,
De espinhos lethaes, tantas...

Vegetação activa
N'esse morno calor
Terminal perfeição busca, attingindo
Por fórma gradativa
O ápice na — Flôr!

E na escala animal?
Com garras, trombas, dentes,
Monstros ferozes, brutos vão seguindo
De esboços ascendentes
Até á fórma ideal:

Na vida, em sonhos, quer
Fixar a Natureza
Mais alta floração, o que ha mais lindo:
Graça, emoção, belleza...
Organisa a — Mulher!

Que tintas deu á Flôr,
Que aromas indecisos!
Poz na alma da Mulher todo o mysterio
Das lagrimas e risos,
Extasis mil — o Amor.

Segue inda a Natureza
O seu plano, com tino...
Da Humanidade affirma-se o imperio:
Paz e Verdade! empreza
Do porvir, seu destino. »

Da marcha ascencional que achou na mente
Póde Alastor representar brilhante
Quanto o passado teve de mais santo,
Lendo nos Mythos a linguagem pura
Das concepções mais intimas do homem.
Penetrára dos Symbolos sagrados
Os mysterios grandiosos, e dos Cultos
Os Dogmas immutaveis que ligaram
Os vôos da rasão á obscura Causa.

Emquanto as Raças se combatem crúas,
Sangrentas, implacaveis, defendendo
Ora as fronteiras de uma terra amada,
Ou para gloria da ficção divina
Levam a guerra aos términos do mundo,
Os seus Mythos e Symbolos reunidos,
Entre as raças hostis sonho egual pintam,
A mesma aspiração ideal que alenta
A romagem dorida da existencia.

Póde Alastor sentir pela Poesia
A unidade implicita na onda
Tumultuosa das gerações humanas
Que vae perder-se no golfão da morte!
A aspiração ideal é esse laço
Da latente harmonia e da concordia
A que obedece cada Povo. A vida,
A vida é sonho! assim o disse o Poeta;
Do sonho das Nações fórma-se a Historia!
Quiz Alastor de perto vêr as ruinas
Venerandas dos primitivos tempos;
Do Egypto olha as Pyramides eternas,
O mysterio da morte se desvenda
No terror de além-tumulo, no esforço
De perpetuar o corpo, ultimo resto
Da existencia objectiva, que lhe foge.
Como a Mumia o Egypto immovel fica,
N'um pezadello tragico, oppressivo,
Que ainda a livre consciencia espanta.
Percorreu Babylonia: o chão instavel
Das areias moventes, que sepultam
Os vastos monumentos, quanto explicam
A paixão sensual de antigos ritos
Que incitam á renovação da vida!

Na expiação sagrada se confundem
O Amor e a Morte! Babylonia e Egypto,
Através dos desertos que os separam,
Vivem unidos pelo mesmo sonho.

N'esta lucta do homem contra as forças
Da Natureza exuberante e estranha,
Que o afoga no seu vigor, resiste
Pelo Carme piedoso transmittido
Na voz da tradição de edade em edade;
Como, na India, elle a familia reune,
E a cohesão social estabelece.
Lei da fatalidade átra, implacavel!
Quem ha que vença a Morte? Heroes e Deuses
Soffrem o golpe da caducidade;
O homem pensa no problema escuro,
Mas crédulo e sincero escuta os Dogmas
Que o illudem fallando de outra vida!
Como vencer a Morte? Antigos Mythos,
Os mysterios da Alchimia impenetraveis.
Theorias metaphysicas, trataram
De dominar o horrendo pezadello.

Tu só, Grecia, tiveste o dom supremo
Do ironico sorriso que emancipa
A mente das ficções aterradoras!
Tu, Roma, a vida do homem unificas
Com a vida da Patria, por quem morre
Pelo dever: Com a Cidade eterna
Se tornou immortal o justo, o bravo,
Presentindo o triumpho alto, vindouro
Da incorporação na Humanidade.

Como athletas cahindo sobre a arena
No combate sangrento da existencia
Pela justiça, pelo ideal altruista,
Na radiação de immorredoura gloria,
Na tradição da Fama inolvidavel
Bradarão: *Morituri te salutant!*

III

Através da viagem do passado,
Quando attingia a edade hodierna, sente
Alastor profundissima tristeza:

« Vi o desesperado antagonismo
Dos Povos; vejo a incessante lucta
Em cada Patria, em que os irmãos profligam.
Ah, se o homem sobre este chão que rega
Com lagrimas e sangue, não consegue
Fundar a *Paz*, pela concordia mutua,
O sêr mais desgraçado é do universo!

Vi as Religiões, Philosophias,
As Escholas, as Biblias, confundirem
N'uma miragem subjectiva, no erro
A rasão tresvaliada do homem. Passam
Os conflictos de todas as doutrinas;
Novas doutrinas se propagam, jungem
Sectarios e adeptos. Ah, se o homem
Não é capaz de conseguir um dia
A posse da *Verdade*, com certeza
O sêr mais desgraçado é do universo!

Não me alegra o presente; guerra, embustes
Envolvem-me quaes tábidos miasmas;
Quero fugir d'esta atmosphera espessa,
Remontar-me ás alturas... Como encanta
A visão do futuro incomparavel!
Respira-se o ideal: doce esperança,
Harmonia remota presentida...
Quem me déra alcançar de longe, embora,
Como a visão da promettida Terra
Concedida a Moysés, quando sósinho
Do monte de Abarim a contemplava,
Essa edade vindoura da Consciencia!
Através dos desertos quarenta annos,
Moysés alfim a Promissão avista.
Como lhe foi vedado o accesso, eu sinto
Que se escapa a visão que se me ostenta,
Transformando-se as cimas viridentes
Que se alcançam de Tunis á Judeia,
E de Genova a Athenas, que circumdam
Do Mar Mediterraneo o santo berço
Das Civilisações iniciadoras,
Transformando-se em sáfaros Calvarios.

Pudesse eu entrevêr n'esse horisonte
Vago fulgor da esplendente aurora
De uma edade normal da Humanidade!

Sinto banhar-se agora em luz a fronte,
N'um extasis minha alma se evapora,
E o corpo vae errante
N'um oceano de Amor e de Verdade!»

Subito, n'esse instante
Um clarão boreal suave alaga
De Alastor o semblante!
Da fluidez das aguas irradia
A claridade intensa da ardentia,
Como o luar sobre a dormente vaga.

E essa luz crepuscular e baça
Vem de um corpo que fluctuando passa,
Que ao som das ondas anda
Espalhando uma resonancia branda,
Que embala em harmonia a terra e o céo!
Era a **Lyra de Orpheo**
Cahida no oceano,
Quando o delirio insano
Dos cultos orgiasticos do Oriente
A vida occidental torna dolente,
Desviando o homem do destino humano.

No mar fluctua aquella eterna Lyra
Que a concordia dos Povos inicia,
E inda hoje a annuncia
Ao vogar sem paragem.
Das vagas ao rumor ella suspira
Mysteriosa, animada;
Ninguem póde alcançal-a na voragem
Que a vida attráe, fatal, aterradora;
Vae de edade em edade arrebatada
Na dorida romagem
Á espera que a pulse mão vindoura.

A resonancia d'essa maga Lyra
Presentiu-a Virgilio
Quando os Povos do Lacio reunira
Na mesma Tradição de um santo idyllio.

Do mysterioso Carme a melopéa
Dante Alighieri alcança
Na sublime epopéa,
Substituindo á divinal vingança
A humana sentença.

Escutára Camões na Renascença
Da Lyra os soltos brados,
Quando invocára o homem para a lucta
Da Natureza bruta
Por mares nunca d'antes navegados!
Ensinando-nos como o peito forte
Na acção e gloria vence a Lei da morte!

Quem mais ouviu o som, o canto, a falla
D'essa **Lyra de Orpheo**,
Que paira e adormenta o escarcéo?
Goëthe chamou os Poetas a escutal-a;
Oh, quem fosse buscal-a,
Ignota, desde o aédo que a perdeu.

Deslumbrado Alastor brada: — Vou eu? —
E desfraldando ancioso a véla á brisa,
Vae n'um barco seguindo
Por um argenteo alveo
Présto, a Lyra do aédo que deslisa
Soltando carme delicioso, infindo.

Elle percebe o som mais breve e lindo,
Verbo ineffavel, puro;
E vae perdido n'esse mar sem bordas
No largo Oceano, allumiado, aberto,
Pela visão augusta do futuro:

«Tem a **Lyra de Orpheo** trez simples cordas,
A vibração de cada uma encerra
Maravilhas de divinal concerto
De uma harmonia viva
Que fecundou a terra!
Uma corda, na Edade primitiva
A vaga melodia da *Egualdade*
Espalha entre as Nações... O ardente sonho
Que identificou ante a Divindade
O escravo e senhor, o fraco e o forte,
Tornou-se um germen da hostilidade,
Pezadello medonho!
Na mentida fieção a Theocracia
A escravidão das almas funda um dia
Faz o Dogma da Morte!

Outra corda da Lyra alegre vibra
Clamorosa Canção da *Liberdade*,
Que os Povos alevanta! Mas na hora
Suprema, redemptora
Em que a Graça e os Privilegios cáem
Ante a Justiça, pela iniquidade,
A vingança a rasão desequilibra!
As paixões brutas sáem
N'um impeto violento,
Suscitadas pelos sophismas falsos;
Mata a Revolução os que a alentaram
Pelas ideas, pelo sentimento,
Que se sacrificaram,
Sob o Terror nos torpes cadafalsos!»

Mar abaixo, na vaga em que fluctua
Como espalha centelhas de ouro a lua
Quando nas aguas bate o seu fulgor,
Vê a **Lyra de Orpheo** mudo Alastor;

Vogando, segue-a para onde ella fôr
Do mar na immensidade,
Como n'um sonho de que não acorda.
Attrae-o o som d'essa terceira corda
Que aéria canta da *Fraternidade*:

«E esta a corda que por vezes raras
Se tem vibrado! O que os trez sons dispersos
Reunir um dia, como o Orpheo antigo,
Hade ter nos seus versos,
Nas melodias claras
Condão potente, amigo
De dar concordia ás almas, convergencia
Á acção, e objectivo á consciencia.»

E contemplando a suave claridade
Que da **Lyra de Orpheo** longe se espalha
Por todo o espaço em volta e immensidade,
N'um clarão subitaneo,
Mostram-se as margens do Mediterraneo,
Sagrado berço que o Porvir trabalha:
Como um fóco de luz serena o Egypto
Tem da cultura a iniciação propicia,
Propaga o social rito
A Grecia e a Phenicia,
Roma, a patria da Lei, e em seu estrago
A mercantil Carthago!

«Salve, sagrado berço!
Emergindo do bruto onde era immerso
Póde o homem um dia
Sentir a propria solidariedade,
E aqui sonhar a posse do universo!

Da Lei a magestade,
O imperio, se inicia
Os costumes da Paz impondo ao mundo:
Da Grecia o sonho, o ideal jucundo
Identifica o bello e a realidade
Na Arte, na Poesia!

Oh, com certeza a Grecia entre os mais Povos
Sonhou da vida o mais ditoso sonho;
E que horisontes novos
Abre á rasão!... Mas repentinamente
Um nevoeiro medonho
No ár se diffundiu,
E ao sonho alegre segue o desvario
Da Orgia sagrada do Oriente!»

IV

Ficou mudo Alastor em tanta magoa
Vendo as sombras da Noite de mil annos,
Os terrores da Egreja!
Mar a baixo a fluctuar sempre ao som d'agua
Busca a **Lyra de Orpheo** outros Oceanos.
Eis com luz matutina
Todo o mar illumina,
Sem ter á lua inveja.

Alastor do seu extasis desperta
Em que tanto se esquece:
«Mediterraneo amplissimo parece
Cercado pela America e Europa,
Pela Africa: é a vasta liça aberta
De acção commum que cada Povo ahi tópa:
Vencer a Natureza!
Quem primeiro se arroja á grande empreza?

Como se esvae o secular engano
Da terra, centro estavel do universo!
Achando o oriental berço
Não mais o orgulho humano
Do Dogma acceita a vã credulidade
E o mystico arrobo:
Ao fazer-se a circumducção do globo,
Tudo o conduz á posse da *Verdade!*

A conservar recusa
O espirito o hierático lethargo;
Tem da revolta germens espontaneos
Contra a ficção divina!
E essa luz diffusa,
Como a phosphorecencia de um mar largo
Que da **Lyra de Orpheu** sáe, illumina
E identifica os dois Mediterraneos.

Eis d'essa Lyra cada uma fibra
Deliciosa vibra
Sons que dão os mais intimos consolos,
Mysteriosas runas:
—Paz e Verdade!—são alfim os pólos
Em que a Humanidade se equilibra,
São do Templo ineffavel as Columnas.»

CANTO II

As Columnas do Templo

I

Quando o architecto Hiran tinha acabado
De modelar em bronze para o templo
Duas Columnas, que assentou na frente
Da portada sublime;

Salomão veiu alegre e pressuroso
Contemplar essa maravilha ao perto:
E ficou meditando no sentido
Das potentes Columnas.

Então pergunta Hiran ao rei absorto:
«Sabeis ler o intuito de taes Symbolos?»
E pela vez primeira é impotente
De Salomão a Sciencia.

Quiz revelar-lhe Hiran todo o mysterio:
«Iákin é o nome da Columna
Da direita do templo, — symbolisa
Da *Creação* a força.

Essa outra egual que está do lado esquerdo
É Boaz o seu nome; considera-a
Como essencia da propria Divindade,
Da *Destruição* emblema!

É grande Iahvé por sobre os demais deuses;
Criou do nada as fórmas do universo,
E n'um relance *destruindo* as cousas
Já tudo volve ao nada.

Na concepção mais alta a que ha chegado
O espirito do homem dando fórma
A Deus em attributos, — só o adorem
Por esses dois Poderes!

Para a raça que creu foi isto um dogma!
Para a raça que pensa e ha descoberto
A persistencia eterna da materia
Pela visão da sciencia,

Creação e *Destruição*, vestigios
Da primitiva e intellectual miragem,
Tudo persiste e tudo se transforma,
Sem isso, a Deus que fica?

Assim ao Deus succede a Humanidade;
As Columnas do Templo estaveis, firmes,
Symbolisam da Consciencia a força
Na *Paz* e na *Verdade!*

II

« Jerusalem um dia devastada
Pelo invasor romano, o Templo em chammas
Enchendo o espaço de um clarão horrendo,
Ante o assombro dos crentes;

Desvairado corria pelas ruas
N'um phrenesim de espanto e de loucura
Um homem roto e misero, clamando
N'um lamento sinistro:

— A voz do Oriente, a voz do Occidente,
A voz dos quatro ventos revoltosos!
Ai de Jerusalem toda em ruinas!
Ai do Templo! ai do Templo! —

Cahiram as vetustas Theocracias,
A patriarchal e a militar Realeza,
Revindicações revolucionarias,
Como um vento de morte!

Cáe a letra das Biblias immutavel,
E os Codigos que em sangue a Lei fundaram;
Sobre as feraes ruinas se alevanta
Hoje a Cidade humana!

Por entre a multidão vaga o Poeta
Proclamando ao Oriente, ao Occidente,
Aos quatro ventos o sublime grito
De *Paz* e de *Verdade!*

III

Paz e *Verdade!* Eis as creações do Homem,
Do Templo universal firmes Columnas,
A synthese consciente da existencia.
Diante do espectaculo assombroso
Da evolução da Natureza inteira
Sempre a lucta implacavel! Desde as plantas
Revestidas de espinhos como dardos,
Vertendo succos causticos, venenos
Que inebriam e matam repentino,
Até aos monstros animaes, cobertos
De escamas por couraça impenetravel,
De anavalhados dentes para a briga
De uma sanha instinctiva e destruidora,
Ve-se que a Natureza em seu intuito
Chamou os sêres vegetaes, e vivos
Para um tremendo circo, em que a existencia
É combate sangrento, atroz, sem tréguas!
Devoram-se, atassalham-se, destróem-se;
E certo foi que as primitivas raças
Herdaram taes rancores, esses odios
Que fizeram do homem lobo do homem;
Dos trez Irmãos a lucta que enche a Historia!

Como d'esta crysalida terrivel
Surgiu a borboleta aurea, impalpavel,
A boa nova, o venturoso agouro
Que despertou no mundo o sentimento
Da Paz, do bem, da confraternidade!

Diante da phenomenalidade
Do universo immensuravel, vendo

Uma transformação ininterrupta
Que desorienta e á vertigem leva,
Produzindo as miragens subjectivas,
Achou-se a mente do homem desvairada
Pelo delirio crédulo, envolvida
N'um cahos de illusões e inanes sonhos!
Creou mythos, religiões, poderes,
Subordinou-se ás lugubres chimeras,
Como um baixel perdido entre nevoeiros!
Sómente ao fim de séculos de analyse
Conseguiu entrevêr leis immutaveis
Na Natureza! A inductiva sciencia
Dá-lhe o poder da previsão segura,
A comprehensão e a posse da *Verdade!*

Paz e *Verdade!* Eis o destino do homem,
O seu poder de creação, que o torna
A potencia moral, que se destaca
Por sobre as grandes forças do universo.

IV

Emquanto isto pensava Alastor, vaga
Se espalha no ár a luz de uma alvorada
Melancholica, bella, deslumbrante!
Olha assombrado! Celestial miragem...
Parece uma Cidade, qual de longe
A patria ao desterrado quando volta...
Venusta e esplendorosa architectura!
Sobre o Monte Salvat não avistaram
Cavalleiros de Graal mais bello o Templo
Sonhado na pureza dos desejos.
E ao som da branda e doce resonancia

Com que a **Lyra de Orpheo** o ar serena
Tenta Alastor tocar a margem linda,
Entrar n'esse paiz ridente e novo,
Na Promissão que n'alma elle entrevira;
E impelle a barca ás regiões da aurora.

Aos impulsos da perfumada brisa
A barca de Alastor arrebatada
A vela desengilha,
Veloz segue, desliza,
Vae nas azas de subita rajada:

«Quem se aproxima de remota ilha
Perdida e ignota no insondado Oceano,
Sente de longe o aroma
Que a terra denuncia,
E assim o rumo toma
Seguro, sem engano!

Sympathica Utopia,
Oh deslumbrante e immensa maravilha!
Das paixões n'este labyrinto humano,
No conflicto das crenças e da sciencia,
Harmonia latente
Revela á consciencia
Que se aproxima a edade
Da solidariedade
Na synthese moral da Humanidade!

*

Quando o homem achou casualmente
O magnete que o norte fixo aponta,
Guiado pela Bussola elle affronta
Destemido, valente

O Oceano Tenebroso, e as borrascas,
Tópa outro continente.
E entre as horridas vascas
De uma lucta iracunda
Toma posse da terra e a circumda.

Quando nas almas vibre
Da Humanidade o alto sentimento,
Destino, movel livre
De toda a actividade e pensamento,
Será mais larga, mais alegre e aberta
A romagem sombria da existencia,
Guiando a consciencia
Essa bussola certa.

*

Segue o navegador intelligente
Nas correntes oceanicas o curso
Do Gulf-Stream, aquelle rio quente,
Que o leva até á America do norte;
E por este recurso,
Tal calor o defende contra a morte,
E lhe mantêm os dias
Sobre essas costas frias.

Nas correntes da Historia
Mais tempestuosa e mais contradictoria,
Foi irrompendo d'entre a hostilidade
De povo a povo, grave,
Como corrente tépida e suave
O sentimento da Humanidade,

Que fez transpôr o abysmo
Do primordial egoismo,
De altas emprezas no sublime intento
Fortificando a acção e o pensamento.»

Aos impulsos da perfumada brisa
A barca de Alastor arrebatada,
Veloz segue, desliza,
Ao vento a vela solta,
Vae nas azas de subita rajada.

Observa o Poeta em volta,
Vê um circulo na agua em redemoinho;
Um sorvedouro ignoto o olhar abarca!
Nunca vista Charybides! ao centro
É attrahida fatalmente a barca,
Com o Poeta se abysma e cáe lá dentro
D'esse golfão damninho!

Sinistra, escura é a fatalidade;
Quem lhe foge? Baldada é a porfia...
Ergue-se o Poeta na aura da Utopia,
Affoga-o a implacavel realidade!

Ah, quando Alastor morto veiu á praia,
Mudo no labio o mysterioso carme
Da divina Poesia,
Em que soltou o alarme
Com que a expressão do humano ideal ensaia,
Na genial e brilhante phantasia...

Quando era extincto na sua alma o sonho,
Deslumbrante e risonho
Que encheu da vida a estancia;
Gelado o fóco onde a paixão vehemente
Ahi pulsára por Ideal ingente
Com tanto ardor e ancia...

Por sobre a vaga que argentêa a lua
Do Oceano que estúa,
Inda a **Lyra de Orpheo**
Mansamente fluctua;
Na remota e indistincta resonancia
Como que continúa
A aspiração de Poeta que morreu!
Vae repetindo o mystico segredo,
Até que, um dia, alcance-a
O glorioso Aédo,
Que pulsará o magico instrumento
Que harmonisa a rasão e o sentimento:

A resonancia éolia:

«Cantae o Amor, que torna o animo largo
Quando o confrange o soffrimento amargo:
Que faz a dôr ser doce,
Como se um nectar fosse!

Um Amor, que a si só se não pertence,
Crendo tudo possivel tudo vence,
Que não sente o cansaço
Do que é de affecto escasso.

Um Amor, como a luz que se derrama,
Como o calor vital de etherea chamma,
Nos desalentos forte,
Sorrindo até na morte.

Um Amor generoso na alta empreza,
Que excita á perfeição e á belleza;
Que ao dar fica desnudo,
Mas possuindo tudo!

Um Amor firme, leal, que em si não pensa,
Magnanimo e humilde, pura crença;
Sempre sereno e casto
Se aos sentidos dá pasto.

Amor, que nasce e vive e mais se apura
Na dôr muda, na incognita amargura,
Na insondavel piedade...
O Amor da Humanidade.»

GRAÇA INEFFAVEL

Quella que emparadisa la mia mente.
Dante.

Contemplando este immenso mar amargo
Onde rugem eternas tempestades,
A Visão das Edades.
Sobre o horisonte largo
Deixa a impressão de uma harmonia equórea,
Concerto ideal implicito na Historia.

Como uma luz de branda claridade,
Sempre fulgindo no horisonte escuro,
Filha! symbolo puro
De esperança e bondade,
Ao transpôr as procellas, a voragem,
Que alento encontro em tua doce imagem!

Morta na flôr de ideaes dezeseis annos,
Nunca mais esse immaculado vulto
Foi para mim occulto;
Nos conflictos insanos
Do torpel das paixões, vinhas serena
Dar-me um refugio em ti, visão amena.

quia sine dolore
non vivitur in amore.
Imitat., III, 5.

E dizias: — Á dôr quem tem receio?
Toda a existencia á dôr jámais se isenta;
Ter o coração cheio
Mesmo de uma dôr lenta,
Conduz a alma á placida equidade,
Fez-te sentir e amar a Humanidade.

FIM DO QUARTO E ULTIMO VOLUME.

INDICE

PAG.

Canto undecimo: *Dissolação do regimen catholico-feudal.*

Elenco philosophico do Canto undecimo 6

AS DUAS VERDADES

I. Auroras do Occidente:

i. O supplicio do Templario 13
ii. O Vaticinio de Dante 17
iii. Delirio de Petrarcha 20
iv. Ultima ratio Regum 21
v. O Mar tenebroso (Poema) 26
vi. Savonarola 44
vii. Phrase de Miguel Angelo 57
viii. A Estatua 58
ix. O Queimadeiro 62
x. O ecclipse da Razão 64

II. Clarté de tout, ou a Epopéa do Riso:

i. Risum teneatis 68
ii. Pathelin tragico 72
iii. O riso de Erasmo 75
iv. O riso de Rabelais 78
v. O riso de Aretino 85
vi. O riso de Cervantes 90

PAG.

III. Tentanda via est:

i. Sagração da Epopéa 93
ii. Vaticinio do Adamastor 95
iii. O Poema de Camões 100
iv. A batalha de Lepanto 103
v. Desalento de Tasso 106
vi. A confissão de Calderon 109
vii. O Bravo de Uiraçaba (Poema) 110

PARTE III

Cyclo da Liberdade

Movimento esthetico, scientifico e philosophico, concorrendo para o progresso moral, economico e politico.

Elenco philosophico do Cyclo da Liberdade 156
A Philosophia 159

Canto duodecimo: *Unidade impulsionada pela Revolução occidental até ao fim da grande crise.*

Elenco philosophico do Canto duodecimo 174

A EPOPÉA DA REVOLUÇÃO

Gigantomachia 181

1.ª Trilogia:

Os Athletas da Idéia:

i. Leviathan (Poema) 189
ii. Milton 224
iii. O Banquete dos Livres (Poema) 230

2.ª Trilogia:

A explosão da Força:

i. A Cidade universal (Poema) 271
ii. A quarta corda da Lyra (Poemeto) 313
iii. A Orgia militar (Poemetos)

PAG.

I. A sepultura do Heroe 323
II. A cobardia do bravo 325
III. Napoleão moribundo 329
IV. Os Semeadores da Peste 336
V. Parada sinistra 338

3.ª Trilogia:

As revoltas do Espirito:

I. O tedio de Harold (Poema) 343
II. Vigilias do Fausto (Poema) 385
III. Struggle for Life (Poema) 447

Canto decimo terceiro: *Idealisação da existencia normal: affectiva, contemplativa e pratica, tanto collectiva como individual.*

Elenco philosophico do Canto decimo terceiro 474
Paz e Verdade (Poemeto) 477
Graça ineffavel (Epilogo) 503

Livros Grátis

(http://www.livrosgratis.com.br)

Milhares de Livros para Download:

Baixar livros de Administração
Baixar livros de Agronomia
Baixar livros de Arquitetura
Baixar livros de Artes
Baixar livros de Astronomia
Baixar livros de Biologia Geral
Baixar livros de Ciência da Computação
Baixar livros de Ciência da Informação
Baixar livros de Ciência Política
Baixar livros de Ciências da Saúde
Baixar livros de Comunicação
Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE
Baixar livros de Defesa civil
Baixar livros de Direito
Baixar livros de Direitos humanos
Baixar livros de Economia
Baixar livros de Economia Doméstica
Baixar livros de Educação
Baixar livros de Educação - Trânsito
Baixar livros de Educação Física
Baixar livros de Engenharia Aeroespacial
Baixar livros de Farmácia
Baixar livros de Filosofia
Baixar livros de Física
Baixar livros de Geociências
Baixar livros de Geografia
Baixar livros de História
Baixar livros de Línguas

Baixar livros de Literatura
Baixar livros de Literatura de Cordel
Baixar livros de Literatura Infantil
Baixar livros de Matemática
Baixar livros de Medicina
Baixar livros de Medicina Veterinária
Baixar livros de Meio Ambiente
Baixar livros de Meteorologia
Baixar Monografias e TCC
Baixar livros Multidisciplinar
Baixar livros de Música
Baixar livros de Psicologia
Baixar livros de Química
Baixar livros de Saúde Coletiva
Baixar livros de Serviço Social
Baixar livros de Sociologia
Baixar livros de Teologia
Baixar livros de Trabalho
Baixar livros de Turismo